

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES
POLÍTICAS**

ANDRÉ FERREIRA MELLO

**EL ELOGIO DEL PUEBLO
A QUESTÃO NACIONAL NA HISTORIOGRAFIA
DE JOSÉ VICTORINO LASTARRIA**

VITÓRIA

2011

ANDRÉ FERREIRA MELLO

EL ELOGIO DEL PUBELO
A QUESTÃO NACIONAL NA HISTORIOGRAFIA
DE JOSÉ VICTORINO LASTARRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História. Área de concentração: História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos

VITÓRIA

2011

ANDRÉ FERREIRA MELLO

EL ELOGIO DEL PUEBLO

A questão nacional na historiografia de José Victorino Lastarria

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História. Área de concentração: História Social das Relações Políticas.

Aprovado em __ de _____ de 2011

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Muruci dos Santos (Orientador)
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Antônio Carlos Amador Gil
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro titular

Prof. Dr. Júlio César Bentivoglio
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro titular

Prof. Dra. Maria Elisa N. de Sá Mäder
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Membro titular

Prof. Dr. Geraldo Antônio Soares
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro suplente

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M527e Mello, André Ferreira, 1984-
El elogio del pueblo : a questão nacional na historiografia de José
Victorino Lastarria / André Ferreira Mello. – 2011.
190 f. : il.

Orientador: Fabio Muruci dos Santos.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Lastarria, José Victorino, 1817-1888. 2. Estado Nacional. 3.
Historiografia. 4. Chile - História. I. Santos, Fabio Muruci dos. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

*Ao “vêi burro”, Diones Ferreira,
meu mentor e meu algoz.
In memoriam: I'm gone with you
my dirty old man.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares que ao longo dessa trajetória sempre estiveram ao meu lado. Ao meu avô Diones Ferreira, grande companheiro de vida, que nos deixou há alguns meses. Ao meu pai Neivaldo Mello, que sempre fez todo o possível para que eu pudesse gozar de certa tranquilidade material para conduzir meus estudos. À minha mãe Cristina Ferreira, por sua solicitude infinita e à minha madrinha Andrea Voskanian, que sempre se prontificou a me enviar dos Estados Unidos todos os livros que eu precisava e dificilmente encontraria: graças aos esforços destas duas mulheres as *Obras Completas* do Lastarria chegaram às minhas mãos. À minha avó, Maria Alice, pessoa mais aristotélica que eu conheço, por seus conselhos e tentativas de tranquilizar um espírito que, no mais das vezes, encontrava-se em constante agitação. Aos dois João Henrique, meu tio e meu primo, pelos momentos hilários de descontração. Ao meu irmão, Gil Mello, que inúmeras vezes escutou pacientemente minhas elucubrações e devaneios. Agradeço, também, àquelas que, mesmo inadvertidamente, me levaram a superar o *estruturalismo roquentin-mersaultiano*.

Aos meus amigos, alguns ainda por perto, outros espalhados pelo mundo em busca de seus sonhos: Gabriel Herkenhof; Villinevy Koppe; Daniel Pereira de Mello; Gustavo Marrochio; Gustavo Teixeira; Davidson Diniz; Vilmar Henrique; André Caparelli; Fabiano Almeida; Hugo Mendes; Sávio Fabiani; Leonardo Velloso; Pedro Demenech; Rafael Hygino; Vitor Castro; Tchernó; Gina Rocha; Graciene Pereira; Luiza de Mello.

Minha vida acadêmica não começou na UFES. Agradeço à Karla Martins, primeira professora a ver algum potencial em mim, ainda quando eu era um graduando na UFV. Um agradecimento mais que especial a Fabio Muruci dos Santos: grande amigo, sempre esteve ao meu lado para me ajudar nos momentos mais difíceis e de maior desespero existencial; como orientador abriu-me inúmeras portas, sem jamais me forçar a atravessá-las; se hoje caminho sobre um terreno menos movediço, muito disso devo ao *master*. Agradeço aos professores Julio Bentivoglio e Tom Gil pelas contribuições preciosas para o meu desenvolvimento acadêmico. Um agradecimento especial também à professora Maria Elisa Mäder, que tive a oportunidade de conhecer na Anphlac/2008, não apenas por ter aceitado o convite para participar da banca, mas, também, pelo zelo e atenção com que sempre se dispôs ao diálogo. Por fim, agradeço a Capes pelo financiamento da minha pesquisa. Sem estes recursos ela não seria realizada.

“Fiction is an improvement on life”
Charles Bukowski

RESUMO

O objetivo central deste estudo é analisar as relações entre narrativa histórica e identidade nacional nos escritos do chileno José Victorino Lastarria produzidos durante a década de 1840. Procura-se rastrear os procedimentos através dos quais o *pueblo-nación* chileno é transformado no principal sujeito de suas narrativas históricas, a partir de quais dispositivos conceituais ele procurou tornar a nação chilena uma entidade tangível, conformando, assim, um discurso sobre sua nacionalidade. Ao aderir a uma concepção filosófica da história, Lastarria buscou abordar a gênese do *pueblo* chileno enfatizando os impactos negativos que o sistema colonial espanhol teve para o desenvolvimento do caráter daquele *pueblo*. Mas à diferença da maioria de seus contemporâneos, para ele essa nação só alcançaria o desenvolvimento pleno de suas formas de expressão caso conservasse os caracteres dos três povos de que fora composta: índios e espanhóis inicialmente, e, logo, os mestiços. Assim, ressalta-se o fato de ele negar veementemente qualquer tipo de discurso que suponha que os índios e mestiços são raças degeneradas, naturalmente incapazes de desenvolver as aptidões e valores necessários à vida numa república que se queria plenamente democrática.

Palavras-chave: José Victorino Lastarria; Estado Nacional; Historiografia; Chile; História.

ABSTRACT

This research intends to analyze the relations between historical narrative and national identity in the writings of the Chilean José Victorino Lastarria produced along the 1840's. Thus, it is its purpose to uncover the conceptual elements through which the Chilean *pueblo-nación* emerges as the main subject from his historical narratives, conforming, in this sense, a speech on a nation-ness. By professing a philosophical conception of history, Lastarria attempted to narrate the genesis of the Chilean *pueblo* emphasizing the negative role that the Spanish Colonial System played on the development of its main characters. But unlike most of his contemporaries, to him, this nation was to achieve a full development of its original expressions only if it conserved the features of the three people which historically had conformed it: indians and Spaniards, in the first moment, and, then, also the *mestizos*. Hence, the research highlights the fact that Lastarria quite harshly denied any kind of speech that addressed conceptions that both the indians and the *mestizos* were the kinds of a degenerated racial lineage, naturally incapable of developing the aptitudes and values regarded as fundamental to live in a democratic republic.

Keywords: José Victorino Lastarria; Nation-State; Historiography; Chile; History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A REPÚBLICA NO CHILE	17
1.1. Ensaaios de organização política: de O’Higgins ao ocaso do movimento liberal .	19
1.2. A reação conservadora	31
1.3. A organização política da República: o “Regime Portaliano”	34
1.4. A primeira transição presidencial: expressão do consenso em torno da ordem política.....	39
2. OS HORIZONTES DA LIBERDADE NACIONAL	48
2.1. A imprensa no Chile: 1810-1842	48
2.2. Andrés Bello, Domingo Faustino Sarmiento e a imprensa chilena.....	54
2.3. O movimento cultural e literário: “ <i>la generación de 1842</i> ”.....	58
2.4. Linguagem, literatura e história: os fundamentos da liberdade nacional	69
2.4.1. A polêmica sobre língua e literatura	70
2.4.2. O “ <i>Discurso Inaugural</i> ” de Lastarria.....	84
2.5. Considerações Preliminares	97
3. A GENEALOGIA DO PUEBLO CHILENO	103
3.1. Em busca do passado: Sarmiento e a representação da história argentina.....	106
3.2. A Universidad de Chile: projeto para a constituição de um passado nacional ..	119
3.3. Lastarria e a filosofia da história	123
3.4. A História do Chile sob uma perspectiva filosófica.....	130
3.5. A conquista espanhola e o delineamento do primeiro caráter do “ <i>pueblo</i> ” chileno	134
3.6. A “ <i>sencillez de la esclavitud</i> ”	140
3.7. A fisionomia e sociabilidade do “ <i>pueblo</i> ” chileno.....	146
3.8. A unidade da nação: “ <i>las prendas jeniales de nuestra sociedad</i> ”	156
3.9. A revolução chilena como condição de possibilidade histórica.....	159
3.10. A genealogia da nação como problema político	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS	186
Fontes	186
Livros e artigos.....	188

INTRODUÇÃO

Entre as principais novidades políticas promovidas pelo romantismo se destaca o que ficou conhecido como princípio das nacionalidades, segundo o qual as nações são a expressão política de povos de origens remotas, cujos atributos subjetivos vieram se desenvolvendo ao longo do tempo. Desta perspectiva, entende-se que uma nação só adquire sua forma plena quando logra institucionalizar-se em um Estado Nacional que, então, deve ser tomado como um desdobramento mais ou menos necessário e natural da própria história do povo de que se tornou expressão.¹

Geralmente, estes atributos subjetivos são identificados a partir de uma série de critérios étnico-culturais, como a posse de uma língua, o pertencimento a um território e o reconhecimento de valores e tradições que confeririam a determinado povo-nação uma espécie de espírito particular, sua unidade moral. Ao se debruçarem sobre o passado da nação em busca destes atributos os *historiadores* terminariam por determinar qual o sentido mesmo da própria identidade nacional, demarcando, assim, as fronteiras que diferenciam os membros de sua comunidade nacional das outras nações.

No mundo hispano-americano a articulação dos relatos históricos nacionais foi uma tarefa bastante agravada pelo fato de que, para além da dificuldade inicial em se estabelecer os marcos que diferenciariam a origem de uma nação em relação à outra, já que todas tinham um ponto de partida mais ou menos comum, era necessário encontrar, também, um meio de restabelecer o nexos entre passado e presente, rompido pela irrupção dos movimentos revolucionários. Havia-se que encontrar uma explicação que conferisse maior inteligibilidade à transição da situação de colônia para a de país politicamente emancipado e essa demanda implicava promover uma redefinição das nações no espaço e no tempo.

Compreender o modo como esses relatos históricos das nações hispano-americanas foram inicialmente articulados é importante, pois através deles podemos detectar quais foram os primeiros entendimentos que os pensadores tinham de sua nacionalidade, como, através do refletir sobre a condição nacional *no tempo*, eles se relacionavam com a própria temporalidade em que estavam inseridos e de que modo

¹ WASSERMAN, Fabio. “El historicismo romántico rioplatense y la historia nacional (1830-1860)”. In: *Prólogos*, vol. II, 2009, p. 36.

essa espécie de sensibilidade histórica condicionava tanto os rumos que suas narrativas poderiam seguir – as formas possíveis de se representar a nação historicamente – quanto os limites impostos às suas ações no presente.

Diante disto, o objetivo central de nossa pesquisa é analisar as relações entre narrativa histórica e identidade nacional nos escritos do chileno José Victorino Lastarria. Assim, buscamos rastrear os procedimentos através dos quais o *pueblo-nación* chileno é transformado no principal sujeito de seus discursos históricos, a partir de quais dispositivos conceituais ele procurou tornar a nação chilena numa entidade tangível, por assim dizer, conferindo-lhe sua identidade.

José Victorino Lastarria nasceu na vila de Rancagua em 1817 e morreu em 1888 na cidade de Santiago de Chile. Suas *Obras Completas*, editadas entre 1906 e 1912, somam treze volumes que se distribuem principalmente em estudos jurídicos (3 volumes), discursos parlamentares (4 volumes), estudos históricos (3 volumes) e estudos literários (3 volumes).

As atividades intelectuais de Lastarria no cenário intelectual chileno começaram a ser desenvolvidas com maior intensidade a partir do início da década de 1840, período que coincidiu com a chegada dos emigrados argentinos, exilados em função de sua oposição ao regime de Juan Manuel de Rosas. A contribuição destes emigrados para o desenvolvimento cultural do Chile é um fato reconhecido tanto pela historiografia quanto pelos próprios partícipes daquilo que ficou conhecido como a *generación chilena de 1842*, da qual Lastarria foi um dos principais representantes.

Por outro lado, como já foi bastante enfatizado, a década de 1840 marca o período de consolidação definitiva da ordem republicana no Chile. Após passar a década de 1830 sob um regime bastante autoritário e repressor, cujo objetivo último era afastar de uma vez por todas as ameaças de anarquia que então assolavam boa parte das nascentes repúblicas hispano-americanas, a eleição do general Manuel Bulnes para a presidência da República confirmou a abertura de uma conjuntura marcada por um relaxamento das tensões políticas características da década anterior. Esse marco constituiu o ponto de partida para a reabertura dos espaços de discussão pública e uma maior observação das garantias e direitos individuais, sobretudo da liberdade de expressão. Ademais, datam desse mesmo período uma série de ‘medidas civilizadoras’, como a criação da *Universidad de Chile* em 1842. Em função da solidez de seu regime institucional e dos progressos espirituais e materiais que o país começava alcançar nesse período, o Chile

foi reconhecido, por contemporâneos e historiadores, como a principal exceção no cenário político hispano-americano, um exemplo de ordem aliado à liberdade.

Para além destes fatores gerais, a elaboração e distribuição dos capítulos e respectivos itens que compõem esta dissertação também foi condicionada por nossa própria trajetória acadêmica até o presente momento. Durante a graduação, tivemos oportunidade de participar do programa de Iniciação Científica em que, por dois anos, estudamos os projetos educacionais de Domingo Faustino Sarmiento, o que nos possibilitou um contato intenso com a história argentina. Foi apenas durante o mestrado que começamos a estudar também a história chilena com o objetivo de realizar um estudo comparativo. Diversas circunstâncias nos levaram a rearticular esse projeto em torno de José Victorino Lastarria mais especificamente. Mas estando ciente de que, ao menos de um ponto de vista da *história intelectual*, as trajetórias de pensadores tão diversos quanto Andrés Bello, Domingo Faustino Sarmiento, Vicente Fidel López, Juan García del Río, Salvador Sanfuentes, Jacinto Chacón, para citar apenas alguns, são trajetórias que se cruzaram – em alguns momentos de uma forma até explosiva – julgamos conveniente lançar alguma luz sobre aspectos do processo histórico argentino que podem nos ajudar a ter uma noção mais acurada não apenas sobre o modo diverso com que as coisas ocorriam no Chile, mas, também, sobre como a própria dinâmica da história argentina percebida por Sarmiento, neste caso mais específico, condicionou fortemente suas concepções sobre nacionalidade e, em consequência, sobre o seu próprio presente.

Como se verá, a adoção deste enfoque fez com que tivéssemos de recorrer a uma quantidade relativamente grande de fontes, cujas origens e características gerais foram apresentadas durante o desenvolvimento do próprio texto, conforme se tornasse oportuno. Com exceção dos textos da polêmica sobre língua e literatura, compiladas por Norberto Pinilla em 1945, todos os outros são parte das *Obras Completas* de Lastarria, Sarmiento e Andrés Bello. Como todo esse *corpus* foi produzido em momentos diferentes, há variações na grafia de muitas palavras que conservam, ainda, formas antiquadas, já em desuso. Optamos por mantê-las de acordo com os originais, sem as atualizarmos conforme os padrões ortográficos atuais, já que isso não implica em prejuízo para o entendimento.

Em termos metodológicos, buscamos seguir as orientações de Quentin Skinner segundo as quais para compreendermos o sentido de um texto (ou de um conjunto de textos) é necessário situá-lo em seu respectivo contexto histórico.² Ao menos do ponto de vista em que a noção de contexto histórico é aqui tomada, isso implicou em duas coisas: 1- realizar uma abordagem geral da história sócio-política do Chile entre 1810 e meados da década de 1840, a fim de podermos detectar a partir de quais matrizes a noção de república foi pensada no país e, também, quais eram as condições de produção de ideias durante o período; 2- estabelecer um contexto de interlocução entre os atores históricos, a partir do qual, em função do qual e dentro do qual suas problemáticas são enunciadas e revestidas de sentido.

Assim, no primeiro capítulo oferecemos uma narrativa geral do processo de constituição da república chilena desde 1818 até a virada da década de 1830 para a de 1840, rigorosamente baseada na bibliografia do tema. De maneira bastante resumida, a conquista definitiva da independência em 1817 inaugurou um período relativamente dilatado de diversos ensaios de organização política, partindo da ditadura do general Bernardo O'Higgins (1817-1823), passando por algumas tentativas de instauração de uma república federalista (1826-1827) e uma república unitária e liberal (1827-1829). Esses ensaios foram interrompidos pela reação conservadora que, após o triunfo na Batalha de Lircay no início de 1830, conseguiu articular uma ordem política em consonância com as demandas das elites aristocráticas no país, configurando o que ficou conhecido como a hegemonia conservadora que duraria até 1870, aproximadamente.

No segundo capítulo buscamos contemplar os fatores que contribuíram para a emergência do chamado movimento cultural e literário de 1842, historiograficamente caracterizado por uma nova tomada de consciência em relação à ideia de nação. Coincidimos, neste particular, com a proposição de José Carlos Chiaramonte de que, ao nos utilizarmos do termo *nação* – e de suas derivações – não nos referimos a uma realidade histórica particular, mas a um conceito que pode e pôde ser aplicado a realidades muito distintas segundo o sentido atribuído pelos protagonistas das diversas histórias.³ Assim, se nas décadas anteriores a nação era definida majoritariamente segundo critérios políticos, a partir de então, começou-se desenvolver uma consciência

² SKINNER, Quentin. *Lenguaje, Política e Historia*. Trad. de Cristina Fangamann. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

³ CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica*. El lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Sudamericana, 2004, p. 9.

de que, para além destes critérios políticos e precipuamente objetivos, ela detinha também uma dimensão cultural e subjetiva que, por sua vez, seria o ponto de partida para as primeiras elaborações da ideia de nacionalidade segundo os princípios geralmente identificados com o romantismo e em sua tradução política no que ficou conhecido como o princípio das nacionalidades.

Como os debates em torno da definição cultural da nação tomaram corpo principalmente a partir das publicações da imprensa periódica, iniciamos o capítulo com uma breve análise sobre os desenvolvimentos da imprensa periódica no Chile e a consequente estruturação de um espaço de discussão pública dotado de relativa autonomia em relação ao Estado. Nesse particular, destacamos a contribuição de dois intelectuais estrangeiros radicados no Chile durante esse período, Andrés Bello e Domingo Faustino Sarmiento, que acabaram sendo os principais interlocutores de Lastarria durante a década de 1840. Em função disso, avançamos algumas análises sobre a polêmica sobre língua e literatura travada pelos dois no início de 1842 e tomamos seus posicionamentos como um parâmetro para analisar os critérios a partir dos quais Lastarria realizou sua primeira incursão sobre o problema da nacionalidade chilena por ocasião de seu *Discurso Inaugural*, apresentado em maio do mesmo ano na reunião que o consagrou como diretor da *Sociedad Literaria* de Santiago. Como se entendia que esta nacionalidade ainda estava em processo de gestação, as considerações de Lastarria a este respeito são mais propriamente prospectivas, no sentido de indicar a existência de uma tarefa ainda por ser realizada. Nesse texto, ele enuncia uma tese que será posteriormente resgatada em suas obras de história que visa alertar para o fato de que se a independência política em relação à Espanha havia sido plenamente conquistada, o mesmo não se poderia dizer do espírito prevalecente na sociedade, ainda visto mais como um *continuum* do passado colonial do que como resultante de sua emancipação.

O desenvolvimento deste argumento pelo autor em suas duas obras de história publicadas na década de 1840, a saber, as *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista i del sistema colonial de los españoles en Chile*, de 1844, e o *Bosquejo histórico de la constitucion del gobierno de Chile durante el primer periodo de la revolucion desde 1810 hasta 1814*, de 1847, forneceu a matéria do terceiro e último capítulo da dissertação que, como se verá, constitui eixo central de orientação de nossa problemática.

Ao partir do principio de que a revolução de independência política deveria ser acompanhada por uma revolução de independência equivalente no plano espiritual ainda não realizada, Lastarria buscou através do recurso à filosofia da história traçar os pontos culminantes da história do *pueblo chileno*. Em seu passado nacional nosso autor identificou esses pontos com o choque entre os espanhóis e os indígenas que habitavam o “território chileno” e com a revolução de independência de 1810. Ao tentar estabelecer uma conexão filosófica entre estes dois fatos capitais do passado nacional, ele terminou por desenvolver uma interessante narrativa da nação a partir de cuja problemática central procuramos resgatar o processo de gestação e maturação de um *pueblo*, no coletivo-singular, que em seu desenvolvimento histórico teria conservado os atributos hispânicos e indígenas, inicialmente, e hispânicos, indígenas e mestiços, logo em seguida. Dessa mistura, aliada a argumentos baseados em fatores de caráter mais contingenciais como o clima e a composição geográfica do território nacional, Lastarria chegou a constituir um discurso sobre a gênese da própria nacionalidade chilena em que enfatiza a originalidade de sua formação em relação às outras nações hispano-americanas.

Aderindo a uma concepção filosófica da história, ele buscou abordar a gênese do *pueblo* chileno enfatizando os impactos negativos que o sistema colonial espanhol teve para o desenvolvimento do caráter daquele *pueblo*.

Diante disto, buscamos desenvolver nossa argumentação segundo a hipótese de que, não obstante essa avaliação negativa do passado colonial e da permanência de seus efeitos ainda em seu presente, Lastarria avançou convicções extremamente positivas em relação às condições de possibilidade de regeneração da nação. À diferença da maioria de seus contemporâneos, para ele essa nação só alcançaria o desenvolvimento pleno de suas formas de expressão caso conservasse os caracteres dos três povos de que fora composta: índios e espanhóis inicialmente, e, logo, os mestiços. Neste ponto, não deixa de ser surpreendente o fato de ele negar veementemente qualquer tipo de discurso que suponha que os índios e mestiços são raças degeneradas, naturalmente incapazes de desenvolver as aptidões e valores necessários à vida numa república que se queria plenamente democrática.

1. A REPÚBLICA NO CHILE

“La Democracia que tanto pregonan los ilusos, es un absurdo en países como los americanos, llenos de vicios y donde los ciudadanos carecen de toda virtud como es necesario para establecer una verdadera república”.

Diego Portales

É um lugar comum na historiografia chilena enfatizar a precocidade com que a ordem política foi conquistada no país, principalmente quando comparada à experiência histórica das repúblicas vizinhas. Como em outras regiões do continente, a eclosão de seu movimento de independência deu lugar a uma série de conflitos políticos e ideológicos em que não estavam ausentes as disputas facciosas, regionais e, inclusive, as rivalidades familiares. Mas, desde o início da década de 1830 essa situação começou a ser modificada. Com o triunfo do movimento conservador encabeçado por Diego Portales após a vitória na batalha de Lircay travada contra os liberais – também chamados de *pipiolo*s –, abriu-se o caminho para a conformação de uma república oligárquica⁴, de contornos autoritários e fortemente centralista, que durante todo o século XIX foi considerada um exemplo de estabilidade institucional e política.

Para diversos autores, esse logro está estreitamente vinculado com a capacidade que os ditos conservadores tiveram para perceber não apenas que a instauração imediata de uma democracia plena seria impossível no país, dado o estado dos costumes

⁴ O conceito de “oligarquia” é utilizado aqui a partir da definição de Armando de Ramón, designando uma forma ou modo de exercício da dominação política por um grupo relativamente circunscrito pertencente às classes sociais que detém o poder econômico e social, tendo como principais características: a) uma base social reduzida; b) um certo monopólio sobre a seleção daqueles que desempenham funções no governo; c) a exclusão – ou a tentativa de excluir – os dissidências e os opositores; d) mecanismos de mediações e lealdades familiares ou grupais; e) limitação efetiva do direito de sufrágio; f) predomínio da violência simbólica; g) organização do Estado sobre a base de um “pacto” oligárquico que expressa um delicado equilíbrio das forças sócio-políticas responsáveis pela sua manutenção. RAMÓN, Armando de. “Práctica del conservatismo y régimen oligárquico. Los idearios portaliano y alberdiano y su proyección”. In: BARBA, Fernando E. y MAYO, Carlos A. (comp.) *Argentina y Chile en época de Rosas y Portales*. La Plata: Editorial de la Universidad de La Plata, 1997, p. 101. De uma maneira bastante circunscrita, nosso objetivo principal nesse capítulo é oferecer uma narrativa sobre o processo de constituição desta república oligárquica no Chile. Como se verá, embora não seja equivocado supor que as tentativas de organização institucional que marcaram os anos 1823-1829 possam também ser classificadas como “oligárquicas”, seguindo a tendência predominante nas obras consultadas, reservamos esse qualificativo para o período portaliano (1830-1837), pois só a partir de 1830 que se pode perceber o estabelecimento do “consenso” que constituiu a base de sustentação social do regime.

populares e a generalizada falta de cultura política, mas, acima de tudo, devido ao fato de que a sua força política foi derivada da própria estrutura social, uma vez que representava uma síntese dos anseios e compromissos relacionados com uma aristocracia latifundiária e tradicionalista.⁵

Por outro lado, essa questão também está relacionada com a própria dinâmica que o processo revolucionário adquiriu no contexto local, em que as primeiras décadas de vida independente podem ser consideradas como um grande período de ensaios de organização do Estado, cujas premissas foram fortemente marcadas pela adesão a princípios de matizes liberais.⁶ Nesse sentido, a emergência do movimento conservador deve também ser encarada como uma resposta ao fracasso dos liberais em traduzir constitucionalmente as reais necessidades do país.⁷

De maneira geral, podemos dividir o processo de independência chileno em duas fases. A primeira, entre 1810 e 1814, que ficou conhecida como *Patria Vieja*, foi caracterizada, sobretudo, pela disputa entre realistas e patriotas. Datam deste período as primeiras manifestações de adesão ao republicanismo, não apenas como forma de governo alternativa à monarquia, mas como um princípio de identidade política que servia para contrastar os defensores de uma ruptura total em relação àqueles que entendiam que os negócios políticos deveriam ser conduzidos em consonância com os valores e tradições da Coroa espanhola e, por isso, enfatizavam seu compromisso de zelar pelos interesses de Fernando VII, deposto em decorrência das invasões napoleônicas na península Ibérica.⁸

Durante esse período começaram a circular diversos *catecismos políticos* que tinham como objetivo primordial divulgar entre os cidadãos as vantagens do republicanismo em relação à monarquia. Articulados como uma série de perguntas e respostas, eles eram uma adaptação formal tomada dos escritos empregados para a difusão da religião católica.⁹ Embora circulassem predominantemente no mundo das

⁵ DONOSO, Ricardo. *Las Ideas Políticas en Chile*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1946, p. 98. Essa interpretação é compartilhada por todos os autores que tivemos oportunidade de ler, a pesar de suas diversas orientações ideológicas.

⁶ Cf. HEISE, Julio. *150 Años de Evolucion Institucional*. 3ª Ed. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1977.

⁷ LEIRAS, Marcelo. "Ladrando a la luna: periodismo, política y legislación en la elaboración de la Constitución de Chile, 1831-1833. In: ALONSO, Paula (comp.) *Construcciones Impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 81-82.

⁸ Cf. COLLIER, Simon. *Ideas and Politics of Chilean Independence, 1808-1833*. New York: Cambridge University Press, 1967. Sobretudo capítulos 2 e 3.

⁹ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 33.

elites urbanas, os *catecismos* constituíram um importante meio de propaganda revolucionária, já que seu formato propiciava um aprendizado rápido e memorialístico do imaginário republicano e do conjunto de valores ético-políticos aos quais era geralmente associado.¹⁰

O período conhecido como *Pátria Vieja* foi encerrado em 1814 quando, em função da rivalidade despertada entre os generais José Miguel Carrera e Bernardo O'Higgins, as forças patriotas se dividiram, abrindo o caminho para que as tropas realistas sob o comando do Vice-Rei do Peru reconquistassem o país após a Batalha de Rancagua, travada entre fins de setembro e início de outubro daquele ano.¹¹

A conquista definitiva da independência só viria em 1817, quando o exército libertador de José de San Martín, auxiliado pelas forças de Bernardo O'Higgins, derrotou as tropas espanholas na famosa batalha de Chacabuco, marcando o início efetivo das tentativas de organização institucional.

1.1. Ensaio de organização política: de O'Higgins ao ocaso do movimento liberal

Como afirma Alfredo Jocelyn-Holt, o problema central da *Patria Vieja* foi o de construir uma nova legitimidade capaz de substituir o vazio deixado pela rejeição dos vínculos com a Monarquia espanhola.¹² Isso explica, por exemplo, a campanha militar movida pelo general José Miguel Carrera para derrubar Juan Martínez Rozas, então principal fomentador da independência em seus primeiros ensaios e diretor da Junta constituída em 18 de setembro de 1810. Para Carrera, Rozas estaria conduzindo os

¹⁰ BRAGONI, Beatriz. "Lenguaje, formatos literarios y relatos historiográficos. La creación de las culturas nacionales en los márgenes australes del antiguo imperio español". In: GONZALEZ, Francisco Colom. *Relatos de Nación*. La construcción de las identidades nacionales en el mundo hispánico. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 563-565. Um catecismo bastante famoso foi o *Catecismo político cristiano dispuesto para la instrucción de la juventud de los pueblos libres de la América Meridional*, assinado por Jose Amor de la Patria. Nele se lê, dentre outros, o seguinte juízo sobre os reis: "Los reyes confieren todos los empleos, y dispensan las gracias: disponen del tesoro público a su arbitrio, y tienen a su disposición los exercitos y la fuerza. Con tan irresistibles medios pueden burlarse y se han burlado siempre de todos los obstáculos que los Pueblos oprimidos han querido oponer a su despotismo." In: *Catecismo político cristiano dispuesto para la instrucción de la juventud de los pueblos libres de la América Meridional*, 1810, p. 2. Disponível em http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0008890. Acesso em: 16 de fevereiro de 2011.

¹¹ Sobre as problemáticas relações entre Carrera e O'Higgins ver COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 92-102.

¹² LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *La Independencia de Chile*. Tradición, modernización y mito. Madrid: Editorial Mapfre, 1992, p. 230.

negócios com muita cautela e excessivo vagar, e esse foi o principal pretexto para que ele organizasse o golpe militar que terminaria com a dissolução da primeira Junta e a sua consagração como Diretor Supremo em setembro de 1811. Posteriormente, o mesmo Carrera seria vítima de uma ação semelhante encabeçada por O'Higgins, que o afastou do governo em finais de 1813, quando o movimento revolucionário já se encontrava em sérias dificuldades para continuar sua marcha.¹³

Por seu turno, uma vez que a independência havia sido garantida em 1817, o principal problema enfrentado pelas elites políticas do Chile foi o de estabelecer um governo viável, que se adequasse à realidade do país. A primeira tentativa, nesse sentido, foi a constituição de um regime sob a liderança de Bernardo O'Higgins.

Logo após a vitória de Chacabuco, foi instaurado um cabildo aberto em Santiago em que se ofereceu o governo do Chile ao general San Martín com faculdades ilimitadas. Este, não aceitando a concessão, renunciou em favor de O'Higgins, que foi então nomeado Diretor Supremo.¹⁴

Segundo Simon Collier, O'Higgins era um homem com princípios de forte tendência igualitária e suas tentativas de reduzir os privilégios da aristocracia constituiriam o principal fator para que ele fosse levado a abdicar do poder.¹⁵ Não obstante isso, dadas as circunstâncias em que assumiu o cargo – a existência de remanescentes de tropas espanholas em alguns pontos do território, as ameaças de revoltas e tumultos sociais nas províncias do interior – teve de abandonar suas anteriores convicções sobre a possibilidade de instituição de um governo plenamente representativo e adotou uma postura de maior pragmatismo que demandava a instituição de um executivo forte e centralizado para superar as ameaças de reviravolta ainda existentes.¹⁶

Durante o lapso em que O'Higgins esteve no poder (1817-1823) foram elaboradas e promulgadas duas constituições, nenhuma das quais teve qualquer vigência. Como destaca Ricardo Donoso, a primeira delas foi promulgada e jurada em 23 de outubro de 1818, após sua aprovação por unanimidade num plebiscito popular.¹⁷ Tratava-se de uma

¹³ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 93 e 121-125.

¹⁴ LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *Op. Cit.* p. 231.

¹⁵ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 247.

¹⁶ *Ibidem*, p. 240.

¹⁷ Sobre os procedimentos para a aprovação da Constituição, Ricardo Donoso diz o seguinte: “*A principio de agosto la redacción del proyecto [de Constitución] estuvo terminada, y para sancionarlo la comisión propuso se le sometiera a la aprobación de las corporaciones, pero el gobierno desechó este parecer y*

consagração legal da ditadura exercida pelo general, em que as liberdades políticas e garantias individuais ocupavam um lugar secundário. Também não se fixava um termo para a duração do cargo de Diretor Supremo, se lhe confiava a organização e o mando das forças armadas, o controle sobre os fundos nacionais e a direção das relações externas. Ficava também sob seus cuidados a seleção dos integrantes do Senado, composto por cinco titulares e cinco suplentes. O código, ademais, não definia qual era a forma de governo adotada pelo país, fator que constituiu uma das principais causas para o malogro da missão diplomática conferida a Antonio José de Irisarri, cujo objetivo era persuadir os países europeus a reconhecerem a independência do Chile.¹⁸

Apesar da patente onipotência conferida pela carta ao Diretor Supremo, desde o princípio de sua administração, O'Higgins buscou agir nos limites de uma legalidade que se fundamentava na necessidade de exercer um poder que se compreendia como consonante com uma vontade geral reconhecida idealmente, mas cuja possibilidade de realização prática era conscientemente projetada no futuro.¹⁹ Para além disso, o general não poupou esforços para modificar a fisionomia do país, tentando implementar um programa de reformas progressivas com o objetivo último de eliminar todos os remanescentes do universo colonial.²⁰

Assim, promoveu o policiamento do país, procurou fundar novas cidades e favorecer o desenvolvimento das já existentes, dispensando especial atenção à Santiago. A cidade portuária de Valparaíso, principal meio de comunicação do país com o mundo exterior, também experimentou um considerável progresso, motivado pela retomada do

optó por someterlo a un plebiscito popular, procedimiento que se había empleado en noviembre anterior para ratificar la declaración de la independencia. Se abrieron dos libros de firmas, uno para los que aprobaron y otro para los que rechazaron el proyecto, y el resultado fué que todos los sufragios estuvieron por la afirmativa y ninguno por la negativa". DONOSO, Ricardo. Op. Cit. p. 50.

¹⁸ *Ibidem*, p. 50-51 e 53-60. Donoso cita uma carta de Irisarri, datada de 25 de novembro de 1820, endereçada ao Diretor Supremo, em que diz o seguinte: “*Escribo a Ud. sólo porque sólo Ud. me ha escrito; y no puedo decir más, sino que espero saber cuales son los principios por los cuáles debe ser regido ese Estado para proponer finalmente el reconocimiento de la independencia de Chile. Ahora es excusado tratar de esto, porque nadie sabe lo que ha de reconocer, si es una república democrática, aristocrática, o una monarquía, o un gobierno sin principios*”. *Ibidem*, p. 59.

¹⁹ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 241-242. A este respeito é ilustrativo seu pronunciamento por ocasião da Convenção Preparatória de 1822, em que diz: “*I am well aware that this honourable Convention is not invested with the fully representative character that can be found in other constituted countries and which we too will enjoy later on; nevertheless, as it is a respectable public gathering, and the only gathering that could be held at the present time, I direct my words to it as if the whole Chilean people – whose interests I have watched over like a father – were congregated in this hall*”. *Ibidem*, p. 244.

²⁰ Deve-se de destacar que Simon Collier e Alfredo Jocelyn-Holt Letelier identificam esse programa de reformas como em certa medida ainda tributário de um despotismo esclarecido setecentista, agora revestido de uma roupagem republicano-liberal. Ver COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 239-246; e LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *Op. Cit.* p. 230 e 237.

comércio externo. Contratou um agente da Sociedade Lancasteriana de Londres para aprimorar o sistema educacional, reiterando a necessidade de expandir a instrução entre todas as classes da sociedade e restabeleceu o Instituto Nacional – fundado durante a *Patria Vieja* e logo desativado pela reconquista espanhola.²¹

O programa o'higinista de reformas buscava, ademais, promover mudanças na estrutura sócio-política do país, bastante radicais se levarmos em consideração a realidade chilena do período. Nesse sentido, desde o início de seu governo tomou uma série de medidas anti-aristocráticas. Primeiro ordenou que fossem tiradas de todas as portas que davam para a rua os escudos, armas e insígnias de nobreza e, logo em seguida, suprimiu os títulos nobiliários. Decretou também que fossem abolidos os *mayorazgos*, principal baluarte da aristocracia chilena.²² No plano religioso, além de defender a liberdade de culto, tentou proibir os enterros na igreja, conceder permissão para a abertura de um cemitério protestante, sem mencionarmos a desconfiança com que encarava os dignitários eclesiásticos.²³

Evidentemente, todas estas medidas tiveram como resultado o início de um processo de erosão das bases de apoio do regime, já que O'Higgins demonstrava grande resistência em conciliar seus objetivos sócio-políticos com os principais interesses da aristocracia chilena.

Uma última tentativa de contornar essa delicada situação veio com a convocação de uma Assembleia Geral com o objetivo de elaborar uma nova constituição. Esta iniciativa produziu resultados políticos ainda piores, pois terminou gerando resistências entre sua própria base aliada. Mesmo assim, a carta foi jurada em 30 de outubro de 1822. Ela foi redigida pelo *Ministro de Hacienda* e braço direito de O'Higgins, José Antonio Rodríguez Aldea, que, segundo Donoso, era o homem de governo mais odiado naquele momento.²⁴

Mas a esta altura todos os setores da sociedade já haviam se voltado contra o governo. Além da aristocracia santiaguina, começaram a surgir protestos da parte de outros heróis da independência que suspeitavam estar diante de um plano para sua manutenção no poder por um tempo indeterminado, como o general Ramón Freire, homem que detinha extrema influência sobre a província de Concepción, a segunda

²¹ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 233.

²² *Ibidem*, p. 247-249.

²³ *Ibidem*, p. 234.

²⁴ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 62.

mais importante do país depois de Santiago. Esse estado de insatisfação levou à organização de uma nova Assembleia em janeiro de 1823 em que, embora não faltassem expressões de simpatia ao Diretor, ficou resolvido que seu governo havia perdido todo fundamento e eficácia e, por isso, ele deveria abdicar caso contrário uma revolução seria inevitável.²⁵ Diante desta situação, o general se retirou de cena e rumou para um exílio no Peru, onde morreu em 1842 sem jamais ter voltado à sua pátria.

De um ponto de vista histórico, a chegada de O'Higgins ao poder no Chile representava uma solução comum a todo continente numa primeira tentativa de resolução do problema colocado pela situação pós-independência: o da fundação de uma nova legitimidade. Como a independência havia adquirido sentido durante a guerra e foi conquistada nos campos de batalha, a liderança militar permanecia, ainda, revestida de prestígio.²⁶ Daí essa espécie de inclinação ao personalismo caudilhesco que caracterizou um período importante da história das nascentes repúblicas hispano-americanas.

Como argumenta Simon Collier, durante a década de 1820, de um ponto de vista político, a história das repúblicas hispano-americanas foi caracterizada por dois tipos distintos de experiências de organização: ou não se conseguiria eliminar totalmente o estado de caos, suspenso intermitentemente pela emergência de breves tiranias, como foi o caso de Peru, Bolívia e Colômbia; ou se “aceitaria” o estabelecimento de ditaduras personalistas durante longos períodos de tempo, como no caso de Paraguai, Argentina e Venezuela.²⁷

Neste contexto, o caso Chileno foi o único em que a solução pelo estabelecimento de uma ditadura personalista, como foi a de O'Higgins, pode ser definida por seu caráter eminentemente transitório. Se ao se retirar do poder O'Higgins deixava novamente em aberto o problema da construção da república, disso pode-se depreender uma questão importante, implícita na bibliografia do período, qual seja, a de que a experiência de seu governo serviu como uma espécie de contra exemplo, que fez com que, a partir de então, as elites chilenas pugnassem pela constituição de um governo despersonalizado, em que se começaria a procurar a estabelecer uma legitimidade a partir de parâmetros institucionais melhor definidos ao invés de associá-la a uma figura particular. Em resumo, o Estado em si – e todos os seus mecanismos institucionais e instâncias

²⁵ *Ibidem*, p. 63.

²⁶ LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *Op. Cit.* p. 230.

²⁷ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 323-324.

constitucionais – é que deveria ser dotado de legitimidade e não, o contrário, sua legitimidade ter de estar vinculada à figura que por ora detivesse o poder de governar de fato.

Diante disto, cabe ressaltar que a experiência de governo o'higginista constituiu um importante ponto de inflexão para os desdobramentos da história política chilena, pois, de 1823 até a reação conservadora de 1829-1830 todas as tentativas de organização da república, cada uma delas acompanhada pela elaboração de uma carta constitucional, ou ao menos um esboço de Constituição (como no caso do projeto federalista de 1826), seriam marcadas por uma forte preocupação em se encontrar mecanismos eficientes para controlar e diminuir a amplitude do poder executivo.

De qualquer modo, a primeira consequência importante da abdicação de O'Higgins em 28 de janeiro de 1823 foi a secessão das três províncias que até então eram reconhecidas como parte do nação, Santiago, Coquimbo e Concepción, e a primeira tarefa colocada para qualquer sucessor seria precisamente reuni-las. Em 23 de fevereiro deste mesmo ano, foi convocada uma nova reunião para que os plenipotenciários das três províncias chegassem a um acordo acerca da melhor maneira de se re-arquitetar a união nacional. No mês seguinte eles assinaram um Ato de União que as reuniu novamente, mediante o acordo para a formação de um Senado com igualdade de representação. O general Ramon Freire foi designado interinamente como Diretor Supremo e, com isso, foram iniciados os preparativos para a realização de um novo Congresso Constituinte.²⁸

A redação da nova Constituição ficou a cargo de Juan Manuel Egaña, um dos homens de mais vasta erudição no período, que tinha também feito um esboço constitucional em 1811, durante a *Patria Vieja*. Para Ricardo Donoso, Egaña era o tipo de ideólogo que tinha uma fé cega na virtude das leis escritas. Era um católico exaltado e sua tendência conservadora era inspirada pelo propósito de proteger a fé e os costumes tradicionais, entendidos como os fundamentos da moralidade da nação.²⁹

Ao final de 1823 foi promulgada a nova Constituição que, segundo Lucrecia Enríquez, tinha um caráter conservador e moralista, se bem que desta vez se afirmava claramente que o país assumia a forma republicana de governo. Para Egaña a garantia

²⁸ *Ibidem*, p. 260.

²⁹ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 67. Na década de 1820 Juan Egaña publicou uma memória sobre se convinha ao Chile aceitar a liberdade de culto. Respondia negativamente à questão, partindo do princípio de que a coexistência de várias religiões num mesmo país levaria inevitavelmente à irreligiosidade.

da liberdade residia exatamente na construção e manutenção dos fundamentos da moralidade. Nesse sentido, esta teria uma dupla dimensão, uma privada e outra pública. A garantia da moralidade no ambiente privado ficaria a cargo da família, sendo depositada no governo tutelar do pai sobre os filhos. No âmbito público, a moralidade deveria ser inculcada pelo Estado através da imprensa, das festas cívicas, das sanções exemplares, do fomento à educação e o culto à religião. Diante disto, sua carta propunha a criação de um Senado composto por um grupo de patrícios cuja principal função seria zelar pela criação (quando fosse o caso) e conservação destes valores.³⁰

A promulgação da Constituição de Juan Egaña gerou intensos protestos, em virtude de seu caráter eminentemente conservador. A carta, embora promulgada, também sequer chegou a vigor, e os desentendimentos gerados em torno de sua possível eficácia para solucionar os problemas do país terminaram com a ruptura entre Freire e os setores mais conservadores da sociedade que tentavam afiançar sua manutenção.³¹

Com a derrocada do projeto político de Egaña, confirmada pela anulação de sua carta pelo Congresso de dezembro de 1824, inicia-se um período de cinco anos que poderíamos caracterizar como um interregno de predominância de ensaios de organização política mais conformes ao ideário liberal, cuja ênfase residia em três aspectos fundamentais: a necessidade de se limitar o poder executivo; a garantia da liberdade individual (liberdade de pensamento e expressão, de culto, garantia de segurança e da propriedade); e a igualdade perante a lei.

No Chile, as primeiras expressões dessa aproximação em relação ao liberalismo político se manifestaram em favor da adoção de esquemas federais de governo.

O que poderíamos chamar laxamente de “questão federal” remonta aos primeiros anos de vida independente e foi um desdobramento do problema colocado pela emergência dos *pueblos soberanos*. Como explica José Carlos Chiaramonte, desde a Nova Espanha até o Rio da Prata, juridicamente a fundação de uma nova legitimidade para substituir a monárquica foi articulada por meio da doutrina da retroversão do poder aos *pueblos*, entendidos aqui como sinônimo de cidades: unidades político-administrativas (teoricamente) revestidas de soberania e autonomia análogas a de um

³⁰ ENRÍQUEZ, Lucrecia. “Da Monarquia à República: o Chile na América (Primeira metade do século XIX)”. In: PAMPLONA, Marco e STUVEN, Ana María (orgs). *Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: Gramond, 2010, p. 87.

³¹ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 68. Simon Collier resumiu as características da Constituição de Egaña da seguinte maneira: “It was conservative, moralistic, and outwardly illiberal, and for all these reasons was doomed to instant failure in the Chile of the 1820’s.” *Op. Cit.* p. 262.

Estado. Uma vez reclamado este princípio, teve início um conflito que se repetiu em todos os movimentos de independência hispano-americanos: a pretensão hegemônica da cidade principal do território perante as aspirações de igualdade de soberania das demais cidades.³²

Os modos como esses conflitos foram desenrolados e resolvidos variaram bastante conforme se enfoque uma ou outra região e condicionaram os processos de construção de cada uma das repúblicas que surgiram após o colapso do mundo colonial. Talvez o caso mais dramático tenha sido o da região do Prata, em que as disputas entre Buenos Aires e as Províncias do Interior em torno da definições conceituais da nação e do arranjo dos diversos *pueblos* de acordo com o esquema nacional geraram diversas guerras civis que, espalhando-se por um período de pouco mais de meio século, só possibilitaram a constituição definitiva do Estado Nacional a partir do último terço do século XIX.³³

No Chile, esses conflitos tiveram efeitos bem mais moderados. Durante o período colonial o Reino do Chile foi uma subdivisão do Vice-Reinado do Peru que, devido à sua localização geográfica, pode ser considerado uma das regiões mais remotas do Império Espanhol. Separado das planícies do Prata pela cordilheira dos Andes, da sede do Vice-Reinado pelo deserto de Atacama e tendo como limite meridional a Araucânica (área que permaneceu sob o domínio dos índios Mapuche até bem adentrado o século XIX) o Reino se desenvolveu num relativo isolamento em relação a outras porções do território e em 1810 não estava dividido senão em duas províncias: Santiago e Concepción – a província de Coquimbo foi criada em 1811 pela primeira junta de governo.

³² Sobre isso ver CHIARAMONTE, José Carlos. “La formación de los Estados Nacionales en Iberoamérica”. In: CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica*. El lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Sudamericana, 2004, p. 64-65.

³³ Apesar do projeto inicial dos portenhos de constituírem um Estado que conservaria, mais ou menos, a divisão territorial do Vice-reino, já em 1811, os representantes do *pueblo* de Assunção, no Paraguai, decretaram sua secessão da Junta organizada com o objetivo de constituir as *Provincias Unidas del Plata*. Outros conflitos surgidos nos âmbitos dos Congressos de 1816 e 1818 sobre se os comissionados das províncias deveriam ser considerados como apoderados dos *pueblos* ou representantes da nação levou à exclusão dos deputados da Província da Banda Oriental, então sob o domínio de José Artigas, das deliberações. Para intelectuais como Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi e Esteban Echeverría, por exemplo, as disputas entre o *pueblo* de Buenos Aires e as *Provincias del Interior* (Entre Ríos, do Litoral, Santa Fé, entre outras) constituiu um dos principais fatores para a emergência da tirania de Juan Manuel de Rosas, que entre 1829-1832 e 1835-1852, dominou a cena política local. Por sua vez, a derrota de Rosas frente ao chamado *Ejército Grande*, liderado General Urquiza, caudilho de Entre Ríos, em 1852, preparou o terreno para a emergência de novos conflitos, agora entre a Província de Buenos Aires e a chamada *Confederación Argentina* (1853-1860). Só após a Batalha de Pavón, em 1861, a união nacional começaria a ser, novamente, constituída.

Aqui também, uma vez que a ideia da emancipação política foi abertamente assumida, logo surgiram confrontos entre as duas províncias e Santiago por uma igualdade de representação nas Juntas de Governo e Congressos Nacionais. Mas só em ocasiões muito raras, e por brevíssimos momentos, esses confrontos colocaram em cheque a possibilidade de concretização do projeto de união nacional que, dentre outros, conservava a circunscrição territorial do antigo Reino.

Durante a *Patria Vieja*, logicamente, a questão dos direitos provinciais foi colocada em um plano secundário diante da urgência de se realizar o plano da independência que, como destacamos, malogrou no final de 1814 com a reconquista espanhola. Com o governo de O'Higgins, as ideias federais também encontraram um terreno pouco propício para florescer, já que um dos principais *fronts* de ação do governo foi exatamente a supressão de quaisquer resistências ao poder central que emergissem ao longo do território.³⁴

Foi no contexto das discussões levadas adiante por ocasião do Congresso de dezembro de 1824 que as manifestações de maior autonomia provincial voltaram a ganhar corpo. Segundo Simon Collier, se os congressistas foram bastante eficazes para acordar a anulação da Constituição de 1823, eles falharam em elaborar a organização de uma nova para substituí-la. Em função disso, suas atividades adentraram o ano de 1825 num clima de grande rivalidade interpessoal, que desviaram as atenções de seu foco principal e, com a crescente desordem em suas atividades, esse Congresso perdeu toda a credibilidade. Consequentemente, em abril de 1825 a província de Concepción ordenou a retirada de seus deputados e organizou sua própria Assembleia. Pouco menos de um mês depois, em 17 de maio, a província de Coquimbo, sob a liderança de Francisco Antonio Pinto, seguiu o exemplo de Concepción e no dia 22 do mesmo mês Freire dissolveu o Congresso.³⁵

Com a retirada das províncias do Congresso Nacional e sua imediata dissolução, mais uma vez foram retomadas as negociações para a organização de uma nova convocatória. Em 15 de junho Freire se reuniu com os mais proeminentes cidadãos de Santiago e concordou em governar sob a orientação de uma nova Junta. Em julho um

³⁴ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 308. Segundo este autor, uma das principais falhas da estratégia de ação desenrolada por O'Higgins para garantir o predomínio do governo central foi sua perseguição implacável dos opositores do regime, em geral vistos como partidários do general Carrera, então exilado desde 1813 quando foi retirado do governo.

³⁵ *Ibidem*, p. 287.

novo Congresso é convocado, ao qual atenderam apenas os representantes de Santiago e, em outubro, ele foi dissolvido à força por Freire.

Talvez esse tenha sido o principal momento em que o projeto de organização nacional se aproximou de ser ameaçado. Neste imbróglio, a província de Concepción adotou uma proposta mais ou menos tradicional para assegurar o reconhecimento da equanimidade provincial, sugerindo a Freire a adoção de um esquema de Senado composto por nove homens, sendo três representantes para cada província. Coquimbo, por sua vez, adotou uma postura mais extremada: em sua Assembleia Provincial assumiu o poder de elaborar suas próprias leis, independente de qualquer controle do Governo Geral exercido por Santiago, embora não chegasse a negar a possibilidade de existência da nação.³⁶

A partir desse momento, o país entrou num período de relativa instabilidade, marcado por alguns motins militares e protestos ao longo do país em favor do federalismo. Paralelamente, em novembro de 1825, Ramon Freire planejava uma última campanha para alijar os contingentes espanhóis que ainda permaneciam postados em Chiloé, último reduto da ocupação realista no que, então, se compreendia como o território nacional. Antes de partir, contudo, o general deixara organizado um Conselho Diretorio encabeçado por José Miguel Infante, a esta altura o principal defensor do federalismo no país.

Consequente com o alinhamento de sua principal figura, o Diretorio dividiu o país em oito novas províncias, com o objetivo de contrabalançar o peso de Santiago e preparar o terreno para a organização de um Estado federal.³⁷ Após a volta da campanha vitoriosa de Chiloé em março de 1826, foram convocadas novas eleições, Freire entregou o cargo de Diretor Supremo e em julho de 1826 se reunia um novo Congresso – o quarto desde a queda de O’Higgins – no momento em que a onda federalista atingia seu pico.³⁸

Efetivamente, os federalistas estiveram no comando da vida política chilena por muito pouco tempo, menos de um ano. Com a eliminação do cargo de Diretor Supremo,

³⁶*Ibidem*, p. 287 e 310-311. Simon Collier reproduz a lei fundamental decretada pela província de Coquimbo, que diz que: “*The Assembly reserves to itself the faculty of reviewing the political Constitution of the Nation and those laws which have a fundamental character, in order to ratify them or not.*” *Apud*, p. 311. Como se pode perceber, o regimento introduzia uma ressalva em relação à Constituição Nacional, sem, com isso, negar a possibilidade de sua existência.

³⁷ *Ibidem*, p. 288. Além de Santiago, Concepción e Coquimbo, foram criadas as províncias de Aconcagua, Colchagua, Maule, Valdivia e Chiloé.

³⁸ *Ibidem*, p. 288-289.

Manuel Blanco Encalada se tornou formalmente o primeiro presidente do Chile, tendo ocupado o posto entre julho e setembro de 1826. Incapacitado de atuar, ele resignou ao cargo e foi sucedido por Agustín Eyzaguirre, que permaneceu na presidência entre setembro e janeiro de 1827, também sem conseguir fazer o Congresso avançar.

O grosso do ideário federalista ficou registrado no esboço de Constituição elaborado em setembro de 1826. Tendo em José Miguel Infante seu principal idealizador, a característica mais destacada do projeto era uma profunda aversão ao poder executivo, levada ao ponto de minimizá-lo com a transferência de praticamente todo o poder para as legislaturas. Isso seria garantido a partir do estabelecimento de um sistema de duplicação das relações entre os poderes em todos os níveis do Estado: nacional, provincial e municipal. Deste modo o Presidente da República guardaria para com a legislatura federal o mesmo tipo de relação que Governador-Intendente para com sua Assembleia Provincial e assim sucessivamente.³⁹

O princípio básico aqui, profusamente defendido por José Miguel Infante, era o de que a unidade tenderia à opressão dos povos e o federalismo à consagração de sua liberdade e o referido sistema de duplicação das relações entre os poderes teria como principal objetivo garantir que cada um dos poderes executivos, por assim dizer, fossem eleitos popularmente e de maneira direta. É por isso que para Simon Collier esse projeto representava também uma tentativa de levar a aplicação da doutrina da soberania popular aos seus limites extremos.⁴⁰

Tal Constituição, no entanto, não chegou a ser promulgada e o sistema federal fracassou antes mesmo de ter se estabelecido. As autoridades provinciais também demonstraram que detinham ainda menos condições do que o governo central para manter a ordem, já que em meio às incertezas houve diversos protestos que ameaçavam a segurança nacional. Em janeiro de 1827 a necessidade de suprimir uma insurreição militar trouxe Freire de volta ao poder. Em maio, com a atmosfera política já amplamente desfavorável ao federalismo e tendo cumprido sua missão de reestabelecer a ordem, Freire mais uma vez renunciou – agora como presidente – em favor de seu vice-presidente Francisco Antonio Pinto.⁴¹

³⁹ *Ibidem*, p. 314.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 315.

⁴¹ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 78.

O regime de Francisco Antonio Pinto, entre 1827 e 1829, foi caracterizado pela tentativa de conferir às tendências liberais uma expressão mais sólida politicamente e pela busca do restabelecimento do sentimento de confiança que vinha sendo sistematicamente abalado em função da atmosfera de insegurança e incerteza que atingiram seu pico paralelamente ao auge das manifestações em favor do federalismo. Segundo Simon Collier, seu objetivo principal era manter a política chilena dentro de um quadro de legalidade institucional e prevenir que os conflitos facciosos saíssem de controle, dedicando-se assim à criação de um espírito constitucional, materializado na Constituição de 1828.⁴²

Durante o resto do ano de 1827 foram, mais uma vez, retomadas as negociações sobre qual forma de governo o Chile deveria adotar. Com a dissolução de mais um Congresso em julho de 1827 constituiu-se uma nova Comissão Nacional para conduzir à superação do fracasso federalista que, certificando-se sobre os posicionamentos das províncias, procederia à elaboração de um novo projeto de Constituição. Em agosto algumas leis federais foram suspensas e em dezembro um novo Congresso Constituinte começou a ser organizado.

Reforçando as tendências conciliatórias que marcariam o também curto governo de Francisco Antonio Pinto, as reuniões do Congresso (o sexto desde a abdicação de O'Higgins) foram iniciadas em 25 de fevereiro de 1828, com atividades ora em Santiago, ora em Valparaíso. A Constituição de 1828, assinada pelo presidente no dia 8 de agosto, teve como principal redator o gaditano José Joaquim de Mora, que tinha chegado ao país há pouco, atendendo a um convite do próprio Pinto. Segundo Donoso, essa carta constituía a mais alta expressão da cultura jurídica e das ideias políticas de seu redator. Definia a nação chilena como a reunião política de todos os chilenos naturais e legais. Nela residia toda a soberania, que era desempenhada pelos poderes supremos conforme arranjos pelas leis. Conservava a divisão do país em oito províncias e professava que sua religião oficial era a Católica apostólica romana, mas ressaltava que ninguém seria perseguido ou passível de acusação por seus credos e opiniões privadas. Assegurava a todos os homens, como direitos imprescindíveis e invioláveis, a liberdade, a segurança, a propriedade, o direito de petição e a faculdade de publicar suas opiniões. Declarava também a igualdade de todos perante a lei, enfatizando que no Chile não havia classe privilegiada e decretava o fim dos

⁴² COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 320-321.

mayorazgos e quaisquer outros distintivos de nobreza. O poder legislativo residia num Congresso Nacional, integrado por duas câmaras, cujas atribuições eram designadas especificamente pela carta. A república seria governada por um presidente, nascido no território chileno, por um período de cinco anos, sem reeleição.⁴³

1.2. A reação conservadora

Como destaca Alberto Edwards, a derrocada de O'Higgins caracteriza o que se poderia chamar do processo de gênese dos *partidos* políticos chilenos.⁴⁴ Se é verdade que a saída de O'Higgins da cena política realmente abriu o caminho para o surgimento de uma maior diversidade de facções e agrupamentos políticos do que havia até então existido, é necessário matizar o significado do que se chama aqui de *partido*.

Para Simon Collier, não se pode falar na existência, em sentido moderno, de partidos políticos no Chile até 1850, quando ocorre a fundação do Partido Liberal e do Partido Conservador.⁴⁵ Diante disto, durante o período de que nos ocupamos, os partidos consistiam essencialmente de agrupamentos políticos formados por homens de aspirações semelhantes, em sua maioria residentes em Santiago, que poderiam ou não ter conexões com outros grupos menores das cidades de outras províncias. Não havia programas e, pelo menos até 1850, dada a falta de espaços para a realização das reuniões públicas, a maioria dos encontros ocorria na casa de um de seus membros.⁴⁶

Diante destas considerações, desde a queda de O'Higgins até 1828, se excluirmos o ano político-ideologicamente dominado pela excêntrica figura de Juan Manuel Egaña, podemos dizer que o restante da década de 1820 foi caracterizada por uma relativa hegemonia liberal, cuja primeira manifestação real se deu a partir de uma forte adesão ao federalismo e sua violenta reação contra o poder executivo, em parte motivada pela experiência de governo o'higginista, em parte por disputas entre as províncias, cujas origens, como mencionamos, podem ser situadas ainda na primeira fase do movimento de independência.

⁴³ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 83.

⁴⁴ EDWARDS, Alberto. *Bosquejo Histórico de los Partidos Políticos Chilenos*. Santiago: Editorial del Pacífico, 1976, p. 21.

⁴⁵ COLLIER, Simon. *Op. Cit.* p. 295.

⁴⁶ COLLIER, Simon. *Chile: the making of a Republic (1830-1865)*. New York: Cambridge University Press, 2003, p. 37.

O campo conservador, por seu turno, era um pouco mais difuso, e em seu interior podem ser reconhecidos três elementos distintos: 1- o *pelucón*, o mais encorpado, composto pelos membros mais tradicionais da aristocracia latifundiária chilena; 2- os *estanqueros*, encabeçados por Diego Portales, que complementaram e ao fim terminaram exercendo o controle sobre os *pelucones*, constituíam um grupo bastante inflexível, que defendia a instituição de um governo duro, fortemente centralizado e a necessidade de acabar com os debates públicos, vistos, então, como um dos principais motivos para a instabilidade política; 3- os *o'higgistas*, que eram um grupo pequeno, mas mais coeso, cujo único objetivo era promover a restauração de O'Higgins. Em termos práticos nenhum destes três elementos desfrutou do poder político entre 1824 e 1829, o que, no entanto, não impedia que elementos conservadores colaborassem com os governos liberais.⁴⁷

Como destacamos há pouco, o governo de Francisco Antonio Pinto pode ser caracterizado por suas tendências conciliatórias, cujo principal objetivo foi o de restabelecer o sentimento de confiança que vinha sendo sistematicamente abalado pela série de ensaios constitucionais dos anos anteriores, buscando, também, conferir às expressões liberais maior solidez política e institucional. Assim, se levamos em consideração que o liberalismo agora professado constituía uma espécie de evolução em relação ao radicalismo federalista, podemos caracterizar as medidas do regime de Pinto como expressão de um liberalismo moderado que, além de buscar um balanceamento mais coerente entre federalismo e centralismo, zelou pela garantia da liberdade de imprensa – então considerada como uma das primeiras e mais importantes liberdades individuais – e adotou uma atitude vigorosa e positiva em relação à educação.⁴⁸

O compromisso de Pinto com a necessidade de se promover uma conciliação entre as elites políticas chilenas ficou claro quando ele nomeou Francisco Ruiz Tagle, um *pelucón*, como Ministro de Finanças e o general José Joaquín Prieto como comandante do exército do sul. O registro historiográfico fica um tanto quanto confuso neste ponto, já que de um lado se reconhece que a partir da presidência de Pinto e da promulgação da Constituição de 1828 o país parecia reencontrar o caminho para a estabilidade política,

⁴⁷ Cf. COLLIER, Simon. *Ideas and Politics.... Op. Cit.* p. 294-296.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 292. Lembramos que José Joaquín de Mora foi contratado pelo governo Pinto exatamente para ajudar no desenvolvimento da educação no Chile, o que se deu através da instituição do seu *Liceo de Chile*, que contava com uma generosa ajuda do Estado. Após o triunfo do movimento conservador, Portales logo retiraria o subsídio do *Liceo*, inviabilizando sua manutenção. A partir de então Mora lançou uma campanha feroz contra Portales que culminou em seu exílio para o Peru em fins de 1831.

embora os contemporâneos não deixassem de notar uma escalada na rivalidade entre liberais e conservadores.⁴⁹

De qualquer modo, foi durante a primeira metade de 1829 que todos os mecanismos constitucionais previstos pela carta de 1828 entraram em operação pela primeira vez: foram realizadas eleições para os Cabildos, as Assembleias Provinciais, a Câmara de Deputados e para os eleitores responsáveis pela escolha do Presidente e do Vice-Presidente. Os liberais obtiveram uma vitória substancial no pleito. E em 13 de setembro, o Congresso reassumiu suas atividades em Valparaíso com a tarefa inicial de contar os votos para Presidente e Vice-Presidente.⁵⁰

As discórdias geradas em função destes resultados são reputadas como o pretexto imediato para a emergência da reação conservadora. Segundo as regras reconhecidas pela Constituição, nenhum candidato poderia ocupar o seu respectivo posto se não detivesse uma maioria absoluta de votos. Pinto, candidato à presidente indisputado foi o único a cumprir esse requisito. Mas o problema de quem seria o Vice-Presidente se tornou incontornável. Nenhum dos três candidatos, José Joaquin Vicuña (liberal), Francisco Ruiz Tagle e José Joaquin Prieto (candidatos da oposição) obteve a maioria absoluta. Uma segunda eleição foi preparada pelo Congresso, e apesar de a mesma situação ter se repetido, Joaquin Vicuña foi nomeado pelo Congresso como o Vice-Presidente. Imediatamente as forças conservadores no país protestaram contra a ilegalidade da resolução e tomou-a como um pretexto para iniciar uma revolta aberta contra o governo.⁵¹

A primeira província a impugnar oficialmente o resultado das eleições para a Vice-Presidência foi a de Concepción, então sede do comando militar de José Joaquin Prieto, e, em 4 de outubro de 1829, sua Assembleia Provincial revogou o reconhecimento do Congresso e do resultado das eleições para os dois cargos máximos do país. Oito dias depois, Concepción foi seguida pela província de Maule, configurando o prelúdio para que uma revolução total fosse operada. Em 7 de novembro, uma assembleia pública constituída por aproximadamente mil homens

⁴⁹ Simon Collier reproduz parte de uma correspondência enviada por José Ignacio Zenteno a O'Higgins em que é relatada a situação política do Chile no final de 1828: "*He [Zenteno] noted the continued antipathy between liberals and conservatives, but added: 'Even so, Pinto, Prieto and Tagle are the men who enjoy the greatest popularity, and, if they continue in the positions they respectively occupy today, order will certainly be granted'*". *Ibidem*, p. 292.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 294.

⁵¹ *Ibidem*, p. 294. O resultado da eleição foi o seguinte: Vicuña obteve 29 votos; Tagle obteve 24; Prieto conseguiu 2 votos e os brancos totalizaram 3.

aprovou uma moção apresentada por Manuel J. de Gandarillas, que propunha a organização de uma Junta Nacional para assumir as funções do Congresso, a esta altura destituído de toda credibilidade.⁵²

É importante registrar aqui que a ruptura foi justificada sobre a base de que a Constituição de 1828 havia sido violada e que, então, era necessário restabelecer a sua legalidade. A reação conservadora, pelo menos em seus primeiros momentos, não constitui uma reação contra a Constituição em si, mas sim contra o governo que havia, supostamente, transgredido seus limites e, em decorrência, perdido sua legitimidade.

Uma vez instaurada a crise, as mobilizações que levaram ao conflito se estenderam entre dezembro de 1829 e 14 de abril de 1830, quando foi travada a famosa Batalha de Lircay entre os generais Ramón Freire, comandante das tropas liberais, e José Joaquín Prieto, comandante das tropas da coalizão conservadora. Com a vitória de Prieto, os conservadores passariam a exercer um domínio irrestrito da vida política chilena e os poucos indivíduos que ousaram expressar seu descontento para com o regime que começou a ser erigido foram presos e exilados.

1.3. A organização política da República: o “Regime Portaliano”

Apesar da marcada tolerância da administração de Francisco Antonio Pinto e de suas tentativas conciliadoras ela falhou em alcançar o desejado consenso que garantiria o suporte necessário para o estabelecimento do clima de confiança política que serviria de base para a estabilidade e continuidade do governo.

Para Simon Collier, as provisões da Constituição de 1828 foram muito influenciadas pelas circunstâncias mais imediatas da vida política do país. Assim, mesmo com a diminuição do vigor do movimento federal, foram adotadas resoluções constitucionais que garantiam a representatividade das assembleias provinciais, mas que foram consideradas como muito limitadas pelos líderes de algumas províncias. Por seu turno, os conservadores, adotando um posicionamento diametralmente oposto, tendiam a considerar a carta como sendo federal em praticamente todas as suas instâncias.⁵³

⁵² *Ibidem*, p. 324-325.

⁵³ *Ibidem*, p. 322.

Se ainda nos lembrarmos que assim como na Constituição de 1818, a de 1828 também previa a extinção dos *mayrazgos* e de todo e qualquer tipo de distinção baseada em títulos de nobreza, não é difícil conceber porque as forças governistas não tiveram condições de fazer frente à coalizão conservadora que visava tomar as rédeas do poder: os *pelucones* não poderiam estar mais descontentes com as tentativas do governo de abolir seus privilégios e títulos nobiliárquicos; os *estanqueros*, por seu turno, ao longo de toda a década de 1820, ficaram cada vez mais incomodados com os constantes reveses para o estabelecimento da ordem política, o que gerava um clima de desconfiança generalizada que prejudicava muito seus objetivos comerciais; os *o'higginistas*, por fim, depositaram todas as suas fichas no general Prieto, amigo de O'Higgins desde os tempos das campanhas pela independência, confiando que seu triunfo militar abriria o caminho para a restauração de seu grande herói.

Observando retrospectivamente essas diversas tendências dentro do campo conservador, ou, melhor dizendo, essa união de forças motivada por uma conjuntura bastante peculiar, se poderia assumir que tampouco esse movimento seria exitoso. Mas, ao analisarmos a historiografia que se debruçou sobre esse momento de transição política no Chile, não deixa de espantar a existência de um consenso indisputável em se considerar que tanto a ereção da nova ordem política quanto o estabelecimento de seus marcos de legitimidade tenha sido creditada à obra de praticamente um homem: Diego Portales.⁵⁴

Até onde pudemos perceber, uma das principais características que distinguiram o movimento conservador em relação aos diversos intentos para o estabelecimento da ordem política, foi que aquele não se precipitou em elaborar uma nova Constituição para o país, o que se realizaria apenas em 1833 quando a nova ordem já demonstrava

⁵⁴ Apenas para citar alguns exemplos: Simon Collier afirma o seguinte: “*By creating a strong but impersonal authority, the Chileans were able to pave the way for later constitutional government and the establishment of a genuinely democratic tradition. This was largely the work by one man, Diego Portales, and it begun with the breakdown of the liberal government in the spring of 1829*”. *Op. Cit.* p. 324. O mesmo Simon Collier, em obra mais recente define Portales como “*(...) the moving spirit of the Conservative regime*”. *Chile: the making of a Republic...* *Op. Cit.* p. 22. Alberto Edwards, por seu turno, dentre outras coisas afirma o seguinte: “*Portales, que fue extraño a la elaboración de la Constitución de 1833, fue sin embargo su verdadero autor; él había suministrado el modelo del gobierno que los constituyentes tradujeron y trasladaron al papel; y las instituciones que inspiró, si no con palabras y discursos, con hechos elocuentes y palpitantes, quedaron selladas con su sangre en las alturas del Barón el 6 de junio de 1837*”. *Bosquejo Histórico de los Partidos...* *Op. Cit.* p. 36-37; Ana María Stuenkel, por sua vez resume a importância de Portales da seguinte maneira: “*En suma, Diego Portales ligó el presente con las añoranzas del pasado que sentía la clase política chilena de comienzos del siglo XIX, afianzando el orden, a fin de llenar el espacio vacío dejado por la pérdida de la legitimidad del gobierno monárquico*”. *La Seducción de un Orden. Las elites y la construcción de Chile en las polémicas culturales y políticas del siglo XIX*. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2000, p. 49.

sinais de estar solidamente estabelecida – a oposição virtualmente eliminada - e a carta terminaria apenas por ratificar um estado de coisas que na realidade já estaria imperando.

A participação direta de Portales no estabelecimento da nova ordem política se deu principalmente entre 1829-30 e 1832, quando ele se retirou da cena política e passou a se dedicar aos seus negócios em Valparaíso. E, em 1835, diante de uma ruptura entre os conservadores em virtude do termo do primeiro mandato presidencial de Prieto (1831-1836), e também da ameaça representada pela formação da Confederação Peru-Boliviana sob o caudilho boliviano Andrés Santa Cruz, em outubro de 1836.

No primeiro destes dois momentos, Portales pode ser considerado como o indivíduo que forneceu os impulsos decisivos para a consagração do triunfo conservador após a Batalha de Lircay. Em 12 de fevereiro de 1830 (cinco dias antes do confronto em Lircay), os conservadores, já tendo tomado o controle de Santiago, convocaram um Congresso de Plenipotenciários, em caráter extraordinário, em que todos os atos do Congresso de 1829 foram ab-rogados e Francisco Ruiz Tagle, antigo Ministro de Finanças do governo Pinto, foi nomeado presidente. Foi a partir deste momento que Portales começou a interferir decisivamente nos rumos da política chilena.

Em março de 1830 ele foi decisivo para forçar a resignação de Tagle da Presidência e assegurar que José Tomás Ovalle, um homem mais condescendente, fosse nomeado para o cargo. Em 6 de abril de 1830, Portales foi nomeado Ministro e, ao acumular as pastas do Interior, do Exterior e de Guerra e Marinha, se tornou o homem de maior influência na vida política chilena.⁵⁵

José Tomás Ovalle manteve o cargo de presidente até março de 1831, quando renunciou devido a problemas de saúde que o levariam à morte pouco tempo depois. A Comissão de Plenipotenciários, ainda em operação, elegeu o general Prieto para a presidência, mas até sua assunção formal, em setembro, o cargo foi exercido por Fernando Errázuriz, que devido ao seu conservadorismo extremado era também conhecido como “Fernando VIII”. Um novo Congresso foi convocado pouco depois, em

⁵⁵ COLLIER, Simon. *Ideas and politics...* Op. Cit. p. 326.

que se ratificava a presidência de Prieto e se nomeava Portales como Vice-Presidente, posto que ocupou relutantemente até sua extinção em 1833.⁵⁶

Simon Collier e Ricardo Donoso coincidem na ênfase de que no início de 1830 tanto o diagnósticos quanto os prognósticos oferecidos por Portales sobre a situação política chilena representavam o cerne da “doutrina” conservadora.⁵⁷ Em resumo, os liberais eram acusados de cometer dois erros capitais: primeiro, eles tinham tentado erigir regimes que estavam em nítido descompasso com as necessidades fundamentais da sociedade chilena; segundo, eles haviam sido ingênua e perigosamente lenientes para com os opositores e contraventores do regime, sobretudo em suas campanhas através da imprensa. Em decorrência deste diagnóstico, o principal conceito avançado por Portales em particular e pelos conservadores em geral era o da necessidade de conferir uma posição suprema ao presidente, que ele gozasse de poderes emergenciais e que o executivo exercesse o controle da legislatura, como as principais condições de possibilidade para a garantia de que a ordem e a lei fossem estritamente respeitadas.

Como destaca Ricardo Donoso, uma vez que este princípio de autoridade foi afiançado, a tranqüilidade pública assegurada e a normalidade estabelecida com as eleições para o Congresso de junho de 1831, Portales considerou sua missão cumprida, renunciou a seus cargos como ministro em agosto de 1831 – um mês antes de Prieto ser oficialmente empossado Presidente – e se retirou de cena, embora não tenha deixado de exercer influência na direção da política governativa.⁵⁸

Diante das claras reservas e das variadas críticas que os conservadores endereçaram ao governo de Pinto em geral e ao utopismo presente na Constituição de 1828 em particular, ficava clara a necessidade de promover uma reformulação das leis fundamentais da República. Nesse sentido era necessário operar uma série de reformas em relação àquele texto, em que os princípios teóricos teriam de ser colocados em segundo plano, atendendo-se, estritamente, às necessidades de ordem política, econômica e social do país. Em setembro de 1831 foi sancionada uma lei que autorizava a realização das reformas e adições necessárias, tarefa encarregada à Grande Convenção Constituinte.⁵⁹ Os trabalhos da Convenção começaram em outubro de 1831 e se

⁵⁶ *Ibidem*, p. 327.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 336-346. DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 101-104.

⁵⁸ DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 103.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 104-105. Segundo Simon Collier, a Convenção era formada por 16 deputados, 6 servidores públicos, 4 homens de letras, 4 proprietários de terra, 2 eclesiásticos, 2 mercadores proeminentes e 2 donos de minas. COLLIER, Simon. *Ideas and Politics... Op. Cit.* p. 329.

estenderam até os primeiros meses de 1833, indicando que, na verdade, o que estava em operação não era uma reforma da carta de 1828, mas sim a elaboração de um texto praticamente novo. A nova constituição foi jurada e promulgada em maio de 1833 pelo presidente José Joaquín Prieto.⁶⁰

Como enfatiza Simon Collier, a característica mais notável da nova carta era a definição de uma presidência forte. Ao presidente era garantido um mandato de cinco anos, havendo possibilidade de reeleição por outro termo de cinco anos. Ele não poderia sofrer impeachment enquanto desempenhasse o cargo, apenas um ano após tê-lo deixado. Detinha poder absoluto para nomear e remover gabinetes ministeriais, intendentos de províncias, governadores dos departamentos, além de embaixadores e cônsules. O executivo também detinha extensivos poderes emergenciais à sua disposição, podendo decretar estados de sítio sem consulta prévia ao senado.⁶¹

Tendo em vista estes antecedentes, a Constituição havia sido elaborada para garantir o funcionamento do que Portales chamou de *'resorte principal de la máquina'*, isto é, um “[...] *gobierno obedecido, fuerte, respetable y respetado, eterno, inmutable, superior a los partidos y a los prestigios personales*”.⁶²

Três foram os principais meios utilizados para garantir a obediência ao governo e às leis: a repressão, a aproximação em relação à Igreja católica, e a constituição da Guarda Cívica.⁶³

A repressão era o principal expediente utilizado para abafar protestos, impedir a publicação de opiniões críticas ao regime na imprensa e eliminar os opositores como um todo. A pena capital, por fuzilamento, estava reservada para aqueles envolvidos em assassinatos e motins militares. A proclamação de estados de sítio também se tornou uma constante durante a década de 1830, geralmente motivado por rumores sobre a existência de movimentos conspiratórios para derrubar o regime, ou quando novos papéis incitando as massas a se rebelarem eram ventilados.

A Igreja Católica, por sua parte, embora tivesse ficado enfraquecida durante as guerras de independência, o governo de O’Higgins e o período de domínio liberal, permanecia como o maior pilar da cultura chilena. Portales, mesmo não sendo um

⁶⁰ COLLIER, Simon. *Ideas and Politics...* Op. Cit. p. 331-332.

⁶¹ COLLIER, Simon. *Chile: the making of a republic...* Op. Cit. p. 23-24.

⁶² Portales Apud RAMÓN, Armando de. “Práctica del conservatismo y régimen oligárquico. Los idearios portaliano y alberdiano y su proyección”. In: *Op. Cit.* p. 103.

⁶³ Cf. COLLIER, Simon. *Chile: the making of a republic...* Op. Cit. p. 27-31.

homem religioso, tinha consciência do papel que a Igreja poderia exercer no sentido de reforçar as garantias de manutenção da estabilidade social e política. Nesse sentido, desde a eleição de Prieto à presidência, em 1831, as relações entre governo e Igreja foram estreitadas: o presidente e os membros de seu gabinete atendiam a todas as cerimônias religiosas de alguma importância; em determinados feriados, a Guarda Cívica estendia a bandeira nacional no chão como um tapete para o padre que carregava a hóstia sagrada.⁶⁴

Outro problema de particular importância e que caracterizou e condicionou os rumos políticos do Chile durante a década de 1820 era o da resistência oferecida pelos setores militares consubstanciada numa certa propensão para a realização de motins que não raro culminaram na deposição de Diretores Supremos e na dissolução de Congressos Nacionais pela força.

Diante deste retrospecto, uma das primeiras medidas tomadas por Portales foi a cassação de 136 oficiais do exército que haviam apoiado o general Freire durante a guerra civil de 1829-1830. Ademais, se levou adiante uma massiva reorganização das milícias do país, que, a partir de então, passaram a compor a Guarda Cívica (ou Nacional), desempenhando um papel importante para o provimento da segurança nacional e a supressão de eventuais movimentos opositores.⁶⁵

1.4. A primeira transição presidencial: expressão do consenso em torno da ordem política

De acordo com os estudiosos do período, Portales não era um homem muito afeito às teorizações políticas e o que se pode depreender de seu epistolário – as únicas fontes que possibilitam o acesso às suas convicções políticas – são alguns trechos curtos, com definições ligeiras e às vezes inusitadas sobre como ele concebia a realidade chilena. Uma desses célebres passagens se encontra numa carta de julho de 1832, em que utiliza uma sugestiva imagem para caracterizar o clima sócio-político no país. Diz ele: “*El orden social se mantiene en Chile por el peso de la noche y porque no tenemos hombres*

⁶⁴ *Ibidem*, p. 29.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 30.

sutiles, hábiles y cosquillosos: la tendencia casi general de la masa al reposo es la garantía de la tranquilidad pública".⁶⁶

Diante do que vimos expondo até aqui o sentido da metáfora é inescapável: durante a noite impera o silêncio e é precisamente a inexistência de homens sutis, hábeis e melindrosos que garante a sua permanência. Isto é, a virtual inexistência de manifestações públicas de oposição ao regime, de tentativas de articulação de movimentos conspiratórios, de agitadores das paixões das massas é a garantia da tranquilidade pública. Note-se, ainda, que não se trata de um enunciado projetivo, que visa a instauração de um tal estado de coisas, mas, sim, da constatação de uma situação concreta, da existência efetiva de um dado estado de coisas.

Quando Portales redigiu a referida carta já havia se retirado para Valparaíso, de onde voltara a conduzir seus negócios pessoais, com a certeza de que, ao silenciar os liberais que permaneciam no país, havia preparado o terreno para que o "partido" conservador reinasse soberano na condução da vida política do país. Mas, em 1835, o primeiro sinal de uma séria divisão entre os membros da alta cúpula da coalizão conservadora fez com que ele voltasse a participar diretamente da vida política chilena.

A motivação imediata para essa divisão no campo conservador foram as movimentações ocorridas em função da aproximação do fim do primeiro mandato de Prieto e as pretensões de Manuel Rengifo, então Ministro das Finanças e principal responsável pela reorganização dos fundos da República, à presidência. Seguindo as definições de Simon Collier, havia agora duas tendências dominantes entre os conservadores: uma autoritária e a outra moderada. O campo autoritário era composto por aqueles apoiadores irrestritos da linha portaliana. Ainda segundo Collier, não seria adequado denominá-los de "extremistas" ou "ultras", como se eles constituíssem uma minoria, e o termo autoritário só pode ser aplicado se se mantém em mente que os moderados, também, se viam obrigados ou compelidos a tomarem algumas medidas autoritárias. Os autoritários tinham entre seus principais membros Joaquín Tocornal, então Ministro do Interior, além de Fernando Urízar Garfias e do espanhol Victorino Garrido, todos seguidores fiéis de Portales, que apoiavam a reeleição de Prieto.⁶⁷

⁶⁶ Portales *Apud* LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. "‘El peso de la noche’, la otra cara del orden portaliano". In: BARBAR, Fernando E. y MAYO, Carlos A. (comp.) *Argentina y Chile... Op. Cit.* p. 79.

⁶⁷ COLLIER, Simon. *Chile: the making of a Republic... Op. Cit.* p. 48.

O campo moderado, por seu turno, era composto por aqueles que julgavam oportuna a promoção de uma gradativa abertura do regime e, pois, haviam tomado uma certa distância de Portales. Além de Manuel Rengifo, tinha em Ramón Errázuriz, Ministro do Interior substituído por Tocornal em 1832, seu principal representante. Errázuriz era um membro proeminente de uma extensa família que poderia constituir um centro de aglutinação importante para a promoção de um movimento *pelucón* moderado. Esse grupo era complementado ainda por alguns liberais desiludidos, que no início da década se tornaram aliados próximos de Portales, como Manuel A. Gandarillas e Diego José Benavente.⁶⁸

Diante da eminência de uma disputa entre ambos os campos, Portales assumiu o Ministério de Guerra e Marinha em setembro de 1835. Após articular a substituição de Rengifo por Tocornal como Ministro de Finanças, dois meses depois ele também assumiu a pasta de Ministro do Interior e seu retorno à cena política nacional configurou a imediata desarticulação do potencial desafio colocado pelos moderados.⁶⁹

Paralelamente a estes acontecimentos internos, o caudilho boliviano Andrés Santa Cruz iniciou um movimento que, em outubro de 1836, terminaria com a formação da Confederação Peru-Boliviana. Portales, imediatamente, encarou essa manobra como uma ameaça concreta aos interesses comerciais e à posição política desfrutada pelo país no Pacífico e iniciou uma campanha com objetivo de mobilizar a sociedade em favor da organização de uma ofensiva militar.⁷⁰ Sua determinação em obter uma declaração de guerra imediata se tornou ainda mais forte em função das notícias sobre uma expedição montada pelo general Ramon Freire, então exilado no Peru, encarada como uma tentativa de articulação de um movimento para derrubar o regime conservador.

Toda a mobilização arquitetada em torno de uma possível declaração de guerra havia dividido as opiniões no interior da sociedade chilena quanto à sua real urgência: a impopularidade das medidas então tomadas, o recrudescimento dos aparelhos de repressão e controle do estado e o alistamento forçado de soldados para a campanha forneceram ainda mais elementos para que fossem espalhados rumores de outras conspirações visando à derrocada do regime. Em resposta, no começo de 1837, Portales

⁶⁸ *Ibidem*, p. 49.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 50.

⁷⁰ Simon Collier cita uma carta de Portales ao Almirante Manuel Blanco Encalada (o primeiro presidente durante o período federalista) em que o Ministro expressa seus objetivos com extrema incisão: “*The Confederation must disappear for ever from the American stage... We must domine for ever [sic] in the Pacific*”. *Ibidem*, p. 51-52.

tomou uma medida drástica em que determinava que qualquer exilado que retornasse ao país sem consentimento prévio deveria ser capturado e executado dentro de 24 horas. Além da proclamação do estado de sítio que vigeria durante todo o período de mobilização militar, um novo decreto, de fevereiro deste mesmo ano, determinou o estado permanente de corte-marcial em todas as províncias do país.⁷¹

Apesar de toda insatisfação provocada pela comoção em torno da ofensiva contra a Confederação, Portales havia conseguido reunir a primeira força expedicionária para intervir no Peru nos arredores de Valparaíso. E o que segue é um evento extraordinário, que teria impactos significativos para a mudança de conjuntura que logo ocorreria.

Após organizar uma tropa em Valparaíso, Portales partiu para realizar uma inspeção do regimento de Maipó, assentado em Quillota. Uma vez lá, foi feito prisioneiro pelo coronel José Antonio Vidaurre e obrigado a marchar com seu regimento em direção à Valparaíso. O porto era guarnecido pelas tropas sob o comando de Juan Vidaurre, primo do coronel Antonio Vidaurre, mas homem do regime conservador. Diante do embate de forças, as tropas rebeldes recuaram e, em 6 de junho, Portales foi executado.⁷²

O impacto político do assassinato de Portales foi imenso e constituiu uma verdadeira guinada na direção dos negócios de guerra: agora ele havia se tornado um mártir e os chilenos demandavam uma resposta imediata por parte das forças nacionais. Assim, uma guerra que dividia as opiniões da sociedade e, em alguma medida, ameaçava a manutenção do regime, terminou por se tornar uma inelidível ocasião para que todos se unissem em torno de uma causa comum, dada a existência de uma crença generalizada de que o motim de Vidaurre tinha sido arquitetado com a direta colaboração de agentes de Andrés Santa Cruz. Em julho de 1838, um regimento de aproximadamente 5.400 homens partiu do porto de Valparaíso sob o comando do General Manuel Bulnes e derrotou o exército confederado pouco depois, na batalha de Yungay, em janeiro do ano seguinte. As notícias da vitória foram ostensivamente

⁷¹ *Ibidem*, p. 51.

⁷² Simon Collier narra esse episódio com um tom de ironia bem humorada: “*There is little doubt that the key figure in this web of conspiracy that now developed was colonel José Antonio Vidaurre. A known troublemaker in the 1820s, he had fought the conservatives at Lircay. His Maipó Battalion was well trained and disciplined. His network of contact in the Army was extensive. Portales summoned Vaidaurre to Santiago in February 1837 to question him personally about rumors that he was conspiring. Vidaurre’s elliptical reply is legendary: ‘Minister, when I make a revolution against you, you will be the first to know’. He was true to his word*”. *Ibidem*, p. 52.

celebradas em todos os cantos do país e as comemorações se alongaram por vários dias.⁷³

Após esse período de grandes tensões sociais e políticas, o Chile começou a adentrar numa atmosfera de maior confiança e tranquilidade social. Isso, por sua vez, se refletiu no que começava a ser visto como uma primeira possibilidade de relaxamento das tensões políticas e dos mecanismos de repressão que vinham caracterizando o regime conservador.

Até ao menos 1837, o autoritarismo portaliano, que tinha tido sua expressão política na presidência de Prieto, objetivava a todo custo estabelecer a ordem e a legitimidade de um regime republicano fortemente centralizado. Neste sentido, como argumenta Ana María Stuvén, ele fora funcional a um imaginário anárquico, o que justificava o estabelecimento de inúmeros estados de sítio, o controle férreo sobre a imprensa e a manifestação de opiniões públicas, a reorganização do exército e o fortalecimento das milícias, a perseguição dos opositores do regime, sua proscricção e, em casos mais extremos, execução.⁷⁴

Além dos impactos decisivos da morte de Portales e da vitória na guerra contra a Confederação Peru-Boliviana, naturalmente acompanhada por um fortalecimento do sentimento de orgulho nacional, outros fatores contribuíram para a abertura do caminho rumo ao estabelecimento de um novo clima de confiança: a política financeira posta em ação por Manuel Rengifo reabria um horizonte de otimismo em relação ao futuro econômico, reforçado pela descoberta de novas jazidas minerais ao norte do país.

Neste contexto, como reflexo desse relaxamento das tensões políticas e com a proximidade de novas eleições para o Congresso e para a Presidência, a partir de 1840 uma tímida oposição liberal começa a surgir. Em fevereiro de 1841 um grupo de liberais se articula para formar a *Sociedad Patriótica* e indicar um candidato à presidência. Esse grupo publicou um panfleto em que destacava suas principais reivindicações: a ilegalidade do regime, o caráter nulo e servil do Congresso e a farsa das eleições.⁷⁵

Os liberais saíram em apoio da candidatura de Francisco Antonio Pinto. Joaquín Tocornal, um dos homens fortes de Portales, tentou articular uma base de apoio para sua campanha. E José Joaquín Prieto saiu em defesa da candidatura de Manuel Bulnes.

⁷³ *Ibidem*, p. 54.

⁷⁴ STUVÉN, Ana María. *La Seducción de un Orden... Op. Cit.* p. 48.

⁷⁵ COLLIER, Simon. *Chile: the making of a Republic... Op. Cit.* p. 60-61.

Segundo Simon Collier, essa é a primeira ocasião em que se pode observar no regime conservador um período de razoável proliferação de panfletos políticos e alguma propaganda eleitoral.⁷⁶ Em junho de 1841 as eleições foram realizadas e Bulnes foi consagrado presidente.

Para Ana María Stuvén, Bulnes aparecia como a principal figura capaz de assegurar a manutenção do clima de confiança que se estabelecia: como o general vencedor da guerra contra a confederação Peru-Boliviana em 1839, detinha a confiança dos setores militares, protagonistas de diversos golpes de estado nas décadas anteriores; ao mesmo tempo, por ser um homem afastado das disputas partidárias, poderia dirimir as desconfianças despertadas ante a candidatura conservadora de Joaquín Tocornal, assim como contra a candidatura liberal do ex-presidente Francisco Antonio Pinto.⁷⁷

Em síntese, Bulnes encarnava a figura de unidade capaz de apagar tanto as controvérsias políticas geradas pela possibilidade de restabelecimento do autoritarismo portaliano, no caso da eleição de Joaquín Tocornal, assim como de dissipar os temores daqueles que viam a eventual eleição de Pinto como uma ameaça de desarticulação da ordem política lograda sob a presidência de Prieto.

Neste contexto, cabe destacar que a solução republicana encontrada pela elite política chilena durante a década de 1830 deve ser entendida nos marcos do que José Antonio Aguilar chamou de ‘república epidérmica’: o estabelecimento de um sistema político que apesar de possuir constituição escrita, prover a existência de governos e cargos eletivos, afirmar a garantia de direitos individuais e de igualdade jurídica (como no caso Constituição de 1833), adota apenas os aspectos formais de uma República, encarada como o melhor meio possível para se emular o sistema de autoridade da Monarquia, deslocando a fonte de legitimidade da figura do Rei para a entidade abstrata do Estado.⁷⁸

O que está em questão aqui, é que a eleição de Manuel Bulnes para a presidência do país e a condução da mudança do governo sob um clima de tranquilidade política e paz social gerou uma convicção geral de que a legitimidade da ordem republicana tinha

⁷⁶ *Ibidem*, p. 64-65.

⁷⁷ STUVÉN, Ana María. *Op. Cit.* p. 73. É interessante notar a rede relações familiares de que Bulnes fazia parte: ele era sobrinho de Prieto e pouco antes de ser eleito presidente casou-se com a filha do ex-presidente Francisco Antonio Pinto. Cf. COLLIER, Simon. *Chile: the making of a Republic... Op. Cit.* p. 16.

⁷⁸ Cf. AGUILAR, José Antonio. “Dos conceptos de República”. In: AGUILAR, José Antonio y ROJAS, Rafael. *El Republicanismo en Hispanoamérica*. Ensayos de historia intelectual e política. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 72-83.

sido de fato consolidada. Essa convicção foi traduzida num forte sentimento de excepcionalismo da parte dos chilenos, que se sustentava no que era percebido como um triunfo definitivo sobre o caudilhismo, a entronização das instituições republicanas e a consagração da ordem, valores que pareciam estar num porvir longínquo para qualquer outra nação hispano-americana da época. Este é o sentimento que se encontra na base da vontade conciliatória que conduziu à expectativa de abertura para a tolerância política.⁷⁹

Confirmando as expectativas de conciliação que o levaram à vitória eleitoral, apenas um mês depois de assumir o mandato, Bulnes decretou a anistia para todos os exilados por causas políticas. Segundo Ana María Stuvén, este gesto conciliador, somado às garantias de comunhão do espírito de ordem, foi um incentivo para que todos os setores sociais afrouxassem definitivamente as tensões políticas e passassem a pensar na consolidação da nação, o que até o momento não fora realizado, dada a necessidade de consolidar um Estado que funcionasse de maneira eficiente e ordenada.⁸⁰

Tudo isso significa que com o início do mandato de Bulnes começou a ser preparado o terreno para que ocorresse uma importante inflexão no conceito de nação, cujo enfoque primordial se deslocaria da ênfase na ordem política para os variados aspectos de âmbito cultural – da elaboração conceptual da noção de *pueblo* enquanto coletivo-singular.

De um ponto de vista da ordem estatal, o deslocamento do enfoque centrado na ordem política para um mais preocupado em desenvolver os aspectos sócio-culturais da nação foi concretizado a partir de uma série de ‘medidas civilizadoras’, todas realizadas nos primeiros anos de seu mandato: a criação da *Escuela Normal de Preceptores* (da qual Sarmiento foi diretor), da *Universidad de Chile*, o subsídio a uma imprensa que permitiu a fundação do primeiro diário santiaguino, *El Progreso*; a fundação da *Escuela de Artes y Oficios*, da *Escuela de Agricultura*, do *Conservatorio de Musica*, da *Academia de Pintura* e a contratação de Claudio Gay, que deu vida ao *Museo Nacional de Historia Natural*.⁸¹

Por outro lado, de um ponto de vista da ordem social, por assim dizer, essa atmosfera de tolerância política e desenvolvimento cultural conduziu à reabertura dos espaços de discussão pública, que se manifestavam principalmente na imprensa

⁷⁹ STUVÉN, Ana María. *Op. Cit.* p. 97.

⁸⁰ *Ibidem.* p. 74.

⁸¹ *Ibidem.* p. 74-75.

periódica, nas tertúlias e diversas sociedades e clubes que voltaram à luz durante este período, configurando o “renascimento intelectual” da república, para utilizar os termos de Allen Woll.⁸²

Em síntese, o sentimento de confiança de que a ordem política havia sido definitivamente estabelecida foi acompanhado pela reabertura dos espaços de discussão pública em que uma das principais questões debatidas foi, exatamente, sobre como estabelecer os parâmetros a partir dos quais se poderia começar a definir a nação e a nacionalidade chilena em função de seus aspectos subjetivos, daquelas características fundamentais que deveriam distingui-la, inicialmente, em relação à Espanha e, logo, em relação às outras nações hispano-americanas que também estavam em processo de constituição.

Diante deste quadro, destacamos dois processos que, embora correlatos, não deixam de se desenrolar em níveis de discurso relativamente específicos.

Assim, no próximo capítulo buscamos elucidar a partir de quais pressupostos José Victorino Lastarria, Domingo Faustino Sarmiento e Andrés Bello, três dos principais atores do cenário intelectual chileno do período, abordaram a questão da necessidade – ou da viabilidade, conforme o caso – de se construir um projeto cujo objetivo maior era emancipar o espírito nacional das influências (retrógradas) da tradição cultural espanhola. Como veremos por ocasião da polêmica protagonizada por Sarmiento e Bello, essas questões são debatidas a partir de premissas mais gerais que, embora poderiam ser estendidas para o universo hispano-americano como um todo, não deixam de ter implicações implícitas importantes para o caso chileno, mais especificamente. Ao passo que Lastarria, em seu *Discurso Inaugural* de 1842, já adentra essa problemática a partir de uma perspectiva mais estritamente nacional.

Por sua vez, como todo o cabedal de questões debatidas durante o ano de 1842 está articulado sobre o pressuposto de que os autores se encontram num momento histórico compreendido fundamentalmente como um momento de transição, depreende-se daí que a elaboração de narrativas sobre o desenvolvimento histórico da nação ocupará um lugar imprescindível para que se possa não apenas auferir os diferenciados

⁸²WOLL, Allen. *A Functional Past. The uses of history in nineteenth-century Chile*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1982, p. 7. Enfatizamos que a tese de que a chegada de Bulnes à presidência coincide com a reabertura dos espaços de discussão pública e, conseqüentemente, com a emergência do movimento cultural e literário de 1842 é um dos postulados centrais da obra de Ana María Stüven.

graus de continuidade e descontinuidade em relação àquela tradição hispânica, mas, também, e acima de tudo, para estabelecer uma unidade desse mesmo desenvolvimento histórico ao nível local, conformando-se assim um discurso que visa ressaltar suas características específicas em relação às outras nações hispano-americanas. Trata-se, portanto, da necessidade de articular uma *genealogia* específica para cada nação. E esta é a matéria do terceiro capítulo.

2. OS HORIZONTES DA LIBERDADE NACIONAL

“La historia, por desgracia, está llena de ejemplos, y de esta pasta está amasada la generalidad de los hombres.”

Domingo Faustino Sarmiento

2.1. A imprensa no Chile: 1810-1842

Nas primeiras páginas de *Facundo: civilização e barbárie*, Sarmiento narra o episódio de sua fuga dos agentes do regime rosista, ocorrido no final de 1840, que resultaria num exílio de pouco mais de dez anos em terras chilenas. Antes de escapar pelos banheiros de *Zonda*, deixara escrito em carvão, numa das paredes, a seguinte frase: *on ne tue point les idées*. E completa a narrativa da seguinte maneira:

O governo, a quem se comunicou o fato, mandou uma comissão encarregada de decifrar o hieróglifo, que se dizia conter desaforos ignóbeis, insultos e ameaças. Ouvida a tradução, disseram: “bem, o que significa isso?...”

Significava simplesmente que vinha ao Chile, onde a liberdade brilhava ainda, e que me propunha a fazer projetar os raios das luzes de sua imprensa até o outro lado dos Andes.⁸³

Deixando de lado a dimensão anedótica do episódio, no trecho legado pelo sanjuanino podemos notar o estabelecimento de uma relação direta entre liberdade e a garantia de meios para a produção e circulação de ideias, identificada, aqui, com o âmbito da imprensa. Não se trata, em absoluto, de uma relação fortuita: a associação promovida por Sarmiento entre liberdade e liberdade de imprensa não era uma novidade, estava inserida numa tradição de pensamento que veio se desenvolvendo desde os primeiros momentos da independência.

Enquanto meio de produção e difusão de ideias, a imprensa periódica cumpriu um papel extremamente importante na vida política e na história do século XIX. Na América hispânica, ela irrompeu com força no seio dos conflitos ideológicos que se

⁸³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 42.

seguiram à emancipação e continuou sendo, ao longo das décadas, um dos principais âmbitos de discussão pública e uma das principais formas de se fazer política. Em função disto, se converteu, também, num dos critérios fundamentais a partir dos quais era medido o nível de civilização de uma sociedade.⁸⁴ Numa palavra: a imprensa era considerada um dos principais instrumentos para garantir a conservação da liberdade, para dirigir e formar a opinião pública e promover a difusão das luzes.

Nosso interesse em pontuar aqui algumas questões sobre o desenvolvimento da imprensa no Chile durante a primeira metade do século XIX se relaciona, antes de qualquer coisa, com o fato de que todos os textos que serão analisados neste capítulo vieram à luz sob os auspícios das publicações periódicas. Tendo se constituído no país como o meio por excelência para a condução do debate público, a imprensa demarcava o ponto de encontro – nem sempre pacífico – dos distintos posicionamentos não só acerca da organização do estado, como também das diferentes definições que se buscava alcançar sobre a nação.⁸⁵

Ademais, diferente de outros países hispano-americanos, como a Argentina, por exemplo, em que o regime rosista havia logrado expulsar praticamente todos os intelectuais que manifestavam opiniões críticas e/ou opositoras ao governo, no Chile, a constituição da imprensa como um dos principais espaços para a discussão pública de opiniões se deu, em grande medida, dentro do próprio processo de assentamento das instituições políticas que acompanharam a conformação do Estado.⁸⁶

Como técnica de reprodução de escritos, a imprensa chegou relativamente tarde ao Chile. Ela foi introduzida em 1811, por obra do governo revolucionário de José

⁸⁴ ALONSO, Paula. “Introducción”. In: ALONSO, Paula (comp.) *Construcciones Impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 8.

⁸⁵ STUVEN, Ana María. *La Seducción de un Orden...* Op. Cit. p. 67.

⁸⁶ Apesar do reconhecimento da parte da elite governante de que as atividades da imprensa não raro ofereciam sérios riscos de transtornar a ordem vigente, foram tomadas diversas medidas no sentido de fomentar o seu desenvolvimento. Um decreto de 23 de novembro de 1825 dispôs que, sob os auspícios do governo, fossem registradas duzentas assinaturas de todos os periódicos publicados. Cf. DONOSO, Ricardo. *Las Ideas Políticas en Chile...* Op. Cit. p. 349. Nas décadas seguintes foram tomadas medidas ainda mais incisivas em apoio à imprensa periódica: em 1843, o governo gastou 16.468 pesos em favor dos periódicos, um montante considerável, já que para a alocação da *Universidad de Chile*, no mesmo ano, foram aplicados 14.000 pesos. Em 1845, último ano do primeiro mandato de Bulnes, o governo investiu, dentre outros, 2.272 pesos no *El Araucano*, o órgão de imprensa oficial, 4.375 no *El Mercurio* de Valparaíso, 3.770 em *El Progreso* e 840 pesos na *Gaceta del Comercio*, também de Valparaíso. Estes últimos, periódicos que nem sempre eram apoiadores incondicionais do regime. Cf. JAKSIC, Iván. “Sarmiento and the Chilean Press, 1841-1851”. In: DONGHI, Tulio Halperin et al. *Sarmiento: author of a nation*. Los Angeles: University of California Press, 1994, p. 40-41.

Miguel Carrera⁸⁷, e se difundiu com extrema velocidade. Segundo Iván Jaksic, entre 1812 e 1827, se pode contar a existência de aproximadamente 80 publicações, em sua maioria de curta duração. Por sua vez, no período que vai de 1828 até 1851, esse número praticamente dobrou, totalizando o surgimento de 152 novos periódicos que publicaram mais de um número, sendo que a maioria destes (pouco mais de 40%) veio à luz durante as duas administrações de Bulnes, entre 1841 e 1851.⁸⁸

Até o ano de 1828, foram baixados uma série de decretos e resoluções concernentes aos limites e atribuições da imprensa e consequente veiculação de opiniões políticas que, devido às frequentes mudanças de governo, tiveram uma curta ou nenhuma vigência. De modo geral, o conteúdo destas resoluções evoluiu de uma enunciação geral de princípios, da defesa irrestrita do direito à liberdade de expressão e publicação das opiniões até alguns decretos que se pronunciavam de modo claramente negativo, no intuito de circunscrever drasticamente o conjunto de matérias sobre os quais se poderia opinar livremente.⁸⁹

Tomando apenas dois exemplos bastante ilustrativos. O artigo 11 da Constituição de 1818, que consolidava o governo de Bernardo O'Higgins, era consagrado aos direitos e deveres do homem em sociedade e dizia que:

*Todo hombre tiene libertad para publicar sus ideas y examinar los objetos que estén a su alcance, con tal que no ofenda a los derechos particulares de los individuos de la sociedad, a la tranquilidad pública y Constitución del Estado, conservación de la religión cristiana, pureza de su moral y sagrados dogmas; y en su consecuencia, se debe permitir la libertad de imprenta, conforme al reglamento que para ello formará el Senado o Congreso.*⁹⁰

Se tratava de uma clara tentativa de conservar os elevados princípios do decreto de 23 de junho de 1813 que, em seu artigo primeiro, estabelecia que desde que o homem “[...] tiene derecho a examinar cuantos objetos están a su alcance, por consiguiente

⁸⁷ DESRAMÉ, Céline. “La comunidad de lectores y la formación del espacio público en el Chile revolucionario: de la cultura del manuscrito al reino de la prensa (1808-1833)”. In: GUERRA, François-Xavier *et al.* *Los Espacios públicos en Iberoamérica*. Ambigüedades y problemas. Siglos XVIII-XIX. México, D.F.: Fondo de Cultura Americana, 1998, p. 273.

⁸⁸ JAKSIC, Iván. *Op. Cit.* p. 35.

⁸⁹ Não cabe aqui realizar uma descrição de todas essas resoluções. No capítulo sobre a liberdade de imprensa, Ricardo Donoso oferece uma rica e documentada narrativa sobre os diversos decretos e resoluções sobre o tema durante todo o século XIX. Até 1828 contamos oito resoluções publicadas: 1812, 1813, 1818, 1822, 1823, 1824, 1825 e 1826. Em DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 344-380.

⁹⁰ *Apud.* DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 346.

*quedan abolidas las revisiones, aprobaciones y cuantos requisitos se opongan a la libre publicación de los escritos”.*⁹¹

Contudo, em 1823, ano em que O’Higgins abdicou do poder e partiu para um exílio no Peru do qual jamais voltaria, a tonalidade das resoluções mudou drasticamente, já que a imprensa periódica havia se tornado o palco de disputas apaixonadas, marcadas por acusações e ataques virulentos, vindos dos dois lados em pugna, o’higginistas e anti-o’higginistas.⁹²

Em função disto, a Constituição de 1823, elaborada por Juan Manuel Egaña, buscou limitar a esfera de atuação das publicações: assegurava a liberdade de imprensa sempre que contribuísse para a formação da moral e dos bons costumes e proibia qualquer ingerência nos mistérios e dogmas da Igreja católica. Não obstante, essa garantia teria de ser respaldada por um tribunal de imprensa e um conselho de homens bons incumbidos de classificar quais escritos poderiam ou não ser impressos.⁹³ Ou seja, a liberdade de imprensa era garantida apenas mediante a censura prévia.

Estas circunstâncias indicam os constantes intentos de se (re)ajustar as regulamentações de acordo com os acontecimentos e o clima político imperante ao longo de quase toda a década de 1820, o que explica as constantes flutuações no que diz respeito aos decretos sobre a imprensa, ora tendendo para uma maior abertura, ora mais inclinados para o recrudescimento dos meios de controle sobre a publicação e circulação de escritos.

Neste particular, o ano de 1828 constitui um marco importante não só por ter sido o ano de decreto da primeira lei compreensiva sobre a imprensa, mas também pelo fato de que, a despeito da hostilidade do regime *pelucón* em relação à Constituição de 1828, a lei não foi alterada pelas resoluções que seguiram à promulgação da Constituição de 1833, exceto por uma modificação pontual que requeria que os funcionários do governo se defendessem publicamente contra eventuais difamações.⁹⁴ Foi esse, portanto, o código que balizou a atuação dos homens que conheceremos no espaço público chileno.

⁹¹ *Apud.* DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 345.

⁹² DONOSO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 348.

⁹³ *Ibidem*, p. 348.

⁹⁴ JAKSIC, Iván. *Op. Cit.* p. 37. O texto da Constituição de 1828, em seu Capítulo III, que versa sobre os direitos individuais diz o seguinte: “Art. 10. La Nación asgaura á todo hombre, como derechos imprescriptibles é inviolables, la libertad, la seguridad, la propiedad, el derecho de peticion, y la facultad de publicar sus opiniones. Art. 18. Todo hombre puede publicar por la imprenta sus pensamientos y opiniones. Los abusos cometidos por este medio, serán juzgados en virtud de una lei

De acordo com o regulamento, a liberdade de imprensa era plenamente garantida, contanto que não se incorresse nas seguintes violações: blasfêmia, imoralidade, calúnia ou sedição. Aqueles que fossem culpados por terem utilizado a imprensa e cometido uma ou mais das violações prescritas seriam penalizados com o pagamento de multa, prisão e, em casos mais graves, exílio. Existia também uma escala de graus, de um a três, para cada um dos delitos cometidos. Logicamente, o delito mais grave era o de sedição em terceiro grau, cuja pena era exílio ou detenção de até 4 anos, ao passo que as sentenças de sedição em primeiro ou segundo grau poderiam ser revertidos em multa de 200 e 400 pesos respectivamente.⁹⁵

De qualquer modo, a manutenção da essência da legislação sobre a liberdade de imprensa durante o regime portaliano não deve ser entendida como um indício de que o exercício deste e de outros direitos públicos estavam plenamente garantidos, pois, como vimos no capítulo anterior, pelo menos até o assassinato de Diego Portales em 1837, o conjunto dos direitos civis permaneceu, durante a maior parte do tempo, revogado em virtude da proclamação de inúmeros estados de sítio. Em boa parte dos casos, a emergência de novos papéis opositores ao regime era um pretexto suficientemente justificável para a imposição dos regimes de exceção.⁹⁶

Por outro lado, o recurso aos abusos da liberdade de imprensa como justificativa para os estados de sítio, revela, também, uma das principais características das publicações durante os anos 1820-1830. Constituía, sobretudo, panfletos políticos que geralmente emergiam em momentos oportunos, como os anos eleitorais, para ventilar

particular, y calificados por un tribunal de jurados". Por sua vez, a Constituição de 1833, capítulo V, intitulado derecho publico de Chile, em seu artigo sétimo garante aos indivíduos: "*La libertad de publicar sus opiniones por la imprenta, sin censura previa, y el derecho de no poder ser condenado por el abuso de esta libertad, sino en virtud de un juicio en que se califique previamente el abuso por jurados, y se siga y sentencie la causa con arreglo á la lei*". A versões digitalizadas das Constituições de 1828 e 1833 estão disponíveis respectivamente em http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0019511 e http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0003673 Acesso em 12 de Janeiro de 2011.

⁹⁵ JAKSIC, Iván. *Op. Cit.* p. 36.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 40. Ao final de seu artigo Jaksic anexou uma tabela com o nome dos periódicos, quantidade de números publicados e tempo de existência, contemplando o período entre 1828 e 1851. Uma análise rápida dos dados nos fornece números reveladores: entre 1829-1830, lapso em que ocorre a chamada revolução conservadora que projetou Portales como a principal figura política da década no Chile, surgiram 31 publicações periódicas; com a exceção de *El Araucano*, o órgão de imprensa oficial do regime, que operou até 1877, apenas dois periódicos *Documentos Oficiales* (1829-1832) e *La Opinión* (1830-1832) ultrapassaram um ano de atividade. Em 1831, apenas duas publicações vieram à luz: *La Bandera Tricolor* (1831-1832) e *El O'Higinista* (1831). Em 1832 e 1833 apenas quatro e em 1834 duas. Em contrapartida, os anos de 1840 e 1841 viram o surgimento de oito e dez novas publicações, respectivamente. Ver p. 50-54.

questões pontuais que, eventualmente, vinham à tona, ou, enfim, para tentar tirar proveito de determinadas circunstâncias no intuito de desestabilizar a ordem e, em casos mais radicais, incitarem a articulação de movimentos para derrubar o governo.⁹⁷ Isso explica o porquê da efemeridade da maioria dessas publicações, que perdiam seus propósitos de ser no momento mesmo em que as tensões que motivavam seu surgimento se dissipavam.⁹⁸

Entretanto, essa tonalidade de beligerância e certo oportunismo político que caracterizou as atividades da imprensa no Chile ao longo de suas primeiras décadas de desenvolvimento começou a se modificar na medida em que, após a morte de Portales e o triunfo na guerra contra a Confederação Peru-Boliviana, se abriu espaço para o estabelecimento de um consenso acerca dos valores gerais que deveriam fundamentar o regime político no país e orientar seu desenvolvimento futuro.⁹⁹ Mas isso não significa que o estabelecimento deste consenso implicou numa eliminação das atividades de oposição, e sim que se estabeleceu uma margem de tolerância para o exercício do dissenso através das atividades da imprensa.

De outro lado, a generalização da sensação de que com a chegada de Bulnes à presidência do país a ordem sócio-política havia sido, finalmente, assegurada, implicou num deslocamento dos debates sobre o problema da constituição da nação: se num primeiro momento, a principal preocupação dos letrados incidia sobre temas mais relacionados com sua constituição política, propriamente dita, sobre sua fundamentação objetiva, a partir de 1840, se passou a debater, cada vez mais, sobre os aspectos subjetivos que caracterizariam o chileno enquanto tais, o conjunto de traços culturais que conformariam o que, desde então, se chamou de nacionalidade.

⁹⁷ Tal foi o caso da guerra civil de 1851, deflagrada pouco depois da confirmação da eleição de Manuel Montt à presidência e que resultou no exílio de vários opositores ao regime, dentre eles, José Victorino Lastarria.

⁹⁸ COLLIER, Simon. *Chile: the making of a republic...* Op. Cit. p. 14.

⁹⁹ STUVEN, Ana María. *La Seducción de un Orden.* Op. Cit. p. 69.

2.2. Andrés Bello, Domingo Faustino Sarmiento e a imprensa chilena

Durante a primeira metade do século XIX o Chile acabou se tornando o local de residência de alguns indivíduos que mais tarde seriam considerados pelos historiadores como uns dos principais intelectuais hispano-americanos. Um primeiro grupo de intelectuais estrangeiros, entre hispano-americanos e europeus, chega ao país a partir de 1824, como resultado dos esforços governamentais para promover o desenvolvimento da educação, enquanto outro conjunto de jovens pensadores, em sua maioria argentinos que fugiam da ditadura de Juan Manuel de Rosas do outro lado da cordilheira dos Andes, começa a se instalar em território chileno entre fins da década de 1830 e início da de 1840.¹⁰⁰

Atendendo a nossos propósitos, dentro deste conjunto bastante heterogêneo de pensadores, dentre os quais se contam cientistas, botânicos, engenheiros, filósofos, etc., dois homens merecem destaque: Andrés Bello (1871-1865) e Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888). Bello e Sarmiento são figuras importantes, pois, em primeiro lugar, ofereceram contribuições duradouras para o desenvolvimento cultural chileno: como publicistas contribuíram enormemente para o desenvolvimento da imprensa periódica e ao longo de sua permanência no país foram, talvez, os homens mais comprometidos com a necessidade de se elaborar um sistema de educação popular, cujo objetivo último era o de inculcar nas massas os valores necessários para a vida numa república.¹⁰¹ Em segundo lugar, ambos foram os principais interlocutores de Lastarria durante a década de 1840, de modo que os posicionamentos deste último sobre os meios para a conquista de uma nacionalidade autônoma são melhor compreendidos se contrapostos aos de Bello e Sarmiento.

Andrés Bello nasceu em Caracas, em novembro de 1781, e é considerado por muitos historiadores como o maior e mais articulado intelectual da primeira metade do século XIX hispano-americano. Do ponto de vista biográfico, sua vida é geralmente

¹⁰⁰ PINILLA, Norberto. *La Generación Chilena de 1842*. Santiago: Ediciones de la Universidad de Chile, 1943, p. 9.

¹⁰¹ Bello terminou sua vida no Chile e Sarmiento permaneceu exilado no país até 1852, quando se juntou ao exército do general Urquiza na campanha que selaria o fim do regime rosista. Logo em seguida, em função de algumas divergências com o próprio Urquiza, exilou-se voluntariamente no Chile, onde permaneceu até meados da década de 1850.

dividida em três períodos: até 1810, em que viveu na Venezuela; 1810-1829, em que residiu na Inglaterra; e 1829-1865, que marca o período de sua existência no Chile.¹⁰²

Em seu período de formação Bello estudou latim e filosofia na Universidade de Caracas, obtendo o título de bacharel em 1800. Além de funcionário da burocracia imperial espanhola, Bello foi o professor de literatura e geografia de Simón Bolívar e assistiu o naturalista alemão Alexander Von Humboldt durante suas pesquisas no país. Seu contato com o periodismo começou ainda em Caracas, quando em 1808 ele foi encarregado de ser o editor chefe da *Gaceta de Caracas*, uma das primeiras publicações hispano-americanas.¹⁰³

No ano de 1810, Bello foi convidado para assumir a direção dos assuntos que envolviam as relações externas do primeiro governo *criollo* de Caracas e partiu rumo à Inglaterra, junto a Simón Bolívar e o representante do governo Luis López Mendez, em busca de proteção em caso de retaliação por parte da Espanha ou mesmo numa eventual tentativa de invasão francesa. Devido às próprias vicissitudes do processo revolucionário no continente americano e à situação na península, Bello foi obrigado a permanecer na Inglaterra até 1829, período em que ficou bastante familiarizado com a escola filosófica escocesa, além de ter trabalhado com James Mill para decifrar a caligrafia de Jeremy Bentham.¹⁰⁴

As relações de Bello com o governo chileno começaram ainda no período de sua estadia em Londres quando, em 1822, se tornou seu representante diplomático. Nesta mesma época, ele lançou duas publicações importantes, em colaboração com o colombiano Juan García del Rio: *Biblioteca Americana* (1823) e *Repertorio Americano* (1826-27).¹⁰⁵ Ambos os papéis eram endereçados ao público espanófilo e revelavam o claro esforço público de Bello no sentido de elaborar um construto cultural hispano-americano que pudesse servir como um dos parâmetros para o estabelecimento de uma unidade continental.¹⁰⁶

¹⁰² Dentre outros ver: JAKSIC, Iván. "Introduction". In: BELLO, Andrés. *Selected Writings of Andrés Bello*. New York: Oxford University Press, 1997, p. xxvii-lvi. PINILLA, Norberto. *La Generación Chilena de 1842*. Op. Cit. p. 35-43. CALDERA, Rafael. *Andrés Bello*. 4ª Ed. Trad. de Maria Helena Amoroso. Caracas: Biblioteca Popular Venezuelana, 1973.

¹⁰³ JAKSIC, Iván. "Introduction". In: BELLO, Andrés. Op. Cit. p. xxix-xxx.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. xxx-xxxi. E, também, JAKSIC, Iván. *Academic Rebels in Chile*. The role of Philosophy in Higher Education and Politics. Albany: State University Press of New York, 1989, p. 23-24.

¹⁰⁵ Juan García del Rio também fixou residência no Chile, onde foi o principal responsável pela circulação do *Museo de Ambas Américas* durante o ano de 1842.

¹⁰⁶ JAKSIC, Iván. "Introduction". In: BELLO, Andrés. Op. Cit. p. xxxi.

Bello chegou ao Chile em 1829, durante o período de intensa disputa política entre *pipiolos* e *pelucones*, que terminaria com a vitória dos últimos na Batalha de Lircay, dando início à hegemonia conservadora no país. Um fato curioso é que ele fora contratado para contribuir no desenvolvimento da educação do país pelo então presidente liberal Francisco Antonio Pinto (1827-1829). Contudo, logo passou a dialogar com homens dos círculos conservadores, como Mariano Egaña e seu pai Juan Manuel Egaña, e após a derrocada do governo liberal se tornou um dos principais apoiadores do regime portaliano.¹⁰⁷

Ao longo de sua estadia no Chile, Andrés Bello ofereceu contribuições inestimáveis ao desenvolvimento da república, seja em seus aspectos institucionais, seja nos de âmbito educativo e cultural: esteve entre os principais idealizadores da Constituição de 1833; foi o principal redator do Código Civil do Chile, promulgado em 1855 e ainda vigente no país; foi o mentor intelectual de praticamente toda uma geração de pensadores, dentre os quais figura José Victorino Lastarria; foi também o principal idealizador e reitor da *Universidad de Chile*, desde a inauguração em 1843 até sua morte em 1865. Atuou, enfim, como redator do periódico oficial do governo *El Araucano*, encarregado de redigir artigos sobre política internacional e cultura, função que exerceu de 1830 até 1853.¹⁰⁸

Sarmiento, como vimos há pouco, teve de fugir da Argentina sob circunstâncias bem urgentes em fins do ano de 1840 e chegou ao Chile no início de 1841. Ao contrário de Andrés Bello, no período de sua chegada ao país, Sarmiento era ainda uma figura totalmente desconhecida. Nascido na pequena cidade de San Juan, teve uma formação bastante irregular: a única educação formal que recebeu foi na primeira infância, quando atendeu à escola primária da cidade; em seguida ficou sob os cuidados do presbítero Don José de Oro até desenvolver as condições para adquirir seus conhecimentos por conta própria.¹⁰⁹ Foi, em suma, um autodidata.

Sarmiento atuou como publicista, educador e diplomata, além de ter sido presidente da Argentina entre 1868-1874. Conquistou definitivamente grande notoriedade no meio intelectual latino-americano ao publicar *Facundo: civilização e*

¹⁰⁷JAKSIC, Iván. “Andrés Bello y la prensa chilena”. In: ALONSO, Paula (comp.) *Construcciones Impresas. Op. Cit.* p. 110.

¹⁰⁸STUVEN, Ana María. *La Seducción de Un Orden... Op. Cit.* p. 71.

¹⁰⁹ Sarmiento oferece uma síntese sobre o processo de sua formação em *Mi defensa* (1843) in: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Recuerdos de Provincia* 9ª Ed. Buenos Aires: Sopena Argentina, 1961. p. 5-21.

barbárie, obra em que oferece uma interpretação histórico-sociológica para a história argentina, desde a independência até seu presente, como um choque entre os princípios antitéticos da civilização e da barbárie.¹¹⁰

O início de sua experiência como periodista remonta ao ano de 1839, quando foi encarregado de administrar a tipografia da Província de San Juan, ocasião em que aproveitou para editar um periódico chamado *El Zonda* sob inspiração de *La Moda*, veículo de comunicação dos jovens intelectuais que se associaram ao *Salon Literario* de Buenos Aires (1837) que contou com a participação de Juan Bautista Alberdi e Esteban Echeverría, dentre outros.¹¹¹

Sarmiento teve uma grande participação no desenvolvimento da imprensa periódica do Chile.¹¹² Seus primeiros artigos vieram à luz sob os auspícios de *El Mercurio de Valparaíso*, nesta ocasião em posse do espanhol Manuel Rivadeneira, onde logo se destacaria por seus escritos sobre costumes (o chamado *costumbrismo*), redigidos sempre a partir de uma perspectiva crítica para com os hábitos sociais dos chilenos.¹¹³

Ao longo de sua permanência no país contribuiu em inúmeros periódicos, incluindo *El Nacional* – diário oficial criado em 1841 pelo então ministro Manuel Montt para apoiar a candidatura de Manuel Bulnes à presidência, cuja redação foi confiada à Sarmiento e Miguel de la Barra –, *El Heraldo Argentino*, *La Crônica*, *La Tribuna*, *Sud-América*, *El Consejero del Pueblo*, além de ter sido um dos fundadores de *El Progreso*, o primeiro periódico publicado diariamente em Santiago, em 1842.

As atividades do sanjuanino na imprensa chilena geraram bastante controvérsia. Dotado de um temperamento bastante diferente do de Andrés Bello, que dificilmente se envolvia em discussões polêmicas ou que pudessem ter implicações políticas mais imediatas, Sarmiento se lançou nos debates públicos com bastante intensidade,

¹¹⁰ *Facundo* foi originalmente publicado em folhetim pelo periódico chileno *El Progreso*, a partir de maio de 1845.

¹¹¹ VERDEVOYE, Paul. *Domingo Faustino Sarmiento, educar y escribir opinando (1839-1852)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988, p. 26-27 e 49-54. O *Zonda* tinha uma periodicidade semanal e foi publicado regularmente entre os dias 20 de julho e 25 de agosto de 1839. A publicação foi interrompida em seu sexto número, devido à falta de assinaturas para custear a sua manutenção. Sobre o *Salon Literario* ver WEINBERG, Félix. *El Salon Literario de 1837*. 2ª ed. Buenos Aires: Hachette, 1977. Logo depois o nome *Salon Literario* foi substituído por *Asociación de Mayo*.

¹¹² Sobre essa questão ver especialmente JAKSIC, Iván. “Sarmiento and the Chilean press, 1841-1851”. In: *Op. Cit.* p. 31-60

¹¹³ STUVEN, Ana María. *Op. Cit.* p. 80.

combinando uma prosa inflamada, com matizes ao mesmo tempo cômicos e sarcásticos, que lhe renderam admiradores e inimigos ferrenhos, em doses praticamente iguais.¹¹⁴

Segundo Iván Jaksic, a compreensão de Sarmiento da imprensa como *meio* e sobretudo como *arte*, algo pouco comum para seus contemporâneos, aliada à sua breve experiência com *El Zonda* e à condição de exilado, contribuíram para que ele pudesse adotar uma postura de distanciamento que lhe permitiu discutir temas sociais e políticos com bastante autoridade.¹¹⁵

Para além disso, Sarmiento enxergava a existência de uma conexão profunda entre o papel da imprensa e a promoção da liberdade e do progresso. Para ele, em países novos como os hispano-americanos, em que a instrução não é disseminada, se necessitavam, mais do que qualquer outra coisa, de periódicos que circulassem amplamente, promovendo a difusão de conhecimentos, despertando o espírito de associação, tornando públicos os acertos e os abusos dos funcionários do governo, fazendo conhecer as necessidades sociais e reivindicar por melhorias e reformas, além de informar sobre os desenvolvimentos dos outros países. Em suma: a imprensa era vista como um dos principais meios de contribuir para a instrução dos membros da nação.¹¹⁶

2.3. O movimento cultural e literário: “la generación de 1842”

Os textos que analisaremos a seguir se inscrevem dentro do que a historiografia do período denomina genericamente de *movimento cultural e literário de 1842* com o objetivo de enfatizar o novo giro que os debates públicos em torno da nação adquiriram a partir de então.¹¹⁷

¹¹⁴ Numa carta enviada a seu amigo Manuel Quiroga Rosas datada de 8 de junho de 1841, ele resume os progressos de sua carreira no Chile da seguinte maneira: “*My career here is somewhat hazardous: I am the object of the hatred of some, the jealousy of others, the approval of many, and the friendship of still others*”. Apud JAKSIC, Iván. “Sarmiento and the Chilean Press, 1841-1851”. In: *Op. Cit.* p. 43. A tradução para o inglês é do próprio Jaksic.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 32.

¹¹⁶ VERDEVOYE, Paul. *Op. Cit.* p. 261-262.

¹¹⁷ Dentre outros: DONOSO, Ricardo. *Las Ideas Políticas... Op. Cit.* STUVEN, Ana María. *La Seducción de Un Orden... Op. Cit.* PINILLA, Norberto. *La Generación Chilena de 1842... Op. Cit.* VARONA, Alberto J. *Francisco Bilbao. Revolucionário de América.* Buenos Aires: Ediciones Excelsior, 1973. SUBERCASEAUX, Bernardo. *Cultura y Sociedad Liberal en el Siglo XIX.* Lastarria, ideología y literatura. Santiago de Chile: Editorial Aconcagua, 1981. WOLL, Allen. *A Functional Past... Op. Cit.*

De uma perspectiva estrutural, isso significa dizer que a partir da década de 1840 encerra-se, no Chile, o processo de consolidação da independência política com a garantia de que o país conseguira encontrar uma solução institucional viável, dotada de profundidade e solidez suficientes para evitar toda a carreira de anarquia e despotismo, vistas como as principais características da experiência histórica das repúblicas vizinhas. Contudo, para uma parte significativa dos membros da chamada *generación de 1842*, esse encerramento coincidia com a abertura de uma nova luta, talvez ainda mais árdua: complementar a emancipação política com a emancipação intelectual.

O reconhecimento de que a conquista da independência política não foi acompanhada por uma conquista equivalente no plano espiritual, carrega consigo a postulação do problema geral dos níveis de continuidade e ruptura percebidos entre o passado colonial e o presente da nação, cuja ênfase se deslocou de um plano essencialmente político para incidir também sobre os aspectos do estado da cultura nacional. Se, no caso chileno, do ponto de vista político a ruptura com a Espanha era um fato cuja necessidade e vigência ninguém ousaria contestar, no que diz respeito aos níveis desejáveis de manutenção ou ruptura dos vínculos culturais com a antiga mãe pátria não havia posicionamentos unívocos.

Por isso é necessário enfatizar – algo de que nem sempre os historiadores chilenos se dão conta – que ao designarmos o conjunto de pensadores que começaram a indagar sobre os fundamentos da nacionalidade chilena como parte de uma *geração*, não estamos diante de um grupo unido em torno de um programa ou de princípios gerais de ação comuns, como foi o caso da chamada *generación argentina de 1837*, em que, por exemplo, todos concordavam sobre a necessidade de se rechaçar a herança cultural espanhola, como uma das condições de possibilidade para a conquista da emancipação espiritual.¹¹⁸

¹¹⁸ O estudo mais completo sobre a geração argentina de 1837, sem dúvida, é o de KATRA, William. *The Argentine Generation of 1837: Echeverría, Alberdi, Sarmiento, Mitre*. Madison: Farleigh Dickinson University Press, 1996. Um dos produtos textuais das reuniões dos jovens argentinos no *Salon Literario* de Marcos Sastre foi a elaboração do *Dogma Socialista* (1838), opúsculo em que se encontrava resumida a doutrina comum e o plano de ação da geração de 1837. O *Dogma* constava ainda de 15 palavras simbólicas, dentre as quais podemos destacar: *Asociación; Progreso; Independencia de las tradiciones retrógradas que nos subordinan al Antiguo Regimen; Emancipación del espíritu americano; Organización de la patria sobre la base democrática*. Cada uma das palavras simbólicas vinha acompanhada de uma explicação de seu significado. Assim começa a explicação de “*Emancipación del espíritu americano*”: “*El gran pensamiento de la revolución no se ha realizado. Somos independientes pero no libres. Los brazos de España no nos oprimen; pero sus tradiciones nos abruma [...] La idea estacionaria, la idea española, saliendo de su tenebrosa guardia, levanta de nuevo su estólida cabeza y*

Não é o caso de nos alongarmos muito neste problema aqui, mas convém avançar alguns comentários sobre esse fenômeno. Evidentemente, a explicação última para o que se poderia chamar dessa ausência de unidade programática entre os homens da *generación chilena de 1842* e, em contrapartida, sua existência no caso dos jovens argentinos, tem a ver com a dinâmica particular dos processos de construção da ordem política em cada uma das duas nações.

Embora vários dos membros da *generación argentina de 1837*, como Vicente Fidel López, Juan María Gutiérrez e Juan B. Alberdi tenham atendido às aulas no *Departamento de Jurisprudencia* da universidade em Buenos Aires, criada durante a administração de Bernardino Rivadavia (1826-1827), a partir de 1835, quando Rosas assumiu o governo com faculdades extraordinárias, deu-se início a um processo de desmantelamento de seus quadros docente e administrativo.¹¹⁹ Em protesto, Juan B. Alberdi, que deveria receber o grau de bacharel com a turma de 1838, se recusou a participar do conclave.¹²⁰

Um dos resultados do desmantelamento dos quadros institucionais da universidade e sua posterior reorganização no sentido de se adequar aos princípios do federalismo rosista foi a ausência de uma ordem disciplinar estabelecida para além dos desígnios e objetivos culturais e políticos do grupo, que contribuiu para que não se desenvolvesse também uma liderança intelectual decisiva no interior desta geração: seus membros dialogavam e interagiam a partir de um cabedal de conhecimentos mais ou menos equivalente.

Além disso, a escalada das medidas repressivas tomadas pelo regime rosista a partir de 1835 contribuiu para que todos os homens que se reuniram em torno do *Salon Literario*, que a partir de 1838 passaria a se chamar *Asociación de Mayo*, juntassem suas forças contra um inimigo comum.

Logo em seguida, após a dispersão do grupo da cidade de Buenos Aires, a *Asociación de Mayo* adquiriu os caracteres de uma sociedade secreta, criando sucursais em várias partes do território com o objetivo de preparar o terreno para a articulação de uma ampla coalizão contra Rosas: Manuel Quiroga Rosas funda uma filial da associação em San Juan; Benjamín Villafañe outra em Tucumán; e em janeiro de 1840

lanza anátemas contra el espíritu reformador y progresivo". ECHEVERRÍA, Esteban. *El Dogma Socialista y Otros Escritos*. La Plata: Terramar Ediciones, 2007, p. 201.

¹¹⁹ WEINBERG, Félix. *El Salon Literario de 1837... Op. Cit.* p. 13-14.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 16.

Vicente Fidel López leva o espírito da *Asociación* até Córdoba.¹²¹ Essas atividades subversivas fariam com que praticamente todos os membros da *generación de 1837* tivessem de se exilar do país, majoritariamente no Chile e em Montevidéu, onde existia também uma antiga coalizão de velhos unitários arquitetando planos para derrubar Rosas do poder.

A emergência da chamada *generación chilena de 1842*, por seu turno, se deu em circunstâncias históricas profundamente diferentes. Embora a candidatura de Bulnes e sua eleição para a presidência do país não tivessem um apoio unânime entre a elite político-letrada chilena¹²², as manifestações de descontentamento político estiveram muito longe de adquirir a tonalidade de um movimento que visasse a derrocada do regime instituído.

Neste caso, não se pode esquecer que, além da promoção do relaxamento da tensão política que teve impactos significativos para a reabertura dos espaços de discussão pública, o início da administração de Manuel Bulnes foi caracterizado pela tomada de uma série de ‘medidas civilizadoras’ que também favoreceram o estabelecimento do clima em que o movimento cultural de 1842 se desenvolveu: a criação da *Escuela Normal de Preceptores* (da qual Sarmiento foi diretor), da *Universidad de Chile*, os subsídios às imprensas; a fundação da *Escuela de Artes y Oficios*, da *Escuela de Agricultura*, do *Conservatorio de Musica*, da *Academia de Pintura* e a contratação de Claudio Gay, que deu vida ao *Museo Nacional de Historia Natural*.¹²³

Outro ponto importante – e que contrasta bastante com as condições em que se gestou o movimento argentino – é que duas figuras proeminentes no cenário intelectual chileno tiveram um papel decisivo para que o movimento tomasse corpo: José Victorino Lastarria e Andrés Bello.

¹²¹ VERDEVOYE, Paul. *Op. Cit.* p.69-70. Em virtude destes acontecimentos, Echeverria escreveu que: “*La fuerza de las cosas invirtió el primitivo plan de la Asociación. La revolución material contra Rosas estaba en pie, aliada a un poder extraño (Francia, que hacia el bloqueo de Buenos Aires). Nuestro pensamiento foi llegar a ella después de una lenta predicción moral que produjese la unión de las voluntades y las fuerzas por medio del vínculo de un Dogma socialista*”. *Apud. Ibidem*, p. 70.

¹²² Lastarria, por exemplo, fundou *El Miliciano* em 1841 para defender a candidatura do ex-presidente Francisco Pinto contra os pleitos de Joaquín Tocornal e Manuel Bulnes. A partir do quadro elaborado por Jaksic (ver nota 96), observamos que *El Miliciano* publicou 17 números e não chegou a contar um ano de existência. JAKSIC, Iván. “Sarmiento and the Chilean Press, 1841-1851”. *Op. Cit.* p. 52.

¹²³ STUVEN, Ana María. *La Seducción... Op. Cit.* p. 74-75.

Andrés Bello é considerado uma espécie de decano das letras no Chile e durante os anos 1830 ele foi o responsável pela formação de uma miríade de pensadores sobre os quais exerceu uma profunda influência, sobretudo no que diz respeito aos seus compromissos políticos e em sua defesa da manutenção dos laços culturais que ligavam a nação chilena à Espanha.¹²⁴ Bello já contava 61 anos em 1842 e, embora não tenha participado diretamente do movimento cultural, permaneceu sempre bastante simpático às atividades dos jovens, oferecendo seu apoio a boa parte das publicações que surgiram para dar vazão aos escritos produzidos em seu âmbito.

Entre os “pupilos” de Bello, José Victorino Lastarria pode ser considerado uma espécie de dissidente intelectual. No início da década de 1830 Lastarria havia estudado no *Liceo de Chile*, colégio fundado por José Joaquín de Mora em 1829, com o apoio do então presidente Francisco Antonio Pinto, para contrabalançar a influência do Instituto Nacional. Após a derrubada do governo liberal, o regime conservador retirou o apoio do *Liceo*, o que inviabilizou sua manutenção.¹²⁵ Com a dissolução do *Liceo* de Mora, Lastarria continuou seus estudos sobre humanidades no Instituto Nacional, concluindo-os em 1832. A partir de 1833 ingressou como aluno da cátedra de Legislação Universal, sob os cuidados de Jacobo Vial, que utilizava o programa e o texto com que Bello havia fundado o *Colegio de Santiago*.¹²⁶ Juntamente com Antonio García Reyes, Lastarria foi um dos alunos de maior destaque do curso e a partir de 1834 passou a assistir com outros jovens as aulas ministradas por Bello em sua biblioteca particular.¹²⁷

Em seus *Recuerdos Literarios*, Lastarria oferece o seguinte quadro dessas atividades:

*En 1834 el señor Bello comenzó a enseñar en su casa dos cursos, uno de gramática i literatura, i el otro de derecho romano i español. [...] La enseñanza de aquellos ramos era vasta i comprensiva, bien que adolecía de cierta estrechez de método, de la cual todavía no habia podido emanciparse el maestro, obedeciendo a las influencias de la época en que él se educara.*¹²⁸

¹²⁴ Cf. JAKSIC, Iván. “Andrés Bello y la prensa chilena”. *Op. Cit.* 111-115.

¹²⁵ Mora protestou veementemente contra a medida tomada por Diego Portales, então Ministro do Interior, e logo em seguida foi exilado.

¹²⁶ O *Colegio de Santiago*, foi criado pelo regime conservador para rivalizar com o *Liceo* de Mora.

¹²⁷ MARTEL ÁVILA, Almiro de. “Semblanza de José Victorino Lastarria”. In: PIZARRO PIZARRO, Marino. *Estudios sobre José Victorino Lastarria*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1988, p. 15.

¹²⁸ LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdos Literarios*. Datos para la historia literaria de la América Española i del progreso intelectual de Chile. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1912, p. 80-81.

A concepção de Lastarria sobre o método de ensino de Bello era fundamentada a partir de uma crítica à adesão rigorosa do mestre aos critérios de análise formalistas, vinculados aos desenvolvimentos da filosofia do século XVIII. Para Lastarria, a insistência de Bello em articular seus juízos baseados em critérios formais abstratos, sobretudo no que diz respeito ao âmbito das artes em geral e à literatura em particular, impedia que ele percebesse a clara conexão destas produções com variações mais ou menos contingentes, não levando em conta sua relação com processos mais amplos, suas preocupações particulares e tendências específicas, eliminando, assim, a própria dinâmica interna dessas produções:

*Precisamente era esto último lo que hacia el maestro en su enseñanza literaria. Era filósofo, pero como literato, no dejaba nunca de ser retórico, i prescindia de los principios racionales de la ciencia, del conocimiento filosófico de los elementos del arte, i de los diversos jéneros de composicion, sujetándose constantemente, al tratar de estos jéneros, a las reglas empíricas. Conocia completamente la historia de la literatura española, como la de otras, pues era un formidable investigador en historia literaria, como lo son en la civil Barros Arana i Amunátegui; pero jamas se elevaba a contemplar las obras, segun las influencias sociales de las épocas, segun los progresos i los principios filosóficos comprobados por los hechos mismos.*¹²⁹

Para Lastarria, a influencia do magistério de Bello sobre sua geração havia sido imensa, “[...] *cuasi una dominacion*”, e se isso se devia aos seus ressaibos com relação ao modo como o castelhano era falado e escrito no Chile, tinha reflexos também no posicionamento de seus colegas de curso: “*De 1835 a 1842, toda la juventud distinguida de Santiago era casuista en derecho i purista i retórica en letras*”.¹³⁰

Foi precisamente este distanciamento crítico que Lastarria tomou em relação ao seu mestre que possibilitou o estabelecimento de uma polarização das posturas entre os membros da *generación de 1842*. Deste modo ele buscou contrabalançar a influência de Bello a partir de suas aulas no Instituto Nacional, quando, em 1839, foi designado professor suplente na cátedra de Legislação Universal, em virtude da enfermidade de

¹²⁹ *Ibidem*, p. 84.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 84-85.

Ventura Marín. Logo em seguida, no ano de 1843, ele foi promovido a titular da mesma cátedra e a conservou até ser destituído em 1851.¹³¹

Como bem observa Alberto Varona, deve-se, também, levar em conta que a *generación de 1842* era constituída por dois grupos de homens separados cronologicamente: um que havia sido formado nos anos anteriores a 1842, entre os quais se contam Salvador Sanfuentes (1817-1860), Antonio Garcia Reyes (1817-1855), Manuel Antonio Tocornal (1817-1867), Antonio Varas (1817-1886), além do próprio Lastarria; e outro constituído pelos mais jovens, que ainda frequentavam ou eram recém-egressos do Instituto Nacional, entre os quais podemos situar Juan Nepomuceno Espejo (1821-1876), Andrés Chacon (1819-1870), Jacinto Chacon (1822-1893), além de Francisco Bilbao (1823-1865).¹³² Atendendo a esta divisão, a polarização das posturas no interior da *generación de 1842* fica bem ilustrada, na medida em que os representantes do primeiro grupo tendiam a se aproximar mais das concepções de Andrés Bello, e os do segundo se alinharam predominantemente em torno de Lastarria.¹³³

Ademais, como todo movimento de renovação intelectual, o de 1842 foi um resultado tanto da combinação de fatores de maior alcance, que vinham sendo gestados desde a década de 1830, como de um conjunto de circunstâncias, mais ou menos, contingenciais. Neste caso, cabe destacar particularmente a chegada dos exilados argentinos e sua rápida inserção nos espaços de discussão pública do país. Seja a partir da contribuição em periódicos já existentes, como no caso de Sarmiento em relação a *El Mercurio de Valparaíso*. Seja a partir da criação de novos periódicos, como a *Revista de Valparaíso*, fundada por Vicente Fidel López e que, embora tenha publicado apenas seis números em 1842, trouxe em seu quarto volume o artigo “*Clasicismo y Romanticismo*”, responsável pela eclosão da chamada *polemica del romanticismo*.¹³⁴

Neste contexto, deve-se, ainda, levar em conta o papel exercido por Sarmiento no intuito de instigar a intelectualidade chilena a adotar uma postura menos leniente no que diz respeito ao cultivo e desenvolvimento das letras nacionais. Em 15 de julho de 1841

¹³¹ MARTEL ÁVILA, Almiro de. “Semblanza de José Victorino Lastarria”. *Op. Cit.* p. 16. Lastarria foi destituído da cátedra em função de seu envolvimento na conspiração contra Manuel Montt, em 1851.

¹³² VARONA, Alberto J. *Francisco Bilbao...* *Op. Cit.* p. 60.

¹³³ Cf. *Ibidem*, p, 62-65.

¹³⁴ O quarto número da *Revista de Valparaíso* saiu em maio de 1842. A primeira réplica por parte do *Semanário de Santiago* foi publicada no segundo número da revista, de 21 de julho de 1842, redigido por Salvador Sanfuentes. Cf. PINILLA, Roberto (comp.) *La Polemica del Romanticismo en 1842*. V. F. López, D. F. Sarmiento, S. Sanfuentes. Buenos Aires: Editorial Americale, 1943.

ele publicou, através do *El Mercurio* de Valparaíso, uma crítica a um poema de Andrés Bello chamado *Canto al incendio de la Compañía*. Na parte inicial da peça Sarmiento elogia a iniciativa e o conteúdo do poema de Bello, enfatizando a propriedade com que ele recorre ao idioma e a retidão da métrica utilizada, para, ao fim, lançar a provocação:

Con motivo de estos versos, nos sentimos llamados a observar un hecho que no deja de causarnos alguna impresion, tal es la rareza de los honores que entre nosotros se tributan a las musas. ¿Por qué son tan tardías i tan contadas las ofrendas que se prestan en sus altares? ¿Será cierto que el clima benigno sofoca el vuelo de la imaginacion, i que Chile no es tierra de poetas? ¿Falta acaso instruccion suficiente para pulsar con acierto las doradas cuerdas?

No creemos ni lo uno ni lo otro [...]. No creemos tampoco que sea falta de gusto, o conocimiento del arte, pues este pais ha sido mui favorecido de algunos años atras en los estudios del idioma. Creemos, i queremos decirlo, que predomina en nuestra juventud una especie de encojimiento i cierta pereza de espíritu, que le hace malograr las bellas dotes de la naturaleza i la buena i sólida instruccion que ha recibido. Si el pueblo en general no gusta mucho de la poesía, es porque nada se hace para hacer nacer la aficion a este jénero de literatura.¹³⁵

A crítica de Sarmiento não poderia ser mais contundente. De uma só vez ele ataca os intelectuais e as letras chilenas, indicando que o que parece faltar, na verdade, é uma efervescência intelectual, como se o afrouxamento da situação política tivesse implicado num relaxamento do ímpeto intelectual. Sua provocação, contudo, não demorou muito para ecoar e, em resposta às críticas, os chilenos se organizaram em torno de dois órgãos que viriam a ser os principais meios de expressão da *generación de 1842*: o *Semanario de Santiago* e a *Sociedad Literaria*.

Foi em torno do *Semanario de Santiago* que o primeiro conjunto de membros da *generación de 1842* se reuniu para fazer frente aos emigrados argentinos. Ele foi a primeira revista literária do Chile, mas não deixou de contemplar uma variedade de temáticas, como notas sobre os debates nas Câmaras, artigos de crítica teatral, apresentação e discussão de assuntos de interesse geral relacionados à instrução pública, a constituição da Universidade nacional, métodos de leitura em uso no país e etc.¹³⁶ Não

¹³⁵ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Canto al incendio de la compañía por Don Andrés Bello”. In: *Obras Completas*. Tomo I. Santiago de Chile: Imprenta Gutenberg, 1887, p. 86-87. Note-se, que o primeiro artigo de Sarmiento publicado no Chile, foi em fevereiro de 1841.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 62.

obstante ter gozado de uma duração relativamente curta, de 14 de julho de 1842 a 2 de fevereiro de 1843, o *Semanário* constituiu um avanço notável nas produções da imprensa periódica chilena por ter buscado contemplar temas que, embora não deixassem de ter certas implicações políticas, eram abordados para além deste âmbito especificamente, avançando discussões sobre aspectos pontuais da cultura nacional.

Como demonstra Paul Verdevoye, o prospecto do *Semanário* revela certo ressentimento contra os ataques de Sarmiento, um indício de que suas considerações feriram seu orgulho nacional.¹³⁷ O texto, de autoria de Antonio Garcia Reyes, foi reproduzido no primeiro número do periódico e, respondendo claramente às investidas de Sarmiento, dizia que “[...] *mengua seria que Chile no hiciera también algunos esfuerzos para formarse una literatura*”. Garcia Reyes enfatizava também a intenção da revista em recolher composições e poesias “[...] *que versarán generalmente sobre asuntos nacionales*”, convidando assim a juventude chilena a exercitar “[...] *esa arte encantadora*”. Ainda no prospecto, ao fazer uma comparação entre as matérias e conteúdos que se deveriam esperar do *Semanario* e as de outras publicações no Chile, Garcia Reyes dirigia críticas diretas apenas a *El Mercurio*: “[...] *se ha creído encontrar algo que no sea de un interes tan efímero, generalmente hablando, como El Mercurio de Valparaíso*”.¹³⁸

Sarmiento não tardou em dar uma resposta, se bem que, nesta oportunidade, evitou polemizar. Primeiro saudou a fundação da revista, enfatizando que: “*Creemos que es el deber de los que escriben para un pueblo, despertar a concurrencia de pensamientos útiles para la sociedad, i sacudir a las cabezas inteligentes del sueño de una inacción perjudicial*”.¹³⁹ Mas, logo em seguida, dissentiu da opinião de que o *El Mercurio* não apresentava matérias de real interesse:

El Semanario, al hacer una reseña de todas las publicaciones periódicas de la prensa actual, acomodando a cada una de ellas un epíteto característico, dice que el público ha creído encontrar en sus páginas algo que no sea de un interes tan efímero, jeneralmente hablando, como el Mecurio de Valparaíso [...]

¿Por qué serian de un interes tan efímero sus publicaciones? ¿Serian acaso de un interes tan efímero las materias de que se ha ocupado?

¹³⁷ VERDEVOYE, Paul. *Domingo Faustino Sarmiento... Op. Cit.* p. 208-214.

¹³⁸ *Apud. Ibidem*, p. 209-210.

¹³⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. “El prospecto del Semanario de Santiago”. In: *Obras Completas*. Tomo I. Santiago de Chile: Imprenta Gutenberg, 1887, p. 284.

*¿Puede decirse que el Mercurio como diario no ha ejercido influencia ninguna, aun sobre esos mismos redactores del Semanario?*¹⁴⁰

Para Norberto Pinilla, a formação da *Sociedad Literaria* também havia sido uma resposta às investidas de Sarmiento, só que desta vez articulada a partir do Instituto Nacional pelos alunos de Lastarria, sem, com isso, adotar uma atitude de rivalizar com os argentinos.¹⁴¹ E na opinião de Alberto Varona ela atuou como uma força coadjuvante do movimento cultural que tomava forma por esses anos, servindo como complemento aos esforços da outra ala de pensadores.¹⁴²

Não se sabe, precisamente, a quem atribuir a paternidade da *Sociedad Literaria*, e as discussões historiográficas se polarizaram a partir de uma afirmação feita por Lastarria em seus *Recuerdos Literarios* em que, reivindicando o posto de patriarca das letras chilenas, atribui a ele mesmo a criação da *Sociedad*.¹⁴³

Segundo Pinilla, também não é possível precisar ao certo quando a *Sociedad* foi fundada, já que não há nas atas uma referência precisa a este respeito. O que se sabe é que houve oitenta e seis reuniões, entre os dias 5 de março de 1842 e 1º agosto de 1843.¹⁴⁴ Também a partir de uma análise das atas, Bernardo Subercaseaux nos oferece uma visão geral das principais matérias de interesse da *Sociedad*: Francisco Bilbao lê um trabalho sobre a psicologia e a soberania popular; Juan Bello, filho de Andrés Bello, apresenta uma obra de teatro e uma descrição geográfica do Egito; Cristóbal Valdés disserta sobre o espírito feudal e aristocrático; Santiago Lindsay recita poemas patrióticos e várias sessões se dedicam a análise das qualidades que deveria ter um livro para a instrução geral do povo. Há também sessões de estudo: são lidas e comentadas a

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 284-285.

¹⁴¹ Cf. PINILLA, Norberto. *La Generación Chilena de 1842... Op. Cit.* p. 86-104.

¹⁴² VARONA, Alberto. *Francisco Bilbao... Op. Cit.* p. 63. Deve-se destacar aqui, que do conjunto de membros mais velhos da *geração de 1842*, Lastarria foi o único que atendeu às reuniões da *Sociedad*, além de ter sido seu diretor. O que demonstra que ambos os grupos não haviam se articulado de uma maneira direta. *Ibidem*, p. 69.

¹⁴³ No que podemos chamar de prólogo dos *Recuerdos*, intitulado “motivos i objeto de este escrito” Lastarria diz que sua intenção primordial com a publicação de suas memórias é corrigir os defeitos da historiografia que até então revia o movimento de 1842 atribuindo suas origens a fatos e pessoas que não haviam contribuído para o seu impulso e ignoravam a sua contribuição, evidentemente, julgada como a mais essencial. De qualquer modo, a afirmação de Lastarria que gerou essa “polêmica” historiográfica, parece-nos, é a seguinte: “*El movimiento literario de 1842 no tuvo orijen en influencias sociales, ni en hechos históricos anteriores i sobrevino como una reaccion casi individual, que tuvo que preparar por si misma i sin elementos el acontecimiento que iba a producir, al traves de todo jénero de dificultades políticas i sociales. Si así no fuera, si los antecedentes sociales hubieran preparado el movimiento, la accion individual que lo impulsó habria sido espedita i no habria encontrado embarazo en su camino*”. LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdos Literarios... Op. Cit.* p. 9.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 105-107.

história do Mundo Antigo de Segur, da Idade Média e Moderna de Fleury, além das obras de Goldsmith, Robertson, Vico e Herder.¹⁴⁵

Um documento que revela bem as intenções e o espírito que guiava seus membros é a “*Noticia de la Sociedad*”. Nela se lê que a partir dos conhecimentos adquiridos no Instituto Nacional, os jovens intelectuais puderam conhecer as grandes exigências de sua pátria, dada sua posição na escala da sociabilidade, a natureza do governo e suas imperiosas necessidades:

*Vimos que sin embargo de estar reconocido entre nosotros el principio de la soberanía popular, no es todavía efectivo; que aun cuando la base de nuestro gobierno es la democracia, le falta todavía el apoyo de la ilustración, de las costumbres i de las leyes.*¹⁴⁶

Foram estes princípios que produziram entre os membros que formaram a *Sociedad* o desejo de serem úteis à sua pátria, com o objetivo último de realizar o fim da revolução. E acrescentam, “*¿I cómo conseguirlo? Ilustrándonos para difundir en el pueblo las luces i las sanas ideas morales*”.¹⁴⁷

É importante destacar aqui a consciência que os membros da *Sociedad* têm de que o fim último da revolução ainda não fora realizado. Isso, contudo, não significa que essa constatação deva ser interpretada como um chamado à insurgência para a efetivação da soberania popular por uma via radical. Ao reconhecerem que à realização plena da democracia se opunha o obstáculo da falta de ilustração do povo, deixam indicado que sua instauração deveria ser um processo gradual. E, talvez, mais relevante ainda seja o reconhecimento de que eles viviam um momento excepcionalmente favorável ao cultivo e debate de ideias e que, por sua vez, devem, imperiosamente, encontrar mecanismos para que elas extrapolem os limites da *Sociedad*, atingindo, assim, todas as camadas da sociedade.

Para além disto e querelas historiográficas à parte, o importante a ser destacado é que a organização da *Sociedad Literária* constitui um fato de relevância incontestável para atestarmos os novos rumos que as discussões sobre a nação tomaram no Chile a partir de então, o que teremos ocasião de observar quando analisarmos o *Discurso*

¹⁴⁵ SUBERCASEAUX, Bernardo. *Cultura y Sociedad Liberal en el Siglo XIX*. Lastarria, ideología y literatura. Santiago: Editorial Aconcagua, 1981, p. 56.

¹⁴⁶ “Noticia de la Sociedad” In: LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdo Literarios... Op. Cit.* p. 117.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 117.

Inaugural de Lastarria, pronunciado em 3 de maio de 1842 na reunião em que foi apresentado como diretor do grupo. Trata-se de um documento que pode ser encarado como a enunciação dos princípios gerais que, a partir de então, deveriam guiar tanto suas atividades de reflexão, quanto as dos jovens.

Assim, de maneira análoga ao que os argentinos de 1837 se propuseram com a fundação do *Salon Literario* em Buenos Aires, os homens que compuseram a *Sociedad Literaria* em Santiago se arrogaram a missão de penetrar a fundo no estudo de sua condição nacional, se perguntando pela origem e os fundamentos dessa própria condição, pelos diversos modos através dos quais o Chile de 1842 se diferenciava do de outras décadas anteriores, em que aspectos ele ainda mantinha um fisionomia parecida; inquirindo acerca do que é o povo, quem é o povo, como ele se distribui, quais as suas carências, quais os meios possíveis para se ilustrá-lo, se a literatura, a história ou o teatro, etc. Trata-se, em suma, da assunção de uma responsabilidade cujo peso deveria ser dividido por uma toda uma geração: “*Acometer esta empresa individualmente era imposible: he aquí el oríjen i objeto de nuestra reunion*”.¹⁴⁸

2.4. Linguagem, literatura e história: os fundamentos da liberdade nacional

Até aqui procuramos estabelecer um quadro das condições políticas, sociais e históricas em que se deu a configuração do espaço público chileno, com especial atenção aos desenvolvimentos da imprensa periódica. Em outras palavras, buscamos apreender as condições de produção dos artefatos textuais sem conceder muita atenção aos seus conteúdos, focando-nos, preferencialmente, em seus aspectos extralingüísticos.

A partir de agora é necessário dimensionar a linha argumentativa segundo um outro nível, que é o dos textos produzidos por Sarmiento, Bello e Lastarria, propriamente ditos. Como é de se esperar, um texto carrega consigo uma multiplicidade de sentidos, o que dá certa margem de liberdade ao intérprete para isolar um ou mais destes sentidos e produzir algumas reflexões sobre eles conforme o seu enfoque específico.

Sendo assim, não visamos realizar uma análise dos enunciados destes textos em si, mas somente na medida em que a partir de sua leitura podemos extrair os principais

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 117.

fundamentos conceituais em virtude dos quais o problema dos horizontes da liberdade nacional emerge como uma das questões que subjazem aquele conjunto de enunciados.

Ademais, trata-se também de uma ocasião oportuna para realizarmos algumas considerações sobre a relação entre linguagem (literatura) e política no século XIX hispano-americano, um problema de cunho mais teórico que nas últimas décadas tem sido tratado por diversos autores, mesmo que a partir de orientações diversas.¹⁴⁹

2.4.1. A polêmica sobre língua e literatura

A polêmica sobre língua e literatura foi travada por Domingo Faustino Sarmiento, Andrés Bello e José María Nuñez, um de seus discípulos. Ela é composta de 18 artigos, dos quais 10 pertencem à Sarmiento, 3 são cartas de leitores assinadas como pseudônimos, 1 artigo é de Andrés Bello (que assina como *Un Quidam*), 3 são de José María Nuñez (que assina como *Otro Quidam* e *El Quidam*), além dos *Ejercicios populares de la lengua castellana*, compostos por Pedro Fernández Garfias. O primeiro texto da série data de 27 de abril e o último de 30 de junho de 1842.¹⁵⁰

Analisá-la em toda a sua extensão seria um trabalho a ser realizado em outra ocasião, pois ao longo das discussões é ventilada uma quantidade bastante considerável de problemas, de modo que a polêmica não se desenrola de um modo linear. Sendo assim, nos ocuparemos apenas de uma parte dos artigos publicados: particularmente o

¹⁴⁹ A primeira abordagem mais sistemática desta questão se deve a RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985. Outra contribuição importante é a de RAMOS, Julio. *Desencuentros de la Modernidad en América Latina*. Literatura y política en el siglo XIX. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989. Ver também ROIG, Arturo Andrés. “Política y lenguaje en el surgimiento de los países iberoamericanos”. In: ROIG, Arturo Andrés et al. *El Pensamiento Social y Político Iberoamericano del Siglo XIX*. Buenos Aires: Trotta, 2003, p. 127-142. Além de PALTÍ, Elias José. *El Tiempo de la política*. El siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007.

¹⁵⁰ Eis a sequência dos artigos ordenada cronologicamente: *Ejercicios populares de la lengua castellana* (Sarmiento, 27/04/1842); *Ejercicios populares de la lengua castellana* (Pedro F. Garfias, 27/04/1842); *Señores EE. de El Mercurio* (Anônimo/Un Recoleta, 01/05/1842); *Señores editores de El Mercurio* (Anônimo/T.R.E.S., 03/05/1842); *Se contesta um comunicado* (Sarmiento 07/05/1842); *Ejercicios populares de la lengua castellana* (Andrés Bello/Um Quidam, 12/05/1842); *Contestacion a um quidam* (Sarmiento, 19/05/1842); *Segunda contestacion a um quidam* (Sarmiento, 22/05/1842); *Al señor redactor de El Mercurio* (José María Nuñez/Otro Quidam, 27/05/1842); *A El Mercurio números 4.094, 4.097* (José María Nuñez/El Quidam, 28/05/1842); *El comunicado del otro quidam* (Sarmiento, 03/06/1842); *Los redactores al otro quidam* (Sarmiento, 05/06/1842); *Artículo segundo* (José María Nuñez/Um Quidam, 06/06/1842); *Correspondencia* (Anônimo/Un de Antaño, 06/06/1842); *Scènes de la vie privée et publique des animaux* (Sarmiento, 22/06/1842); *Los gallos literarios* (Sarmiento, 23/06/1842); *La cuestión literaria* (Sarmiento, 25/06/1842); *¡Raro descubrimiento!* (Sarmiento, 30/06/1842). Paul Verdevoye (*Op. Cit.* p. 172-189) oferece uma sinopse narrativa da polêmica.

primeiro artigo de Sarmiento, o artigo de Bello e as duas contestações de Sarmiento ao artigo de Bello.

Como afirma Ana María Stiven, as reflexões em torno da língua castelhana ocuparam os intelectuais comprometidos com a constituição das novas nações após a independência da Espanha. A linguagem havia sofrido modificações e adaptações ao longo dos séculos de domínio colonial e era necessário reconhecer as identidades das novas comunidades também neste âmbito.¹⁵¹

Os artigos que desencadeiam a polêmica são os *Ejercicios populares de lengua castellana* e a apresentação deles feita por Sarmiento. O artigo de Pedro G. Garfias apresenta um quadro de vocábulos, neste caso todos iniciados pela letra “a”, tendo por objetivo corrigir certos arcaísmos ou modos de falar antiquados correntes no Chile: por exemplo, se dizia “*abajar/abajamiento*” e se deveria dizer “*bajar/bajeza*”.

Em sua apresentação dos exercícios Sarmiento, como de costume, saúda a utilidade e pertinência da iniciativa já que se reunia numa espécie de dicionário os erros de linguagem em que o povo geralmente incorria e deveriam ser corrigidos:

*Tal es la útil idea que un estudioso ha concebido [...]. Sabido es que cada reino de España, cada sección de América, y aún cada provincia de ésta, tienen su pronunciación particular, su prosodia especial, y que hay modismos y locuciones que han sido adoptados por cierto departamento, cierto lugar, cuyos habitantes se distinguen por estas especialidades. No andaría muy errado quien atribuyese estas degeneraciones al aislamiento de los pueblos, a la falta de lectura que les haga corregir los defectos y errores en que incurren y que, sancionados por el hábito, carecen de una conciencia que les repruebe y los corrija.*¹⁵²

Inicialmente, Sarmiento reconhece que se se fazia um mau uso do idioma, que se o povo não tinha condições de dominar as regras da língua, isso ocorria porque “[...] *la gramática no se ha hecho para el pueblo*”.¹⁵³ Reconhecia também que com as regras e normas ficava difícil progredir dado o fato de que o exemplo e o hábito dominantes terminavam sempre se impondo. Assim, conjecturava se não

¹⁵¹ STUVEN, Ana María. *La Seducción de um... Op. Cit.* p. 173.

¹⁵² SARMIENTO, Domingo Faustino. “Ejercicios populares de la lengua castellana”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945, p. 2.

¹⁵³ *Ibidem*, p. 6

Convendría, por ejemplo, saber si hemos de repudiar en nuestro lenguaje, hablado o escrito, aquellos giros o modismos que nos ha entregado formados el pueblo de que somos parte, y que tan expresivos son, al mismo tiempo que recibimos como buena moneda los que usan los escritores españoles y que han recibido también del pueblo en medio del cual viven.

E, sem vacilar, responde que

La soberanía del pueblo tiene todo su valor y su predominio en el idioma; las [sic] gramáticos son como el senado conservador, creado para resistir a los embates populares, para conservar la rutina y las tradiciones. Son a nuestro juicio, si nos perdonan la mala palabra, el partido retrógrado, estacionario, de la sociedad habladora; pero, como los de su clase en política, su derecho está reducido a gritar y desternillarse contra la corrupción, contra los abusos, contra las innovaciones.¹⁵⁴

Duas questões são importantes nestes trechos. Primeiramente, na conjectura de Sarmiento percebemos uma sutil sugestão de que antes de se repudiar os giros e modismos locais e receber de bom grado os usos consagrados pelos escritores espanhóis, deveria suceder exatamente o contrário. A segunda é a analogia entre linguagem e política em que se afirma que assim como na política, no idioma a soberania popular também deve ter todo seu valor e domínio.

A réplica de Bello visa contestar estas duas implicações do artigo de Sarmiento. Sua argumentação não é muito longa, mas foi carregada o suficiente para desencadear duas copiosas contestações de Sarmiento. O artigo se divide em duas partes: uma em que critica os posicionamentos de Sarmiento em relação tanto à linguagem quanto à função dos gramáticos e a outra em que aponta os equívocos presentes nos *Ejercicios*. Concentremo-nos na primeira parte da argumentação.

Respondendo diretamente a afirmação de Sarmiento de que, assim como na política, em matéria de idioma o povo conserva toda a soberania, Bello diz que

En las lenguas como en la política, es indispensable que haya un cuerpo de sabios, que así dicte las leyes convenientes a sus necesidades; como las del habla en que ha de expresarlas; y no sería menos ridículo confiar al pueblo la decisión de sus leyes, que

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 2-3.

*autorizarle en la formación del idioma. En vano claman por esta libertad romántico-licenciosa del lenguaje, los que por prurito de novedad, o por eximirse del trabajo de estudiar su lengua, quisieran hablar y escribir a su discreción. Consúltese en su último comprobante del juicio expuesto, cómo hablan y escriben los pueblos cultos que tienen un antiguo idioma; y se verá que el italiano, el español, el francés de nuestros días, es el mismo del Ariosto y del Tasso, de Lope de Vega y de Cervantes, de Voltaire y de Rousseau.*¹⁵⁵

Em seu artigo anterior, Sarmiento havia se reportado, também, que entre os giros e modismos produzidos pelo povo e que deveriam ser recolhidos como parte da língua nacional se contava a inevitabilidade da penetração de estrangeirismos, fato contra o qual os gramáticos pouco tinham a fazer. A segunda crítica de Bello é precisamente sobre esta questão. Ele diz que

Pero ese pueblo que se invoca no es el que introduce los extranjerismos, como dicen los redactores; pues ignorantes de otras lenguas, no tienen de donde sacarlos. Semejante plaga para la claridad y pureza del español es tan sólo transmitida por los que iniciados en idiomas extranjeros y sin el conocimiento y estudio de los admirables modelos de nuestra rica literatura se lanzan a escribir según la versión que más han leído.

*Contra estos reclaman justamente los gramáticos, no como conservadores de tradiciones y rutinas, en expresión de los redactores, sino como custodios filósofos a quienes está encargado por útil convención de la sociedad fijar las palabras empleadas por la gente culta [...].*¹⁵⁶

A última parte desta crítica de Bello se desloca do plano mais genérico para avançar uma provocação bastante depreciativa

De lo contrario, admitidas las locuciones exóticas, los giros opuestos al genio de nuestra lengua, y aquellas chocarreras vulgaridades e idiotismos del populacho, vendríamos a caer en la oscuridad y el embrollo, a que seguiría la degradación como no deja de notarse ya en un pueblo americano, otro tiempo tan ilustre, en cuyos periódicos se ve degenerando el castellano en un dialecto español-gálico que parece decir de aquella sociedad lo que el padre Isla de la matritense.

¹⁵⁵ BELLO, Andrés. “Ejercicios populares de la lengua castellana”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *Op. Cit.* p. 28.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 26-27.

*“Yo conocí en Madrid una condesa, que aprendió a estornudar a la francesa”.*¹⁵⁷

Como pudemos perceber Sarmiento não se expressava contra a correção no uso da linguagem. Ele deixava claro sua convicção de que existia uma força, um movimento que impelia as mudanças, contra as quais os gramáticos pouco podiam fazer. Ademais, tomando por base o pressuposto de que a cultura é dinâmica e histórica, ele entende que o idioma castelhano, parte da herança hispânica legada pela colonização, é igualmente histórico e, pois, passível de modificação, sujeito a reformas.

As réplicas de Bello, por sua vez, indicam que ele havia compreendido muito bem os pressupostos de Sarmiento e a relação que este postulava entre a linguagem e suas relações com os aspectos sócio-políticos no país, embora em princípio o primeiro questionamento tenha sido sobre qual deveria ser a autoridade competente para se pronunciar em matéria de língua e ortografia. Bello adota, neste caso, uma perspectiva restritiva em relação as ideias de Sarmiento, na medida em que para ele as decisões sobre as formas mais apropriadas para a expressão oral e escrita não cabiam ao povo, mas sim a um corpo de sábios que resolveriam estas questões à priori, estabelecendo quais regras devem ou não prevalecer nos usos da língua.

Um segundo ponto de sua crítica visava reprovar a licenciosidade de Sarmiento tomando-o como representante daqueles que introduziam os estrangeirismos que contaminavam a língua castelhana e contribuía para a degeneração de seus “admiráveis modelos”. Esta crítica foi ainda mais pesada, pois se referia explicitamente a toda uma nação (a argentina) cuja linguagem estaria se degenerando num dialeto espanhol-gálico.

A réplica de Sarmiento, agora, torna plenamente explícito algo que até então fora um suposto subjacente às discussões: a relação entre linguagem e política. Primeiramente ele critica o rigorismo teórico de seu contrincante através do qual toda a questão da língua é filtrada à priori

Sabemos muy bien que la licencia de nuestras ideas en la materia de que hemos tratado en el artículo que precedió a los Ejercicios populares y que tantos comunicados ha improvisado, va a suscitar, con nuestras nuevas explicaciones, mayores y más altos clamores de

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 27

*parte de los rigoristas que, apegados a las formas del lenguaje, se curan muy poco de las ideas, de los accidentes y vicisitudes que lo modifican.*¹⁵⁸

Sarmiento então se volta completamente para um problema que poderíamos classificar como a relação entre a forma e conteúdo da linguagem, a partir do qual logo se pode deduzir consequências de maior alcance, alçando os desdobramentos da polêmica numa outra dimensão

*Nos hemos visto, pues, metidos sin saber cómo en una alta y peliaguda cuestión de idioma, de gramática de literatura y aun de sociabilidad; porque tal es el enlace y la trabazón de ideas, que nos es posible hablar de idioma sin saber quién lo habla o escribe, para qué, para quiénes, dónde, cómo y cuándo.*¹⁵⁹

Trata-se então de tornar explícito o que o hoje se reconhece como a dimensão performativa dos enunciados de um discurso.¹⁶⁰

Primeiramente Sarmiento lança uma série de perguntas retóricas sobre os porquês de os pensadores hispano-americanos irem buscar as ideias preferencialmente nos idiomas estrangeiros e responde que isso ocorre pelo fato de há muito o castelhano ter deixado de ser o intérprete das ideias das quais viviam os povos de fala espanhola. E sobre o estudo dos modelos da literatura espanhola pergunta qual é sua finalidade: “¿Para adquirir formas? ¿Y quién suministra el fondo de las ideas, la materia primera en que han de ensayarse?”¹⁶¹

Adentrando num tópico bastante repetido pelos intelectuais hispano-americanos de convicções mais liberais, para Sarmiento um dos motivos para os quais o idioma espanhol deixou de ser o intérprete das ideias contemporâneas se relaciona com o fato de que quando, a partir do Renascimento, os países europeus ingressaram num processo de intensas mudanças sociais e políticas, a Espanha havia se fechado para o mundo

¹⁵⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Contestacion a un quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *Op. Cit.* p.32.

¹⁵⁹ SARMIENTO, Domingo Faustino. “El comunicado del otro quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *Op. Cit.* p. 64.

¹⁶⁰ Sobre isso ver SKINNER, Quentin. “Significado y comprensión en la historia de las ideas”. In: SKINNER, Quentin. *Lenguaje, Política e Historia*. Trad. de Cristina Fangamann. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007, p.109-164.

¹⁶¹ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Contestacion a un quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *Op. Cit.* p. 35.

exterior. Ao ter se vinculado tão profundamente com a Inquisição e o despotismo, ela foi alijada de todo o movimento de ideias iniciadas com a Renascença.

Desde entonces madre e hijas van a buscar al extranjero las luces que han de ilustrarlas; y con cortas diferencias van a la par pidiendo cada una de su propia cuenta, porque las necesidades son casi iguales. De aquí nace que la España y sus colonias se alarman con los extranjerismos que deponen en su idioma las ideas que de todas partes importan. Trabájese en España como en Chile en la adquisición de las luces que poseen los extraños, y en España como en Chile se levantan clamores insensatos contra un mal inevitable. [...]

Sin tratar de mirar en menos los esfuerzos que el naciente ingenio español hace hoy por elevarse y desplegar sus alas, no nos arredraremos de decir que la influencia del pensamiento de la Península será del todo nula entre nosotros [...].¹⁶²

Agora bem, vimos que Bello havia acusado Sarmiento de ser um dos responsáveis pela introdução dos indesejados estrangeirismos. Sarmiento, por sua vez, se utiliza de um artifício engenhoso para demonstrar que, na verdade, essa situação decorre de uma necessidade histórica, como podemos comprovar pela citação acima. Voltando-se para a realidade chilena, ele busca comprovar o que disse.

Primeiro diz ter tomado aleatoriamente um catálogo de uma das livrarias da cidade e comprova que de aproximadamente quinhentas obras em castelhano, só cinquenta são originais e, entre elas, ocupam um largo espaço obras como estas: “*Avisos de Santa Teresa, Camino real de la cruz, Despertador eucarístico, etc., etc*”.¹⁶³

Em seguida se volta para a biblioteca do Instituto Nacional, e diz que, excetuando-se alguns raros casos, todos os livros utilizados para o ensino elementar são de origem estrangeira, e que no prólogo de umas gramáticas formadas por um de seus professores, se lê “[...] *estas instructivas palabras: ‘En la analogía me he valido de las gramáticas de Ordinaire, de Lefranc y de la que se titula el Arte explicado; en sintaxis, el nuevo método de Port-Royal, el curso de lengua latina por Lemarc y la gramática por Lefranc, etc’*”.¹⁶⁴ Com isso, agrega ironicamente que

¹⁶² *Ibidem*, p. 37.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 36.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 36.

Por manera que los que han renunciado a su propio pensamiento para repetir las tradiciones de sus pedagogos, en lugar de enseñar nuestros admirables modelos, debían ocuparse con más aprovechamiento de sus discípulos, de enseñar el arte de importar ideas y los medios de expresarlas, porque ésta es la ocupación primordial del castellano.¹⁶⁵

Avançando em suas respostas ao comentário de Andrés Bello, a “Segunda contestacion a un quidam” é iniciada com duas epígrafes: uma de Tocqueville e outra do próprio Bello. A epígrafe de Bello é o mesmo trecho de sua resposta, que citamos acima, e diz que não seria menos ridículo confiar ao povo a decisão de suas leis do que autorizar lhe na formação dos idiomas. Julgamos importante citar integralmente a epígrafe de Tocqueville, porque com ela Sarmiento pretende indicar que há uma íntima correspondência entre as formas de expressão lingüística e o regime político de onde elas provêm. Eis o trecho:

Supongo un pueblo aristócrata en el cual se cultivan las letras; los trabajos de la inteligencia, como los negocios del gobierno serán dirigidos por una clase soberana. La vida literaria y la existencia política permanece casi enteramente concretada en esta clase, o en las que se le acercan.¹⁶⁶

Situando a citação de Bello logo abaixo desta, Sarmiento diz que permaneceu por um longo instante refletindo se era possível que este enunciado tivesse sido enunciado numa república onde o dogma da soberania do povo é a base de todas as instituições e de onde emanam as leis e o governo. E questiona:

¿Dónde está esa autoridad que no consiente en autorizar un pueblo en la formación del lenguaje? ¿Quién es ése que tan ridículo halla confiar al pueblo la decisión de las leyes? He ahí, pues, los resultados; emplead toda vuestra vida en examinar si tal palabra está usada con propiedad, si tal otra es anticuada, si tal modismo es vulgar, si la academia lo ha reprobado, si es extranjero, o si lo usó Argensola o Juan de los Palotes, y en seguida subíos a la cátedra a decir... ¿qué?... No importa, con tal que lo que se diga esté arreglado a los admirables modelos de la lengua.¹⁶⁷

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 36.

¹⁶⁶ Alexis de Tocqueville *Apud* Domingo Faustino. “Segunda Contestación a un quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *Op. Cit.* p. 39.

¹⁶⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Segunda Contestación a un quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *Op. cit.*, p. 40.

Para Sarmiento, então, Bello havia se equivocado ao estabelecer uma relação vertical entre os gramáticos, os que ditam as regras, e o povo, relação estabelecida pelo próprio Bello a partir de uma correlação com o que deveria suceder também no que diz respeito à constituição da ordem política. O problema aqui, então, para o extravio das ideias que Sarmiento acusa em seu contestador é que ele toma a palavra *pueblo* num sentido “(...) aristocraticamente falso”.¹⁶⁸ A lógica de seu argumento é que se existe um corpo político que faz as leis, isso não decorre do fato de que seria uma insensatez confiar à formulação das leis ao povo, mas sim porque as formas modernas da sociabilidade implicam que esse corpo político foi constituído a partir do consentimento deste povo, saiu de seu seio, e portanto ele representa suas vontades e desejos que terminam expressas na legislação.

No que diz respeito à língua, as coisas não poderiam proceder de um modo diferente.

*Si hay en España una academia que reúna en un diccionario las palabras que el uso general del pueblo ya tiene sancionadas, no es porque ella autorice su uso, ni forme el lenguaje con sus decisiones, sino porque recoge como en un armario las palabras cuyo uso está autorizado unánimemente por el pueblo mismo y por los poetas. Cuando los idiomas, romances y prosistas en su infancia, llevaban el epíteto de vulgares con que el latín los oprimía, se formaron esas academias que reunieron e incorporaron la lengua nacional en un vocabulario que ha ido creciendo según que se extendía el círculo de ideas que lo representaban [...]. Quisiéramos que nuestro antagonista, ahorrándonos cuestiones que no lo son en realidad, examinase los elementos que constituyen nuestra propia lengua, para que se convenza de que los pueblos en masa, y no las academias, forman los idiomas.*¹⁶⁹

A crítica de Sarmiento ao formalismo de Bello, ou para colocarmos com suas próprias palavras, ao seu rigorismo, é fundamentada na percepção de que se se permanece apenas nos planos das prescrições gramaticais, das convenções apriorísticas sobre as formas, na necessidade de se prestar um culto inquestionável aos “admiráveis modelos”, além de se incorrer numa anulação das formas de expressão legadas pelo próprio povo, se deixa também de perceber a dinâmica interna ao desenvolvimento dos

¹⁶⁸ *Ibidem*, p.40.

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 40-41 e 41-42.

idiomas enquanto tais. Numa palavra, o culto exacerbado aos modelos, para Sarmiento, implica numa tentativa de, se não negar sua própria história, ao menos tentar impedir ou controlar seus avanços.

Isso não significa uma negação da gramática e da necessidade da existência de certas regras para a expressão. Como vimos, em sua apresentação dos *Ejercicios populares*, Sarmiento aquiescia a necessidade de elaborar instrumentos que melhorem o domínio do idioma pelo conjunto de seu povo. Os gramáticos, nesse sentido, deveriam desempenhar uma função secundária, ulterior: uma vez que um idioma tivesse se desenvolvido o suficiente para representar as ideias e particularidades de uma nacionalidade específica, é que eles deveriam deduzir suas convenções, reconhecendo, assim, a existência de certas regras fixas; a partir daí é que eles deveriam organizar segundo estas regras o conjunto de fatos lingüísticos existentes, por assim dizer, mas não como produções que já não poderiam mais variar, como se tivessem alcançado um grau de perfeição qualquer, e sim como dados do progresso e dos desenvolvimentos deste mesmo idioma.

*El idioma de un pueblo es el más completo monumento histórico de sus diversas épocas y de las ideas que lo han alimentado; y a cada faz de su civilización, a cada período de su existencia, reviste nuevas formas, toma nuevos giros y se impregna de diverso espíritu.*¹⁷⁰

Para Sarmiento, a postura de Bello promovia uma inversão das relações entre um povo e seu idioma, na medida em que a observância estrita das regras impedia que se compreendesse as diversas fazes do desenvolvimento da língua e de suas formas de expressão, reflexo sempre das necessidades prevalecentes em cada época. Por isso, para ele deve ter soado como um absurdo a afirmação de Bello de que o castelhano falado em seus dias era o mesmo utilizado por Lopes de Vega e Cervantes. Uma proposição destas não poderia ser mais anacrônica, pois as necessidades do mundo em que aqueles dois literatos viveram jamais poderiam ser equivalentes às necessidades imperantes em meados do século XIX.

Ademais, a observação do curso histórico demonstrava, mais do que qualquer outra coisa, que em matéria de idioma, assim como no universo social e político, estava

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 42.

em plena gestação um movimento de tendências universalizantes, do qual nenhum povo poderia ser esquivar, por mais aferrado que fosse às suas tradições

*Pero una influencia más poderosa, porque es más popular, empieza a sentirse en todos los idiomas modernos, y que el castellano sufre también, en razón de la nueva organización que las sociedades modernas han recibido. Los idiomas vuelven hoy a su cuna, al pueblo, al vulgo, y después de haberse revestido por largo tiempo el traje bordado de las cortes, después de haberse amanerado y pulido para arengar a los reyes y las corporaciones, se desnuda de estos atavíos para no chocar al vulgo a quien los escritores se dirigen, y ennoblecen sus modismos, sus frases y sus valientes y expresivas figuras [...]; el advenimiento de tantos hombres nuevos, audaces y emprendedores, hacen vacilar todas las reglas establecidas, adulteran las formas primitivas y excepcionales de cada idioma, y forman un caos que no desembrollarán los gritos de los gramáticos todos, hasta que el tiempo y el progreso hayan sacado al arte como los idiomas de la crisis que hoy experimentan.*¹⁷¹

Para Sarmiento, evidente, essa crise não se manifestava apenas na arte e na língua, mas a profusão de modificações a que ele alude é um pretexto mais que suficiente para corroborar sua argumentação. Essa crise era percebida como uma crise de época, uma crise derivada das mudanças que eram percebidas como cada vez mais rápidas e constantes, como resultado dos contatos entre todos os povos, de suas atividades comerciais, da necessidade de se conhecer diversos idiomas para poder ter um campo de ação mais vasto, enfim, “[...] *da fusión de las ideas de todos os pueblos em una idea comun [...]*”.¹⁷² Que era precisamente a ideia da democracia.

É claro que na sua disputa com Bello, há uma questão mais profunda e que tem a ver precisamente com o fato da necessidade da ruptura política com a Espanha ser ou não acompanhada de uma ruptura da mesma intensidade em seus vínculos culturais, de modo geral, e linguísticos mais especificamente

¡Mire usted, en países como los americanos, sin literatura, sin ciencias, sin arte, sin cultura, aprendiendo recién los rudimentos del saber, y ya con pretensiones de formarse un estilo castizo y correcto que sólo puede ser la flor de una civilización desarrollada y completa! Y cuando las naciones civilizadas desatan todos sus andamios para construir otros nuevos, cuya forma no se les revela aún, ¡nosotros aquí, apegándonos a formas viejas de un idioma

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 42-43.

¹⁷² *Ibidem*, p. 43.

*exhumado ayer de entre los escombros del despotismo político y religioso, y volviendo recién a la vida de los pueblos modernos, a la libertad y al progreso!*¹⁷³

Após a segunda contestação de Sarmiento ao artigo de Andrés Bello, este se retirou de cena e deixou que José María Nuñez conduzisse os debates em seu lugar. Embora a participação de Nuñez na polêmica não seja de todo de se desconsiderar, seus escritos visavam, sobretudo, atingir Sarmiento pessoalmente, utilizando-se de argumentos que satirizavam tanto sua condição de exilado como o fato de ele não possuir quaisquer títulos acadêmicos e, diante disto, a polêmica envereda por meandros que, embora interessantes, deixam de ter relevância para o problema que estamos abordando.

De qualquer modo, como argumenta Julio Ramos, tem sido um costume acadêmico conceber as relações entre Bello e Sarmiento em termos de uma contradição quase absoluta, e os historiadores da literatura mais tradicionais insistem em representar esta relação a partir de esquemas simplificadores que contrapõem um Sarmiento romântico à figura ascética de Bello, tomando-os como o exemplo paradigmático da passagem do neoclassicismo ao romantismo na América Hispânica. Isso, contudo, não nos autoriza, por outro lado, a relativizar suas diferenças ao ponto de anulá-las, pois mais do que um suposto embate entre um (neo)clássico e outro romântico, as diferenças entre ambos os autores tem a ver com o próprio lugar ocupado por cada um no Chile durante o período em questão e os artifícios intelectuais que cada um deles entendiam ser mais eficientes para a resolução dos problemas da construção da ordem política, não só no contexto local, como, também, a partir de uma perspectiva continental. Trata-se, portanto, de dois discursos sobre a ordem, que supõem determinados níveis de hierarquização social e política que, apesar de partirem de um diagnóstico mais ou menos comum – a necessidade de se vencer a “barbárie americana” –, apontam para meios diferentes de resolução destes problemas.¹⁷⁴

Além disso, ambos os autores podem ser tomados como um ponto de referência para a compreensão dos primeiros desenvolvimentos de um processo de diferenciação da função do intelectual na América hispânica. Bello se pronuncia a partir de lugares de enunciação mais institucionalizados, sobretudo como reitor da *Universidad de Chile*, o

¹⁷³ *Ibidem*, p. 45.

¹⁷⁴ RAMOS, Julio. *Desencuentros de la Modernidad en América Latina*. Literatura y política en el siglo XIX. Ciudad de Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 35.

que, além de lhe conferir uma autoridade discursiva que não é de se desprezar, levou-o a buscar um grau de especialização dos saberes, da constituição de seus âmbitos particulares como *disciplinas acadêmicas* que, enquanto tais, deveriam se afastar dos problemas políticos mais imediatos.¹⁷⁵

Sarmiento, por seu turno, não só buscou gerar representações de si como um *outro* possível em relação a Bello, como no início dos anos 1840 adotou uma postura que preconizava um certo distanciamento e antagonismo. Como se pode depreender dos argumentos de Ramos, Sarmiento não aceitava passivamente as constantes provocações sobre sua formação extra-universitária. Ao contrário, assumia-a de bom grado como uma das condições de possibilidade para a própria compreensão da “barbárie”, o que explica o caráter mais híbrido e a confluência de diversas vozes em seus textos.¹⁷⁶

Assim, já que a “barbárie” era em boa medida uma manifestação espontânea que caracterizava parte da realidade americana, a adoção de uma postura analítica também espontânea – e algo indisciplinada – ofereceria as melhores chaves para se penetrar naquele caos e dotá-lo de um sentido a partir de seu próprio interior. Mas o movimento que opera a construção deste sentido não tem uma finalidade meramente compreensiva e é exatamente essa aporia que faz com que a diferença entre ambos os autores seja, no limite, relativizada, pois uma vez que a barbárie é compreendida, fica estabelecido o ponto de partida para sua superação: isto é, a sua erradicação.

A partir destas considerações podemos atingir um nível de compreensão mais aprofundado não só dos posicionamentos de Sarmiento e de Bello ao longo da polêmica, como também da tonalidade adotada por cada um.

De um ponto de vista da forma do discurso, é necessário manter em mente o caráter retórico de que se revestiam boa parte das matérias ventiladas na imprensa, sobretudo aquelas sobre as quais não era possível uma abordagem a partir de critérios inquestionáveis. O exercício da “arte de polemizar” era um dos melhores meios para não apenas conquistar a atenção dos leitores, como, também, para detectarmos o surgimento da consciência da existência de um espaço público propriamente dito. Nos escritos de Sarmiento, que esteve envolvido em várias querelas na imprensa até sua partida do Chile em fins de 1845 para sua viagem pela Europa, África e América do

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 35-36.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 35.

Norte, podemos encontrar várias passagens explícitas sobre isso. Num dos artigos da polêmica que analisamos ele diz

Mucho tiempo hacía que El Mercurio no suscitaba una cuestión que interesase tan vivamente al lector y le hiciese seguir con ahinco las sucesivas publicaciones de la prensa: devorar el comunicado, improbar el artículo editorial, aplaudir una réplica victoriosa, festejar un golpe en regla, leer en corro, vivir, en fin, del pensamiento de la prensa, seguirlo en cada uno de sus desenvolvimientos y en cada una de sus facetas. ¡Viva la polémica! Campo de batalla de la civilización en que así se baten las ideas como las preocupaciones, las doctrinas recibidas como el pensamiento o los desvaríos individuales.¹⁷⁷

Há, portanto, uma preocupação grande com a forma como um artigo polêmico deve ser apresentado e, no caso específico de Sarmiento, prevalecem as hipérboles, a ironia e a articulação de grandes quadros do que se poderia chamar de “história das civilizações” e de seus desenvolvimentos até o presente. Ponto em que o contraste com Bello é bastante evidente, já que suas considerações são mais pontuais, acadêmicas e ligeiramente deslocadas temporalmente, fruto de sua resistência em produzir grandes sínteses sobre os processos que ele entendia como ainda correntes e que, então, seria mais prudente deixar para a posteridade realizar um juízo menos parcial e politicamente comprometido acerca de seus resultados.

Essas constatações fazem com que tenhamos de relativizar os enunciados de Sarmiento, sobretudo aqueles em que ele faz uma defesa irrestrita da soberania popular, tanto em política como em matéria de linguagem, mas não ao ponto de as considerar como mera estratégia retórica, cujo objetivo não seria outro que o de apenas provocar um dissenso. A ao longo de toda sua estadia no Chile durante a década de 1840, Sarmiento foi um apoiador do regime conservador – apoiou as duas candidaturas de Bulnes e a de seu sucessor Manuel Montt, que iniciou seu primeiro governo em 1851 sob um tremenda oposição dos setores mais liberais da sociedade chilena. Em função disso, seus enunciados não significavam uma espécie de apologia à revolução, ou algo como uma defesa “populista” do papel das massas na história.

¹⁷⁷ SARMIENTO, Domingo Fasutino. “El comunicado del otro quídam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842... Op. Cit.* p. 63.

Mas, por outro lado, sua crítica ao culto dos “admiráveis modelos” da língua espanhola que Bello tão zelosamente buscava defender da influência dos estrangeirismos, sobretudo da língua francesa, não deve ser relativizada. O problema de fundo que separa os dois debatedores não é tanto uma adesão irrestrita de Sarmiento ao historicismo como a ausência dessa consciência em Bello, mas, mais propriamente, a viabilidade de se promover uma aceleração das mudanças históricas no contexto local e, nesse caso particular, em que medida e com que intensidade essa aceleração significava uma diferenciação em relação à herança cultural ibérica.

Para Sarmiento, essa diferenciação significava uma liberação quase que total daquela herança, ao passo que para Bello significava mais uma continuação, só que agora despojada de seus elementos despóticos e de fanatismo religioso. E aqui ambos se deparavam novamente com outra questão que os afastava: como para Sarmiento estes modelos representavam os remanescentes linguísticos e literários dos modos de vida social e político do Antigo Regime, ele não via muita possibilidade de readequá-los aos novos tempos vividos; eles precisariam ser dissolvidos e, em seguida e gradativamente, rearticulados à medida que a sociedade fosse se democratizando.

2.4.2. O “Discurso Inaugural” de Lastarria

Levando-se em consideração que o primeiro artigo do que ficaria conhecido como a polêmica sobre língua e literatura foi publicado por Sarmiento no dia 27 de abril e a réplica de Bello aparece no dia 12 de maio de 1842, fica claro porque a partir de seu estudo podemos estabelecer um parâmetro para compreendermos melhor de que modo Lastarria se colocava diante de praticamente as mesmas questões. Há, contudo, uma diferença fundamental no que diz respeito ao âmbito das considerações traçadas por este último, já que no caso de Sarmiento e Bello o Chile aparecia como um objeto indireto de análise, porquanto ambos se referiam aos problemas da linguagem e suas relações com a política situando-as, preferencialmente, num contexto americano contraposto às suas respectivas visões sobre uma história geral das civilizações. Os dois contrincantes também partiam de um exame acerca das relações mais convenientes entre forma e conteúdo da linguagem, de modo que a necessidade de uma literatura nacional também se encontrava ali colocado mais como uma implicação do que como um problema em si.

Pelo próprio lugar em que o *Discurso Inaugural* de Lastarria foi enunciado e dadas as aspirações e objetivos da *Sociedad Literaria*, a necessidade de constituição de uma literatura nacional aparece como o problema primordial a ser abordado. É precisamente ao nos perguntarmos *como* essa literatura deveria ser erigida que podemos descobrir de que modo as concepções de nosso autor ora se distanciam, ora se aproximam das de Sarmiento e Bello. Como se verá pela paginação das referências, ao proceder deste modo, tivemos de romper a linearidade do texto, não sob pena de desrespeitar sua lógica interna, mas, ao contrário, no intuito de torna-la mais clara, pois, como se trata de um discurso lido, há diversos trechos em que Lastarria dialoga diretamente com seus ouvintes, fazendo saudações, referências e enfatizando suas reservas para com a condição chilena em seu presente. Diante disto, procuramos extrair os trechos em que percebemos como Lastarria lida com a questão dos “modelos” – tão cara ao debate entre Sarmiento e Bello – que, por sua vez, está atrelada a sua concepção de literatura.

Lido no dia 3 de maio de 1842, por ocasião de sua apresentação como diretor da *Sociedad*, o *Discurso Inaugural* é uma peça relativamente curta, composta por dezesseis parágrafos, cujo principal objetivo é refletir sobre “[...] *lo que es entre nosotros la literatura, acerca de los modelos que hemos de proponernos para cultivarla, i tambien sobre el rumbo que debemos hacerle seguir para que sea provechosa al pueblo*”.¹⁷⁸

Para Lastarria, antes de qualquer coisa, a literatura é

*[...] la espresion de la sociedad, porque en efecto es el resorte que revela de una manera mas explícita las necesidades morales e intelectuales de los pueblos, es el cuadro en que están consignadas las ideas i pasiones, los gustos i opiniones, la relijion i las preocupaciones de toda una jeneracion [...] comprende entre sus cuantiosos materiales, las concepciones elevadas del filósofo i del jurista, las verdades irrecusables del matemático i del historiador, los desahogos de la correspondencia familiar, i los raptos, los éxtasis deliciosos del poeta.*¹⁷⁹

Como podemos perceber, sua concepção de literatura não é derivada de um pressuposto estético, no sentido de buscar uma delimitação da esfera da literatura em relação aos outros campos intelectuais. Não há aqui uma concepção da “arte pela arte”, por assim

¹⁷⁸ “Discurso Inaugural” In: LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdo Literários... Op. Cit.* p. 121.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 122.

dizer, mas, ao contrário ela era encarada como um dos melhores meios para a aquisição e difusão de conhecimentos, para obtenção do progresso social e político. Trata-se, então, de uma literatura que se quer útil e progressiva: útil na medida em que possa fornecer instrumentos para diagnosticar problemas e agir sobre a ‘realidade’, modificando-a; progressiva, pois, à medida que essa ‘realidade’ é modificada, essas produções literárias, por assim dizer, também devem se modificar, refletindo, como um espelho, os avanços conquistados pela sociedade, fornecendo um registro das diferentes etapas de seu desenvolvimento.

Tendo uma vez formulado seu conceito geral de literatura, como útil e progressiva, Lastarria passa se questionar sobre a existência de tal gênero no Chile: “¿Pero cuál ha sido, cuál es en el día nuestra literatura? ¿A dónde hallaremos la expresión de nuestra sociedad, el espejo en que se refleja nuestra nacionalidad?”¹⁸⁰

O expediente de Lastarria para responder a esta pergunta é bastante indicativo do modo como ele opera com a ideia de nacionalidade. Para ele, em todo período que vai da conquista espanhola até os limiares da independência ele encontra poucas obras que poderiam aspirar àquela qualidade. A primeira delas é a do teólogo Pedro de Oña (1570-1643), considerado o primeiro poeta do Chile, que publicou em 1596 um poema retórico, chamado *Arauco Domado*. Outras duas são as dos jesuítas Alonso de Ovalle (1601-1651), autor de *Historica relacion del Reyno de Chile y de las misiones u ministérios que exercita en el la Compañia de Jesus* (1646) e Manuel Lacunza (1731-1801), autor de *Venida del Mesías em gloria y majestad*, trabalho realizado na parte final de sua vida, mas publicado apenas em 1812. Por fim, se encontram as do abade Juan Ignacio Molina (1740-1829), o *Compendio de la Historia Geografica, Natural y Civil del Reyno de Chile* (1776) e o *Ensayo sobre la Historia Natural de Chile* (1782), ambos compostos durante o exílio, decorrente da expulsão dos jesuítas pela Espanha em 1767. Assim apenas estes quatro homens chegaram a

[...] granjearse un título a la inmortalidad con la historia de su patria, son los cuatro ciudadanos, i quizás los únicos de mérito, que puedo citaros como escritores; pero sus producciones no son timbres de nuestra literatura, porque fueron indígenas de otro suelo i recibieron la influencia de preceptos estraños.¹⁸¹

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 122.

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 124.

Lançando seu olhar desde a independência até seu presente também não parecia haver muito que ser levado em consideração

Desde 1810 hasta pocos años a esta parte, tampoco hallo obra alguna que pueda llamarse nuestra i que podamos ostentar como característica; muchos escritos de circunstancia sí, parto de varios claros ingenios americanos i chilenos, entre los cuales descuella el ilustrado i profundo Camilo Henriquez, cuyas bellas producciones manifiestan un talento despejado i un corazon noble, entusiasta i jeneroso.¹⁸²

O importante a ser demarcado aqui é que embora rejeite essas produções como não representantes de “*nuestra literatura*”, a busca de Lastarria pelos fundamentos de uma literatura nacional não foram restringidas apenas ao período pós-independência, indício que sugere que para nosso autor a gênese da nacionalidade chilena não deve coincidir, necessariamente, com o marco de 1810. Assim, já encontramos aqui implícito um postulado que será plenamente desenvolvido em suas *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista e del sistema colonial de los españoles en Chile*, escrita dois anos mais tarde, segundo o qual a gênese da nacionalidade chilena deve ser situada no momento em que ocorreu o choque entre espanhóis e indígenas. Ao passo que o marco de 1810, do ponto de vista lastarriano, deveria ser mais propriamente caracterizado, então, como o momento em que ocorre a primeira inflexão no processo de desenvolvimento da nacionalidade chilena.

Por outro lado, é precisamente devido à sua adesão ao conceito de literatura como útil e progressiva, que ao lançar o olhar sobre o passado em busca do ponto de partida do que se poderia chamar de um “cânone nacional”, ele não encontrará senão alguns esforços isolados, alguns lampejos tímidos de patriotismo. Essa impossibilidade, por sua vez, decorre de sua convicção de que uma das principais consequências do domínio espanhol sobre o Chile é que da união entre despotismo político e fanatismo religioso resultou também uma espécie de anulação intelectual

Durante la colonia no rayó jamas la luz de la civilizacion en nuestro suelo. I ¡como habia de rayar! La misma nacion que nos encadenaba a su pesado carro triunfal permanecia dominada por la ignorancia i sufriendo el poderoso yugo de lo absoluto en política i relijion. [...]

¹⁸² *Ibidem*, p. 124.

*Bajo el sistema de despotismo razonado, dice un juicioso observador, que estableció en sus antiguas posesiones americanas el gabinete de Madrid, guardaba todo el mas estrecho enlace: agricultura, industrias, navegacion, comercio, todo estaba sujeto a las trabas que dictaba la ignorancia o a codicia a una administración opresora i estúpida. Mas no bastaba privar a los americanos de la libertad de accion, si no se les privaba tambien de la de pensamiento. Persuadidos los dominadores de que nada era tan peligroso para ellos como dejar desenvolver la mente, pretendieran mantenerla encadenada, desviándonos de la verdadera senda que guía a la ciencia, menospreciando i aun persiguiendo a los que la cultivaban.*¹⁸³

Deste modo, devido a todos estes antecedentes, para Lastarria era forçoso concluir que “[...] *mui poco hemos hecho todavía pelas letras; me atrevo a deciros que apenas principiamos a cultivarlas*”.¹⁸⁴

Até aqui, as considerações de Lastarria acerca da inexistência de uma literatura autêntica e o diagnóstico oferecido para explicar as causas deste problema são muito parecidas com as de Sarmiento. Para ambos, quando, a partir do Renascimento, a Europa entrou numa carreira de intensas mudanças sociais, políticas e filosóficas, a Espanha havia se fechado em torno de seu sistema político e de seu fervor religioso, ficando, assim, privada de participar dos progressos do mundo.

É a partir da convicção de que as letras nacionais apenas começavam a ser cultivadas que Lastarria aborda a questão dos “modelos”, que em seu discurso é tratada como o problema da imitação. Assumindo que ele e os membros da *Sociedad* viviam num momento crítico, de (re)fundação e que seus progressos dependiam completamente do giro dado aos seus conhecimento neste (novo) ponto de partida, assume que

*Tenemos un deseo, mui natural en los pueblos nuevos, ardiente, que nos arrastra i nos alucina: tal es el de sobresalir, el de progresar en la civilizacion, i de merecer un lugar al lado de esos antiguos emporios de las ciencias i de las artes, de esas naciones envejecidas en la esperiencia, que levantan orgullosas sus cabezas en medio de la civilizacion europea. Mas no nos apresuremos a satisfacerlo. Tenemos mil arbitrios para ello; pero el que se nos ofrece mas a mano el de la imitación, que tambien es el mas peligroso para un pueblo, cuando es ciega i arrebatada, cuando no se toma con juicio lo que es adaptable a las modificaciones de su nacionalidad.*¹⁸⁵

¹⁸³ *Ibidem*, p. 123-124.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 125.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 126.

E logo questiona

*Mas concretando estas observaciones a nuestro asunto, ¿de qué manera podremos ser prudentes en la imitacion? Preciso es aprovecharnos de las ventajas que en la civilizacion han adquirido otros pueblos mas antiguos: ésta es la fortuna de los americanos. ¿Qué modelos literarios serán, pues, los mas adecuados a nuestras circunstancias presentes? Vastos habian de ser mis conocimientos, i claro i atinado mi juicio para resolver tan importante cuestion; pero llámese arrogancia o lo que se quiera, debo decirnos mui poco tenemos que imitar, nuestra literatura debe sernos exclusivamente propia, debe ser enteramente nacional.*¹⁸⁶

A partir deste ponto Lastarria começa a desenvolver suas considerações sobre o problema da imitação e a tocar em questões mais próximas às elucidadas por Sarmiento e Bello. À primeira vista, sua concepção da literatura espanhola parece bastante próxima a de Sarmiento:

*Hai una literatura que nos legó la España con su relijion divina, con sus pesadas i indijestas leyes, con sus funestas i anti-sociales preocupaciones. Pero esta literatura no debe ser la nuestra, porque al cortar las cadenas enmohecidas que nos ligaran a la Península, comenzó a tomar otro tinte muy diverso nuestra nacionalidad [...]. Es necesario que desarrollemos nuestra revolucion i la sigamos en sus tendencias civilizadoras, en esa marcha peculiar que le da un carácter de todo punto contrario al que nos dictan el gusto, los principios i las tendencias de aquella literatura.*¹⁸⁷

É baseado nessa convicção que Lastarria havia chegado à conclusão de que era necessário negar as obras que mencionamos há pouco como representantes dos “*timbres de nuestra literatura*”. Assim, o problema da incompatibilidade com a literatura espanhola leva nosso autor a postular os fundamentos para a constituição de uma literatura nacional a partir do estabelecimento de um quadro comparativo entre a história da literatura espanhola e francesa.

Os desenvolvimentos da literatura francesa são, então, apresentados como a contra-cara da espanhola, e que por sua força e influência “[...] *sojuzga la civilizacion moderna [...]*”.¹⁸⁸ Seguindo as considerações de Abel-François Villemain (1790-

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 127.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 127-128.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 131.

1870)¹⁸⁹, um político e escritor francês, Lastarria traça um quadro da evolução da literatura francesa. Neste pode-se identificar três épocas: uma dominante no século XVII, formada sob os auspícios da religião, da antiguidade e da monarquia de Luis XIV; a outra dominante no século XVIII, influenciada pela filosofia céptica, pela imitação das literaturas modernas e a reforma política; por fim a que se encontra em sua contemporaneidade, triunfante e regeneradora, dominada pelo espírito do cristianismo, da filosofia, da democracia e, acima de tudo, pelo sentido de perfectibilidade social.¹⁹⁰

Para Lastarria, as duas primeiras etapas, apesar de suas especificidades, devem ser consideradas sob um mesmo ângulo: eram caracterizadas pelo gosto disciplinador, formalista, dos séculos XVII e XVIII; atendia às conveniências de um “*espíritu de cuerpo*” que as ligavam aos palacianos que se amontoavam em torno das cortes.

*Aquel gusto dictaba una crítica severa i absoluta, egoista, si puedo decirlo, que condenaba sin recurso todos los arranques de la fantasía, por naturales que fueran, cuando no agradaban al rei i a las damas cortesanas, i encadenaba el espíritu [...].*¹⁹¹

As críticas de Lastarria a essas etapas do desenvolvimento da literatura não devem ser encaradas como uma negação vazia. Elas deveriam ser estudadas, porquanto constituíam parte da história dos progressos do entendimento humano. É partir desta perspectiva que devemos também situar sua crítica da literatura espanhola. A questão é que, para ele, a evolução da literatura espanhola havia se detido naqueles pressupostos formais dos séculos XVII e XVIII. Nesse sentido, embora seja possível supormos uma analogia entre as literaturas de corte francesa e espanhola, foi a primeira que conseguiu se desvencilhar dos postulados formais e críticos característicos de uma cultura do Antigo Regime e, assim, atingir um novo patamar epistemológico.¹⁹²

¹⁸⁹ Lastarria não cita a referência da obra, mas acreditamos que este quadro foi tirado a partir do *Cours de la littérature française*, de 1828.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 131-132.

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 132.

¹⁹² Um ponto interessante nesta temática, que não desenvolveremos aqui, mas que pode ser posteriormente problematizado, surge numa citação de Victor Hugo, feita por Lastarria, com a intenção de destacar a proeminência da literatura francesa no século XIX, considerando-a de um ponto de vista histórico-filosófico: “*Desde la muerte del gran Goethe, el pensamiento alemán se ha cubierto de sombra; desde la muerte de Byron i Walter Scott, la poesia inglesa se há estinguido; i a esta hora no hai en el universo mas que una literatura encendida i viviente, que es la literatura francesa. De Petesburgo a Cádiz, de Calcuta a Nueva York, no se leen mas que libros franceses: ellos inspiran al mundo*”. p. 131. Elucidar essa questão nos desviaria do foco, mas é interessante destacar que Lastarria parece sugerir uma concepção de dinâmica histórica em dois níveis: num particular, de uma dada região, cultura, nação, e

Só que dessas conclusões Lastarria deriva consequências que o afastam significativamente das de Sarmiento e o aproximam relativamente de Andrés Bello. Como vimos, para Sarmiento, dado que o idioma espanhol havia deixado o posto de principal intérprete dos movimentos da civilização e passado a ter que recolher dos estrangeiros os principais conceitos a partir dos quais se podia reconhecer o progresso, seus conceitos haviam se tornado insuficientes para captar o sentido do mundo e isso explicava o porquê da penetração dos estrangeirismos: os hispânicos tinham que tomá-los das obras inglesas, francesas e alemãs.

Mas, para Lastarria, a aproximação em relação à França e a negação do legado da literatura espanhola não devem ser acompanhadas por uma negação da língua, “[...] *unos de los pocos dones preciosos que nos hicieron [los españoles] sin pensarlo*”.¹⁹³ Assim, enfatiza que:

*Algunos americanos, sin duda fatigados de no encontrar en la antigua literatura española mas que insípidos i pasajeros placeres, i deslumbrados por los halazgos de la moderna francesa, han creído que nuestra emancipacion de la metrópoli debe conducirnos hasta despreciar su lengua i formarnos sobre sus ruinas otra que nos sea mas propia, que represente nuestras necesidades, nuestros sentimientos. I llenos de admiracion [pelos libros franceses] [...] forman o introducen sin necesidad palabras nuevas, dan a otras un sentido impropio i violento, adoptan jiros i construcciones exóticas, contrarias siempre a la índole del castellano, despreciando así la señalada utilidad que podríamos sacar de una lengua cultivada, i esponiéndose a verse de repente en la necesidad de cultivar otra nueva i, tal vez, ininteligible. Huid, señores, de semejante contajio, que es efecto de un estraviado entusiasmo.*¹⁹⁴

A questão fundamental aqui é que para Lastarria, o fato de a literatura espanhola ter entrado num certo descompasso temporal em relação aos desenvolvimentos da civilização até meados do século XIX, não significa, em absoluto, que houve uma estagnação semelhante da linguagem, de que ela não mais detinha as condições de

etc., o desenvolvimento dos progressos do entendimento humano parece seguir uma trajetória cíclica, neste caso, como se um tipo de literatura nascesse, se desenvolvesse, atingisse seu apogeu e decaísse, sendo em seguida ‘substituído’ por um novo, gerado noutra espaço e noutra tempo; mas, por outro lado, de uma perspectiva mais ampla, da civilização humana, essa “circularidade” dá lugar há um desenvolvimento ‘linear’, progressivo, posto que cada uma dessas contribuições se consubstancia num arcabouço geral concebido como uma herança à disposição da humanidade como um todo.

¹⁹³ *Ibidem*, p. 129.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 129.

possibilidade para, até certo ponto, bastar-se a si própria para exprimir os mais elevados conceitos da filosofia ou dos progressos do entendimento produzidos pelo século XIX.

Mucha verdad es que las lenguas varían en las diversas épocas de la vida de los pueblos, pero los americanos ofrecemos en esto un fenómeno curioso, somos infantes en la existencia social i poseemos una habla que anuncia los progresos de la razón, rica i sonora en terminaciones, sencilla i filosófica en sus mecanismo [sic], abundante, variada i espresiva en sus frases i modismos, descriptiva i propia como ninguna.¹⁹⁵

Mas esse elogio do castelhano não deve ser confundido com uma defesa irrestrita do culto aos modelos, ou de um purismo linguístico, como no caso de Bello. Nesse ponto Lastarria adota uma posição equidistante em relação à Bello e Sarmiento. O idioma espanhol deve ser estudado, mas não apenas no sentido de se conhecer e tentar preservar suas formas mais clássicas, mas precisamente pela riqueza e versatilidade de seus vocábulos e terminologias. Daí sua qualidade, ou melhor dizendo, sua potencialidade dinâmica para se adequar às experiências, necessidades e expectativas de qualquer época, mas, mais ainda da presente, apesar do fato de uma revisada em sua literatura – sobretudo na ausência de sua literatura – indicar exatamente o oposto, sua aparente estagnação

Nuestros progresos principian, i por mucho que nos eleve el impulso progresivo de la época presente, siempre tendremos en nuestro idioma un instrumento fácil i sencillo que emplear en todas nuestras operaciones, un ropaje brillante, que convendrá a todas las formas que tomen nuestras acciones nacionales. Estudiad esa lengua, señores, defendedla de los estranjerismos, i os aseguro que de ella sacareis siempre un provecho señalado, si no sois licenciosos para usarla, ni tan rigoristas como los que defienden tenazmente contra toda innovacion, por indispensable e ventajosa que sea.¹⁹⁶

Só a partir de todas essas precauções é que Lastarria considera que os chilenos se tornariam aptos a receberem a influência da literatura francesa, representada aqui pelos autores que Roger Picard identificou como porta-vozes do *romantismo social*:

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 129-130.

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 130.

Lamartine, Victor Hugo, George Sand, Edgar Quinet, Pierre Leroux, Lamennais, Michelet, dentre outros.¹⁹⁷

Para ele, a principal característica da moderna literatura francesa é a de ter seguido o impulso comunicado pelo progresso social que lhe conferiu um caráter mais filosófico. Esta inclinação proporcionou um segundo giro, que tomou o progresso mesmo como objeto de escrutínio, elevando esta literatura à condição de intérprete do próprio movimento histórico. Esta nova qualidade auto-reflexiva, por fim, terminou por produzir uma nova sensibilidade crítica, a qual, para Lastarria, deveria constituir a própria sensibilidade crítica do século XIX. Mais uma vez ele recorre a um autor francês para expressar suas convicções e através das linhas de Artaud¹⁹⁸ enfatiza que:

*La crítica [...] ha llegado a ser mas libre, hoi que los autores se dirijen a un público mas numeroso i mas independente, i por consecuencia debe tomar otra bandera; su divisa es la verdad, la regla de sus juicios la naturaleza humana: en lugar de detenerse en la forma esterna, solo debe fijarse en el fondo. En vez de juzgar las obras del poeta i del artista únicamente por su conformidad con ciertas reglas escritas, espresion jeneralizada de las obras antiguas, se esforzará en penetrar hasta lo íntimo de las producciones literarias i en llegar hasta la idea que representan. La verdadera crítica confrontará continuamente la literatura i la historia, comentará la una por la otra, i comprobará las producciones de las artes por el estado de la sociedad. Juzgará las obras del artista i del poeta, comparándolas con el modelo de la vida real, con las pasiones humanas i las formas variables de que puede revestirlas el diverso estado de la sociedad. Deberá tomar en cuenta, al hacer tal exámen, el clima, el aspecto de los lugares, la influencia de los gobiernos, la singularidad de las costumbres i todo lo que pueda dar a cada pueblo una fisionomía orijinal; de este modo la crítica se hace contemporánea de los escritores que juzga, i adopta momentáneamente las ideas, los usos, las preocupaciones de cada país, para penetrar mejor en su espíritu.*¹⁹⁹

Para Lastarria, ao elevar sua consciência crítica a este patamar, tomando as leis que se podem deduzir da natureza humana como a medida do saber, a França levantou a insígnia da rebelião literária, emancipou sua literatura das “[...] rigorosas i mezquinas

¹⁹⁷ Cf. PICARD, Roger. *El Romanticismo Social*. Trad. de Blanca Chacel. 3ª Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. Resumidamente, para Roger Picard a principal característica do movimento romântico francês, marcadamente entre 1815 e 1850, foi de ter se entremesclado com todos os aspectos da vida, especialmente o movimento das ideias e das reivindicações em favor das lutas sociais.

¹⁹⁸ Lastarria tem por costume citar os autores apenas pelo sobrenome e sem mencionar o título da obra. Até onde conseguimos apurar, o autor citado é Alexis-François Artaud De Montor, diplomata e historiador francês, exilado durante a Revolução Francesa, que viveu entre 1772-1849.

¹⁹⁹ Artaud *apud* LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdo Literários... Op. Cit.* p. 133-134.

reglas que ántes se miraban como inalterables i sagradas” e era precisamente nisto que merecia ser objeto de “[...] nuestra imitación”.²⁰⁰ Em seguida exorta:

*Fundemos, pues, nuestra literatura naciente en la independencia, en la libertad del jenio, despreciemos esa crítica menguada que pretende dominarlo todo, sus dictados son las mas veces propios para encadenar el entendimiento, sacudamos esas trabas e dejemos volar nuestra fantasia, que es inmensa la naturaleza. No olvideis con todo que la libertad no existe en la licencia, esto es el escollo mas peligroso: la libertad no gusta posarse sino donde está la verdad i la moderacion. Así, cuando os digo que nuestra literatura debe fundarse en la independencia del jenio, no es mi ánimo inspirar aversión por las reglas del buen gusto, por aquellos preceptos que pueden considerarse como la espresion misma de la naturaleza, de los cuales no es posible desviarse, sin obrar contra la razón, contra la moral i contra todo lo que pode haber de útil i progresivo en la literatura de un pueblo.*²⁰¹

Como ficou claro nas linhas que Lastarria tomou emprestado de Artaud, qualquer procedimento crítico a ser realizado deve levar em consideração toda uma série de particularidades do ambiente que conformou seu objeto, assim, a região, o clima, os costumes, os acidente do solo, etc., todos esses fatores influenciam na composição da originalidade de um povo: para se compreender a sua literatura é necessário penetrar em seu âmago.

Essa é a chave de compreensão para a ideia de natureza humana, referida no mesmo trecho, pois ela opera em dois níveis, em constante interação: um geral e universalizante, outro mais circunscrito e particular. De um lado se se concebe que o ser humano possui uma essência ontológica comum, todos partilham de uma mesma natureza, que é em si universal. De outro, conforme se tome esse ou aquele conjunto humano (um povo), em dado espaço e em dado tempo, encontraremos essa mesma natureza, mas com desenvolvimentos variados de suas potencialidades.

Colocando de uma forma, mais simples, o geral interfere no particular, assim como o particular também interfere no geral, e nessa dinâmica os povos vão se conformando, fazendo parte do processo histórico e, conforme o caso, constituindo o próprio processo histórico, condicionando suas tendências gerais de desenvolvimento, como no caso do aporte fornecido pela literatura francesa do século XIX.

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 134.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 134.

Para Lastarria, os povos americanos em geral, e o chileno em particular, tinham uma necessidade imperiosa de serem originais em sua literatura, porque aqui todas as suas produções lhes são peculiares e nada têm em comum com as que constituem a originalidade do Velho Mundo:

*La naturaleza americana, tan prominente en sus formas, tan variada, tan nueva en sus hermosos atavíos, permanece virgen; todavía no ha sido interrogada; aguarda que el jénio de sus hijos esploté los veneros inagotables de belleza con que le brinda.*²⁰²

Assim, os chilenos só devem emular uma coisa: o giro que os franceses operaram em sua perspectiva. Do mesmo modo como eles se voltaram para os próprios fundamentos de sua sociedade para dali extraírem os conhecimentos necessários, os chilenos devem se voltar sobre si mesmos para conhecerem a si próprios, os fundamentos de seu governo e de suas instituições, as necessidades sociais e morais de seu povo, suas preocupações, seus costumes, enfim, tudo aquilo que constitua o ‘espírito’ que os conforma.

Até que viemos reconstituindo como Lastarria articulou sua concepção de literatura e tratou dos procedimentos a serem observados para a fundação de uma literatura nacional. Falta abordar o que se deve fazer para que ela seja proveitosa para o povo, o último postulado do seu programa para a fundação de uma literatura nacional. Essa última questão está mais diretamente relacionada com seu diagnóstico sobre os resultados da revolução de independência.

Para Lastarria o movimento de independência política do Chile, assim como os de todas as “*republicas hermanas*”, foi o resultado de uma lei do progresso universal, da qual nenhuma civilização pode escapar, “[...] *un perpetuo movimiento expansivo, que a veces violento, arrastra en sus oscilaciones hasta los pueblos mas añejos i mas aferrados a lo que fué*”.²⁰³ Embora seja uma tendência intrínseca à própria humanidade, essa lei se manifesta de formas diferentes conforme o grau de desenvolvimento e a situação de cada nação: algumas estão, por assim dizer, na vanguarda do movimento, produzem suas últimas realizações, ao passo que outras, como o Chile, são praticamente tragadas por ele, tendo de adentrar abruptamente no terreno da democracia.

²⁰² *Ibidem*, p. 136-137.

²⁰³ *Ibidem*, p. 119.

É a partir desta perspectiva que Lastarria estabelece o marco que separa os objetivos de sua geração em relação à obra dos homens de 1810. Estes últimos foram louváveis, verdadeiros heróis, pois cumpriram uma necessidade do seu século, realizaram a ruptura política, conquistaram a liberdade frente à Espanha, mas não prepararam o terreno em que lançariam a democracia, pois não poderiam fazê-lo, as condições de possibilidade para a sua realização não lhes foram dadas. As próprias vicissitudes do processo de emancipação, as guerras civis, os golpes de estado, o temor à tirania, a aversão à anarquia, fizeram com que eles ignorassem o *pueblo* em face da necessidade de assegurar os resultados mais imediatos da independência.

Em 1842 Lastarria entende que a democracia deveria ter dois apoios principais: o da riqueza e o da ilustração. No que diz respeito ao primeiro, o país ocuparia já uma posição de bastante relevo: associações abastadas foram formadas para desenvolver o comércio e explorar as jazidas minerais, constituíram-se sociedades para garantir o crescimento da agricultura. Mas, quanto à ilustração tudo parecia ainda estar por ser feito:

La democracia, que es la libertad, no se lejitima, no es útil, ni bienhechora sino cuando el pueblo ha llegado a su edad madura, i nosotros somos todavía adultos. La fuerza que debiéramos haber empleado en llegar a esa madurez, que es la ilustracion, estuvo sometida tres siglos a satisfacer la codicia de una metrópoli atrasada i mas tarde ocupada en destrozar cadenas, i en construir un gobierno independiente. A nosotros toca volver atras para llenar el vacío que dejaran nuestros padres i hacer mas consistente su obra, para no dejar enemigos por vencer, i seguir con planta firme la senda que nos traza el siglo.²⁰⁴

Para ele, o objetivo último, a missão mais elevada de sua geração, é exatamente assentar as bases da ilustração na república chilena. Assim, uma literatura que ser quer útil e progressiva, expressão da sociedade que a produziu, é uma literatura que deve tomar o *pueblo* como objeto:

[...] escribid para el pueblo, ilustradlo, combatiendo sus vicios i fomentando sus virtudes, recordándoles sus hechos heroicos, acostumbéndole a venerar su relijion i sus instituciones; así estrechareis los vínculos que los ligan, le hareis amar a su patria i lo

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 120-121.

*acostumbrareis a mirar siempre unida, su libertad i su existencia social. Este es el único camino que debeis seguir para consumir la gran obra de hacer nuestra literatura nacional, útil, progresiva.*²⁰⁵

A ideia do vazio é um tema recorrente nos escritos dos intelectuais hispano-americanos deste período. Para Sarmiento, por exemplo, um dos principais problemas da Argentina era o vazio populacional do ‘deserto’, uma das causas imediatas para a instauração da tirania de Rosas. Mas o vazio a que Lastarria se refere é outro: é um vazio de sentido, a ignorância que os intelectuais chilenos têm de seu próprio povo, a falta de conhecimento de sua própria história. É esse vazio que sua geração está chamada a começar a preencher. Para Lastarria, até então só existia um marco: 1810. Ele compreendeu plenamente tanto o nexo de continuidade, que ligava 1810 e 1842, quanto a especificidade da função de sua geração para dar prosseguimento à obra emancipadora. Contudo, lamenta que embora estejam na alvorada de sua vida social, não havia tão só uma memória, um laço sequer que os unisse ao passado anterior àquele marco de 1810. Estabelecer este laço de união será o objetivo de sua primeira obra de história.

2.5. Considerações Preliminares

Como procuramos demonstrar, a ascensão de Manuel Bulnes à presidência do Chile constituiu um dos fatores imediatos para a emergência do movimento cultural e literário de 1842, cuja expressão se deu, dentre outros, através das polêmicas literárias travadas no âmbito da imprensa – um dos principais reflexos do relaxamento das tensões políticas características da década anterior, manifestos na reabertura dos espaços de discussão pública – e da formação da *Sociedad Literaria* de Santiago sob a liderança de José Victorino Lastarria.

Essa nova conjuntura pode ser vista como o ponto de chegada do processo de consolidação das estruturas político-institucionais da república iniciado com o triunfo do movimento conservador de 1829-30 que, de um ponto de vista histórico, representou o termo do que poderíamos caracterizar como a fase política da revolução de independência.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 137.

Assim, durante todo o período que vai do início do movimento emancipatório até os limiares de 1840, podemos auferir que uma das principais tarefas colocadas pelas elites político-letradas do país era, precisamente, a de elaborar mecanismos eficientes para justificar a ruptura política em relação à mãe-pátria, que se caracterizaram, sobretudo, pela necessidade de estabelecer as bases da nova legitimidade da república que se queria instaurar. Deste modo, neste primeiro momento, as definições da *nação* e do *nacional* foram essencialmente pautadas pelas tentativas de construção de uma identidade ao nível político em que prevalecia a adesão e o enaltecimento do republicanismo como forma de organização superior, tanto política como eticamente, em relação à monarquia. Essa situação, que a bem da verdade foi comum a todas as regiões que constituíam o antigo Império Colonial espanhol, condicionou decisivamente os modos como a própria experiência colonial fora avaliada, já que essa avaliação permaneceu vinculada à expectativa de realização de um ideal republicano em contraposição aos valores negativamente associados à monarquia.

Falando especificamente do Chile, a consolidação definitiva da ordem republicana em 1840-41 abriu o espaço para que a questão da ruptura com a Espanha começasse a ser problematizada de modo mais aprofundado e a partir de outros níveis que não se restringiam ao político propriamente dito, embora suas consequências não deixassem de ter maiores implicações para as estruturas sociais e políticas da nação como um todo. Foi a partir desse nível epistemológico que os textos que analisamos foram articulados: Lastarria, Bello e Sarmiento, assim como os outros intelectuais que atuaram no cenário chileno durante esse período, tomaram consciência de que o plano da *revolução americana* não deveria se desenrolar apenas no âmbito da ruptura política – o que para todos já era um fato consumado – mas, também, havia se tornado imperativo questionar sobre até que ponto, se é que em algum, esse plano deveria lograr também uma emancipação em relação à herança cultural espanhola. Dessa percepção originava-se uma problemática para a qual simplesmente não havia respostas unívocas e foi precisamente a variedade de diagnósticos e seus consequentes prognósticos que constituíram o campo de disputa intelectual a partir do qual foram articulados os diversos projetos acerca dos meios de se definir o *nacional*.

Nesse contexto, como destacado por toda a historiografia que cobre o período aqui em questão, a penetração do romantismo no universo hispano-americano não apenas enquanto concepção estética, mas, acima de tudo, enquanto uma visão de

mundo, foi de uma importância extrema para a definição de uma consciência histórica diferenciada em relação à geração dos pais fundadores da pátria. Sem entrarmos no mérito de tentar defini-lo como uma categoria meta-histórica, no que o romantismo pode ser tomado em função de sua reação ao iluminismo como um todo e à Revolução Francesa em particular, o que importa destacar aqui foi a renovação do interesse pelo passado e, sobretudo, sua ênfase sobre os aspectos subjetivos que estariam na base da constituição de todas as nações que, se não representavam uma negação do voluntarismo racionalista característico da filosofia do século XVIII, serviram para reinscrevê-lo dentro de uma nova matriz, agora condicionada pela ênfase na historicidade particular dos povos que, tomados em suas condições específicas de espaço e tempo, revelariam graus e ritmos particulares – isto é, específicos e originais – de desenvolvimento histórico.

Ou, para falarmos com Koselleck, o aporte do romantismo forneceu novos instrumentos conceptuais e analíticos que ampliaram significativamente os parâmetros para a definição do significado do “espaço de experiência” colonial na medida que era sumamente necessário levá-lo em consideração para que se pudesse, em contrapartida, vislumbrar um “horizonte de expectativa” que, nos casos mais extremos, poderia coincidir, inclusive, com sua radical negação.²⁰⁶ Foi a partir dessa chave que pudemos compreender melhor o significado dos projetos – implícitos em Sarmiento e Andrés Bello e explícito em Lastarria – para a definição de uma nacionalidade.

E, nesse contexto, a frase de Sarmiento que serviu de epígrafe para este capítulo é particularmente reveladora. Ali, ele estabelece um campo semântico que atribui ao termo história uma carga claramente negativa. Poderia resultar estranho, então, que um autor que, como vimos ao longo de sua polêmica com Bello, sempre tomava a história (ou o processo histórico) como base para suas considerações de que aqueles que ousassem se antepor ou deter os progressos inexoráveis da história necessariamente fracassariam, avançasse uma concepção tão negativa sobre a história.

Mas a questão é que há ali uma nuance de sentido bastante sutil. Ressaltamos mais uma vez, que nesse contexto particular, o sentido negativo atribuído à palavra história deve ser compreendido na medida em que se equipara história e tradição. E isso

²⁰⁶ Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. de Wilma P. Maas e Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

fica claro quando nos remetemos aos conceitos avançados na polêmica sobre a língua e literatura: se o século XIX era tido como um século de transformação, de dissolução dos padrões linguísticos, estéticos, sociais e políticos do Antigo Regime, de uma tradição como um todo, para ele, a insistência de Bello para que se prestasse o devido culto aos “admiráveis modelos” da língua espanhola só poderia ser encarada como uma clara expressão de adesão a valores que deveriam ser reputados como anacrônicos. E Bello, ao afirmar que na linguagem, assim como em matéria de política, não seria menos absurdo autorizar o povo na formação do cânone, ou das leis, apenas forneceu mais elementos para que Sarmiento pudesse extrapolar – e certamente exagerar – todo o seu repúdio à tradição hispânica.

Decerto que sob esta polêmica jazia a questão, fundamental nesse momento, de se a ruptura dos laços políticos com a Espanha deveria ser acompanhada por uma ruptura tão ou talvez mais profunda em relação aos seus laços culturais que, por suposto, todas as partes da contenda reconheçam como ainda imperantes. Como vimos, para Sarmiento, assim como no âmbito político, no âmbito cultural a ruptura deveria ser praticamente radical. Por sua vez, isso não significa que a defesa de Bello da manutenção dos vínculos culturais com Espanha, implicitamente afirmada em sua defesa dos “admiráveis modelos”, deva ser encarada como uma espécie de defesa dos valores e tradições do Antigo Regime, agora dissimuladas sob uma linguagem republicana. Indica tão somente a diferença de seu projeto nacional em relação ao de Sarmiento.

Lastarria, por sua vez, como vimos, adotou uma postura intermediária entre Bello e Sarmiento. Se para ele a língua castelhana era perfeitamente compatível com as novas necessidades prevaletentes no século XIX, isso não significa a defesa de uma espécie de rigorismo linguístico, como no caso de Bello, ou de uma abertura mais decisiva em relação à introdução dos estrangeirismos, como no caso de Sarmiento.

Outra questão fundamental, diluída nos artigos de Bello e Sarmiento, mas frontalmente abordada no *Discurso Inaugural* de Lastarria, diz respeito aos modos através dos quais os povos hispano-americanos em geral e chileno especificamente deveriam se aproveitar da experiência histórica legada pelos povos europeus e em que medida ela poderia contribuir para a constituição de uma literatura genuinamente nacional.

Nesse ponto específico, parece-nos forçoso reconhecer, apesar de sua defesa do castelhano, Lastarria assumiu um posicionamento ainda mais radical que o de Sarmiento que, desta perspectiva, tem de ser aproximado a Andrés Bello.

Como vimos o referencial cultural de Bello é essencialmente ibérico. Sarmiento, por sua vez, ao excluir a Espanha do campo de referências dos povos mais civilizados da Europa, embora negue a experiência espanhola, termina por aderir decisivamente ao fundo das ideias e concepções que por aquele período eram produzidas pela França, Inglaterra e Alemanha, países que, para ele, estavam no topo do desenvolvimento civilizacional. Lastarria, por seu turno, ao desenvolver seu programa para a fundação de uma literatura nacional, afirmava explicitamente a imperiosidade dos povos americanos em serem completamente originais em sua literatura: o solo americano era ainda um terreno virgem a ser explorado, cujas produções em nada poderiam se assemelhar às produções do velho mundo. Trata-se, então, de algum modo, de uma negação do próprio espaço de experiência europeu. Mesmo que ele tenha buscado na França o modelo mais desenvolvido de literatura, não se trata, como no caso de Sarmiento, de verter sob uma nova linguagem castelhana ideias e concepções originadas na Europa que deveriam ser aplicadas/adaptadas em território hispano-americano. Aqui o que sucede é o contrário, considera-se a Europa como a legatária de um princípio para a elaboração de uma forma de linguagem específica, mas se nega que seu fundo, o conteúdo de ideias e concepções que subjazem àquela forma, tenha muita coisa a oferecer para as nações hispano-americanas em processo de formação. Como veremos mais adiante, talvez resida aí a principal diferença entre as concepções de processo/progresso histórico de Lastarria, Bello e Sarmiento, o que, por sua vez, torna ainda mais explícitas as nuances e divergências entre seus projetos de nação.

De qualquer modo, e voltando à epígrafe do capítulo, aqui também é necessário se negar a história como tradição, posto que a revolução de independência colocou em movimento um estado de coisas que jamais fora testemunhado na história das civilizações: deu-se início a um processo de diferenciação radical, de produção de novas experiências e expectativas, que só poderiam ser adequadamente mensuradas em contraposição à experiência colonial circunscrita à dinâmica particular que ela adquiriu na América hispânica, em geral, e no Chile mais especificamente. Daí os fundamentos e os horizontes da liberdade nacional terem de ser projetados e estabelecidos como

consubstanciados às novas formas de expressão linguística e literária que se tornariam os principais meios para a expressão de uma nova nacionalidade.

E daí, por fim, a necessidade de se recorrer à história, não mais como tradição, mas como um processo que leva inevitavelmente à superação da tradição (e que, nesse movimento, há naturalmente de criar novas tradições), para que se possa avaliar com maior segurança como esse mesmo processo de diferenciação – agora político e cultural – vem se desenrolando. Ou, diversamente, para descobrir quais são os entraves que têm impedido a concretização desse plano. É partir desta perspectiva que o projeto lastarriano de constituição de uma história filosófica do *pueblo* chileno se reveste de sentido.

3. A GENEALOGIA DO *PUEBLO* CHILENO

“Todos los pueblos se desarrollan necesariamente, pero cada uno se desarrolla a su modo; porque el desenvolvimiento se opera según ciertas leyes constantes, en una íntima subordinación a las condiciones del tiempo y del espacio. Y como estas condiciones no se reproducen jamás de una manera idéntica, se sigue que no hay dos pueblos que se desenvuelvan de un mismo modo. Esto modo individual de progreso constituye la civilización de cada pueblo”.

Juan Bautista Alberdi

Através de algumas obras e textos recentes o historiador argentino Elías José Palti vem buscando elucidar os fundamentos conceituais do que ele denominou a concepção *genealógica* da nacionalidade.²⁰⁷

Segundo ele, ao longo do século XIX, cada história nacional deveria ser concebida como o desenvolvimento de um curso unitário e evolutivo, plasmado numa narrativa através da qual princípios particulares característicos de dada nacionalidade viriam se desenvolvendo progressivamente através de períodos sucessivos, cada qual constitutivo de uma fase lógica e necessária deste mesmo desenvolvimento.²⁰⁸ Caberia ao historiador da nação, então, identificar estes princípios a fim de que ele pudesse desvelar os sentidos profundos de sua nacionalidade

Assim, para que o discurso histórico sobre a origem de uma nacionalidade pudesse ser sustentado, ainda segundo este autor, ele deveria atender a certas condições de possibilidade de enunciação: 1- pressupor uma ideia de unidade, isto é, conceber a existência de certos traços comuns que podem ser reconhecidos em todos os membros da comunidade, ao longo do tempo, do espaço, e independente do pertencimento a determinada “classe” ou camada social; 2- pressupor, também, a ideia de exclusividade,

²⁰⁷ PALTÍ, Elías José. “Imaginación Histórica e *Identidad Nacional* en Brasil y Argentina. Un estudio comparativo”. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, n. 174, Enero-Marzo, 1996, p. 46-69; PALTÍ, Elías José. *La nación como problema*. Los historiadores y la “cuestión nacional”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003; e PALTÍ, Elías José. *El momento romántico*. Nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

²⁰⁸ PALTÍ, Elías José. *El momento romántico... Op. Cit.* p. 26.

ou seja, que estes traços comuns distingam seus membros dos de outras comunidades nacionais; 3- estes princípios devem ainda ser reconhecidos como universalmente válidos, encarnando valores incontestáveis que justifiquem por si só sua existência e sua defesa ante qualquer ameaça possível, interna ou externa; e 4- uma história nacional genealógica deverá ter um caráter decisivamente autocelebratório.²⁰⁹

No contexto latino-americano, contudo, cumprir com todas essas condições de possibilidade não seria, em absoluto, uma tarefa facilmente realizável. À diferença das nações européias, cujas origens míticas se confundem com períodos mais remotos da história, a origem das nações latino-americanas era percebida não só como algo recente, mas, acima de tudo, podia ter seu início precisamente demarcado no calendário. Como argumenta Palti

En la América hispánica, sin embargo, ninguno de aquellos elementos a los que usualmente se apela como base para tales construcciones genealógicas (lengua, etnicidad, tradiciones) parecía susceptible de llenar las exigencias de unidad y exclusividad requeridas. Aparentemente, no habría forma de justificar racionalmente (mas allá de la pura contingencia bélica) por qué Bolivia o Paraguay son naciones independientes y no lo son las provincias del litoral argentino, por ejemplo [...]. Menos aún podía tal historia ser celebratoria de tradiciones respecto de las cuales se quiso romper brutalmente y a las que por mucho tiempo se buscó erradicar.²¹⁰

Aplicando esta matriz de análise aos escritos históricos da chamada geração argentina de 1837, que tinha como representantes mais ilustres Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, Elías Palti constata que eles acabaram não logrando articular uma visão histórica consonante com os princípios constitutivos de uma concepção genealógica da nacionalidade.

Até onde pudemos depreender, essa dificuldade notada no caso argentino está estritamente relacionada com as vicissitudes do processo revolucionário ocorrido na Região do Prata, onde os inúmeros fracassos para a consolidação do Estado Nacional fizeram com que seus intelectuais desenvolvessem concepções bastante negativas sobre a lógica do processo histórico local, o que, por sua vez, contribuiu para a adoção de um profundo ceticismo com relação à capacidade de o povo também desenvolver as aptidões necessárias para a vida numa república. Daí a ênfase, tanto de Sarmiento

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 26.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 26.

quanto de Alberdi, na necessidade de fomentar programas de imigração como uma das condições de possibilidade para a realização da República.

Em contrapartida, como no caso chileno o problema inicial da instauração da república parecia ter sido resolvido durante os anos 1830, configurando assim o que se poderia chamar do fim da fase política da revolução de independência, Lastarria não só encontraria menos entraves epistemológicos para postular um ponto de origem para o desenvolvimento de sua nacionalidade, como, também, acabaria supondo uma nítida correspondência entre o desenvolvimento dos âmbitos político e cultural da nação chilena. Daí, como veremos, ele concluir que todos os resultados produzidos por esse processo desde a Conquista até o fim da primeira fase da revolução, em 1814, foram perfeitamente lógicos. Daí, também, ele perceber que se em seu presente não se poderia negar a existência de certa correspondência entre aqueles dois níveis, já era hora de começar a trabalhar tendo em vista a emancipação espiritual do povo chileno em relação aos costumes e tradições herdadas da colonização espanhola para que, com isso, se pudesse marchar a passos largos rumo à realização plena da democracia.

Se além destes dois exemplos nos lembrarmos, também, do caso brasileiro, parece-nos plausível supor que as condições de possibilidade para a articulação de uma *genealogia da nação* estão estreitamente associadas à resolução do problema da organização do Estado Nacional após a conquista da independência. Como argumenta Palti, no caso da produção historiográfica brasileira, a manutenção da Monarquia após a independência brasileira – e da fonte de sua soberania resguardada na figura do próprio Imperador – contribuiu significativamente para que não houvesse “[...] *ninguna suerte de quiebre traumático en el curso de su historia nacional, sino que representó un mero tránsito natural hacia su madurez definitiva*”.²¹¹ Nesse sentido, um dos principais fatores que explicariam a relativa tranquilidade para que uma *genealogia* da nação brasileira fosse articulada, ainda segundo Palti, foi a constituição de uma aliança entre o saber histórico e o poder político, materializada na formação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.²¹²

Mas, voltando ao eixo de nossa discussão, abrimos um parêntese para contemplar como o problema da representação do passado nacional foi articulado no âmbito das concepções da *generación argentina de 1837*, em geral, e de Domingo Faustino

²¹¹ PALTÍ, Elias José. “Imaginación histórica e identidad nacional en Brasil y Argentina. Un estudio comparativo”. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, N°. 174, Enero-Marzo, 1996, 51

²¹² *Ibidem*, p. 56.

Sarmiento, em particular, para, com isso e por contraste, podermos compreender melhor as condições em que Lastarria desenvolveu sua narrativa sobre a nação chilena.

3.1. Em busca do passado: Sarmiento e a representação da história argentina

Se fizermos uma rápida revisão da historiografia argentina que, ao longo dos últimos vinte anos, se dedicou ao estudo das representações do passado nacional desenvolvidas durante o século XIX, notamos a reincidência de uma questão interessante: os intelectuais argentinos, membros da *generación de 1837*, são, direta ou indiretamente, apresentados como aqueles que mais precocemente tomaram consciência dos princípios através dos quais uma nacionalidade deve ser fundada; mas, em contrapartida, foram os que mais tardiamente conseguiram articular uma narrativa genealógica desta mesma nacionalidade, já no último terço do século XIX.²¹³

Ainda em 1883, nas primeiras linhas de seu último livro, *Conflicto y Armonia de las Razas en América*, Sarmiento expressa de um modo extremamente lacônico até que ponto a definição da nacionalidade argentina continuava sendo, ao menos para ele, um problema inescapável: “¿Somos nación? - ¿Nación sin amalgama de materiales acumulados sin ajuste ni cimientó? ¿Argentinos? - Hasta dónde y desde cuándo, bueno es darse cuenta de ello.”²¹⁴

²¹³ Esse problema foi e tem sido examinado a partir de enfoques e orientações teóricas variadas. Entre as principais referências podemos citar: PALTÍ, Elías José. *El Momento Romántico*. Nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina de siglo XIX; PALTÍ, Elías José. “Imaginación histórica e identidad nacional en Brasil y Argentina. Un estudio comparativo”. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, N.º. 174, Enero-Marzo, 1996, p. 47-69; WASSERMAN, Fabio. *Entre Clío y la Polis*. Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de La Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008; WASSERMAN, Fabio. “El historicismo romántico rioplatense y la historia nacional (1830-1860)”. In: *Prólogos*, Vol. II, 2009, p. 33-58; BOTANA, Natalio. *La Tradición Republicana*. Alberdi, Sarmiento y la ideas de su tiempo. 2ª Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1997; BOTANA, Natalio. *La Libertad Política y su Historia*. Buenos Aires: Sudamericana, 1991; TERÁN, Oscar. “La Generación del 37: Sarmiento y Alberdi”. In: TERÁN, Oscar. *Historia de las Ideas en Argentina*. Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009, p. 61-108; TERÁN, Oscar. *Para Leer el Facundo*. Civilización y barbarie: cultura de fricción. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2007.

²¹⁴ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y Armonías de las Razas en América*. Buenos Aires: Imprenta de D. Tuñez, 1883. Versão digitalizada disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/>>. Acesso em: 25 nov. 2010. Cabe destacar aqui que segundo o próprio Sarmiento, este livro é a continuação de *Facundo*. Ele diz que este livro “[...] que resume meu [o seu] pensamento de hoje é a continuação do pensamento de outro livro anterior, que figura na literatura americana [...] como conteúdo de algumas belezas literárias [...]”. SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y Armonia de las Razas en America* (conclusiones). Cuadernos de Cultura Latinoamericana, tomo III, n. 27, 1978, p. 7.

A primeira coisa que se deve notar é que o fato de não apenas Sarmiento, mas de todos os integrantes da *generación de 1837* não terem conseguido elaborar uma narrativa genealógica sobre o passado nacional antes do último terço do século XIX está estritamente relacionado com os eventos que seguiram à revolução de independência e às posteriores tentativas de organização do Estado na região do Prata. Para eles, a revolução argentina havia descrito um trajeto que levou da anarquia ao despotismo: anarquia devido à carreira de confrontos civis que logo eclodiram em torno da disputa entre *unitários* e *federalis*; despotismo porque o termo desses confrontos ocorreu sob a espada de Juan Manuel de Rosas que, a partir de 1835, governaria o país de modo extremamente autoritário e repressivo até ser derrotado pelo exército do General Urquiza na Batalha de Caseros em 1852.²¹⁵

O segundo ponto, e do ponto de vista de uma genealogia este é o mais importante, é que o primeiro marco estabelecido para a gênese da nação foi o maio de 1810. Se isso é absolutamente compreensível diante de suas profundas convicções de que o passado anterior dificilmente pudesse oferecer algo digno de referência, por outro lado, fazer o marco coincidir com a revolução trouxe muito mais problemas do que soluções.

Além da eliminação do passado anterior a 1810, suas interpretações sobre a revolução revelavam uma aguda ambivalência que tornava também complicada suas avaliações sobre este passado recente, contado a partir daquele mesmo marco: a revolução havia garantido a independência, propalando os valores da república, do espírito público, da ordem, do direito, da liberdade, do patriotismo, etc., que anunciavam a queda do Antigo Regime; mas já se contavam três décadas desde a revolução e estes valores ainda não tinham sido assentados nem social, nem institucionalmente. Apesar da enunciação de princípios ilustrados, condizentes com as necessidades do espírito do século XIX, a fisionomia social e política do país continuava sendo em boa medida a de uma sociedade caduca.

Em função disso, como destacado por Fabio Wasserman, como nem a nação (em sentido cultural e político), ou sequer seus elementos constitutivos proviam dos fundos dos tempos, nem tampouco começaram a ser constituídos durante o processo revolucionário, se considerava que essa tarefa deveria ser retomada praticamente do zero e tomando o futuro, muito mais que o passado, como referência.²¹⁶

²¹⁵ BOTANA, Natálio. *La Tradicion Republicana... Op. Cit.* p. 263-266.

²¹⁶ WASSERMAN, Fabio. *Entre Clio y la Polis... op cit.* p. 204.

Neste contexto, o *Facundo* de Sarmiento é um dos exemplos mais ilustrativos dessas tensões. Publicado em 1845, sua principal intenção era desvendar o *enigma da revolução argentina*. A primeira coisa que se nota na obra é exatamente a inexistência de uma perspectiva temporal que ultrapasse o marco de 1810. De modo bem resumido, no *Facundo*, Sarmiento tentaria oferecer sua primeira narrativa genealógica da nação argentina a partir da aplicação de duas categorias de análise à história local: a da civilização e a da barbárie.

Ambas as categorias são constituídas de forma bastante fluída, de modo que a partir delas é possível adotar diversas perspectivas para a interpretação da realidade local. Nesse sentido, elas têm uma dimensão temporal que serve de ponto de partida para a percepção da coexistência entre o contemporâneo e o não-contemporâneo; elas têm, também, uma dimensão sociológica, na medida em que fornecem critérios para avaliar as diferenças entre os hábitos e costumes das populações rurais e a de Buenos Aires, o que se costumava chamar sociabilidade; elas têm enfim, uma dimensão espacial, existe um *locus* específico de onde a barbárie resulta, assim como existe um *locus* específico onde está a civilização. É importante destacar que embora inicialmente as categorias pareçam indicar a existência de duas formações histórico-sociais que se opõem e repelem mutuamente, é exatamente do choque entre os dois princípios que Sarmiento irá explicar a dinâmica da história local. Assim, seria desta maneira que as forças gerais da história adquiririam seu modo de expressão no contexto argentino. Trata-se, portanto, de duas categorias que indicam mais um movimento do que um estado de repouso.²¹⁷

Um trecho clássico do texto em que podemos perceber claramente a indicação do problema da simultaneidade do contemporâneo no não-contemporâneo é o seguinte:

Na República Argentina vêem-se simultaneamente duas civilizações distintas no mesmo solo: uma nascente que, sem conhecimento do que tem sobre sua cabeça, está imitando os esforços ingênuos e populares da Idade Média; outra que, sem reparar o que têm a seus pés, tenta

²¹⁷ Para ilustrarmos melhor como a antinomia é articulada, oferecemos um quadro de oposições presentes no texto de Sarmiento, composto por Oscar Terán (o primeiro termo indicando a civilização e o segundo a barbárie): cidade - campanha; Europa - América; modernidade - atraso; mobilidade - imobilismo; letrado - iletrado; França - Espanha/colônia; liberdade - despotismo; sociedade/governo - família/caos político; comércio/agricultura - pecuária; razão - instintos/paixões; laboriosidade - ócio; século XIX - Idade Média/século XII; espírito - matéria. TERÁN, Oscar. *Para Leer el Facundo... Op. Cit.* p. 50.

realizar os últimos resultados da civilização europeia. O século XIX e o século XII vivem juntos: um nas cidades, outro nas campanhas.²¹⁸

Com isso podemos adentrar logo o problema. Como dissemos anteriormente, o objetivo de Sarmiento com o *Facundo* era explicar, ou melhor, desvendar o *enigma da revolução argentina* que, neste caso, era precisamente explicar como Juan Manuel de Rosas havia chegado ao poder. Como é de se esperar, a chave para essa questão está contida na própria dinâmica do processo revolucionário. Se é verdade que, para Sarmiento, aquelas duas civilizações coexistiam em mútua ignorância no começo do século XIX, foi a revolução de independência que havia promovido o seu encontro e daí resultou todo o drama subsequente.

Para Sarmiento, na América todas as revoluções “[...] nasceram da mesma origem, a saber, o movimento das ideias européias”.²¹⁹ Na Argentina, a revolução havia implicado num duplo movimento, que num caso como no outro, apontava para o fato inexorável da ruptura. Tratava-se da guerra das “cidades ilustradas” contra os espanhóis e, logo que a Espanha fora derrotada, constituiu-se na guerra das campanhas, lideradas pelos caudilhos, contra as cidades, “[...] a fim de se libertarem de toda sujeição civil, e desenvolver seu caráter e ódio contra a civilização [...]”.²²⁰

Embora a revolução fosse interessante para os dois lados em questão, havia um profundo desnível na percepção dos significados da ruptura que, para ele, podiam ser resumidos em duas palavras: *federação e união*. Assim, os unitários ilustrados de Buenos Aires haviam compreendido bem o sentido da revolução ao perseguirem a liberdade por meio da instituição da ordem como condição de possibilidade para a realização do direito, das leis, da educação, do espírito público, numa palavra, da *civilização*. Mas revelaram sua falta de acuidade ao confiarem cegamente nos princípios que enunciavam, como se todo o problema pudesse ser resolvido apenas com a pronúncia de seus elevados ideais e a convocação das campanhas para aderirem ao movimento e lhe conferir maior consistência.

Para os povos das campanhas e seus líderes, a revolução não podia significar senão a negação de todos esses princípios que seriam totalmente estranhos aos seus hábitos de vida: a finalidade da revolução, desta perspectiva, se resumiria tão somente a

²¹⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo... Op. Cit.* p. 97.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 113.

²²⁰ *Ibidem*, p. 117.

subtrair-se a toda e qualquer autoridade; a liberdade seria a ausência de obstáculos à realização de suas “inclinações naturais”:

Para as campanhas a revolução era um problema; subtrair-se à autoridade do rei era agradável, porquanto era subtrair-se à autoridade. A campanha pastoril não podia olhar a questão de outro ponto de vista. Liberdade, responsabilidade do poder, todas as questões que a revolução se propunha eram estranhas à sua maneira de viver, a suas necessidades.²²¹

O princípio interpretativo que mobiliza as análises de Sarmiento aponta para um desencontro entre as ideias da elite ilustrada e a realidade social: a nação se perdera numa espécie de vazio de sentido em que o único fato realmente consumado havia sido a ruptura provocada em 1810. Em decorrência, sua tarefa assentava-se ainda sobre a necessidade de levar a cabo um ato de pura criação: instaurada a partir da brusca negação da cultura que lhe dera origem, sem uma história a ser recuperada, não havia outro horizonte a não ser criar uma república desde aquele mesmo vazio.²²²

Foi desse choque entre a civilização e barbárie que Rosas sairia triunfante, pois de alguma maneira ele conseguiu se colocar acima dos dois princípios rivais e, como se fosse a sua síntese, conformá-los naquilo que seria a fisionomia de seu governo.

Uma vez de posse desta conclusão, Sarmiento acredita ter resolvido o enigma da revolução argentina. Tomemos duas afirmações em momentos importantes de sua narrativa. No capítulo IV, em que se concentra na discussão sobre a trajetória da revolução, logo após informar ao leitor que a guerra argentina tem sido dupla, das cidades contras os espanhóis e das campanhas contras as cidades, Sarmiento afirma: “Eis aqui o enigma da revolução argentina, cujo primeiro tiro foi disparado em 1810 e o último ainda não soou”.²²³ E nas conclusões do último capítulo “Presente e Futuro”, diz:

Creio ter demonstrado que a revolução da República Argentina já está terminada e que só a existência do execrável tirano que ela gerou impede que hoje mesmo entre numa carreira ininterrupta de

²²¹ *Ibidem*, p. 113.

²²² Cf. BOTANA, Natálio. *La Tradición Republicana... Op. Cit.* p. 264.

²²³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo... Op. Cit.* p. 117.

progressos que poderiam causar inveja imediatamente a alguns povos americanos.²²⁴

Pois bem, para concluir essa primeira parte, notemos algumas coisas. Em primeiro lugar se o enigma da revolução foi decifrado, o mesmo não se pode dizer sobre o enigma da nação e isso se percebe pelo próprio título do último capítulo em que, mais uma vez, o passado é excluído do campo de experiências.

Palti captou esse problema de uma maneira realmente profunda. A questão central que se tem de notar no *Facundo* é que se se tratava da narrativa do drama nacional representado pela luta entre a civilização e a barbárie, como explicar o fato de praticamente todo texto ser desenrolado a partir da perspectiva da barbárie? Faltava assim a história que deveria ser a do âmbito próprio do desenvolvimento da nação: das cidades, dos homens representativos e dos personagens cotidianos da civilização.²²⁵

Dito de outro modo, o desdobramento do modelo genético de Sarmiento ficou inviabilizado em função da antinomia que preside todo o desenvolvimento de *Facundo* uma vez que, dentro de seu próprio modelo, a condição de possibilidade para a genealogia da nação só poderia vir dos esquemas conceptuais providos pela civilização. Mas o que sucedeu foi o contrário. Se Rosas não era de todo um representante da barbárie, como não o era da civilização, era preciso explicar de que modo a civilização ressurgiria do interior de seu próprio sistema. E essa explicação ficou suspensa no futuro indeterminado.

Pois bem, se é claro que Sarmiento não podia ter chegado a realizar uma autocrítica de seu livro no mesmo nível de refinamento que a realizada por Palti, isso não significa que ele ignorasse as lacunas de sua própria obra. E isso fica claro numa carta endereçada a Valentin Alsina, que havia dado algumas sugestões e feito algumas correções de erros factuais contidos na primeira edição da obra

Os fatos estão aí registrados, classificados, provados, documentados; falta-lhes porém o fio que há de ligá-los num só fato, o sopro de vida que os fará se dirigirem todos ao mesmo tempo à vista do espectador e convertê-los em quadro vivo [...].²²⁶

²²⁴ *Ibidem*, p. 328.

²²⁵ PALTÍ, Elias José. *El Momento Romántico... Op. Cit.* p. 68.

²²⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo... Op. Cit.* p. 62.

Ao final de 1845, Sarmiento, que já estava bastante desgastado com a sucessão de polêmicas e acusações sofridas em função de suas atividades na imprensa periódica, foi encarregado por Manuel Montt, então Ministro de Educação do Chile, de fazer uma viagem pela Europa e América do Norte a fim de conhecer seus sistemas educacionais e encontrar soluções para incrementar a educação popular no Chile.

Como assinala Natálio Botana, essa viagem marcaria uma nova etapa das concepções sociais e políticas de Sarmiento: ao chegar aos Estados Unidos, o último e mais aguardado lugar em que aportaria antes de voltar ao Chile, lhe seriam revelados os segredos da democracia moderna.²²⁷ Até então sua principal referência de civilização era a França. Contudo, uma vez que desembarcou em terras francesas, Sarmiento logo se deu conta das profundas diferenças sociais existentes no país, para ele resultado da manutenção de traços do passado monárquico e aristocrático que ainda não haviam sido totalmente apagados, precisamente porque foram conservados pela aplicação das teorias mistas de governo numa tentativa de se articular a desigualdade com a liberdade.²²⁸

Para Sarmiento, a sociedade norte-americana representava o espaço em que o homem havia realizado em sua plenitude a condição de ser racional, pois apesar das colossais dimensões de sua geografia e sua natureza, o homem havia vencido todas as suas resistências, imprimindo ao meio a forma que melhor convinha às suas ideias e às suas necessidades. Só ali o homem tinha se feito realmente livre.

Esse ponto deve ser enfatizado, pois no *Facundo*, Sarmiento enaltece soberbamente os potenciais naturais do território argentino, mas ressentido o fato de que nem espanhóis, nem gaúchos se deram ao trabalho de explorá-los e com isso contribuir para o progresso material do país.²²⁹ Assim, se num primeiro momento a natureza é um fator de determinação que impede o desenvolvimento da liberdade, degenerando-a

²²⁷ BOTANA, Natalio. *La Tradición Republicana... Op. Cit.* p. 285-293. Segundo Botana, até 1845 a visão de república de Sarmiento seria principalmente informada pelos parâmetros do republicanismo clássico.

²²⁸ *Ibidem*, p. 286.

²²⁹ Diz ele: “Poder-se-ia assinalar como um traço notável da fisionomia deste país a aglomeração de rios navegáveis que ao leste se encontram de todos os rumos do horizonte para se reunirem no Prata [...]. Mas estes imensos canais escavados pela mão solícita da natureza não introduzem modificação alguma nos costumes nacionais. O filho dos aventureiros espanhóis que colonizaram o país detesta a navegação e se considera como aprisionado nos estreitos limites do bote ou da lancha [...]. Desse modo, o maior favor que a Providência concede a um povo, o gaúcho argentino o desdenha, vendo nele mais um obstáculo oposto ao seus movimentos do que o meio mais poderoso de facilitá-los; deste modo, a fonte do engrandecimento das nações [...] o que engrandeceu a Holanda e é causa do rápido desenvolvimento da América do Norte, a navegação dos rios ou a canalização, é um elemento morto [...]”. In *Facundo... Op. Cit.* p. 67.

numa espécie de inclinação ao exercício de uma vontade egoísta e antissocial que não conhece outra barreira senão o próprio eu, agora ela se torna a condição de possibilidade mesma para a consecução da liberdade.

Como salienta Palti, à semelhança do *Facundo*, no trecho de *Viajes* em que Sarmiento se dedica aos Estados Unidos o que predomina é descrição de personagens. Só que à diferença do primeiro, já não são mais pintados os “grandes homens”, representativos de seu meio, como Facundo ou o general Artigas, Juan Manuel de Rosas ou o general Paz, o único homem representativo da civilização que tem algum papel naquela trama, mas sim os personagens cotidianos que expressam as características de seu povo, seres anônimos e, conseqüentemente, sem história, mas que são a base do desenvolvimento daquela república.²³⁰

Para ele, o amálgama dessa base se resumia num fato: o regime municipal norte-americano, onde predominava o espírito de livre associação, uma sorte de egoísmo bem entendido e, acima de tudo, onde, através da participação no ambiente público, se adquire o patriotismo, o sentimento de pertença, da necessidade de zelo, os valores, enfim, que condensam uma nacionalidade. O município será o segundo princípio genético descoberto por Sarmiento e sobre esta base ele constituirá a narrativa de *Recuerdos de Provincia*.²³¹

Agora, antes de prosseguirmos cabe fazer uma rápida precisão contextual. Quando Sarmiento escreveu o *Facundo* em 1845, não havia muitas esperanças de que o regime rosista estivesse próximo da ruína, e uma das críticas mais contundentes que Palti faz ao texto é exatamente a falta de um plano de ação concreto capaz de fazer com que a intenção política da obra lograsse algum resultado na prática. *Recuerdos de Provincia*, por sua vez, foi composto em 1850, momento em que as diversas fissuras no sistema de poder de Rosas já estavam ficando por demais evidentes e, como salienta Tulio Donghi, uma das principais intenções de Sarmiento com sua autobiografia era se apresentar como uma alternativa para governar a nação.²³²

Ao nos depararmos com *Recuerdos* e nos remetermos ao *Facundo*, a primeira coisa que se nota é que agora a profundidade do passado foi drasticamente ampliada. Nesta obra, Sarmiento também promoveu uma reorientação entre o sujeito e o objeto da

²³⁰ PALTÍ, Elias José. *El Momento Romántico... Op. Cit.* p. 73.

²³¹ *Ibidem*, p. 70-75.

²³² DONGHI, Tulio H. “Sarmiento’s Place in Postrevolutionary Argentina”. In: DONGHI, Tulio Halperin *et al Sarmiento, author... Op. Cit.*, p. 20.

análise, pois a história é contada do outro extremo da antinomia, a civilização. Por sua vez, se de fato ele terminaria por nunca abandoná-la, aqui ela já se encontra bem matizada.

Como dissemos há pouco, por ocasião de sua viagem aos Estados Unidos, Sarmiento havia descoberto a realização da igualdade por meio da democracia, que se revelava, principalmente, no espírito de municipalidade norte-americana, e que, agora, em *Recuerdos*, esse espírito seria convertido num novo princípio para a articulação da narrativa da gênese da nação.

Em boa medida, isso explica, por si só, como Sarmiento pode efetuar um recuo tão grande no tempo, remontando à segunda metade do século XVIII. A narrativa agora já não contempla a imensidão do pampa, foco da barbárie, nem muito menos terá a “ilustrada” cidade de Buenos Aires como o principal oásis da civilização. Em *Recuerdos*, um dos principais personagens é a longínqua San Juan, terra natal de Sarmiento, que será pintada como uma cidade pacata, onde a prosperidade e o talento germinavam espontaneamente, mas sem muitos excessos, até ser atingida pelo turbilhão revolucionário.

O que se deve destacar aqui é que, no começo do livro Sarmiento apresenta sua árvore genealógica no intuito de demonstrar que, embora tivesse nascido do lado mais pobre da família, através parentesco de sua mãe ele procedia de uma linhagem “aristocrática”, dos tempos coloniais, e teria sido através dela que um conjunto de velhas virtudes lhes foram transmitidas. Faltava, contudo, o elo que intermediaria a comunicação daquelas velhas virtudes aos novos princípios que eram divulgados a partir do movimento revolucionário. Este elo foi precisamente o seu pai.

Toda essa profusão de valores, da necessidade de conectar o passado, o presente e o futuro, foi sintetizada de um modo realmente elevado, quando no capítulo chamado “Mi educación”, Sarmiento diz:

Aquí termina la historia colonial, llamaré así, de mi familia. Lo que sigue es la transición lenta y penosa de un modo de ser a otro; la vida de la República naciente, la lucha de los partidos, la guerra civil, la proscripción y el destierro. A la historia da familia se sucede, como teatro de acción y atmósfera, la historia de la patria. A mi progenie me sucedo yo; [...] mis apuntes biográficos, sin valor por sí mismos, servirán de pretexto y de vínculo, pues que en mi vida tan destituida, tan contrariada, y, sin embargo, tan perseverante en la aspiración de

un no sé qué elevado y noble, me parece ver retratarse esta pobre América del Sur, agitándose en su nada, haciendo esfuerzos supremos por desplegar las alas y lacerándose a cada tentativa contra los hierros de la jaula que la retiene encadenada. [...] Yo he nacido en 1811, el noveno mes después del 25 de mayo, y mi padre se había lanzado en la revolución, y mi madre palpitando todos los días con las noticias que llegaban por momentos sobre los progresos de la insurrección americana.

Balbuente aún, empezaran a familiarizar mis ojos y mi lengua con el abecedario, tal era la prisa con que los colonos, que se sentían ciudadanos, acudían a educar a sus hijos, según se ve en los decretos de la junta gubernativa y los otros gobiernos de la época. Lleno de este santo espíritu el Gobierno de San Juan, en 1816 hizo venir de Buenos Aires unos sujetos, dignos por su instrucción y moralidad de ser maestros en Prusia, y yo pasé inmediatamente a la apertura de la escuela de la patria, a confundirme en la masa de cuatrocientos niños de todas edades y condiciones, que acudían presurosos a recibir la única instrucción sólida que se ha dado entre nosotros en escuelas primarias.[...] El sentimiento de la igualdad era desenvuelto en nuestros corazones por el tratamiento de señor que estábamos obligados a darnos unos a otros entre los alumnos, cualquiera que fuese la condición o la raza de cada uno; y la moralidad de las costumbres estimulábala el ejemplo del maestro, las lecciones orales, y castigos que sólo eran severos y humillantes para los crímenes.

Mi pobre padre, ignorante, pero solícito de que sus hijos no lo fuesen, agujoneaba en casa esta sed naciente de educación, me tomaba diariamente la lección de la escuela, y me hacía leer sin piedad por mis cortos años [...] Debí, pues, a mi padre, la afición a la lectura, que ha hecho la ocupación constante de una buena parte de mi vida, y si no pudo después darme educación por su pobreza, dió-me en cambio aquella solicitud paterna el instrumento poderoso con que yo por mi propio esfuerzo suplí a todo, llenando el más constante, el más ferviente de sus votos.²³³

O trecho é extenso, mas seus enunciados dispensam a necessidade de maiores comentários. Sarmiento promove uma fusão tal entre a sua trajetória e a trajetória de sua nação que as identidades de ambos chegam a se confundir. E dentro do contexto mais amplo da obra com um todo, fica difícil não pensar que ele é o representante de uma tradição passada da qual a Argentina carecia em 1850, tanto quanto era, igualmente, o melhor elo entre esse passado e o novo horizonte que se começava a vislumbrar por entre as fissuras do regime rosista.

²³³ SARMIENTO, Domingo Faustino. *Recuerdos de Provincia*. 9ª Ed. Buenos Aires: Sopena Argentina, 1961, p. 103-105.

Segundo Palti foi precisamente este o ponto de fissura desta nova tentativa de se articular a genealogia da nação. A partir de “Mi Educación”, Sarmiento começa a narrar toda a sua trajetória de vida até 1850, e aplicando o novo marco conceptual descoberto em suas viagens à história nacional ele consegue oferecer uma explicação para a emergência e para o que já se insinuava como a queda de Rosas: a razão, isto é, a inteligência aplicada, venceria a matéria. Contudo, nesta narrativa, à diferença de *Viajes* e o que de certa forma faz com que ele tangencie novamente os marcos de *Facundo*, estão ausentes, se excetuarmos seu pai, os personagens cotidianos, os homens comuns. Sarmiento se apresenta como uma fusão de elementos, mas todos eles são expressos em personagens definidos de antemão como históricos. Apresenta-se como um “grande homem”, um herói da civilização, sem contudo ser ele mesmo uma emanção do seio do povo.²³⁴

A genealogia da nação aqui acaba revelando, então, até que ponto este era um projeto político pessoal, que guardava muito pouca relação com a nacionalidade que supunha resgatar. Ademais, como argumenta Elías Palti, toda construção genealógica da nação deve pressupor sempre um sujeito desta mesma nação, um “[...] *pueblo ya preformado en el embrión primitivo de la nacionalidad*”.²³⁵ Ora, se nos voltarmos para as concepções que Sarmiento avançou sobre a população que ele reputava como argentina, a questão da nacionalidade se torna ainda mais dramática.²³⁶

Excetuando-se os caudilhos e os indivíduos que habitavam os pequenos focos de civilização, para Sarmiento o povo argentino era constituído, sobretudo, pelos gaúchos – fruto da miscigenação entre espanhóis e indígenas – e pelas próprias nações indígenas, que sempre mantiveram uma relação bastante conturbada com os colonos, sobretudo devido a seus constantes ataques às caravanas que tinham de se aventurar em longas jornadas pelos pampas e aos assaltos aos esparsos e relativamente desprotegidos núcleos de habitação sedentária.

²³⁴ PALTÍ, Elías José. *El Momento Romántico... Op. Cit.* p. 86-87.

²³⁵ *Ibidem*, p. 119.

²³⁶ As considerações que seguem são baseadas nos resultados de nossas pesquisas de iniciação científica (2006-2007 e 2007-2008), intitulada “Educação e republicanism no pensamento de Domingo Faustino Sarmiento”, cujo principal objetivo foi compreender como os diagnósticos sobre a realidade social e política da Argentina influenciaram a elaboração do projeto de educação popular desenvolvido por Sarmiento.

Para Sarmiento, os índios eram vítimas da corrupção do espírito engendrada por seus próprios hábitos primitivos: a incipiente organização social, o nomadismo, a falta de aptidões civilizadas, por assim dizer. Segundo ele, no homem selvagem

Se muestra la naturaleza en todo su abandono. El hombre feroz por sus instintos, imprevisor en sus medios de existencia; desconfiado por ignorar las causas i sus efectos; inhumano por la conciencia íntima de su inferioridad i de su impotencia rudo en sus gustos, inmoral por la imperfeccion de su conciencia del bien; violento en sus apetitos por la dificultad de satisfacerlos; pobre, porque no sabe dominar la naturaleza, someter la materia ni comprender sus leyes; estacionario, en fin, porque no teniendo pasado no prevé un porvenir; [...] Del salvaje antiguo procede la propensión al robo, al fraude, que parece innata en nuestras clases bajas [...]. De aquel origen procede la inmovilidad de nuestras clases trabajadoras, su casi desapego a los goces i comodidades de la vida [...].²³⁷

As afirmações desta passagem são bastante contundentes. Do ponto de vista sarmientino, as tribos indígenas só conseguiam proceder a partir do atendimento de suas próprias inclinações naturais. Estariam, pois numa condição de profunda heteronomia: ao não conseguirem submeter a matéria, a natureza, ao seu controle para em seguida transformá-la a partir da utilização metódica e arquitetada da racionalidade quedavam subjugados às condições naturais impostas por seu ambiente, não sendo, portanto, livres. Eles não transformam a natureza, ao contrário, permanecem como um objeto inexoravelmente sujeito ao que ela pode, ou não, lhes oferecer. Deste modo, não teriam condições de atingir a compreensão de que, embora fizessem parte do mundo natural, poderiam, ao mesmo tempo, se distanciar dele culturalmente. Como para a natureza não existe nem passado, nem futuro, permaneciam encerrados numa espécie de eterno presente: numa palavra, para Sarmiento, não há evolução histórica nas sociedades indígenas que habitavam os arredores dos pampas argentinos. E, diante destas circunstancias, a solução para o problema indígena era bastante simples: assim como na América do Norte eles deveriam ser exterminados.

O grosso da concepção sarmientina sobre o gaúcho foi exposta em *Facundo*. Para Sarmiento, o problema fundamental dos gaúchos é que eles foram se formando num ambiente altamente desfavorável às práticas postas em uso pelos modos modernos de sociabilidade. Habitantes dos imensos pampas argentinos, na maior parte das vezes eles

²³⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Los Maestros de Escuela”. In: *Obras Completas*. Tomo IV. Buenos Aires: Libería La Facultad, 1913, p. 430-431. Este texto foi originalmente publicado em 1852.

se viam obrigados a garantir sua sobrevivência a partir do uso da força bruta. Devido a sua crônica situação de isolamento, no geral só rompida nas paragens e encontros nos botequins, os gaúchos terminaram adquirindo modos de vida radicalmente individualistas.²³⁸ Encontravam-se, pois, meio que numa situação intermediária entre o índio e o indivíduo civilizado: embora não se confundissem com a natureza, com a ordem natural das coisas, dificilmente poderiam agir a partir do princípio da colaboração social. Desse modo, simplesmente não haveria espaço para negociação política, em todos os sentidos do termo, já que os interesses do indivíduo, particular ou coletivo, sempre terminariam por prevalecer em relação ao interesse público.

Diante disto, se retornarmos à hipótese de que as condições de possibilidade para a articulação de uma *genealogia da nação* estão estreitamente associadas à resolução do problema da organização do Estado Nacional após a conquista da independência, podemos encaminhar a conclusão desta seção.

Para Sarmiento, a revolução de independência argentina deveria ser o marco referencial a partir do qual se deveria situar a gênese de sua nacionalidade. Como vimos, no *Facundo* ela é apresentada como um enigma que foi decifrado: constituiu-se num movimento duplo que, partindo de Buenos Aires, englobou as outras províncias do território em sua luta para expulsar os espanhóis; em seguida, esse movimento deu origem a outro, essencialmente desagregador, que consistiu na luta das campanhas lideradas pelos caudilhos contra Buenos Aires, isto é, o conflito entre civilização e barbárie; por fim, esse conflito atingiu seu primeiro ponto de inflexão com a instauração da ditadura de Rosas. Numa palavra, dele resultou a emergência de uma ilegitimidade política radical, o que, por sua vez, justificava toda e qualquer iniciativa para suprimi-la. Temos aqui a negação do produto político da revolução.

Por outra parte, como Sarmiento entendia que a ascensão dos caudilhos só poderia ser explicada em função do sólido apoio popular de que eles gozavam, não obstante o exercício de um poder de caráter autoritário, personalista e tutelar, ele chegou a conclusões bastante negativas a respeito das capacidades e aptidões do povo argentino para a vida civilizada e democrática, o que era percebido como uma ausência quase que absoluta de espírito cívico, o principal elemento para a constituição da *res publica*. Deste modo, assim como no âmbito político, há uma recusa análoga do produto cultural

²³⁸ Cf. SARMIENTO, Domingo F. *Facundo... Op. Cit.* “Capítulo III: Associação. O Botequim”. p. 104-112.

da revolução: ela trouxe à tona um povo que, ao menos inicialmente, também tinha de ser negado.

3.2. A Universidad de Chile: projeto para a constituição de um passado nacional

Os desdobramentos da revolução na região do Prata e a necessidade de se tentar explicá-los em conexão com o que se supunha serem os rumos mais adequados da história da civilização não ofereceram obstáculos apenas para a articulação de relatos sobre o passado local. Eles impediram também a emergência de condições de produção mais adequadas para a articulação de escritos desta natureza, já que o regime rosista mantinha um rígido controle sobre as instituições políticas e sobre aquelas mais ligadas à produção de conhecimentos e representações sobre a cultura nacional. Nunca é demais lembrar que a maioria das obras de pensadores argentinos que vieram à luz neste momento foram publicadas fora do “território nacional”.

No caso do Chile sucedeu exatamente o contrário. A efervescência intelectual que caracterizou os primeiros anos da década de 1840 no país e a tomada de uma série de medidas para favorecer o seu desenvolvimento futuro foram acompanhados pelo que se pode considerar os primeiros esforços efetivos para conhecer o passado da nação. Como destaca Ana María Stiven, o processo de instauração da república foi vivida por seus contemporâneos como um momento de ruptura com a legitimidade anterior, o que explica a inicial falta de diligência com relação aos interesses mais especificamente históricos em favor do construtivismo que exigia a constituição do Estado Nacional.²³⁹

Isso explica porque, de um lado, a obra dos historiadores mais importantes da época colonial, como o Abade Molina, Pérez García, Carvallo y Goyaneche, permanecia ainda praticamente desconhecida, e, de outro, a ignorância que se tinha em relação aos personagens mais destacados da luta pela independência.²⁴⁰ Como vimos, em seu *Discurso Inaugural*, Lastarria já tinha se atentado para essa ignorância dos chilenos em relação ao seu passado.

A primeira medida mais decisiva no intuito de mudar esse quadro, veio sob a ingerência de Antonio Varas, um dos companheiros generacionais de Lastarria, que em

²³⁹ STUVEN, Ana María. *La Seducción...* Op. Cit. p. 221.

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 222.

1839 fundou a *Sociedad de Historia*, formada no âmbito do Instituto Nacional, com os objetivos principais de reunir e ordenar os documentos históricos do país. A sociedade contou também com a participação de Manuel Montt e Antonio Garcia Reyes.²⁴¹ Essa iniciativa, contudo, não logrou resultados, já que os membros da *Sociedad* não vinham tendo muito tempo para oferecer a dedicação merecida, devido aos seus compromissos com a vida pública.²⁴²

Ciente dessas carências e dificuldades, o Estado chileno cumpriria um papel extremamente fundamental não só para garantir as condições de produção de conhecimento acerca do passado, mas do conhecimento científico de uma maneira geral. No que diz respeito ao nosso tema propriamente dito, a primeira iniciativa foi tomada no mesmo ano de 1839, quando o então ministro de Instrução Pública Mariano Egaña contratou o naturalista francês Claudio Gay (1800-1873) para escrever uma história política do Chile.

Claudio Gay já estava radicado no Chile desde 1829, e ficaria no país até 1863. Inicialmente ele foi contratado para atuar como professor de geografia de uma escola primária em Santiago, ao mesmo tempo em que se dedicava a fazer explorações esporádicas para o reconhecimento do território. No ano seguinte, assinou um contrato com o governo do Chile em que se comprometia a realizar uma viagem de três anos e meio por todo o território a fim de recolher registros sobre os recursos naturais e biológicos do país. Um dos frutos desta coleta de dados resultou na fundação do Museo de Historia Nacional. E em 1839, aceitando o convite de Egaña, começou a trabalhar na obra que se chamaria *História física y política de Chile*.²⁴³

Entretanto, a medida mais decisiva seria tomada no ano de 1842, quando foi baixado o decreto de fundação da *Universidad de Chile*, em substituição à de *San Felipe*, que existia desde os tempos coloniais e já não era mais vista como condizente com as novas necessidades culturais e científicas de um Estado que se queria modernizar. Devido ao escopo de necessidades coube a *Universidad de Chile* a

²⁴¹ Antonio Varas e Antonio García Reyes seriam os dois membros da comissão que em 1847 avaliaria os méritos do *Bosquejo histórico...* de Lastarria.

²⁴² WOLL, Allen. *A Functional Past...* *Op. Cit.* p. 30.

²⁴³ O primeiro volume foi publicado no Chile em 1844. Deste ano até 1871, Gay publicou os outros 29 volumes, perfazendo um soberbo escopo de matérias divididas da seguinte maneira: oito tomos destinados à história; oito à botânica e oito à zoologia; dois sobre a agricultura nacional; dois de documentos históricos; e outros dois compostos por um atlas de imagens. Os dados biográficos de Claudio Gay estão disponíveis no site 'Memoria Chilena': http://www.memoriachilena.cl/temas/index.asp?id_ut=claudiogay%2818001873%29pionerodelacienciaen Chile Acesso em: 20 set. 2010.

realização de diversas funções, como a de reger o ensino em todos os seus níveis: a *Facultad de Humanidades* ficou encarregada de promover seus estudos nos institutos e nos colégios nacionais, prestando especial atenção à língua, literatura nacional, história e estatística, ao passo que a *Facultad de Ciencias Físicas y Matemáticas* foi incumbida do estudo da geografia e da história natural, da construção de obras públicas e da gestão do Museu Nacional.

A assunção deste caráter estratégico permite entender a ingerência do Estado na vida da Universidade na medida em que desde a sua fundação já se suponha a possibilidade de uma intervenção ativa: o Presidente e o Ministro de Educação não apenas eram o Patrono e Vice-patrono da Universidade, como também tinham a faculdade de remover qualquer um de seus membros ou empregados, eleger o Reitor e os Decanos e ainda terem a última palavra em caso do surgimento de pendências administrativas. De qualquer modo, segundo Wasserman, o que cabe destacar é que a Universidade não teve como um de seus principais papéis apenas captar, orientar ou sistematizar as práticas, discursos ou formas de conhecimento existentes no seio da sociedade, mas, pelo contrário, em mais de um caso se propôs a criá-los. É isso que permite entender a forte presença de letrados e cientistas estrangeiros, dentre eles Andres Bello, Reitor da Universidade de 1843 até 1865, ano de sua morte.²⁴⁴

Outro aspecto que merece destaque é que entre os traços distintivos da Universidade se podia contar a coexistência de pessoas com orientações políticas bem distintas, como os defensores do conservadorismo governante e conhecidos liberais que se opunham ao governo. Algo totalmente impensável no contexto da região do Prata, onde os conflitos políticos e as rivalidades pessoais, faccionais e regionais tornavam esse tipo de convivência impossível. Por sua vez, no caso Chileno, isto só foi logrado pelo fato de que desde o princípio se tratava de uma instituição que tinha como um de seus pilares a convicção de que o saber e o conhecimento deveriam se antepor às diferenças pessoais, ideológicas e políticas.²⁴⁵ Mas, para além disso, como ressalta Ana María Stiven, apesar das diferenças de matizes entre liberais e conservadores, essas diferenças tendiam a ser relativizadas na medida em que ambos os lados compartilhavam um conjunto de ideias e valores comuns, como a adesão ao regime republicano, a valorização da ordem social e política, o reconhecimento do papel ativo

²⁴⁴ WASSERMAN, Fabio. "Estado e instituciones culturales en el desarrollo de la historiografía chilena y rioplatense (1840-1860) In: *Estudios Trasandinos*. N. 12. 2005, p. 23

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 23.

que cabia ao Estado no desenvolvimento da educação, além da necessidade de construir uma identidade nacional.²⁴⁶

O compromisso da Universidade com a produção e difusão de conhecimentos acerca do passado nacional ficou registrado em sua lei orgânica, que no artigo 27 dizia que todo ano, por ocasião da sessão de encerramento das atividades

se pronunciara un discurso sobre alguno de los hechos mas señalados de la Istoría de Chile, apoyando los pormenores istóricos en documentos auténticos, i desenvolviento su carácter i consecuencias con imparcialidad i verdad.

*Este discurso será pronunciado por el miembro de la Universidad que el Rector designare al intento.*²⁴⁷

Além disso, a referida sessão deveria tomar lugar num dos dias em que ocorriam as comemorações nacionais do 18 de Setembro, data simbólica da independência chilena.

A Universidade foi fundada por decreto em 1842. Ela começou a funcionar em setembro de 1843 e em setembro de 1844 foi pronunciada a primeira memória histórica. Andrés Bello designou Lastarria para realizar essa tarefa. Foi nesta ocasião que ele apresentou, no dia 22 de setembro de 1844, as *Investigaciones sobre la influencia de la conquista i del sistema colonial de los españoles en Chile*.

Foi nesta mesma oportunidade que Lastarria divulgou seu projeto para a construção de uma história filosófica para a análise do passado chileno. Anos mais tarde ele se ressentiria do fato de que seu discurso fora recebido com uma indiferença glacial e que Andrés Bello sequer foi cumprimentá-lo. Indício de que o Reitor não recebera com bons ouvidos seu projeto. De fato não poderia ser de outra maneira, pois, se a Universidade se consagrou a difundir a necessidade do estudo do passado nacional, as discussões sobre os modos mais apropriados para a sua representação já tinham sido iniciadas pouco antes da apresentação da primeira memória e Andrés Bello já havia sugerido qual seria a melhor maneira de encaminhar a investigação. Vejamos então como os dois se colocaram diante desta questão.

²⁴⁶ Cf. STUVEN, Ana María. *La Seducción... Op. Cit.*

²⁴⁷ “Edición facsimilar del primer número de los ‘Anales de la Universidad de Chile’”. In: *Anales de la Universidad de Chile*. Sexta serie, N. 7, noviembre de 1998, p. 21.

3.3. *Lastarria e a filosofia da história*

Há pouco nos referimos sobre a *História física y política de Chile*, redigida por Claudio Gay. Foi precisamente esta obra que suscitou o primeiro debate sobre as formas mais adequadas para se representar o passado nacional. Sarmiento foi o primeiro a lançar o ataque.

Através das páginas de *El Progreso*, em 20 de agosto de 1844, Sarmiento apresenta suas considerações sobre a obra. Inicialmente ele exalta o patriotismo “[...] *de los suscritores [que] debe mostrarse mui complacido al ver realizada la grande obra que va a ilustrar nuestros anales civiles [...]*”,²⁴⁸ para em seguida relativizar os méritos do método empregado na investigação, dizendo que

*La historia de la revolucion chilena, el papel que sus mas célebres personajes desempeñaron, el espíritu de los pueblos en aquella época, sus ideas, sus esperanzas, formarán sin duda uno de los mas interesantes episodios de la Historia del señor Gay, si para estudiarlos sigue las luminosas huellas que la escuela histórica francesa le tiene señaladas. En América necesitamos, ménos que la compilacion de los hechos, la esplicacion filosófica de causas i efectos.*²⁴⁹

Andrés Bello, por sua vez, através das páginas de *El Araucano* aprecia a obra de Claudio Gay sob uma luz bastante distinta da de Sarmiento. Primeiro enfatiza que

*Si la exactitud i la diligencia son las prendas mas esenciales de la historia, no podemos negar a la presente un mérito distinguido entre las que se han dado a luz sobre nuestro país, sea que consideremos el juicio con que el autor ha hecho uso de sus materiales, que a la verdad no eran escasos, o el celo con que se ha procurado documentos, al paso que raros i nuevos, preciosos por su auténtica originalidad.*²⁵⁰

Em seguida faz um comentário endereçado àqueles que, como Sarmiento, exprimiram suas reservas quanto ao modelo historiográfico adotado pelo autor:

²⁴⁸ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Historia física i política de Chile por Don Claudio Gay” In: *Obras Completas*. Tomo II. Santiago de Chile: Imprenta Gutenberg, 1885, p. 206.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 209-210.

²⁵⁰ BELLO, Andrés. “Historia física i política de Chile por Claudio Gay”. In: *Obras Completas*. Volumen VII. Santiago de Chile: Imprenta de Pedro G. Ramirez, 1884, p. 60.

En cuanto a la falta de ciertas miras filosóficas elevadas, que algunos imputan como un defecto a la presente obra, estamos por decir que para nosotros es mas bien un mérito. El prurito de filosofar es una cosa que va perjudicando mucho a la severidad de la historia; porque en ciertas materias el que dice filosofía, dice sistema; i el que profesa un sistema, lo ve todo al través de un vidrio pintado, que da un falso tinte a los objetos. ¿Para qué añadir, a tantos peligros como corre la verdad en manos del historiador por las afecciones de que le es imposible despojarse, una nueva causa de ilusion i de error? [...] Haya en hora buena historias filosóficas ex profeso, o filosofías de la historia, que revisen i compulsen los testimonios precedentes, i los presenten bajo la forma de un drama romántico, o de una nueva teoría política, religiosa, humanitaria o fatalista. Don Claudio Gay no se ha propuesto este objeto. Se ha propuesto a contar con imparcialidad i verdad; i si lo ha conseguido; [...] es indiferente que su obra se clasifique entre las historias o entre las crónicas [...].²⁵¹

Uma vez iniciada a discussão, o próprio Claudio Gay, em carta a Manuel Montt, exprime sua opinião sobre os críticos de seu trabalho:

A dear friend has told me that the daily papers are criticizing my work, claiming that I have written a chronicle rather than a true history because I do not understand the philosophy of this science well enough to write a good work on the subject. Without a doubt, I enjoy these brilliant theories discovered by the modern school very much, and, I, too, would like to learn of these seductive spiritual combinations. [...] But, before this can be done, the journalists should ask themselves if the study of the bibliography of American, and specially, Chilean historical literature is advanced enough to supply the necessary data for a work of this nature [...]; since history is the science of facts, it is more valuable to relate these facts as they occurred and leave the reader free to draw his own conclusions.²⁵²

Como podemos perceber, os posicionamentos em torno do melhor modo de se escrever a história se polarizaram em torno de duas perspectivas distintas. Sarmiento foi o mais explícito ao indicar suas referências, sugerindo que Claudio Gay deveria seguir os caminhos traçados pela história filosófica francesa. Gay, por sua vez, nos fala das novas teorias elaboradas pela “escola moderna”.

A questão de fundo que perpassa estes testemunhos evocados está vinculada aos desenvolvimentos da historiografia francesa durante a primeira metade do século XIX. Entre 1800-1850, se desenvolvem na França duas correntes historiográficas, cada uma das quais dotada de um grau relativamente alto de continuidade e que, especialmente,

²⁵¹ *Ibidem*, p. 61.

²⁵² Claudio Gay *apud* WOLL, ALLEN. Op. Cit. p. 31.

entre 1820 e 1848, adotaram atitudes polêmicas uma em relação à outra. De um lado, temos a corrente que ficou conhecida como história filosófica, representada dentre outros por Edgard Quinet, François Guizot, Jules Michelet e Victor Cousin. De outro, temos os adeptos da chamada história narrativa, como Agustín Thierry e Adolphe Thiers.

As duas “escolas” historiográficas se diferenciam, sobretudo, em relação às suas concepções sobre o objeto de estudo do historiador. Para a chamada história filosófica o objeto do conhecimento histórico não seriam os fatos em si, mas suas causas e efeitos. O historiador deveria, a partir destas conexões, descobrir as leis ou princípios gerais que conferem forma a estes fenômenos percebidos como fatos. Para os adeptos da chamada história narrativa, o conhecimento histórico deveria limitar-se a resgatar os acontecimentos e os homens do passado, sem imputar-lhes qualquer juízo ou reflexão mais abstrata, deixando que os fatos “façam” por si mesmos, digamos assim.²⁵³

Os postulados de cada uma das duas escolas implicam, ademais, em concepções metodológicas e estruturação discursiva distintas. Os historiadores filosóficos entendem que a história deve servir de guia, julgar, orientar e explicar os caminhos a serem seguidos: se trata de constituir uma imagem do passado que seja útil ao porvir. A história filosófica adquire, portanto, um caráter mais seletivo, e se ocupa, primordialmente, dos fatos mais relevantes que permitem o acesso àquelas leis ou princípios gerais de desenvolvimento histórico. Para os adeptos da história narrativa, em contrapartida, deve-se reconstituir o passado como uma espécie de crônica detalhada e objetiva, que o resgate em todas as suas minúcias e detalhes.²⁵⁴

Deste modo, embora a obra de Claudio Gay não apresente qualquer discussão teórico-epistemológica sobre a história, ela acabou suscitando, no Chile, a emergência de um debate semelhante ao que vinha ocorrendo na França. É, portanto, dentro deste quadro de referências que devemos situar o programa de escrita da história proposto por Lastarria na introdução de suas *Investigaciones*, programa que, como ele sintetizou em seus *Recuerdos Literarios*:

[...] podemos vindicar como un descubrimiento que nos pertenece, sin fatuidad, porque no solo lo pusimos en planta en aquella primera

²⁵³ SUBERCASEAUX, Bernardo. *Cultura y Sociedad Liberal en el Siglo XIX*. Lastarria, ideología y literatura. Santiago: Editorial Aconcagua, 1981, p. 73-74.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 74.

*Memoria de la Universidad, sino que lo hemos seguido siempre en todas las obras históricas que hemos compuesto [...].*²⁵⁵

Retomando um princípio que já havia esboçado em seu *Discurso Inaugural* em 1842, Lastarria concebe a história como um fenômeno natural, algo que constitui a ontologia mesma do universo moral, e, a partir deste princípio, podemos dividir seu programa em três pontos principais, cada qual uma derivação lógica do anterior: 1- a negação de qualquer concepção fatalista da história; 2- o gênero humano tem em sua própria essência a capacidade de sua perfeição; 3- o seu aperfeiçoamento depende, única e exclusivamente, dos usos que ele faz de sua liberdade.

O objetivo principal de Lastarria ao atacar as concepções fatalistas da história é desmontar a lógica argumentativa dos que entendem que todos os desenvolvimentos da humanidade dependem estritamente dos desígnios da Providência, como se toda a sua história, passada, presente e futura, já estivesse determinada de antemão. Deste modo, nossa autor visa combater diretamente alguns filósofos da história, como Vico e Herder (este em certos aspectos) e Hegel, ao mesmo tempo em que endereça um forte crítica àqueles que consideram que a história deva se deter apenas na descoberta e organização cronológica dos fatos.

Reverendo as leituras que forneceram o plano conceitual para a formulação de sua concepção de história no início dos anos 1840, Lastarria afirma que

[...] leyendo en 1840 la Ciencia Nueva de Vico, i luego Las Ideas sobre la filosofía de la historia de Herder, nos habíamos sublevado contra las teorías de ámbos, precisamente porque ellas se fundan en una concepción sobrenatural de la historia humana. Ambos, partiendo de la suposicion de que el jénero humano se gobierna en su evolucion histórica por leyes providenciales, construyen sus sistemas prescindiendo enteramente de las condiciones que constituyen la independencia de la naturaleza humana. El inmortal Vico cree haber hallado en la historia la última palabra de la providencia, la lei que ha rejido i rejirá siempre a la humanidad [...]. Por otra parte, Herder sin estrechar al jénero humano en una evolucion necesaria i fatal, lo supone guiado por la mano de la providencia, i siempre modificándose en una lucha perpetua consigo mismo i contra el mundo material.

En estas concepciones teológicas de la historia desaparece la libertad del hombre i su progreso, como obra exclusiva de su actividad. De

²⁵⁵ LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdos Literarios*. Datos para la historia literaria de la América Española i del progreso intelectual de Chile. Santiago de Chile: Barcelona, 1912, p. 267.

*consiguiente se anula también su responsabilidad. No hai filosofía en la historia i ésta no puede ser la ciencia de la humanidad.*²⁵⁶

Para Lastarria, as filosofias da história de Vico e Herder terminavam descrevendo uma espécie de movimento cíclico, não simplesmente no sentido específico atribuído por Vico, segundo as três idades que caracterizariam o desenvolvimento das ‘civilizações’, mas no sentido de que, se levadas às suas últimas consequências, terminariam, inevitavelmente, situando a causa primordial do progresso humano em Deus e não no próprio homem. De um ponto de vista estritamente lógico, isso equivale a dizer que toda história humana já estaria determinada antes mesmo de que ela começasse a se desenrolar.

Mas, sendo assim, de que modo se poderia afirmar a liberdade do homem sem que isso implicasse numa negação mesma de Deus? A resolução deste aparente paradoxo nos leva ao segundo e ao terceiro pontos constitutivos de sua concepção de história, o de que o gênero humano é dotado em sua própria essência dos meios necessários para prover o seu próprio desenvolvimento, livre de qualquer fatalismo que relacione o desenrolar de sua própria história com um plano divino previamente determinado, e isto só é possível porque ele é dotado de liberdade para discernir o que é útil ou não ao seu mesmo progresso.

Lastarria divide o cosmos, por assim dizer, em dois universos, o físico e o moral. Trata-se, evidentemente, de uma divisão analítica, pois em última instância é o universo físico, o mundo natural, que constitui o suporte imediato para o desenvolvimento do universo moral. A interferência da Providência nos desenvolvimentos da humanidade só é tolerada no momento mesmo em que foi colocada no homem a condição de possibilidade para o seu próprio progresso, isto é a razão, origem e causa última para o exercício de sua liberdade.

Sendo assim, a diferença fundamental entre os dois universos é que “[...] *en el universo físico se desenvolven espontáneamente las causas que le sirven de leyes para producir un resultado necesario [...]*”.²⁵⁷ Isto é, todas as leis, causas e efeitos que

²⁵⁶*Ibidem*, p. 268-269. Pouco depois, Lastarria também ataca o sistema hegeliano reprovando suas implicações que supunham que “[...] *en todo caso los hechos sociales son la obra de la idea o del espíritu*”. p. 272-273.

²⁵⁷LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista i del sistema colonial de los españoles en Chile*. In: *Estudios Históricos*. Primera Serie. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1909, p. 24.

regem os movimentos do mundo natural foram determinados de uma vez por todas no momento mesmo em que ele foi criado. Ao passo que no universo moral as coisas não operam do mesmo modo, pois “[...] *el hombre tiene el poder de provocar el desarrollo de sus leyes [de la naturaleza humana] o de evitarla por medio de la libertad de sus operaciones, segun convenga a su felicidad*”.²⁵⁸

Através destas operações, Lastarria consegue desvincular a origem da história do plano divino, sobrenatural, metafísico, para situá-la como um atributo inerente à própria natureza humana. A história dos progressos humanos, propriamente dita, não começa quando Deus criou a humanidade, mas sim quando a humanidade, utilizando-se de sua razão e liberdade, deu início à construção do universo moral que, embora esteja contido no mundo natural, tem suas próprias leis de desenvolvimento que de modo algum poderiam ser reduzidas às leis do universo físico. Deste modo, se atribui à humanidade uma responsabilidade tão efetiva sobre seu próprio destino que a produção de sua ventura ou de sua desgraça não é mais do que, em sua maior parte, o resultado necessário de suas operações, de sua liberdade.

Assim, como a história é concebida como um registro contínuo das diferentes etapas do desenvolvimento moral da humanidade, ela constitui o verdadeiro

*[...] santuario de la ciencia de la humanidad [...] dónde se halla esa experiencia de las sociedades, en dónde están consignados sus preceptos [...] en ese depósito sagrado de los siglos, en ese tabernáculo que encierra todo el esplendor de las civilizaciones que el tiempo ha despeñado, todas la sabiduría que contienen las grandes catástrofes del jénero humano.*²⁵⁹

É essa concepção de história que leva Lastarria a rechaçar os postulados da história como simples registro, sob a forma de crônica, dos fatos do passado. Seguindo um princípio análogo ao dos historiadores filosóficos, nosso autor entende que os fatos constituem apenas o meio através do qual é possível descobrir as leis do movimento humano. O conhecimento dos fatos, aqui, constituiria apenas uma primeira operação historiográfica, um primeiro mapeamento do terreno, que deveria conduzir à busca dos eventos mais representativos dos movimentos do progresso da humanidade. A outra operação, e a mais decisiva, seria, exatamente, transcender a órbita desses eventos

²⁵⁸ *Ibidem*, p. 24.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 18 e 22-23.

culminantes para se captar seus antecedentes, as ideias que os produziram e, assim, trazer à tona o sentido de seu desenvolvimento, sua filosofia. Em última instância, esta é a única alternativa para se escapar do fatalismo

Si solo la considerais [la historia] como un simple testimonio de los hechos pasados, se comprime el corazón i el escepticismo llega a preocupar la mente, porque no se divisa entónces mas que un cuadro de miserias i desastres: la libertad i la justicia mantienen perpetua lucha con el despotismo i la iniquidad, i sucumben casi siempre a los redoblados golpes de sus adversarios; los imperios mas poderosos i florecientes se conmueven en sus fundantos i en un instante a otro se ve en el lugar que ellos ocuparan inmensas ruinas que asombran a las jeneraciones, atestiguando la debilidad i constante movilidad de las obras del hombre [...]. Empero, cuán de otra manera se nos revela la historia si la consideramos como ciencia de los hechos, entónces la filosofía nos muestra en medio de esta serie interminable de vicisitudes, en que la humanidad marcha hollando a la humanidad i despeñándose en los abismo [sic] que ella misma zanja con sus manos, una sabiduría profunda que la experiencia de los siglos ha ilustrado [...]. Los pueblos deben penetrar en ese santuario augusto con la antorcha de la filosofía para aprender en él la experiencia que ha de guiarlos.²⁶⁰

Para Lastarria, portanto, a constituição de uma história filosófica constitui a condição *sine qua non*, não só para garantir o aperfeiçoamento da humanidade de modo geral, na medida em que através do estudo da filosofia da história é possível reconhecer os erros cometidos no passado e corrigi-los no presente. Mas, também, para que se elaborem artifícios capazes de acelerar esse movimento no contexto local. O grande trunfo das nações americanas neste momento é exatamente ter à sua disposição todo o caudal de sucessos e catástrofes registrados ao longo de toda a história da humanidade à sua disposição.

A esta altura ficam claros os objetivos do programa de constituição de uma história filosófica proposto por Lastarria: o estudo da filosofia da história seria o grande instrumento capaz de trazer à tona todos os antecedentes que competiram para que, no momento em que elaborava sua Memória, o Chile apresentasse certas características gerais e não outras. Através da elaboração de uma filosofia da história da nação chilena, Lastarria poderia estabelecer quais seriam os pontos culminantes de seu desenvolvimento, qual o peso da influência dos elementos da civilização espanhola em

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 23-24.

seu passado e sob que formas estes elementos se apresentavam em seu presente, impedindo a revolução americana de alcançar seus últimos resultados. Em síntese, é através do estudo da filosofia da história que se pode situar com precisão o ponto onde a ruptura foi efetuada e quais os melhores meios para se concretizá-la.

3.4. A História do Chile sob uma perspectiva filosófica

Ao apresentar a introdução de sua memória histórica Lastarria aderira de modo explícito a uma concepção historiográfica particular: a filosofia da história. Tal adesão, entendemos, se justificava na medida em que para ele o estudo da história deveria ter uma função social, ter uma utilidade concreta, por assim dizer.

No “*Prologo de la edicion de 1868*”, em que apresentava pela primeira vez reunidas num mesmo volume as *Investigaciones*, o *Bosquejo histórico de la constitucion del gobierno de Chile durante el primer periodo de la revolucion desde 1810 hasta 1814* e *Don Diego Portales, júicio histórico*, Lastarria, retrospectivamente, define as premissas de sua abordagem da seguinte maneira:

Mis ideas en la materia eran pura novedad, que hacia sonreir a mis amigos. Allí están espuestas en mis Investigaciones: no tengo para qué repetirlas aquí. Yo creia entónces, como ahora, lo que no he venido a leer en autores europeos sino en estos últimos años, que era necesario rehacer la filosofía de la historia, porque no basta estudiar los acontecimientos, sino que es indispensable estudiar las ideas que los han producido; pues la sociedad tiene el deber de correjir las esperiencias de sus antepasados para asegurar su porvenir. Las naciones no pueden entregarse a ciegas en brazos de la fatalidad: debe preparar el desarrollo de las leyes morales que las encaminan a su ventura.²⁶¹

E já na introdução de suas *Investigaciones*, ele procurava explicar, à luz dessa concepção, porque não tinha se detido na mera narrativa dos fatos para elaborar seu discurso:

²⁶¹ LASTARRIA, José Victorino. “Prologo de la edicion de 1868”. In: *Estudios Históricos*. Primera Serie. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1909, p. 4. O *Bosquejo histórico* é de 1847 e *Don Diego Portales* de 1861.

La simples narracion de los [hechos] que forman la historia del primero de estos sucesos [de la Conquista], tal como la han espuesto los escritores, que, haciendo una crónica descarnada de ellos, han creído escribir la Historia de Chile, no presenta interes verdadero alguno [...]. Considerados en su individualidad, tal como lo han hecho los historiadores que describen la guerra de la conquista, sin atender al enlace necesario que entre ellos existe, no solo parece que fueran hechos de una época e de una jeneracion independientes i distintas de la nuestra, sino que tambien es imposible concebir que su estudio tenga algo de útil i provechoso para la sociedad actual, i es sobre todo difícil mirarlos como datos experimentales que envuelvan alguna leccion para lo venidero.²⁶²

Embora os dois trechos citados tenham sido redigidos em momentos distintos, 1868 e 1844 respectivamente, podemos perceber uma nítida complementaridade em seus enunciados. A primeira coisa a se observar é que Lastarria não despreza o estudo dos fatos, dos acontecimentos em si: a questão é que para ele delimitar apenas a base empírica da história não era o suficiente para se alcançar uma compreensão da dinâmica de seu desenvolvimento, tanto de um ponto de vista geral, em termos de uma história da humanidade, como de um ponto de vista circunscrito à história de uma comunidade específica, sujeita às condições particulares de espaço e tempo.

Outro ponto importante pode ser definido como uma espécie de busca pela unidade, que, aqui, também tem uma dupla implicação. Primeiro, o estudo dos fatos isoladamente, ordenados sob a forma de uma crônica, jamais poderiam abarcar todo o passado. Ele não pode ser reconstituído em sua totalidade e, assim, o historiador careceria de uma espécie de perspectiva mais abrangente, que tome a sociedade abstratamente como um conjunto mais ou menos coeso que, se espera, se modifique com o passar do tempo: reconhecer os fatos e narrá-los não significa estabelecer conexões entre eles.

Segundo, e conseqüentemente, na medida em que o passado é apresentado de modo algo fragmentário torna-se praticamente impossível estabelecer uma unidade de sentido e desenvolvimento que o conecte com o presente e, em função disto, a história perderia sua utilidade: se não se reconhece as conexões do passado com o presente, em suas permanências e rupturas, não se pode extrair daí lições úteis ao aperfeiçoamento da sociedade.

²⁶² LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones sobre la influencia social...* Op. Cit. p. 28-29.

Em síntese, para Lastarria o que diferencia sua abordagem filosófica da história de uma abordagem “narrativa” é precisamente o fato de aquela procurar no passado evidências que expliquem o presente a partir do qual o historiador se pronuncia: trata-se de uma perspectiva de mão-dupla, em que a crítica do passado fornece instrumentos para que se possa também emitir um juízo sobre o presente e, conforme o caso, orientar a ação humana no sentido da melhoria de sua condição, da eliminação dos elementos velhos, anacrônicos, que ainda persistem no presente e impedem a realização do futuro encarnado no horizonte aberto pela promessa da revolução.

Diante desta perspectiva filosófica, as perguntas que Lastarria busca responder em suas *Investigaciones* são basicamente duas: ele indaga sobre o que é a história do Chile e quais lições podem ser tiradas de seu estudo no sentido de orientar a direção da sociedade tendo em vista o estado em que se encontrava naquele momento. Assim, define que

*La historia de Chile es todavía la de un pueblo nuevo que apenas cuenta tres siglos de una existencia sombría i sin movimiento; es la historia de una época pasada que puede el filósofo someter sin gran dificultad a sus investigaciones, i la de una época nueva que tocamos i nos pertenece porque es la presente. El origen e infancia de nuestra sociedad no se escapan a nuestras miradas, no se han perdido todavía en las tinieblas de los tiempos, i para hacer su estudio no necesitamos de la crítica que confronta i rectifica, a fin de separar o falso de lo verdadero, sino de la que califica i ordena hechos conocidos.*²⁶³

Para Lastarria, até então, a história do Chile teria dois pontos, ou fatos, culminantes: a conquista e a revolução de independência, entre os quais se pode “[...] refundirse e formularse todos los demas que han concurrido a consumarlos”.²⁶⁴ A partir desta delimitação, restaria, então, a tarefa de analisar as relações que conectam ambos os fatos e ver de que modo eles contribuíram, ou conspiraram, para produzir os resultados que caracterizariam a sua sociedade.

Esta manera de considerarlos nos encaminará fácilmente a estudiar ese gran acontecimiento, ese suceso culminante en el cual se compendian i refunden todos los demas particulares que lo produjeron: entónces podremos conocer filosóficamente los caracteres de aquella época i su manera de obrar en la sociedad:

²⁶³ *Ibidem*, p. 27-28.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 28.

*podremos apreciar su influencia en el carácter i preocupaciones de ésta, i finalmente, calcularemos con acierto el poder e intensidad de la reaccion principiada en 1810. Solo así puede sernos útil el estudio de la historia de la conquista para mirar en su verdadero aspecto nuestra situacion actual i dirigir nuestros negocios públicos de un modo favorable al desarrollo de nuestra felicidad i perfeccion.*²⁶⁵

Pelos trechos que vimos analisando até o momento podemos, por hora, supor que apesar dos diagnósticos realizados (de que o Chile é ainda uma nação nova; que por três séculos teve uma existência sombria; que até 1842, para Lastarria, não havia sequer uma memória lisonjeira ou laço que unisse o período colonial e o marco de 1810) há uma nítida tentativa de se construir uma narrativa histórica que busca, digamos, dar conta de explicar a gênese, na acepção mais orgânica que esse termo possa ter, de um povo, ou uma nação se se preferir, que embora guarde em sua história colonial não poucas semelhanças com as dos outros povos hispano-americanos, detém certa originalidade em seus traços constituintes. Foi a partir destes traços que Lastarria buscou embasar a articulação seus enunciados.

Como veremos, embora Lastarria rejeite boa parte da herança da civilização espanhola no Chile, essa rejeição não implicou numa negação do passado da nação, nem, muito menos, da unidade de seu desenvolvimento histórico. Ao contrário, essa rejeição significava a necessidade de se abraçar essa história, assumi-la em tudo o que poderia ter de retrógrado, exatamente para que se pudesse se desvencilhar dos inconvenientes desta herança, no presente inicialmente e, logo, no futuro.

Até onde pudemos detectar, a postulação dessa unidade de desenvolvimento histórico é um desdobramento lógico, e arriscaria dizer necessário, de sua concepção filosófica da história. O Chile, enquanto um organismo social em desenvolvimento não surge, pela primeira vez, com o alvorecer do movimento revolucionário, mas com o primeiro contato que os espanhóis travaram com os “*indijenas chilenos*”. Ignorar essa gênese seria ignorar o primeiro impulso dado ao desenvolvimento da nação e, portanto, seria ignorar o que o Chile *foi*: sem dar uma resposta a esta pergunta não se pode dizer o que o Chile *era* quando ele escrevia, nem, tampouco, o que o Chile poderia *vir a ser*. Sem operar esta articulação não há como se escrever uma “*historia de Chile*”.²⁶⁶

²⁶⁵ *Ibidem*, p. 29.

²⁶⁶ É precisamente esta uma das bases a partir das quais Lastarria critica os historiadores que apenas narram fatos: escrever uma história significa para ele apreender o sentido de seu desenvolvimento, o seu

São essas questões que deveriam ser filosoficamente resolvidas a fim de que se pudesse “[...] *demoler el pasado para reconstruir nuestra civilizacion democrática*”.²⁶⁷ Insistimos, apesar da força da fórmula citada, demolir o passado não significa aqui negar a sua existência enquanto fator empírico, *genético*, mas sim corrigir os seus erros no presente a fim de abrir espaço para a inauguração de um novo futuro.

3.5. A conquista espanhola e o delineamento do primeiro caráter do “pueblo” chileno

Como vimos há pouco, na América Latina do oitocentos os expedientes que geralmente eram mobilizados para a construção de uma história genealógica da nação, como a língua, etnicidade e tradições próprias, não pareciam bastar para cumprir os requisitos de unidade e exclusividade que uma narrativa desta qualidade requer. Com a exceção do Brasil, em princípio poderíamos supor que a história de todas as nações remontavam a um passado marcado por uma dominação comum; apesar das variações que o idioma espanhol sofreu nos diversos cantos do continente, elas não foram suficientes para que a língua viesse a se tornar um fator de diferenciação que demarcaria as fronteiras entre em eu e os outros; não haveria tradições própria que celebrar, dado que a maneira como a ruptura com a metrópole foi operada demandava, ao menos da perspectiva dos intelectuais mais liberais, uma recusa taxativa de toda aquela herança.

Ao nos determos sobre o modo como Lastarria articula sua narrativa podemos constatar uma série de tensões decorrentes desta dificuldade. Se seu objetivo principal é descobrir quais os caracteres que conformam o *pueblo* chileno e, em função disto, tenta permanecer circunscrito aos limites espaciais em que este *pueblo* se desenvolveu, não raro ele se vê obrigado a ampliar o foco de análise e, com isso, considerar o mundo hispano-americano como um todo. Deste modo, há, basicamente, três níveis de operação em seu texto: 1- um que relaciona Espanha e Chile; 2- um que relaciona o Chile e outras nações hispano-americanas; 3- um que relaciona Espanha e América, em que, evidentemente, a ideia de Chile se encontra mais ou menos dissolvida.

Para Lastarria, como dito, a gênese da nação chilena deve ser buscada no momento mesmo em que os conquistadores espanhóis, dando prosseguimento à sua

thelos, coisa que não se poderia descobrir caso se permanecesse apenas no terreno factual propriamente dito.

²⁶⁷ LASTARRIA, José Victorino. “Prólogo de la edición de 1868” In: *Op. Cit.* p. 5.

empresa colonial, chegam às terras chilenas. Nosso autor tentará extrair desse momento já uma primeira característica que diferenciaria o Chile das outras nações americanas.

Na narrativa que Lastarria faz da conquista espanhola podemos identificar dois momentos centrais: o primeiro em que ele descreve como ela foi inicialmente breve e avassaladora nas outras seções da América e o segundo que coincide com o momento em que os espanhóis chegam ao Chile, quando sua descrição vai adquirindo os contornos de uma espécie de confronto épico.

A conquista é apresentada como uma empresa contranatural e a caracterização do espanhol carrega uma forte carga negativa, deduzida de uma espécie de análise dos elementos de sua psicologia moral e dos efeitos que o movimento da conquista exerceram sobre ela: as vitórias que eles tinham obtido afetaram de tal modo a consciência sobre seu valor que a certeza de sua superioridade já não reconheceria qualquer limite

El prestigio que les daba su civilizacion, el poder de sus armas siempre victoriosas i el superabundante fruto que recojian aun de sus mas insignificantes esfuerzos, afianzaban el señorío que aquellos conquistadores creian haber obtenido de la naturaleza sobre los americanos. Sus huestes se desbordaban en los vastos i risueños campos del continente de Colon i dominaban a sus infelices habitantes, proclamando el derecho funesto de conquista. Los naturales, deslumbrados al aspecto de ese pueblo nuevo que servia a un monarca omnipotente i que se decia propagador de la religion del Dios del Universo, se sentían desfallecidos i se entregaban a poca costa al dominio de tan poderosos señores. Estos, por su parte, los consideraban incapaces de llegar a ser sociables i de comprender los principios de la religion del Salvador, i como una especie de hombres marcados por la naturaleza con el sello de la servidumbre [...].²⁶⁸

Após essa caracterização geral do espírito que guiava os espanhóis em sua empresa, Lastarria passa a discorrer sobre sua incursão no território chileno, onde se daria o confronto em que uma circunstância notável havia influenciado para “[...] diversificar la conquista de Chile de la del resto de la América”.²⁶⁹

Los conquistadores habian impuesto ya su lei a los vastos i poderosos imperios de Méjico i el Perú, i centenares de pueblos americanos eran víctimas de sus depredaciones i de los mentidos derechos que sobre

²⁶⁸ LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones... Op. Cit.* p. 35-36.

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 37.

ellos se arrogaban, cuando, creyéndose estrechos en los límites del mundo que acaban de sojuzgar, quisieran estender su poder a las tribus remotas que ocupaban los fecundos valles de nuestro Chile. Mas desde sus primeras incursiones en este país, recibieron un desengaño terrible que irritó i mortificó su orgullo en alto grado: encontraran aquí hombres de bronce, en cuyos pechos rebotaban las balas de sus cañones, i los cuales miraban con impávida serenidad el tren militar del pueblo osado que pretendia arrebatárles su libertad; hallaran resistencias que pusieran a raya su conquista i que demandaban mas valor, mas constancia i mas recursos que los que habian necesitado para hacerse dueños de todo el continente avasallado. En Chile no existia el indíjena envilecido i pusilánime a quien bastaba engañar para vencer, mandar para esclavizar, sino un pueblo altanero i valiente, que léjos de correr a ocultarse en los bosques, esperaba su enemigo en campo abierto, porque se sonreía con la seguridad de vencerlo i de hacerle sentir todo el peso de su valor [...]. Los españoles concibieron desde luego la necesidad en que se hallaban de multiplicar sus elementos bélicos i de proceder con mas prudencia i enerjía que hasta entónces, porque debian combatir con un pueblo valeroso i obstinado, que contaba numerosos tercios i que hacia la guerra con mas órden i disposicion, que los bárbaros a quienes acababan de vencer.²⁷⁰

No trecho acima podemos identificar alguns pontos importantes que contribuiriam para essa primeira caracterização da sociedade chilena. O primeiro e o mais óbvio é o de que os naturais do território chileno seriam muito superiores em sua obstinação para defender sua independência do que os das outras seções da América. Além disso, Lastarria lança mão do conceito de Chile como se ele já se referisse, no momento mesmo da conquista, à existência de um “organismo” específico que poderia ser apreendido a partir daquele conceito.

Mas, ainda mais relevantes são os modos como ele utiliza a categoria *pueblo*, em que podemos notar um trânsito semântico entre a acepção de uma pluralidade de *pueblos* para uma construção de *pueblo* enquanto coletivo-singular. Trata-se da enunciação de uma ideia de organismo, que supõe a necessidade de analisar o desenvolvimento de determinado povo em função de sua historicidade própria, de sua lógica interna. Aqui cada formação nacional se considera como constitutiva de um todo em si, embora ela não exista isoladamente. Deste modo, se era correto que existiam leis gerais que presidiam o desenvolvimento da humanidade como um todo – como Lastarria reputava ser a filosofia da história – essas leis se manifestavam de maneiras diferentes conforme se deslocava a perspectiva no tempo e no espaço e se a articulava

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 36-37.

de acordo com uma formação específica. Isso implicava na necessidade de se assumir a tese de que cada individualidade (cada povo, etc.) carregava consigo um quê de originalidade que os tornaria diferente de todo o resto. Cabia, então, ao historiador descobrir as leis que presidiam esse desenvolvimento em seu contexto local.

Daí resulta o chamado princípio genético de desenvolvimento dos povos,²⁷¹ e em decorrência das nações, que supõe que cada uma delas teve um princípio, uma gênese, e que a partir daí passou a se desenvolver como um organismo autônomo, mas que, não obstante, poderia, ao longo deste desenvolvimento, sofrer influências de povos e culturas diversas, sem que isso implicasse necessariamente na perda de sua originalidade “primitiva”, por assim dizer. Se essa originalidade é valorizada, isso não significa a defesa de alguma espécie de essencialismo: ao longo de seu desenvolvimento era de se esperar que, com o contato com outros povos, um tomaria características emprestadas do outro, reforçando por sua vez aquela originalidade, descrevendo, deste modo, um processo correlacionado de transformação.

É, então, a partir destes princípios que Lastarria busca detectar os fatores gerais, as leis, que condicionaram o desenvolvimento do povo chileno. O termo *pueblo*, aqui, é também empregado enquanto categoria, a qual fornece uma base para o recorte que ele opera sobre o passado nacional. Nesse sentido, ela tem uma função formal análoga às categorias sarmientinas da civilização e barbárie, só que neste caso, servindo mais como um fator de unificação da história, do que de sua divisão.

Assim, no intuito de demarcar aquele traço específico da guerra de conquista espanhola no Chile, Lastarria enfatiza que sua dinâmica ocorreu de um modo diferente se comparado aos “*centenares de pueblos americanos*”. Refere-se ainda aos povos autóctones que habitavam o território chileno como suas “*tribus remotas*”. Mas, logo em seguida, ele já passa a designar essas populações no coletivo-singular, ao afirmar que a resistência foi oferecida por um “*pueblo altenero i valiente*”, um “*pueblo valeroso i obstinado*”. Quem seria, então, este *pueblo* a que Lastarria se refere?

Não demora muito, percebemos que este *pueblo* é integralmente identificado com os araucanos. Lastarria não faz qualquer referência às outras tribos que habitavam o país, como os aimarás ou atacameños:

²⁷¹ Elías Palti chama isso de substrato “evolucionista preformista” que embasou as concepções da nação durante boa parte do século XIX. Ver: PALTÍ, Elías José. *La Nación Como Problema... Op. Cit.* Especialmente o primeiro capítulo: “El nacimiento del concepto genealógico de la nación: su sustrato de ideas”, p. 29-48.

*Cortés consuma en pocos años la conquista de Méjico, Pizarro asesina alevosamente al Inca del Perú i se hace dueño de sus vastos dominios, sin verter mas sangre que la de los inocentes vasallos de aquel monarca; pero Valdivia es en Chile la víctima desventurada de la rabia de los araucanos, i los conquistadores que le suceden, a pesar de su admirable denuedo i de sus heróicos esfuerzos, no pueden domar al pueblo infatigable que los rechaza [...]. Firme la España en su propósito, reemplaza a los guerreros i los anima a que sostengan sin recompensa i sin esperanzas siquiera una guerra prolongada, la mas cruel i obstinada de que pueden presentar ejemplo los anales del Nuevo Mundo.*²⁷²

Diante destas circunstancias, dos constantes esforços mobilizados pelos conquistadores na tentativa de vencer os obstinados araucanos, os espanhóis consentem em “[...] reconocer la superioridad de los araucanos sobre los demas pueblos de la América”.²⁷³ Lastarria atesta esta convicção referindo-se a uma proposta de paz dirigida ao congresso dos nobres de Arauco, por volta do ano de 1622, e se regozija de que

*Esta era la primera vez que el orgulloso monarca del mas estenso i potente imperio de la tierra, se humillaba hasta dirigirse personalmente a un pueblo de la desventurada América, reconociendo explícitamente su soberanía e independencía e invitándolo a celebrar un tratado, en que se sellara para siempre la amistad de los dos estados i se pusiera término a una guerra desoladora cuyo estrépido asombraba a la Europa entera. I no era ésta una inconsecuencia en el sistema de conquista adoptado por la España, sino un reconocimiento solemne del estéril resultado de su empeño i un homenaje debido a la nacion que habia tenido la superioridad de mantener su independencía, defendiéndola en batallas ordenadas i rechazando con lealtad i valor al conquistador, tal como lo hacen un pueblo organizado que sabe apreciar su dignidad.*²⁷⁴

Logo em seguida Lastarria afirma que o referido tratado não logrou mais do que interromper os conflitos por um curto período, ao fim do qual novos e violentos combates se sucederiam, interrompendo-se de vez em quando até que um dos lados derrotados recompusesse suas forças e partisse para uma nova ofensiva. Foi precisamente sob o influxo deste estado de coisas, que poderíamos definir como uma situação de “guerra perpétua”, que a nação chilena desenvolveu seu primeiro caráter:

²⁷² LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones... Op. Cit.* p. 39.

²⁷³ *Ibidem*, p. 39.

²⁷⁴ *Ibidem*, p. 39-40.

La guerra meció la cuna de las primeras jeneraciones de nuestra sociedad i protejió su precaria existencia; la guerra fué el único desvelo de este pueblo desde sus primeros momentos de vida, o diré mejor, fue la espresion única i verdadera de su modo de ser [...]. Las comodidades de la vida doméstica, los beneficios de la industria, los goces de la sociedad le eran desconocidos, o por lo ménos eran bienes de un órden secundario, en cuya posesion no se pensaba, porque no tenia tranquilidad. De modo, pues, que este pueblo a que pertenecemos, ántes de ser industrial fué guerrero, i ántes de saborear placer alguno de los que constituyen la dicha del hombre social, soportó las angustias de una guerra eterna i funesta.²⁷⁵

Como se pode perceber, a representação lastarriana da origem do *pueblo* chileno pode ser caracterizada a partir de seu esforço por promover a fundação mítica do chileno como povo guerreiro. Ao longo dos trechos que citamos ele destaca as virtudes dos araucanos como os indígenas mais valentes e organizados da América, que jamais hesitaram em defender sua independência frente aos conquistadores espanhóis.

Deste modo, ao vincular conceitualmente os araucanos com a ideia de Chile, inicialmente, e de *pueblo*, enquanto coletivo-singular, em seguida, ele deixa mais ou menos implícita a ideia de que ao tentarem conservar sua independência os araucanos lutavam também pela independência de uma nação chilena que começava a dar seus primeiros passos na história. Através deste giro, ele encontra um marco a partir do qual se torna possível conferir um ar de grandiloquência a esse evento fundacional: por mais contra-intuitiva que essa construção possa parecer, já que se sabe que no final das contas os espanhóis lograram dominar o Chile, ele deposita na ‘tradição’ de um determinado povo indígena, os primeiros fundamentos de auto-celebração, um “*recuerdo halagüeño*”, objetivando demonstrar que a nação teve uma origem elevada e que, portanto, deve permanecer guardada na memória de seus membros.

²⁷⁵ *Ibidem*, p. 42.

3.6. A “*sencillez de la esclavitud*”

Se para definir o primeiro caráter do *pueblo chileno* como um povo guerreiro Lastarria exaltou a obstinação dos araucanos em defender sua liberdade, apresentando-os como “homens de bronze”, ao abordar o influxo do segundo elemento que terminaria por modelar o perfil daquele *pueblo* durante o período colonial, podemos perceber uma clara inflexão em sua narrativa: a representação que busca exaltar as virtudes que demarcam a origem e a suposta especificidade do chileno dá lugar a uma narrativa da degeneração. Outro elemento havia influenciado de modo ainda mais decisivo seu gênio e inclinações sociais: o sistema colonial adotado pela Espanha.

Deste modo, considerando que em seus aspectos formais o sistema colonial espanhol submeteu todos os povos americanos a uma situação mais ou menos comum, Lastarria é obrigado a lidar com um quadro de referências mais amplo em que resulta difícil, para ele, ater-se apenas à sua pátria.

Por outro lado, para construir sua ideia do sistema colonial e do gênio espanhol e apreciar de que modo ele condicionou o caráter do *pueblo* chileno, nosso autor recorre a uma série de princípios teóricos gerais cujos postulados nos remetem logo ao *Espírito das Leis* de Montesquieu, principalmente seus argumentos de que se não há uma correspondência entre as leis e os costumes, o corpo político se corrompe, degenerando também o espírito geral que anima seus membros.

Diante deste quadro, o primeiro ponto a ser destacado é o de que para Lastarria o momento em que os espanhóis se lançavam na travessia do Atlântico coincidia com o momento em que a degeneração daquela monarquia em despotismo acabava de ser consumada e, portanto, o povo conquistador que chegava às praias americanas trazia consigo os germes da corrupção moral. Assim

*[...] si tratamos de investigar el influjo que en nuestra nacionalidad tuvo el sistema colonial, es indispensable que nos fijemos, siquiera de paso, en un antecedente de gran importancia: tal es la situación política i moral de la España en la época que principió la conquista de Chile i, por consiguiente, la existencia de esta sociedad que hoi vemos adulta.*²⁷⁶

²⁷⁶ *Ibidem*, p. 65.

A apreciação lastarriana da situação política e moral da Espanha à época da conquista segue um topos mais ou menos predominante nos discursos de outros intelectuais liberais hispano-americanos de meados do século XIX.²⁷⁷ Para ele, quando a Europa foi arrebatada pelas consequências sociais e políticas da reforma a monarquia espanhola se absteve de participar de suas vantagens. Ela os rechaçara com energia, e a partir de Carlos V iniciou-se um vigoroso movimento pela centralização do poder, em defesa da “[...] *integridad de la monstruosa dictadura del trono i de la iglesia, que desde entónces principiò a preparar la ruína en que aquella nacion desgraciada se ha visto sumida posteriormente*”.²⁷⁸

O princípio da crítica lastarriana aqui, como dissemos, está relacionada ao postulado de Montesquieu segundo o qual a monarquia se corrompe quando são suprimidas pouco a pouco as prerrogativas dos corpos intermediários ou os privilégios das cidades, quando o príncipe, reduzindo tudo a si mesmo, chama o Estado para sua capital, a capital para sua corte e a corte para sua pessoa.²⁷⁹ No caso de Lastarria, as críticas se concentram precisamente na destruição dos foros e liberdades dos *pueblos* que compunham o reino

*El poder municipal español habia sufrido el primero los redoblados i sordos ataques del trono, i en la época a que me refiero habia sido ya despojado de su independencia i de sus atribuciones: no existía entónces sino como un simulacro de lo que habia sido. Antes estaba reconcentrada en él la soberanía nacional, era el órgano lejítimo de la espresion de los intereses sociales de cada comunidad, i al mismo tiempo el mejor custodio de estos intereses; pero la fusión de las diversas monarquías i señoríos en que estaba dividida la Península, i el plan de centralizacion desarrollado por Fernando el Católico i consumado por Cárlos V, completaran la ruina de aquel poder precioso; de manera que al tiempo de la conquista de Chile no quedaban siquiera vestijios de él en los cabildos que ántes eran sus depositarios. La lejlislacion de Indias posteriormente redujo estas corporaciones a una completa nulidad, e invirtió el órden de sus funciones, sometiéndolas del todo al sistema absoluto i arbitrario del gobierno adoptado por la metròpoli i sus representantes en América.*²⁸⁰

²⁷⁷ Cf. DONGHI, Tulio Halperin. “España e Hispanoamérica: miradas a través del Atlántico (1825-1975)”. In: DONGHI, Tulio Halperin. *El Espejo de la Historia*. Problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas. 2ª. Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1998, p. 67-75.

²⁷⁸ LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones... Op. Cit.* p. 66.

²⁷⁹ MONTESQUIEU, Charles de Secondat. *O Espírito das Leis*. 3ª ed. Trad. Cristina Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 125-126.

²⁸⁰ LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones... Op. Cit.* p. 73.

Para Lastarria, o resultado mais óbvio deste estado de coisas era o de que a Espanha, ao estabelecer suas colônias na América, lhes transplantara todos os vícios inerentes ao seu próprio sistema de governo. Todo ele estaria reduzido a uma unidade rigorosa, que imperava ali de um modo extremo e dependia unicamente do rei que “[...] *no solo se consideraba soberano, sino tambien dueño de sus vasallos americanos [...]*”.²⁸¹

Como durante a colônia praticamente todos os funcionários do Coroa eram espanhóis peninsulares, todos eles se convertiam imediatamente em déspotas que orientavam sua ação motivados apenas pela paixão da cobiça em função da qual exerciam sua arbitrariedade para satisfazer seus desejos de poder e riqueza. Esse modo de exercer a administração da colônia era visto como um resultado natural da posição em que se encontravam:

*La prolongada distancia en que estaban las colonias de su metrópoli i las dificultades con que se hacia entónces la comunicacion de ámbos continentes, les facilitaba la impunidad de sus crímenes; la doctrina que sancionaba como justo i lejítimio todo acto de atrocidad ejercido sobre los colonos, les servia de suficiente escusa; la vaguedad, latitud i complicacion de la lejisladion de Indias, les facilitaba una autoridad inmensa, absoluta, i siempre un apoyo legal, cuando les era necesario cohonestar un abuso o legitimar una usurpacion; la necesidad, en fin, que la metrópoli tenia de asentir i deferir en todo a los informes de estos mandatarios, era un recurso brillante a que apelaban para sancionar con la voluntad de la corona cuanto podía convenir a sus miras i a sus intereses. Por esto, cada empleado superior era un rei absoluto i cada uno de los subalternos defendia, si no con la aprobacion, con la tolerancia o el ejemplo de aquéllos sus arbitrariedades i dilapidaciones. [...] La lei de la América colonial era solo la voluntad de sus mandatarios inmediatos.*²⁸²

Analisando este espírito administrativo de um ponto de vista das implicações da legislação a que o Chile estava submetido, a empresa colonial se apresenta como tendo apenas um objeto:

[...] un solo pensamiento capital dominaba todas las resoluciones de la corte i de los mandatarios de las colonias; tal era el de mantener siempre a la América en una ciega dependencia de la España, para explotarla esclusivamente, a costa de la subsistencia misma i del

²⁸¹ *Ibidem*, p. 47.

²⁸² *Ibidem*, p. 55-56.

*desarrollo de las colonias, i para sacar de su posesion todas las ventajas posibles. Desde este punto de vista la metr poli tenia un sistema, un espíritu que daba unidad a todas las resoluciones i que santificaba todos los arbitrios que se le presentaban por inicuos i reprobados que fuesen. El Nuevo Mundo era para ella una mina riquísima que debia explotar, aprovechándose de sus frutos, aun cuando fuera devast ndola i sin curarse de hacerla productiva para lo futuro.*²⁸³

Se toda administra o colonial estava voltada para a explora o dos recursos naturais da América, sem cuidar de que os colonos encontrassem efetivamente meios de prover o seu desenvolvimento, incrementando assim suas condi es materiais, suas leis também haviam sido calculadas para impedir sua ilustra o:

*Las leyes i resoluciones dictadas para impedir el desenvolvimiento intelectual de los americanos, atestiguan por otra parte la perversa intencion de mantenerlos en la mas brutal i degradante ignorancia, para hacerles doblar perpetuamente la cerviz al yugo de su soberano natural i de todos los mandatarios que derivaban de él su autoridad. Estaba con severas penas prohibido el vender e imprimir en América libros de ninguna clase, aun los devocionarios, i para su introduccion se requeria una licencia del Consejo de Indias o de otra autoridad igualmente empeñada en no consentir que penetrase en el Nuevo Mundo la luz de la intelijencia. Las pocas universidades i colejos, que establecian i reglamentaban las leyes, estaban perfectamente destinados a separar el hombre de la verdadera ciencia; eran, valiéndome de la feliz expresion de un americano, ‘un monumento de imbecilidad’.*²⁸⁴

Era, então, precisamente deste modo como os espanhóis conseguiam por meio de suas leis e resolu es, não s  estas especificamente, mas as de comércio, marinha, etc., extraviar a inteligência dos americanos com estudos antissociais, cujo objetivo era submeter todos os espíritos a uma servidão praticamente completa. A monarquia despótica havia sido o sistema sob o qual, em toda sua deformidade e com todos os seus vícios, a sociedade chilena vinha se desenvolvendo. Esta fora sua constitui o e seu modo de ser durante toda a época colonial

Esta forma política desarroll  su influencia corruptora en nuestra sociedad con tanta mas energía, cuanto que a ella sola estaba reservado crear, inspirar i dirigir nuestras constumbres, i cuanto que

²⁸³ *Ibidem*, p. 50-51.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 52. Lastarria n o se refere qual o americano foi o autor da expressão citada.

*se hallaba apoyada en el poder religioso, formando con él una funesta confederacion, de la cual resultaba el omnipotente despotismo teocrático que lo sojuzgaba todo, i que esclavizaba el espíritu.*²⁸⁵

Os resultados imediatos desta ordem não são difíceis de ser verificados: os chilenos sofriam de uma carência quase que absoluta de valores sociais. Dado que não se podia verificar efetivamente a existência dos laços que vinculam o homem com sua pátria e com os demais membros de sua comunidade, não havia união entre o interesse individual e o público, prevalecia o egoísmo e portanto:

*[...] el interes de la comunidad era desconocido, violentado i contrariado, cuando se trataba del bien de la corona, del de sus empleados o del de cualquiera que tuviese la posibilidad de hacer triunfar el suyo propio. La noble emulacion, el amor a la gloria eran sentimientos ajenos del alma del chileno; i cuando en fuerza de la naturaleza aparecian bajo cualquiera forma, eran sofocados, i lo que es mas funesto, condenados como asomo de una pasion criminal[...].*²⁸⁶

Ademais, durante o período colonial a sociedade chilena poderia ser caracterizada como uma sociedade destituída de movimento histórico, como se ainda estivesse submetida às sensibilidades de uma temporalidade anacrônica, presa às formas de sociabilidade características do século XVI

*[...] los hijos de los hijos debian seguir la condicion de sus abuelos, porque si procuraban distinguirse, eran tachados de peligrosos, de rebeldes a su rei i de perturbadores del orden establecido; a no ser que dirijiesen sus esfuerzos a glorificar a la familia real o a proveer su hacienda, depositando en ella el fruto de los trabajos de la mitad de la vida, a trueque de un título o de una honra vana que les dispensaba el despotismo para crearse mas prosélitos.*²⁸⁷

Essa anulação de toda a grandeza que Lastarria reputava ser uma condição natural do coração humano advinha precisamente do fato de o monarca ocupar tudo com seu poder e majestade: ele era o dispensador de todos os empregos, honras e preeminências; detendo uma vontade superior à lei mesma, já que poderia mudá-la conforme seus

²⁸⁵ *Ibidem*, p. 75.

²⁸⁶ *Ibidem*, p. 75-76.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 76.

desígnios, operava simplesmente de acordo com seus desejos e caprichos. Era, com efeito, o “[...] *dueño absoluto de la vida e da hacienda de sus vasallos*”.²⁸⁸

Para Lastarria, a primeira consequência disto era a própria aniquilação do indivíduo enquanto tal e, por conseguinte, de qualquer espécie de liberdade: a primeira “virtude” dos vassallos consistia no sacrifício completo de seu ser em honra do soberano, este era “[...] *la patria i la humanidad, de él procedian los honores i las riquezas, la posicion civil i cuanto valia el hombre en este mundo: habia, pues, necesidad de amarle, temerle i consagrársele sin excusa*”.²⁸⁹ O colono não significava nada por seus talentos e virtudes, mas apenas segundo a vontade de seu senhor.

Diante destas circunstâncias Lastarria conclui que a América é um espaço onde se observa um fenômeno inédito na história do mundo. Seguindo ainda a Montesquieu, ele entende que quando o desrespeito pelas leis e a corrupção dos mandatários chegam a tal ponto, a ordem social começa a perder seus fundamentos, os vínculos que unem o homem à autoridade se dissolvem e disso deve advir uma crise profunda que resulta

*[...] o bien la ruina de un pueblo o su rejeneracion completa. Pero la historia del nuestro nos presentan en esto otro fenómeno, que si bien ha existido en donde quiera que el despotismo haya imperado, nunca se ha desarrollado con tanta deformidad ni ha sido tan duradero como entre nosotros. Cuando el desprecio por las leyes está solo de parte del soberano, no produce aquellos efectos ni obra como elemento desorganizador de la sociedad, porque siendo su voluntad la única lei del Estado, no se reputan como inmorales sus avances, sino como actos lejítimos i sagrados; pero cuando ese desprecio está en todos los magistrados i en todos los hombres que tienen la conciencia de poder eludir la lei i pisotearla, con solo hacer valer su influjo o su autoridad, no puede explicarse la conservacion del órden social sino por razones mui especiales.*²⁹⁰

Por suposto, estas razões especiais, todas, poderiam ser encontradas no Chile, onde tanto o proletário quanto o colono não tinham valor e suportavam todo o peso destes costumes, mas o faziam em silêncio e resignados.²⁹¹ Diante disto, o povo não se sublevava, pois lhe havia sido inculcada a certeza de que esta era a única ordem possível,

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 76.

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 76.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 78-79.

²⁹¹ Lastarria chama proletários a todos os indivíduos que sem possuir terras ou rendimentos, tem de trabalhar nas fazendas e minas da elite econômica colonial.

já que emanava da vontade do monarca, era respaldada pela autoridade da Igreja e representava os próprios desígnios de Deus.

*Su ignorancia [la del pueblo] era tan profunda, que no le permitia concebir esperanzas ni tan siquiera idea de otro sistema mas perfecto que éste, bajo el cual habia nacido, el cual habia formado sus costumbres, modelado su vida social i echado por consiguiente hondas raices en su corazon. La crisis que hemos señalado como consecuencia fatal de la carencia de respecto a las leyes, no era, por supuesto, de temer entre nosotros, porque el despotismo teocrático, apoyando su predominio en las costumbres i en la adhesion del pueblo, tenia bastante poder para mantener la ciega sumision de sus vasallos i consiguientemente el orden establecido.*²⁹²

Os costumes poderiam ser simples e modestos, mas eram acima de tudo anti-sociais, assentados sobre erros funestos, envilecidos e degradantes sob todos os seus aspectos. Para Lastarria, foram estes elementos que predominaram constantemente em todos os acontecimentos realizados pelo *pueblo* chileno, eles constituíam a causa original de seus extravios, condicionaram todos os rumos de suas inclinações, deram forma aos seus costumes. Assim, conclui que sob todos os seus aspectos “[...] *su sencillez era la de la esclavitud*”.²⁹³

3.7. A fisionomia e sociabilidade do “pueblo” chileno

Para Lastarria o princípio da gênese e desenvolvimento do povo chileno deveria ser, indisputavelmente, considerado como o resultado do contato entre os espanhóis e os indígenas e, para delinear-mos qual seria sua visão concreta, empírica, deste povo é necessários abordarmos qual foi, para ele, a dinâmica desta interação.

Há pouco mencionamos muito brevemente que Lastarria considerava a empresa colonial como contranatural. A través de uma análise sobre as relações entre o espanhol colonizador e o indígena, inicialmente, e o espanhol colonizador e os mestiços tentamos detectar o que, afinal de contas, significava para ele conceituar essa empresa desta maneira.

²⁹² *Ibidem*, p. 79.

²⁹³ *Ibidem*, p. 80.

Até onde entendemos, o ponto central para compreendermos essa conceptualização não reside precisamente na conquista em si, mas sim nos meios como ela foi conduzida e, por conseguinte, nos fins e consequências que dela resultaram para que a nação adquirisse uma fisionomia específica.

Lastarria inicia suas análises a partir de um quadro geral de referências que antepõe espanhóis e “*indígenas americanos*”. Toda sua narrativa, neste ponto, visa condenar duramente o direito de conquista proclamado pelos espanhóis e denunciar suas consequências para os povos originários

Las abominables preocupaciones que tenia la España respecto de los americanos, imponian a estos desgraciados ciertos deberes que contrariaban sus costumbres, sus creencias i hasta sus mas tiernas inclinaciones, i concluian por someterlos a trabajos violentos i a la mas humillante esclavitud. Cuando la lei callaba, el interes de los conquistadores dictaba preceptos; i se ella establecia privilegios o exenciones, el despotismo de éstos las atropellaba, sofocando hasta los desahogos de la piedad. De esta manera los naturales del Nuevo Mundo, léjos de abrir sus ojos a la luz del evangelio i la civilizacion, léjos de mejorar su estado social, soportaban un yugo de bronce que los aniquilaba i los hacia retroceder a la barbarie i a la miseria mas espantosa: las injentes riquezas i los frutos agrícolas que los españoles adquirian a costa del trabajo de estos infelices, jamas llegaban a sus manos, ni servian tampoco para prestarles un débil consuelo en su desgracia: la relijion misma era invocada para privarlos de los bienes escasos que lograban escapar de la rapacidad de sus amos e inspirarles supersticiones groseras que los alejaban del verdadero espíritu del cristianismo. Acostumbrados los españoles a despreciarlos i a aborrecerlos, no los consideraban dignos de humanidad, i los oprimían en todos sentidos a nombre de la relijion i de las leyes.²⁹⁴

Na América como um todo os resultados deste influxo teriam sido, evidentemente, o extermínio dos povos americanos. No Chile, por sua parte, o processo seguia uma dinâmica particular:

A decir verdad, el pueblo orijinario de Chile no sufrió con tanta frecuencia las atrocidades de que fueron víctimas los demas americanos, sea porque sus conquistadores, parte consagrados a la guerra tenaz que sustentia el araucano, i parte distraidos o amedrentados por sus desastres, no tenian tiempo de emplear los brazos de los naturales en arrancar a la tierra sus riquezas; o sea porque éstas no eran tan exuberantes como lo deseaba su codicia, en

²⁹⁴ *Ibidem*, p. 83.

*cuyo caso habrian usado de la mita, encomienda i repartimientos del modo atroz i brutal como lo hacian los españoles de Perú. Con todo, sujetos los chilenos en jeneral a las mismas leyes i, cuando no a las mismas preocupaciones, al mismo odio i desprecio que en toda la estension de la América sufrian los indígenas, fueron sucumbiendo ostensiblemente al peso de la desgracia que les causaba la pérdida de su independenciam natural i la odiosa esclavitud a que vivian sometidos; i los que tuvieron la fortuna de sobrevivir, se incorporaron, poco a poco en el pueblo criollo, hasta que se confundieron con él enteramente. A principios del presente siglo existian aun varias reducciones de chilenos naturales que, sin mezclarse con la poblacion española, mantenian como en depósito sagrado los recuerdos i parte de las costumbres de sus antecesores, pero la sociedad actual las ha absorbido, o por lo ménos, las ha modificado sometiéndolas a su movimiento i arrastrándolas en su marcha.*²⁹⁵

Mesmo que de algum modo Lastarria, inicialmente, relativize os impactos da conquista espanhola sobre os indígenas chilenos, sobretudo baseado em argumentos que ressaltam os fatores contingentes do solo chileno, que não era tão rico em metais preciosos como o de outros lugares, como o Perú, por exemplo, ele lamenta profundamente o fato de que

*Trescientos años, que habrian bastado para levantar este pueblo de su ignorancia i darle en el rango del mundo el lugar a que teninan derecho de aspirar, han bastado tambien para esterminarlo i no dejar siquiera vestigios de su existencia, despues de haberlo oprimido i vejado de una manera atroz. Mas no solo tenemos que lamentar ahora este exterminio, sino tambien sus consecuencias sobre esa fraccion impertérrita de aquel pueblo, que conserva su independenciam i su barbarie a despecho de los esfuerzos de tres jeneraciones, i que sin duda resistirá todavía el bautismo de la civilizacion, por un tiempo indefinido, porque aquel ejemplo ha refinado su suspicacia i aumentado su osadía. ¡Hé aquí en compendio los efectos de las leyes i de las ideas de los conquistadores sobre la raza de los infelices americanos!*²⁹⁶

Do processo de absorção do povo originário com o espanhol e os *criollos* havia resultado então a gênese da numerosa classe dos mestiços

[...] o sea de descendientes mistos de españoles e indígenas americanos, la cual se habia multiplicado mucho hácia los treinta

²⁹⁵ *Ibidem*, p. 84.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 85-86.

*años (1570) despues del descubrimiento de Chile, época en que los araucanos, considerando a estos individuos como miembros de su gran familia, confirieron el empleo de toqui, o jeneralísimo de sus ejércitos, al temerario i valiente mestizo Painenancu. Esta raza aumentada con las castas de mulatos i zambos, que han sido en Chile demasiado reducidas en su número, a causa de haberse contado siempre mui pocos negros entre nuestros habitantes, se multiplicó tan prodigiosamente, que a fines del siglo pasado formaba la mayoría de la poblacion criolla. Humboldt, distribuyendo por razas la poblacion de la América española, hace subir la de los mestizos en Chile i el Perú a doble número de la poblacion blanca; i no solo es probable sino tambien positivo que en el dia pertenece la inmensa mayoría del pueblo chileno a las jeneraciones de aquella estirpe.*²⁹⁷

Para Lastarria, as leis e preocupações dos espanhóis também não haviam descuidado destes descendentes do povo originário – que segundo ele compunham quatro quintos da população chilena – submetendo-os a um estado de abjeção ainda pior que os próprios indígenas: estes eram geralmente tratados como um inimigo vencido, ao passo que aos mestiços estavam destinados a suportar todas as cargas da sociedade, os trabalhos mais pesados e degradantes, além de sua manutenção num estado servil e de grande pobreza. Diante disto, durante o período colonial, o mestiço foi se constituindo como uma espécie de pária da sociedade, que trazia em sua face a marca da degradação a que lhe condenara o seu nascimento. E neste ponto, os conquistadores não poderiam ter sido menos que consequentes em seu trato:

*[...] el odio i desprecio que por éstos abrigaba su corazon, i la costumbre, consagrada por la opinion de aquella época, de considerar a los indios i negros como razas degradadas, que dejeneraban de la humana, destinadas al patrimonio de los europeos, porque eran infieles e bárbaros, influyeron sin disputa en la manera de considerar a los mestizos. Aunque la sangre española corriera por sus venas, esa sangre estaba mezclada con otra impura, que hacia a los frutos del amor o sensualidad de los conquistadores, si no en todo semejantes al indijena degradado i despreciable, a lo ménos dignos como éste de la esclavitud i de la miseria.*²⁹⁸

Para Lastarria, esse tipo de postura degradante em relação aos mestiços estava profundamente incrustada na sociedade chilena, tinha suas raízes mesmas nos costumes e na ignorância de seus colonizadores e foi comunicada através das gerações, sendo plenamente apoiadas pelas leis civis adotadas no país.

²⁹⁷ *Ibidem*, p. 86.

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 88.

Estas, con su grave autoridad, la erijieron en dogma, despreciando con la misma ceguedad a los mestizos, escluyéndolos de los oficios i destinos honrosos, prohibiéndoles severamente vivir en comunicacion con los indígenas i aun valerse de ellos i de sus servicios en las necesidades de la vida. [...] Obersérvese ademas, que las leyes no solo formaban de los mestizos, mulatos i zambaigos una clase vil i despreciable en la sociedad, sujetándolas a restricciones onerosas i diferencias ridículas que atacaban a su libertad i su dignidad de hombres, que modelaban sus gustos, su manera de vivir i hasta sus vestidos i usos mas insignificantes, sino que tambien, cada vez que se referian a ella, lo hacian en términos humillantes i atribuyéndola vicios i sentimientos inmorales e denigrativos.²⁹⁹

Até aqui, como se pode perceber, os argumentos de Lastarria seguem uma lógica bem linear: as leis dos conquistadores atuavam de modo implacável no sentido de determinar a condição social dos indígenas e mestiços, reduzindo-os, desta maneira, a uma situação abjeta. Ademais, ao lermos essas linhas é impossível não notarmos, em contrapartida, a concepção essencialmente positiva que Lastarria tem das capacidades dessas populações para se desenvolverem intelectualmente, não fosse o jugo a que as leis dos colonizadores lhes submetia.

É precisamente neste sentido que Lastarria entende que a colonização foi uma empresa contranatural. Se supusermos algo como uma escala de civilizações, seria inegável que do ponto de vista material, dos recursos para se explorarem as riquezas oferecidas pela natureza, o conhecimento do evangelho, etc., os espanhóis poderiam ser considerados como “mais civilizados”. Mas a força desta civilização não fora empregada para favorecer o desenvolvimento das faculdades morais e intelectuais de indígenas e mestiços, para possibilitar a melhoria de sua condição material, para que eles pudessem, enfim, se utilizar de sua razão para prover suas necessidades, descobrir coisas novas e com isso contribuírem para o seu progresso individual e, conseqüentemente, coletivo.

À diferença de vários outros intelectuais hispano-americanos deste período, para Lastarria todos os seres humanos, independente de raça, cor, cultura, etc., devem ser considerados como iguais: ele rechaça terminantemente qualquer tipo de postulado que sustente a suposta existência de raças mais propensas ao desenvolvimento da civilização do que outras, assim como todos aqueles que defendem que a miscigenação é um fator de degeneração das faculdades desenvolvidas pelos povos civilizados, isto é, europeus.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 89-90.

Es fácil (...) concebir por que si mira como inculpable la dureza con que tratamos al proletario i ese egoismo ciego i grosero con que nos aprovechamos del fruto de su industria, apreciándolo jeneralmente sin estimar su trabajo i necesidades. Fácil tambien es explicar porque yace aun en la miseria, en la corrupcion i en la ignorancia esa última clase de nuestra sociedad, que demasiado bien ha probado que sus facultades físicas i morales no son degradadas, como lo creyeron los conquistadores, sino tan susceptibles de mejoramiento i cultivo como las de los pueblos mas sobresalientes en civilizacion. Bástanos observar como complemento de esta asercion esa numerosa clase media, que naciendo en gran parte de aquélla, no existia ántes de nuestra revolucion i que prepara un brillante porvenir a nuestra patria.³⁰⁰

Outro ponto a se destacar são suas constantes referências à situação presente do Chile: praticamente todas as análises que ele oferece da condição social dos indígenas e mestiços visam denunciar sua vigência ainda no momento em que escreve. Ao longo de sua narrativa, essas referências ao presente se tornam cada vez mais constantes quando ele passa considerar a outra classe de que se constitui o *pueblo* chileno: a dos *criollos* ou colonos. Vale notar aqui que em momentos anteriores de seu texto o vocábulo colono é utilizado de modo bastante abrangente, em alguns momentos se referindo aos indígenas, em outros aos mestiços ou aos *criollos*, e às vezes englobando as três categorias. Mas neste caso particular colono se refere majoritariamente aos *criollos* que, embora fossem filhos de espanhóis, estavam também, como os indígenas e mestiços, sujeitos aos efeitos perniciosos das leis espanholas e dos costumes a que elas davam vazão, mesmo que consideremos que estes tenham, neste caso, resultado em consequências mais particulares.

Para Lastarria o principal influxo das leis e costumes espanhóis sobre os colonos havia sido o desenvolvimento de uma forte adesão ao culto à nobreza, a principal forma de sociabilidade que ele identifica durante a época colonial, que produzia consequências indesejáveis tanto do ponto de vista das relações sociais, como do das relações econômicas. Como ele afirma:

Las leyes i la preocupacion de los conquistadores dieron, pues, origen al apego de la parte principal de la poblacion de la colonia chilena a las ideas de nobleza i al desprecio inicuo por los mestizos, i todo lo

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 103-104.

*que les pertenecía, apoyando sólidamente las costumbres nacionales en este punto.*³⁰¹

Os argumentos a que Lastarria recorre para fazer a crítica do culto à nobreza, de um ponto de vista social, também estão ancorados num pressuposto segundo o qual este é um tipo de sociabilidade contrária à ordem natural do universo moral que caracterizaria o ser humano, embora, aqui também, ele reconheça que estes resultados foram um desdobramento lógico da colonização:

*La Providencia Suprema, siempre consecvente en sus creaciones, nos ha suministrado sabiamente, para satisfacer aquella lei [la de la perfectibilidad humana] de nuestro ser moral, infinitos medios, que podrian reducirse a una sola espresion: - la virtud i el talento, en toda la estension que puede darse a este lampo de la intelijencia divina con que se adorna el espíritu humano. Empero, las leyes i las preocupaciones quisieron sobreponerse a los dictados de la naturaleza: las virtudes, los talentos, las riquezas mismas no tenian valor alguno sin la nobleza de sangre, durante la época funesta de la colonia, en que lo llenaba todo un monarca, al cual debia sacrificarse toda superioridad natural, a cuya gloria debia referirse todo, i sin cuyo beneplácito no era dado al hombre aspirar a distincion alguna!*³⁰²

Recorrendo a uma formulação algo metafísica, ele entende que a providência depositou na humanidade um “*excedente de actividad*” que constitui a própria essência do impulso para a sua perfectibilidade. Em princípio, esta energia interior teria diversos canais para se manifestar: pela interação com a natureza, através do exercício de uma curiosidade instintiva que atuaria como um estimulante para o desenvolvimento da inteligência, das esperanças de se alcançar algum fim elevado, etc. Sua crítica ao culto à nobreza de sangue se baseia então na percepção de que, de um modo ou de outro, toda essa energia inerente à condição humana era anulada uma vez que este valor veio a ser o

[...] único término de todas las aspiraciones, con la singularidad de santificar todos los medios que podian ofrecerse para alcanzarlo. [...] La nobleza de sangre era el supremo bien social: los colonos que la poseian i los que presumian poseerla, alegaban un título incontestable al aprecio o, por lo ménos, al respeto de todos; porque la calidad de noble daba derechos, daba virtudes i traia consigo la facultad de

³⁰¹ *Ibidem*, p. 91.

³⁰² *Ibidem*, p. 93-94.

*hacer el mal sin responsabilidad i de entregarse a los vicios sin deshonra.*³⁰³

O apego da sociedade aos valores relativos à nobreza de sangue era tal que os próprios mestiços, quando por algum motivo podiam procurar algum lugar mais cômodo na sociedade, ou que com o transcorrer das gerações logravam velar sua origem e apresentar-se como iguais em cor aos espanhóis “[...] *eran los primeros en adherirse a aquella distincion i en adoptar la costumbre de odiar, despreciar i oprimir a los indíjenas i a los de su linaje*”.³⁰⁴

Após traçar este quadro, Lastarria considera que o povo chileno durante este período é dividido em duas grandes classes:

*[...] en la primera debemos colocar a los colonos que podian ostentar un título o una ejecutoria de nobleza, i a todos aquellos que sin ser condecorados, apoyaban su distincion en la pureza de su sangre, ora fuesen o no propietarios, siempre que por cualquiera circunstancia pudieran manifestar que poseian aquella calidad. A la segunda pertenecian todas las razas de color i los mestizos, cualesquiera que fuesen sus virtudes, sus talentos i aun sus caudales, siempre que por algun accidente estoviese todavía manifiesto el oríjen de su estirpe.*³⁰⁵

A primeira consequência desta distribuição social seria precisamente a de que a classe dos colonos, motivada pela posse do maior dos bens sociais a que se podia aspirar no Chile, ostentava sua superioridade em relação aos membros da outra classe até o ponto de não reconhecê-los como detentores de qualquer direito. Ao contrário, se considerava como a detentora natural de seus serviços e suas prerrogativas de nobreza bastavam para justificar o desprezo e as atrocidades que lhes dispensavam.

*Su nobleza le servia ademas para justificar sus usurpaciones, para cohonestar sus propios vicios i paliar sus nulidades, porque el colono era noble i católico, o mejor diré fanático, i profesaba una ciega adhesion a su monarca, tenia las prendas mas seguras de su exaltacion social i el título incontrovertible a la supremacía sobre las castas color.*³⁰⁶

³⁰³ *Ibidem*, p. 94.

³⁰⁴ *Ibidem*, p. 94.

³⁰⁵ *Ibidem*, p. 98.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 99.

Foi então precisamente sob essa influência que os mestiços vieram se desenvolvendo, de maneira que quando se multiplicou até formar a

[...] mayoría de nuestra poblacion, se halló ocupando el último escalón de nuestra sociedad i sometida a la mas humilde i abyecta condicion. [...] Por esta razon siguieron naturalmente la condicion de los autores de su existencia: eran consiguientemente pobres i desvalidos de todo recurso, sujetos a la esclavitud i con mas frecuencia a la servidumbre onerosa que, bajo denominaciones hipócritas, imponian a aquéllos las leyes i la codicia de los propietarios; vivian sumidos en la mas profunda ignorancia, i ni la luz del evangelio les era dado gozar, porque la educacion religiosa que a veces se les suministraba se reducía a mostrarles un Dios de venganzas i a enseñarles algunas prácticas de ruin supersticion para aplacarle.³⁰⁷

O culto à nobreza servia também como uma escusa para a abstenção de qualquer atividade produtiva que tivesse relação com o emprego de algum ofício. Por causa disso Lastarria entende que jamais houvera para os colonos qualquer mérito em se dedicar as artes ou ao comércio, por exemplo, e se no Chile alguma atenção fora dispensada à agricultura isso ocorria porque era dela que se extraía com mais facilidade as riquezas do país.

¿Qué eran durante la colonia los artesanos, los agricultores, los comerciantes, los que profesaban un arte liberal i aun los profesores de ciencias i los preceptores de instruccion primaria? Nada mas que hombres envilecidos por su ocupacion, indignos de alternar con los que posuian una ejecutoria de nobleza, e incapaces por su condicion de aspirar a un puesto honroso en la sociedad. ¡Vigorosa todavía hemos alcanzado nosotros, a pesar de nuestros progresos, esta degradante preocupacion, esta aberracion inicua de nuestra sociedad, i por desgracia tenemos que lamentar hoi dia sus funestas consecuencias!³⁰⁸

Diante deste quadro temos os antecedentes para a reconstituição do modo como Lastarria considerava as relações econômicas durante a colônia, um reflexo mais ou menos imediato da maneira como os laços sociais foram tecidos no Chile. É importante notar aqui que quando Lastarria analisa o âmbito das relações de trabalho ele agrega à supracitada diferenciação por classes, a qualidade de proprietário, aos que detinham

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 99-100

³⁰⁸ *Ibidem*, p. 97-98.

algum título ou prerrogativa de nobreza, e de proletário àqueles que ele considerava como desvalidos no âmbito desta sociedade.

As relações entre o nobre proprietário e o proletário, de seu ponto de vista, repetiam as relações existentes durante a Europa medieval, estabelecidas entre o senhor feudal e seus vassallos, só que dissimuladas sob uma nova terminologia.

Es sabido que la riqueza de nuestro país estaba entónces reconcentrada en la propiedad rural, que se beneficiaba por medio del sistema de encomiendas i repartimientos, el cual mas tarde vino a refundirse en cierto feudo o vasallaje en que el proletario, con la denominacion de inquilino, somete enteramente sus servicios a la voluntad del amo, sin mas recompensa que la escasa subsistencia que puede procurarse con alguna parte de dominio útil del fundo que cultiva. Con este arbitrio, los pocos propietarios que existian no tenian necesidad de valerse del servicio de los proletarios libres, sino en señaladas ocasiones; i como el número de éstos era excesivo, resultaba como consecuencia precisa i natural que aquéllos eran los que fijaban el salario de tales servicios de la manera que mas les interesaban i con absoluta libertad. No es por consiguiente exajerado establecer, en vista de tales hechos, que de los 400.000 habitantes de la colonia chilena, por lo ménos 390.000 estaban sujetos a la voluntad del pequeño número restante, componiéndose la mayoría de los infelices mestizos proletarios que nada eran en la sociedad i que vivian condenados a una perpetua i desesperante esclavitud disimulada.³⁰⁹

Estabelecendo um breve quadro comparativo entre a situação do proletário nesta época e no presente Lastarria observa que:

Todavía observamos bien de manifestó el efecto de semejante órden de cosas: el proletario, es cierto, goza hoi de la libertad de aprovecharse del movimiento i desarrollo de la industria para dar mas estimacion a sus servicios, pero el propietario conserva todavia el hábito antiguo de oprimirle i de aprovecharse de su trabajo: ya no le desprecia por mestizo, sino por miserable, porque le considera depositario de todos los vicios, a causa de la abyecta condicion social a que le redujeran las leyes i las preocupaciones de la colonia.³¹⁰

Sem incorrer numa espécie de mea-culpa, para Lastarria os proprietários, ou nobres, eram também vítimas dos vícios produzidos pelo sistema colonial, pois,

³⁰⁹ *Ibidem*, p. 101.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 101-102.

desconhecendo estes antecedentes que ele veio esboçando, insistiam na manutenção destes costumes sem consciência de que, de um lado, não desenvolviam meios de aumentar sua produtividade e, de outro, contribuía para a perpetuação de seus efeitos perniciosos para a nação.

Por fim, também é importante destacar que, embora reconheça que a escravidão perpétua, à qual os negros eram submetidos, nunca tenha tido uma penetração de vulto no Chile, em decorrência destes antecedentes ela tinha sido substituída por uma forma de escravidão velada e não menos degradante que era, exatamente, a escravidão pela necessidade.

3.8. A unidade da nação: “*las prendas jeniales de nuestra sociedad*”

Até agora vimos tentando reconstituir os argumentos que Lastarria utilizou para caracterizar o povo chileno. Como vimos, ele considerava que este povo era uma espécie de soma entre indígenas, mestiços e *criollos*. Embora este povo estivesse dividido em duas classes principais, em que as inclinações e preocupações de uma não faziam mais do que perpetuar a miséria e ignorância da outra, Lastarria entende que todos os elementos presentes na história colonial do Chile contribuíram para constituir sua unidade e conformar o que “[...] podemos llamar su existencia moral”.³¹¹

Diante disto cabe perguntar: o que se pode dizer sobre a unidade desse caráter nacional? Seria ele o resultado dos costumes ou, ao contrário, o caráter nacional que os determinava, conferindo-lhes seus traços e delimitando seu curso?

Reconhecendo um princípio que ele supõe justificado pela história agrega que

*[...] no puedo ménos que establecer como inconcuso que al considerar nuestro carácter nacional hemos de reconocer como elementos influyentes en él, tanto las costumbres, i con ellas las leyes i preocupaciones de los conquistadores, cuanto las del pueblo indígena, en la intelijencia de que la mayoría de nuestra nacion se compone de la casta mista que deriva su existencia de la union de aquellas dos fuentes orijinarias.*³¹²

³¹¹ *Ibidem*, p. 117.

³¹² *Ibidem*, p. 123-124.

Além das matrizes propriamente humanas que deram origem ao povo chileno, Lastarria considera pela primeira vez de um modo explícito o fator geográfico como condicionante deste caráter nacional. Para ele devemos levar em conta que a latitude, a condição orográfica, os aspectos físicos da natureza em seus mais variados aspectos interferem não somente na organização física do homem, mas também em sua moral.

*En la estension que media entre los 27 i 46 grados de latitud, que estaba ocupada por los naturales a la época de la conquista, i que ha servido de asiento a la colonia española i consiguientemente a nuestra sociedad, se encuentran diversos climas i variados aspectos naturales: en la parte continental del sur, espesos bosques, caudalosos rios, espaciosos lagos i elevadas montañas, cubiertas casi perpetuamente de nieves, las cuales cruzan el territorio en complicadas direcciones encerrando valles profundos vestidos de una vigorosa vejetacion: en la media septentrional, por el contrario, se ostentan dilatadas llanuras, que se prestan fácilmente al cultivo, colinas apacibles, risueños torrentes i un clima templado i dulce.*³¹³

Estes variados acidentes, por assim dizer, certamente condicionaram o gênero de vida das diversas populações ali assentadas, modificando as tendências e inclinações de seus habitantes: os que viviam no terreno mais acidentado eram, então, mais severos, ativos e independentes, os outros tinham modos mais suaves, quase submissos:

*[...] en aquéllos ha debido predominar un elemento disolvente que propendía a debilitar los vínculos sociales i a dar a las relaciones un colorido agreste i salvaje, i en éstos un principio contrario que los ha hecho mas pacíficos i mas amantes de la cultura i de la sociedad.*³¹⁴

Para Lastarria, o influxo destas causas se manifestava de modo indelével no povo indígena:

[...] sus diversas tribus, que tanta homojeneidad tenian entre sí que llegaban a formar una perfecta unidad, diferian mas o ménos en la rudeza de sus costumbres i en la mayor o menor firmeza de su carácter; unas se sometieron casi sin resistencia al yugo del conquistador, adoptando su relijion i confundiéndose con él, i otras

³¹³ *Ibidem*, p. 124.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 124-125.

*permanecen aun con su independencia, su religion, sus costumbres primitivas.*³¹⁵

Ao passar a considerar o espanhol Lastarria parece vacilar e, recorrendo a uma indução lógica, pergunta retoricamente se não seria plausível considerar que localização geográfica do Chile, seu contato com os indígenas e mestiços, também não teriam produzido modificações sobre o caráter espanhol e, em consequência, sobre o caráter nacional. Mas ele para por aí.

Lastarria reconhece estar numa época de transição, o que tornaria difícil apreciar de uma maneira definitiva todos os elementos do caráter nacional chileno. Esse período de transição, contudo, não chega se tornar um obstáculo intransponível para vislumbrar algumas modificações de “*nuestra nacionalidad*”:

*Procuremos investigar: observemos al araucano, infatigable viajero, ciego amante de su independencia; veamos su carácter soberbio, independiente, valeroso, inconstante, disimulado, irritable, poco jovial i siempre taciturno; i preguntémonos si jeneralmente hablando no se descubren estos mismo rasgos en todo nuestro pueblo i particularmente en el mestizo. Atendamos por otra parte a la influencia del sistema colonial i al conocido carácter del español, i encontraremos un medio lógico de esplicar en nuestra sociedad el fanatismo, la intolerancia, el disimulo, o mas bien, la hipocresía con que se encubren las emociones mas tiernas del corazon i las opiniones mas justas i lejitimas por temores quiméricos; esplicaremos finalmente esa lealtad i nobleza de espíritu, esa cordial fraternidad, ese entusiasta amor a la patria, esa feliz docilidad sin abatimiento que siempre han caracterizado nuestra nacionalidad.*³¹⁶

Para Lastarria mesmo que estes diversos caracteres constituíssem ainda uma amostra mais ou menos incoerente do que o chileno era, eles ainda continuavam manifestos em seu presente, ora se confundindo como um todo, ora se chocando, denotando, assim, a existência de tendências senão opostas ao menos conflitantes no interior de sua nação, características de uma sociedade que, tal qual um organismo humano, ainda não tinha desenvolvido em toda sua plenitude as faculdades e caracteres que haveriam de conferir sua fisionomia própria. Era precisamente isto que fazia com

³¹⁵ *Ibidem*, p. 125.

³¹⁶ *Ibidem*, p. 127.

que fosse difícil por hora “[...] observar a punto fijo las prendas jeniales de nuestra sociedad”.³¹⁷

3.9. A revolução chilena como condição de possibilidade histórica

Chegamos então ao segundo ponto culminante da história do Chile. Até aqui tentamos reconstituir os modos como Lastarria delineou os principais caracteres de sua nação, desde sua gênese até os limiares do século XVIII. Buscamos também apresentar qual era a fisionomia do povo que constituía essa nação e os traços predominantes de suas formas de sociabilidade.

Se desconsiderarmos a primeira representação lastarriana do povo chileno como um povo guerreiro, toda sua história subsequente foi contada a partir do influxo que o sistema colonial espanhol teve para o desenvolvimento deste povo, que foi adquirindo seus traços sob influência direta do que Lastarria chamou de “despotismo teocrático”, cujos principais resultados teriam sido sua manutenção num estado de abjeção, uma quase que total inatividade intelectual e a ausência das práticas e valores sociais necessárias ao desenvolvimento das virtudes cívicas que ele reputava como inerentes à natureza humana, impedindo, assim, o desenvolvimento mesmo da liberdade.

Lastarria desenvolveu suas interpretações sobre a revolução do Chile em duas ocasiões. No último capítulo das *Investigaciones*, em que ele busca elucidar quais teriam sido seus princípios motivadores e a partir daí apontar sua lógica particular. Para depois, em 1847, retomar suas conclusões e desenvolvê-las mais pormenorizadamente no *Bosquejo Histórico de la Constitución del Gobierno de Chile Durante el Primer Período de la Revolucion desde 1810 hasta 1814*.

Para Ana María Stuvén, as *Investigaciones* de Lastarria se tornaram especialmente confusas quando ele se deteve na explicação do movimento de independência, quando trata de explicar como um movimento regenerador que buscava a mudança pôde surgir no seio da sociedade imóvel por ele descrita.³¹⁸

³¹⁷ *Ibidem*, p. 128.

³¹⁸ STUVÉN, Ana María. “La Generación de 1842 y la conciencia nacional chilena”. In: *Revista de Ciencia Política*, Santiago, vol. IX, n.1, p. 67.

Acreditamos que uma primeira explicação para essa aparente contradição reside na própria concepção de história de Lastarria como um movimento natural que tem duas facetas por assim dizer: a progressividade histórica pode ser obra direta da ação humana, ou bem poder ser que as sociedades, embora retrógradas, sejam tragadas pela própria força deste movimento quando não se encontram em condições de acompanhá-lo sincronicamente.

De um ponto de vista geral, todos os argumentos que Lastarria veio desenvolvendo nas *Investigaciones* até chegar a sua interpretação para a revolução chilena visavam fornecer a resposta a uma pergunta: o que era o povo chileno em 1810? Para ele, responder a esta questão era imprescindível para que se pudesse atingir um conhecimento preciso sobre os resultados da revolução, assim como para que se pudesse descobrir a direção que ela deveria seguir para completar seu desenvolvimento.

*Atendamos lo que fué nuestra sociedad para ver lo que debe ser i lo que será. ¿Estaba o no preparada para entrar a nueva vida i someterse a un sistema diametralmente opuesto al que la rejó tres siglos, i bajo el cual se desenvolvió su existencia? Nó por cierto: el colono habia sido precisamente educado para vivir siempre ligado a la servidumbre, i para no desear ni conocer siquiera una condicion mejor que aquella a que estaba sometido; las leyes i las costumbres conspiraban de consuno a ocultarle su importancia moral i a destruir su individualidad; el colono, en fin, no tenia conciencia de sí mismo i todo él, su vida i sus intereses estaban absorbidos en el poder real i teocrático, del cual dependia íntegramente. El sistema colonial se apoyaba, pues, en las costumbres i marchaba con ellas en íntima unidad i perfecta armonía.*³¹⁹

Diante disto, seria para ele um absurdo considerar a revolução de independência chilena como resultado de sua civilização ou de seus costumes. Ou, o que dá no mesmo, não se deveria buscar suas causas imediatas no interior da sociedade chilena. Essa convicção fica manifesta quando ele oferece sua interpretação sobre as revoluções norte-americana e francesa:

Los anglo-americanos tenían una manera de vivir profundamente democrática, tenían sobre todo costumbres industriales, intereses mercantiles que elaboraban en aquel pueblo desde mucho tiempo atras un elemento poderoso de independencia; así es que desde el

³¹⁹ LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones...* Op. Cit. p. 129.

*instante mismo en que estas costumbres i estos intereses llegaron a ponerse en conflicto con los de la metrópoli, se rompió bruscamente el vinculo debilitado que a ello los unia, i apareció una república omnipotente, que luego se atrajo los respetos del mundo entero. La revolucion de Francia, por otra parte, fué un resultado lógico de antecedentes conocidos: desde la muerte de Luis XIV principió a debilitarse el trono i a dejar de estar en armonía con las costumbres i intereses populares; i en la época de Luis XV, trono, parlamento, nobleza, clero, relijion i filosofía, todo se hallaba ya en completa guerra; i no podía ser de otra manera, puesto que las costumbres estaban en pugna abierta con las leyes i con los intereses del clero i de la nobleza.*³²⁰

As revoluções dos Estados Unidos e da França haviam sido então radicais, pois se apoiando nos costumes, encontravam indivíduos conscientes de sua importância moral e de seus direitos. Por isso sua força havia sido expansiva e terminou por alcançar todas as extremidades de cada uma destas nações, fazendo com que, desta maneira, a reforma fosse operada por completo. A revolução chilena, por sua vez, não sendo uma consequência de nenhum destes fatores, nem muito menos estando apoiada pela força dos costumes teve de seguir “[...] *el curso ordinario i fatal de la naturaleza de las cosas i no pudo ménos de ser disimulada en su oríjen i parcial en su objeto i en su desarrollo*”.³²¹

A diferenciação feita por Lastarria entre revoluções radicais e moderadas se baseia num pressuposto implícito que é, precisamente, o tipo de relação que cada uma delas estabelece com o passado e com seu conjunto de tradições. Mas aqui, o fator primordial não reside tão só na necessidade de ruptura.

Neste caso, a revolução norte-americana constituía uma notável exceção, já que, *grosso modo*, foi um movimento de ruptura com a metrópole que buscava salvaguardar um conjunto de costumes e tradições que começaram a ser ameaçados pela interferência inglesa nos negócios nacionais.

Desta perspectiva ela era bastante diversa das revoluções francesa e hispano-americana já que, para ele, ambas tinham como objetivo fundamental romper praticamente todos os laços com o passado. Mas, entre essas duas últimas, a diferença é que, no caso francês, a partir do momento em que os costumes começaram a entrar em descompasso com o sistema político e social, seria uma questão de tempo até que se

³²⁰ *Ibidem*, p. 129-130.

³²¹ *Ibidem*, p. 130.

irrompesse um movimento vigoroso que faria com que todo aquele edifício entrasse em colapso. Não que não tenha havido resistências e tentativas de restabelecimento da antiga ordem, mas a questão é que essas resistências não eram fortes o suficiente para conter toda a torrente revolucionária uma vez que ela fosse liberada.

No caso do Chile, dados os antecedentes que Lastarria elenca ao longo das *Investigaciones* (numa palavra o processo de constituição da “*sencillez de la esclavitud*”), a própria lógica de sua história faria com que essa luta contra o passado tivesse de ser travada de maneira velada, através de uma série de artifícios, dentre os quais o principal seria o dissímulo. Para Lastarria, em 1810 a força do passado era ainda muito grande para que se lhe pudesse declarar uma luta aberta e radical. Em consequência disso, à diferença do caso francês, pelo menos nesta primeira fase, seria não apenas impossível, mas altamente ilógico, supor a possibilidade de emergência de um vetor determinante do curso dos acontecimentos. É precisamente essa lógica que ele procurou tornar explícita ao analisar, no *Bosquejo Histórico*, os principais eventos que marcaram a primeira etapa do movimento encerrado em 1814, por ocasião da reconquista espanhola levada a cabo a partir de uma reação arquitetada pelo centro de comando do então Vice-Rei do Peru.

Deste modo, ao longo de toda a narrativa Lastarria busca elucidar quais foram as principais tendências que se desenvolveram no interior da sociedade chilena a partir do momento em que chegam as primeiras notícias da queda do rei Fernando VII sob as tropas de Napoleão Bonaparte. Para ele, os desejos de operar uma independência completa podem ser detectados já desde a primeira Junta governativa formada no Chile, que recebeu o título de “*Conservadora de los derechos del rei durante su cautiverio*”. Assim, apesar de reconhecer que esta primeira Junta fora constituída para salvaguardar os direitos do monarca deposto, afirma que:

[...] no es ménos efectivo que a pesar de todas las manifestaciones de sumision a la metr poli, gran número de los honrados varones que tomaban parte en los negocios del gobierno habian concebido ya la idea de obrar una modificacion completa, que trajese por resultado la independencia de Chile i la fundacion de una república.

No se emitia esta idea sin usar de muchos disfraces hipócritas, porque los amigos de la libertad, eran, o bastante prudentes para conocer que no podian obrar una revolucion radical, o bastante pusilánimes para someterse gustosos al lento i pesado desarrollo de los acontecimientos, i para esperar de él únicamente el triunfo de su

propósito. [...] De todos modos, no puede ménos de merecer la aprobacion de la posteridad esta conducta precavida i medrosa, i por lo mismo la mas a propósito para no hacer abortar una empresa que carecia de apoyos i de antecedentes, i cuyo triunfo no podia jamas ser el resultado de un choque abierto i franco con los elementos que aseguraban todavía el dominio de la metrópoli.

*El primer paso que se dio en esta revolucion lenta, disimulada i parcial, fué la convocatoria a un Congreso del reino espedita por la Junta gubernativa en 15 de diciembre de 1810.*³²²

A partir de então, Lastarria começa a narrar a série de ensaios de organização de um Congresso Nacional, sempre embaraçados pelos inconvenientes “[...] *nacidos del empeño que desde entónces desplegaron los partidarios del órden antiguo para atajar el progreso de la revolucion i restablecer el gobierno colonial*”.³²³

Assim, no primeiro ano do movimento o que se percebe é algo como uma divisão natural entre os defensores dos direitos do rei cativo e alguns poucos indivíduos de nota que começam a arquitetar veladamente a operação de uma ruptura mais radical. A consequência dessa divisão inicial não poderia ter sido outra senão uma constante flutuação muito semelhante à anarquia.

*Pero ¿quién puede asegurar que esa situacion extraordinaria no fuese provechosa a los amigos de la independencia? Ella era un resultado lógico de las circunstancias, porque no solo no habia un interes, un principio que prevaleciera, sino que tampoco habia hombres bastante capaces para representar i hacer triunfar alguno de los intereses que entónces se chocaban; todo era incierto i fluctuante, hasta las ideas de organizacion que abrigaban los mas adelantados de aquella época.*³²⁴

Ao contrário do que se poderia esperar, para Lastarria a anarquia produziu dois resultados positivos. Um deles foi o fato de, pela primeira vez, a unidade do sistema espanhol ter sido decisivamente fragmentada, o que implicou não só numa redução do poder do rei, como também produziu a certeza de que ele poderia ser desobedecido. Desta maneira, todas as ideias basilares da revolução, como a necessidade de

³²² LASTARRIA, José Victorino. *Bosquejo histórico de la constitucion del gobierno de Chile durante el primer período de la revolucion desde 1810 hasta 1814*. In: *Estudios Históricos*. Tercera Serie. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1909, p. 67-68.

³²³ *Ibidem*, p. 69.

³²⁴ *Ibidem*, p. 75.

constituição de um governo independente baseado na soberania popular, começam a ganhar terreno,

[...] porque esa intevencion frecuente en los negocios públicos, ese congreso soberano que no obra sino influido por lo que entónces se llama voluntad popular, i que en las crisis mas graves apela al pueblo, oye su parecer, defiere a sus peticiones sin embargo de que son unos pocos los que se arrogan el derecho de interpretar, de proclamar i de representar esa voluntad, son otros tantos elementos revolucionarios que debilitan la influencia de las preocupaciones coloniales, que despiertan la idea de la dignidad del hombre en sociedad, completamente aniquilada en el sistema español, que inquietan los ánimos para emprender lo que ántes habria sido imposible, que echan en el corazon los jérmenes del amor a la patria i del espíritu público.³²⁵

Essa mesma anarquia, que ao final de 1811 veio a se resolver com o cisma temporária de Concepción, uma das três províncias que compunham a nação ao lado de Santiago e Coquimbo, produziu, em função desse mesmo fim, outro efeito saudável:

[...] tal es la consideracion de que aquel jénero de procedimientos nos es el mas conveniente a los nuevos intereses que se quieren hacer triunfar, porque miéntras permanezcan divididos i chocando entre sí los que se han encargado de la ventura de la patria, están espuestos a ser vencidos i perdidos sin remedio.³²⁶

O que se deve destacar aqui é que, para Lastarria, a anarquia não coincide necessariamente com um estado de caos. Ela está mais relacionada com a inexistência de uma tendência predominante no interior do próprio movimento que, por sua vez, é o resultado da própria dificuldade encontrada em se adotar uma postura mais radical, abertamente revolucionária, gerando, assim, aquele estado de flutuação constante, a partir do qual, paradoxalmente, não se pode deduzir nenhum curso efetivo. Faltava portanto uma liderança dotada de espírito o suficiente para tentar fazer a revolução marchar a passos mais firmes e Lastarria identifica em José Miguel Carrera a primeira figura a ter adotado uma postura mais abertamente radical.

³²⁵ *Ibidem*, p. 75.

³²⁶ *Ibidem*, p. 76.

José Miguel Carrera havia sido eleito o presidente da Junta Provisória de Governo em novembro de 1811 após a organização de um movimento militar que buscou acabar com influência dos dois primeiros grupos que haviam se articulado durante o primeiro ano da revolução e vinham rivalizando na disputa pelo comando das diversas Juntas então organizadas. Para Lastarria, Carrera já

[...] habia verificado los dos últimos movimientos para despojar de la autoridad al partido de los que entónces se llamaban los exaltados, por contraposicion a los sarracenos o godos, que eran los partidarios del antiguo réjimen. Los exaltados no eran otros que los conservadores de mas tarde, cuya política revolucionaria estaba mui léjos de satisfacer las aspiraciones radicales de Carrera. Este pretendia formar un nuevo partido verdaderamente revolucionario que hasta entónces no contaba mas afiliados que sus deudos i algunos camaradas entusiastas por su persona; i se veia precisando a rodearse en el poder de algunos hombres que por sus antecedentes personales eran respetables, pero que no comprendían las miras del caudillo.³²⁷

A representação do general Carrera ocupa um lugar de certo modo ambíguo na narrativa de Lastarria, pois se ele é apresentado como o indivíduo mais capaz, por seus meios, como por seu espírito de liberdade, para conferir uma tendência mais radical à revolução, suas ações terminaram por exercer um efeito oposto ao inicialmente pretendido.

O principal resultado disso, uma vez que os partidários do antigo regime tinham, aparentemente, sido aliados dos negócios que envolviam os mais elevados destinos da pátria, foi uma nova divisão de forças, desta vez, entre os próprios defensores de sua liberdade:

Si comparamos esta conducta de los hombres mas ilustrados de aquella época con la de los que procedian sin transigir con los partidarios del sistema antiguo, obrando aquellas repetidas variaciones en el gobierno que venieron a terminar por la destruccion del entónces llamado Alto Congreso Nacional, veremos que habia entre unos e otros un verdadero desconcierto, i hallaremos la causa inmediata que perpetuó hasta mucho tiempo despues una lucha fratricida, que mas de una vez entorpeció la marcha i el progreso de la revolucion. De parte de aquellos se mostraba una cautela que bien podía confundirse con la pusilanimidad, miéntras que éstos procedian con una franqueza que a veces rayaba la imprudencia. El jeneral don

³²⁷ *Ibidem*, p. 74.

*José Miguel Carrera, que aparecia como el caudillo de estos últimos, era, según ha dicho un escritor, “el único hombre de aquel tiempo capaz de poner en movimiento los medios de defensa que el país poseía, i si la opinión pública le hubiese prestado su apoyo, muchos males se habrían ahorrado a Chile i a casi toda esta parte de la América”. En realidad, él contaba con el arrojo i energía que se necesitan para emprender una revolución radical, pero no tenía la capacidad de todo punto extraordinaria que había menester para consumarla en un pueblo, como éste, que ningún antecedente poseía favorable a semejante propósito.*³²⁸

A principal diferença entre estas duas tendências é apresentada a partir de uma distinção entre os princípios que conduziam suas ações, como se fosse uma espécie de confronto desmesurado entre os que se movem conduzidos simplesmente pela inteligência e os que se movem partir dos sentimentos:

*Aquí tenemos, en el origen de la revolución de la independencia, dibujados ya los dos partidos que mas tarde van a disputarse la dirección de esta sociedad que ámbos a dos van a crear; el uno es rejenador, i obra solo a impulsos de la inteligencia, sin curarse de las dificultades de los resultados; el otro es conservador i en él obra mas el sentimiento que la inteligencia, de modo que propende a realizar su pensamiento sin ultrajar las preocupaciones, sin destruir de un solo golpe. La política del primero es casi siempre tan certera como la del segundo; pero es mas precipitada, realiza pronto encargándose de restañar despues las heridas que abre con su paso; mientras que la de éste, a fuerza de ser prudente, es tardía i medrosa, i haciendo alarde de su juicio i de su tino para curar los males de la sociedad, no pocas veces los hace mas duraderos e incurables. El choque entre ámbos es funesto, porque no quieren convencerse de que los dos proponen a un mismo fin, porque rara vez concede algo el uno a la moralidad i buenos sentimientos del otro; i mas que todo, porque sus hostilidades solo aprovechan a los especuladores, engañoso justo medio, que so pretesto de regularizarlo todo, no hace mas que ostentar el camaleón que le sirve de símbolo.*³²⁹

Do que podemos perceber, se tentarmos deduzir das considerações de Lastarria algo como uma temporalidade intrínseca ao movimento revolucionário, esta parece descrever uma trajetória cíclica. Com o cativo de Fernando VII são instaladas as juntas de governo, nas quais o princípio da independência tem de ser enunciado dissimuladamente, mesclando afirmações da garantia da soberania do rei deposto, com princípios que negam a possibilidade de existência de um governante nato ou

³²⁸ *Ibidem*, p. 90-91.

³²⁹ *Ibidem*, p. 92-93.

perpétuo.³³⁰ Em seguida, os partidários do antigo regime são momentaneamente alijados das juntas, que se tornam plenamente patrióticas. Os patriotas se dividem em radicais e moderados, e os defensores do antigo regime, se aproveitando dessa fissura, recorrem também ao dissímulo de suas verdadeiras intenções para se reinstalarem no jogo de forças políticas, apresentando-se como homens favoráveis a uma transição mais moderada. É dessa espécie de lógica do dissímulo, por seu turno, que surge a força capaz de romper com essa circularidade, fazendo com que a cada ciclo, o movimento revolucionário avance em seu propósito de ruptura.

Agora bem, Lastarria compreendia a finalidade da revolução como o princípio de um compromisso de regeneração moral, um movimento que, idealmente, deveria conduzir à realização da democracia. Deste ponto de vista, se tomarmos as *Investigaciones* e o *Bosquejo histórico*, como obras em que há uma clara continuidade interna, percebemos que Lastarria articula uma história filosófica de sua constituição política que partiu da monarquia e tinha como objetivo a realização da democracia, obstaculizada no caso chileno pela opressão do passado colonial. Metaforicamente, poderíamos caracterizar esse movimento como um processo de tomada de consciência, a partir da revolução, da existência da pátria e da necessidade de defender sua autonomia. O ponto em questão aqui, é que, se de uma perspectiva meta-histórica, Lastarria partia do princípio de que a revolução não poderia ser radical, o mesmo não ocorria do ponto de vista da dinâmica própria aos acontecimentos, pois, para os contemporâneos do movimento, a revolução era ainda um segredo que ia se revelando paulatinamente, na medida em que seu curso ia sendo descrito.

Neste sentido, o momento investigado por Lastarria, essa primeira fase da revolução de independência, coincide com o momento de superação da monarquia e conseqüente estabelecimento de uma república aristocrática, entendida como a fase necessariamente intermediária entre a monarquia e a democracia, dado que a emancipação da metrópole não poderia ser conquistada a partir de um movimento radical, de plena regeneração social e política.

É esse tipo de articulação que explica, por exemplo, a marcada ausência de personagens ilustres, de homens representativos ao longo da narrativa das *Investigaciones*, em que todos os elementos do sistema colonial mantinham os instintos naturais da liberdade humana num estado de adormecimento. No *Bosquejo histórico*,

³³⁰ Cf. *Ibidem*, p. 89-90.

por sua vez, já notamos um esforço significativo do autor no sentido de começar a constituir um panteão de heróis da pátria, independentemente do fato de suas atitudes terem sido francamente radicais ou tão moderadas que poderiam induzir o investigador a pensar que fossem defensores do antigo regime.

Se para ele, uma das causas imediatas para o fracasso do propósito final da revolução era essa divisão natural das forças políticas, resultado da própria lógica de uma revolução moderada de um ponto de vista histórico-filosófico, por trás dessa divisão já se poderia contemplar uma unidade maior que era precisamente a ideia da nação, enquanto corpo, que se ia realizando em conjunção com os passos imprecisos e vacilantes do próprio movimento revolucionário, para o qual de uma forma ou de outra, todos os homens que se comprometeram com a causa da pátria contribuíram. A partir desta constatação, Lastarria conseguiu atingir uma perspectiva que lhe permitia avaliar favoravelmente as ações daqueles grandes homens, como Manuel Salas, Juan Egaña, Juan Martínez Rózas, e o próprio general Carrera, para além dos resultados imediatos de suas ações, nem sempre tão positivos: todos foram homens que, apesar de suas luzes, não poderiam interromper o curso lento e moderado que a própria lógica da história local impunha aos sucessos.

Isso fica patente quando Lastarria aborda o momento em que aparentemente a revolução deveria receber seu impulso mais decisivo, o influxo do movimento popular.

Examinando la prensa i los documentos históricos de los últimos meses de 1813 i de principios de 1814, vemos patente el progreso de la revolucion, pues aunque en la clase mas acomodada, tan solo se nota una simple aquiescencia, que bien podria confundirse con una indiferente tolerancia, no sucede así en la masa del pueblo, en lo que podria haberse llamado el estado llano, porque sus individuos aceptan con entusiasmo el jigante propósito de liberar el pais i no perdonan sacrificio para alcanzarlo. Este fenómeno se esplica fácilmente por los antecedentes de cada una de estas clases de nuestra sociedad, para quienes los resultados de la revolucion no podian ser igualmente ventajosos. Con todo, no tiene en esto la revolucion un apoyo suficiente; los elementos reaccionarios existen en el corazon de la sociedad, i aun en medio de los progresos de la revolucion se nota un descontento sordo que hace cada dia mas dificultosa la empresa, oponiendo embarazos que desaniman i que perturban la buena direccion de los negocios. Este descontento es fomentado por el pavor que ha infundido la guerra en un pueblo tan pacifico, tan quieto i tan habituado a la inercia, que se siente mas inclinado a renunciar los desconocidos beneficios de la libertad, que a procurárselos a costa de tantos desastres. No pocos de los patriotas

mismos comienzan a sentirse amedrentados i a desencantarse de sus ilusiones, porque no se imaginaron jamas que la ventura que habian deseado alcanzar para su patria, costase tan amargas desgracias i tan injentes sacrificios. Por otra parte, el orgullo aristocrático, ofendido con la frecuente aparicion de hombres nuevos que, sin timbres de familia i sin mas título que su mérito personal, ocupan puestos importantes en el ejército o toman parte en los negocios públicos; i la incuria i el egoísmo de gran parte de los propietarios, que se resisten a erogar algo de sus rentas para sostener los gastos de la administracion i de la guerra, a pesar de la prensa que los estimula con razonamientos enérgicos i con el ejemplo de las clases pobres i aun de los campesinos que se despojan gustosos de los objetos de su uso por contribuir a la defensa de la patria, son tambien estímulos poderosos que vienen a propagar el descontento, aun entre los patriota comprometidos, a sujerir a los amigos de la metrópoli fuertes argumentos contra la revolucion, i a dar a los enemigos del jeneral Carrera motivos plausibles para atacarlo i para justificar la desconfianza i recelos con que miran su conducta.³³¹

Eis, então, expostos os limites últimos de uma revolução moderada. Dentro da lógica argumentativa de Lastarria, o que deveria suceder era um tipo de evolução que iria da Monarquia, passaria por uma fase de organização aristocrática, em que a participação do povo propriamente dito é quase nula, para que, em seguida, os limites estreitos deste movimento fossem ampliados, incorporando também a massas populares. Mas como esse processo de transformação política não poderia ser levado adiante sem transformações correlatas na estrutura social, a partir do momento em que elas começam a ser percebidas, a maior parte da elite chilena retrocede em seu impulso. A partir de então, as forças revolucionárias se fragmentam ainda mais.

Ahora todo es desconsuelo: odios profundos, ajitados por chismes i rencillas malignas, dividen los ánimos de los realistas i patriotas i principalmente de éstos entre si; el ejército enemigo se muestra triunfante en posesión de gran parte de las provincias del sur, i recibe todavia mas refuerzo en la division que el virrei del Perú manda a las órdenes de Gainza. Miétras tanto el nuestro está desnudo, sin recursos, sin elementos de guerra, sin medios para permanecer en campaña; sus jefes andan divididos por rivalidades que la Junta gubernativa ha suscitado con las medidas tomadas para separar de su mando a los Carrera, a quienes se supone la causa principal de estas desgracias. En Santiago cobra cada dia mas prosélitos la opinion de que es indispensable terminar la guerra a toda costa, porque con la paz i una conducta disimulada puede alcanzarse todo, hasta la independencia[...].³³²

³³¹ *Ibidem*, p. 135-136

³³² *Ibidem*, p. 136-137.

Deste modo, o que ocorre é que, no momento em que a revolução começa a se apoiar sobre as bases da sociedade propriamente dita, ao invés deste movimento configurar uma união ainda maior das forças patrióticas, juntando as elites e o povo, ocorre o contrário: os realistas ganham força, os patriotas se dividem e, com isso, a causa da revolução vai ser momentaneamente derrotada pelos exércitos realistas.

Por isso, para Lastarria, a história que ele contou não poderia ser outra que a

[...] historia de los desaciertos i de los errores políticos de un pueblo nuevo que va a lanzarse en una carrera desconocida, sin antecedente alguno que le favorezca. En ella vemos el sello de la ignorancia, de la nulidad social en que vivíamos; vemos los primeros esfuerzos de la civilizacion moderna, que pugna por establecerse, por vencer los antecedentes sociales, pero sin tener todavía quien la comprenda bien, quien la ame de veras, quien la apoye i dirija. Los resultados no le son favorables, pero su espíritu prende en el corazon de esa sociedad que va a rejenerar, i nos es posible que de allí lo arranque la reaccion española por enérgica i poderosa que sea. Este es el efecto mas importante de aquellos primeros ensayos, i en él está el jérmén de la nueva revolucion que mas tarde aparecerá triunfante en las cumbres de Chacabuco, en donde el potente brazo de San Martín hará trizas de la corona de Fernando i levantará del cáos una nueva república.³³³

Mas, antes de condenar qualquer dos fautores da independência pelos erros cometidos nesse primeiro momento, por mais grotescos que podiam parecer passadas já algumas décadas, se deveria relevá-los. De todo aquele conjunto heterogêneo de ações o que se tinha de reter era apenas o espírito geral que delas derivou, que é precisamente o espírito da liberdade nacional. Era essa a principal lição a ser tirada:

No caigan jamas ni el vituperio ni la vergüenza sobre aquellos desaciertos: ellos fueron lójicos i mas de una vez provechosos: en ellos dejaron los padres de la patria vinculada su gloria i una leccion de grande utilidad para el porvenir.³³⁴

Para o observador contemporâneo, a interpretação lastarriana para a eclosão do movimento revolucionário e os desenvolvimentos de sua primeira fase no Chile pode

³³³ *Ibidem*, p. 155.

³³⁴ *Ibidem*, p. 156.

parecer algo ingênuo e até certo ponto fatalista. Nesse sentido seu argumento não poderia ser mais óbvio: a revolução chilena teve de ocorrer inicialmente desta maneira porque seu povo nasceu e cresceu sob a tutela espanhola. Nada mais plausível, então, do que supor que ela tenha seguido um curso rigorosamente lógico.

Sob essa aparente obviedade, contudo, entendemos haver outro argumento, indireto, embora não menos contundente, que guarda estreita relação com seu momento presente: se a República estava de fato consolidada, sua soberania e independência em relação à Espanha plenamente garantidas, ela não tinha ainda se despojado de toda a influência dos costumes coloniais, que se revelavam precisamente na falta de comunicação e coordenação das ações entre as duas classes de que se compunha a sociedade chilena. Desta perspectiva seu objetivo não era outro senão o de proclamar que embora o despotismo do rei houvesse sido derrubado, ainda permanecia de pé com todo seu vigor o despotismo do passado, representado pela vigência das práticas e costumes legados pela colônia em seu presente

*Los padres de la patria i los guerreros de la independencia obraran en la esfera de su poder, llenaron su objeto, i al disiparse con el humo de la última victoria el imperio del despotismo, el cañon de Chiloé anunció al mundo que estaba terminada la revolucion de la independencia política i principiaba la guerra contra el poderoso espíritu que el sistema colonial inspiró a nuestra sociedad.*³³⁵

3.10. A genealogia da nação como problema político

Não poderíamos finalizar esse capítulo sem antes tecer alguns comentários sobre os postulados que subjazem as interpretações de Lastarria sobre a dinâmica e a característica peculiar da história nacional que ele busca resgatar. Estes postulados, naturalmente, guardam estreita relação com sua interpretação não só do processo histórico enquanto tal, como com sua visão mais particular acerca do Estado republicano que tomou forma a partir da reação conservadora de 1829-30. Estão, portanto, fortemente condicionados por sua interpretação sobre o significado do Regime Portaliano e com a consequente necessidade de superá-lo tanto política quanto

³³⁵ LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones... Op. Cit.*, p. 135.

socialmente. É diante desta questão que sua genealogia da nação (*pueblo*) chilena pode ser cotejada, também, sob uma perspectiva que tem sido caracterizada como *do político*, como um complemento necessário *da política*.

Como destaca Pierre Rosanvallon, ao falarmos substantivamente *do político*, nos encontramos diante de uma modalidade efetiva da existência comunitária e de uma forma da ação, individual e/ou coletiva, que se diferencia implicitamente *da política*. Nesse sentido, referir-se *ao político* e não *à política* é falar do poder, da lei, do Estado e da nação, da igualdade e da justiça, da identidade e da diferença, etc., “[...] *de todo aquello que constituye a la polis más allá del campo inmediato de la competencia partidaria por el ejercicio del poder, de la acción gubernamental del día a día y de la vida ordinaria de las instituciones*”.³³⁶ Dito de outro modo, significa adentrar num campo de disputa discursiva que com o advento da modernidade é caracterizado por sua qualidade essencialmente aporética. A partir do qual, com a desvinculação entre (ou a partir do esforço em se desvincular) política e teologia, não existem mais verdades unívocas ou princípios incontestáveis. E isso fica claro quando nos debruçamos sobre as resenhas das *Investigaciones* realizadas por Sarmiento e Bello. Assim, através de um rápido estudo sobre essas duas respostas ao texto, esperamos criar o espaço necessário para podermos acessar o núcleo de problemas a partir do qual Lastarria articulou sua genealogia.

Do ponto de vista da estruturação das resenhas de Sarmiento e Bello, cabe precisar algumas questões importantes, que explicam o tratamento diverso que uma e outra terão nas considerações que seguem. O artigo de Sarmiento é bem sucinto, ocupa oito páginas do Tomo II de sua *Obras Completas* e se resume basicamente a dois pontos: elogiar as *Investigaciones* como um todo, sobretudo em sua tentativa de “[...] *desentrañar, si es posible decirlo, el sentido oculto que encierran esos hechos históricos tan conocidos i perceptibles en su fisionomía exterior [...]*”.³³⁷ E, em seguida, ele articula algumas contestações sobre pontos específicos da memória, todos relativos à maneira como Lastarria representou os índios e a sua adesão à *leyenda negra*. Bello coincide com Sarmiento no essencial de seu juízo, mas, como veremos, não necessariamente pelas mesmas razões.

³³⁶ ROSANVALLON, Pierre. *Por una historia conceptual de lo político*. Trad. de Marcos Mayer. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003, p.19-20.

³³⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Investigaciones sobre el sistema colonial de los españoles, por J. V. Lastarria”. In: *Obras Completas*. Tomo II. Santiago de Chile: Imprenta Gutemberg, 1885, p. 213.

Como vimos mais acima, Lastarria situa o ponto de partida da genealogia da nação chilena no momento mesmo da Conquista, em que ocorreu o choque entre espanhóis e indígenas. Por sua vez, esse ponto de partida já é em si tomado como resultante da primeira característica que iria diferenciar o povo chileno das demais nações hispano-americanas, pois ali os espanhóis sofreriam os primeiros reveses em sua campanha de domínio-extermínio dos povos autóctones. Como os índios araucanos lhes ofereceram uma resistência intransponível, o espírito de independência que caracterizaria o povo chileno teria sido legado, exatamente, pela tradição indígena.

Sarmiento, como também tivemos ocasião de demonstrar, tinha desenvolvido concepções extremamente negativas sobre as populações indígenas e, então, não deve nos surpreender que ele critique duramente as afirmações de Lastarria neste ponto. Assim, para o sanjuanino, em primeiro lugar, o que explica a benevolência, por assim dizer, com que Lastarria trata os povos autóctones é o fato de ele ainda permanecer preso aos esquemas conceptuais elaborados no início das lutas pela independência:

El autor no ha podido en estos conceptos emanciparse de las ideas que puso en boga la revolucion de la independencia para azusar los ánimos contra la dominacion española, mintiendo una pretendida fraternidad con los indios, a fin de ponernos en hostilidad con nuestros padres, a quienes queremos arrojar de América; así, pues, nos envaneciamos de “la cordura de Colocolo, de la prudencia i fortaleza de Caupolican, de la pericia i denuedo de Lautaro, de la lijereza i osadía de Painenancu”, como se estos hombres salvajes perteneciesen a nuestra historia americana, i como si Arauco, despues de la revolucion, como durante el coloniaje, no fuese un pais fronterizo i una nacion estraña a Chile i su capital e implacable enemigo, a quien Chile ha de absorber, destruir, esclavizar, ni mas ni ménos que lo habrian hecho los españoles.³³⁸

Como podemos perceber, além de não ter conseguido se desvencilhar de esquemas conceptuais que já não tinham perdido sua função, para Sarmiento, Lastarria ainda teria dissimulado uma suposta fraternidade em relação aos índios.

Através da leitura de Fabio Wasserman descobrimos dois modos principais de representação do indígena elaboradas durante a primeira metade do século XIX na Região do Prata. Segundo ele, em princípios do movimento revolucionário, o recurso à representação dos indígenas desempenhou mais uma função retórica que tinha por

³³⁸ *Ibidem*, p. 213-214. O trecho entre aspas é uma citação direta do texto de Lastarria.

objetivo conferir maior legitimidade ao movimento revolucionário. Essa necessidade explicaria porque, de um lado, a geração revolucionária sentiu uma predileção especial pelo enaltecimento do poderoso império incaico e, por outro, o porquê das constantes alusões à opressão que os espanhóis haviam submetido as populações autóctones, sem, contudo, que isso fosse traduzido num expediente para a elaboração de narrativas que dessem conta, também, de sua história sob uma perspectiva nacional.³³⁹

Em contrapartida, uma vez finalizadas as guerras de independência e diante da urgência de reconstrução das novas formas políticas e sociais, isto é, diante da necessidade de aplicação de um determinado projeto de nação, os povos indígenas passaram a ser considerados, cada vez mais, como destituídos de qualquer valor e incapazes de fazer parte da república. A partir de então se extinguiu qualquer reivindicação possível a favor dos mesmos, ainda que fossem apenas simbólica ou retoricamente. Este, por fim, terminou por se tornar um dos traços predominantes da produção intelectual dos membros da *Generación de 1837*.³⁴⁰

Por sua vez, a “questão indígena” se desenrolou de uma maneira bastante diferente no Chile, em que as representações, sobretudo, sobre os araucanos – que se autodenominavam mapuche – começaram a ser elaboradas ainda no período colonial, como no caso de *La Araucana* (1574) do poeta e cronista Alonso de Ercilla, perpassando o período da independência e indo até meados da década de 1850 quando se dá o movimento para a ocupação dos territórios mais ao sul do Chile, ainda sob domínio daqueles povos.³⁴¹ Assim, além de a valoração dos araucanos não ter se tornado o patrimônio de nenhum grupo político ou ideológico no país, a atitude dos intelectuais chilenos com relação aos indígenas pode ser sintetizada em três posturas: uma de repúdio direto, análoga a dos intelectuais do Prata; uma que propõe uma

³³⁹ WASSERMAN, Fabio. *Entre Clio y la Polis... Op. Cit.* p. 112.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 13-15. Em 1852, Alberdi, dentre outras coisas, dizia o seguinte sobre os indígenas: “Mesmo hoje, sob a independência, o indígena não figura nem compõe mundo em nossa sociedade política e civil. Nós, que nos designamos americanos, não somos outra coisa do que europeus nascidos na América. Crânio, sangue, cor, tudo é de fora. (...) Nossa religião cristã foi trazida para a América pelos estrangeiros. Se não fosse pela Europa, a América hoje estaria adorando o sol, as árvores, as bestas, incendiando homens em sacrifício e não conheceria o matrimônio. (...) Na América, tudo o que não é europeu é bárbaro; não há outra divisão que esta: o indígena, ou seja, o selvagem; o europeu, ou seja, nós que nascemos na América e falamos espanhol, cremos em Jesus Cristo e não em Pillán, deus dos indígenas”. ALBERDI, Juan Bautista. *Fundamentos da Organização Política Argentina*. Trad. de Ângela Maria N. Tijiwa. Campinas: Unicamp, 1994, p. 69-70. O título original é “Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina”, 1852. Deve-se ainda destacar que, para Wasserman, a eliminação do indígena do campo de possibilidades de representação da nação constitui mais uma dificuldade para os membros da *generación de 1837* construírem suas representações sobre o passado nacional.

³⁴¹ WASSERMAN, Fabio. *Op. Cit.* p. 116.

reivindicação simbólica ou retórica; e, por fim, a que os valoriza como sujeitos aptos a serem integrados à vida republicana moderna.³⁴²

Se, de posse deste quadro, nos remetemos às considerações de Lastarria, claro está que ele não pode ser enquadrado no primeiro dos três grupos. Também procuramos deixar claro que ele realiza uma valorização simbólica essencialmente positiva dos indígenas (arauicanos) em que se atribui todos os seus espólios à empresa colonial que, como vimos, ele reputava como contranatural. Deixemos o terceiro ponto para ser considerado mais adiante e voltemos novamente às considerações de Sarmiento e de Bello, agora prestando atenção ao modo como a conquista espanhola é por eles justificada.

Sarmiento repreende a adesão de Lastarria à tese da *leyenda negra* sobre a base de que é necessário fazer justiça aos espanhóis já que

*[...] al exterminar a un pueblo salvaje cuyo territorio iban a ocupar, hacian simplemente lo que todos los pueblos civilizados hacen con los salvajes, lo que a colonia efectúa deliberada o indeliberadamente con los indígenas: absorbe, destruye, estermina. Si este procedimiento terrible de la civilizacion es bárbaro i cruel a los ojos de la justicia i de la razon, es, como la guerra misma, como la conquista, uno de los medios de que la providencia ha armado a las diversas razas humanas, i entre estas a las mas poderosas i adelantadas, para sustituirse en lugar de aquellas que por su debilidad orgánica o su atraso en la carrera de la civilizacion, no pueden alcanzar los grandes destinos del hombre en la tierra.*³⁴³

Neste particular, os conceitos avançados por Bello são praticamente idênticos aos de Sarmiento. Diz ele:

Es un deber de la historia contar los hechos como fueron, i no debemos paliarlos, porque no parezcan honrosos a la memoria de los fundadores de Chile. La injusticia, la atrocidad, la perfidia en la guerra, no han sido de los españoles solos, sino de todas las razas, de todos los siglos [...] ¿qué tienen de extraño las carniceras batallas i las duras consecuencias de la victoria entre pueblos en que las costumbres, la religion, el idioma, la fisionomia, el color, todo era diverso, todo repugnante i hostil? [...] Los españoles abusaron de su poder, oprimieron, ultrajaron la humanidad, no con impudencia,

³⁴² *Ibidem*, p. 116-121.

³⁴³ SARMIENTO, Domingo Faustino. “Investigaciones sobre el sistema colonial de los españoles, por J. V. Lastarria”. *Op. Cit.* p. 214.

*como dice el señor Lastarria, porque no era preciso ser impudente para hacer lo que todos hacian sin otra medida que la de sus fuerzas, sino con el mismo miramiento a la humanidad, con el mismo respecto al derecho de jentes, que los estados poderosos han manifestado siempre en sus relaciones con los débiles, i de que, aun en nuestros dias de moralidad i civilizacion, hemos visto demasiado ejemplos.*³⁴⁴

Como podemos observar, para Sarmiento, como para Bello, a Conquista dos espanhóis e o modo como ela se sucedeu em relação aos indígenas era algo como um fato, ou melhor dizendo, uma lei natural inscrita na própria dinâmica da história das civilizações que requeria que, em sua marcha, os povos menos desenvolvidos – seja por sua debilidade congênita ou pelo atraso na carreira da civilização – fossem eliminados pelos mais desenvolvidos, fosse, como salientou Sarmiento, pela absorção, destruição ou mesmo pelo extermínio. Diante disso, não deixa de ser curioso o fato de ambos os autores recorrerem a esquemas conceptuais historicistas com o objetivo de justificar o procedimento dos espanhóis como conforme ao estado geral de desenvolvimento das civilizações durante o período da conquista e da colonização.

Mas, por sua vez, e principalmente no que toca ao argentino, não deixa de causar certa perplexidade a pressa com que justifica os procedimentos dos espanhóis, quando o mesmo Sarmiento se utilizava dos mesmos esquemas conceptuais para denunciar todo o atraso da Espanha em comparação com as nações do norte da Europa, identificando aí, igualmente, uma das principais causas para o atraso das repúblicas hispano-americanas e, a partir disso, elaborar seu programa de superação de todos os elementos retrógrados legados aos americanos por aquela nação.

Dentro deste contexto, a diferença de concepções entre os três autores em questão não poderia ser maior. Se é forçoso reconhecer que no resgate que Lastarria faz do passado indígena como uma das fontes principais do espírito de independência que, mais tarde, no momento da revolução, se consubstanciaria com a adesão ao que ele reputou como um forte patriotismo *criollo*, é difícil, se não impossível, separar mito de

³⁴⁴ BELLO, Andrés. “Investigaciones sobre la influencia de la conquista i del sistema colonial de los españoles en Chile. Memoria presentada a la Universidad en la sesión solemne de 22 de septiembre de 1844, por don José Victorino Lastarria”. In: *Obras Completas*. Volumen VII. Santiago de Chile: Imprenta de Pedro G. Ramírez, 1884, p. 77-78. Grifo nosso. Um pouco mais adiante Bello expõe alguns métodos “mais produtivos” para o trato com os indígenas: “Sería demencia esclavizar a los vencidos, si se gana mas con hacerlos tributarios i alimentadores forzados de la industria del vencedor. [...] No se coloniza, matando a los pobladores indijenas: ¿para qué matarlos, si basta empujarlos de bosque en bosque, i de pradería en pradería? Las destitucion i el hambre harán a la larga la obra de la destruccion, sin ruido i sin escándalo”. *Ibidem*, p. 79.

história, muito desse resgate se deve à um problema que ele reconhecia como urgente em seu presente: o que fazer para inserir os quatro quintos de população mestiça que compunham o povo chileno na nação propriamente dita. Colocando o problema de outra maneira: uma vez que se assume que a população indígena se não foi totalmente eliminada pela colonização, se encontrava dissolvida nos mestiços e, como vimos, dado que Lastarria não considera que os mestiços constituem uma raça degenerada, se tornou fundamental que ele encontrasse meios de inseri-los (indígenas primeiramente e, logo, os mestiços) no conjunto da história nacional. Daí a necessidade de construir uma representação que também desse conta de situar e justificar a existência do elemento não Europeu como parte não apenas constituinte, como também fundamental para o desenvolvimento da nacionalidade chilena.

De acordo com Álvaro Kaempfer, no contexto destes debates, Sarmiento e Bello compartilhavam uma visão de processo histórico que não deixava lugar para que os elementos autóctone e mestiço fossem inseridos como uma das forças predominantes do desenvolvimento da história chilena em particular e sul-americana mais genericamente: ao contrário, esse elementos eram encarados mais como um entrave para a inserção da América hispânica na civilização do que um dos meios possíveis para se lograr esse resultado. Daí essa necessidade de uma racionalização da história para naturalizar e neutralizar os excessos cometidos pela empresa colonial que Lastarria, por seu turno, insistia em denunciar.³⁴⁵ Deste modo, a recusa direta de Bello e Sarmiento no sentido de negar qualquer papel histórico (passado) aos indígenas, se transforma também numa recusa, essa mais indireta, em reconhecer o papel que Lastarria queria conferir aos mestiços em seu presente como atores que deveriam, necessariamente, como um resultado da dinâmica que as leis históricas adquiriram no contexto local, tomar uma parte decisiva no desenvolvimento da nação.³⁴⁶

Isso nos leva ao terceiro ponto identificado por Wasserman sobre os modos como a “questão indígena” foi tratada no Chile. Desnecessário dizer que Bello se encontrava entre aqueles que resolveram este problema de maneira negativa. Voltando ao texto de Lastarria, podemos, inicialmente, afirmar que os indígenas são tomados apenas enquanto um princípio para a fundação mítica da nacionalidade chilena. A

³⁴⁵ Cf. KAEMPFER, Álvaro. “Lastarria, Bello y Sarmiento en 1844: genocidio, historiografía y proyecto nacional”. In: *Revista de Crítica Literaria Latino Americana*. Año XXXII, Nos. 63-64, 1º-2º Semestres de 2006, p. 15-20.

³⁴⁶ Neste ponto, não deixa de ser curioso que o periódico a partir do qual Bello publicava essas ideias tinha o nome de *El Araucano*.

impossibilidade de se valorizar os indígenas como um grupo apto a ser inserido na nação chilena, de nosso ponto de vista, só pode ser explicado de maneira razoável, dado que não tivemos acesso a dados quantitativos mais esclarecedores a este respeito e, assim, temos de buscar inferi-los do próprio texto, sem contudo ter a segurança de que Lastarria foi preciso neste ponto.

De qualquer modo, com a exceção das populações que viviam ao sul de Chiloé, limite mais extremo ao sul do Chile, após o qual se localizava a Araucania, onde os indígenas viviam ainda em relativo isolamento, para nosso autor a obra colonizadora teria eliminado virtualmente todo o contingente indígena, fosse através do extermínio, fosse absorvendo-os através da mestiçagem. Assim, não faria muito sentido inquirir o texto visando obter uma resposta definitiva sobre o caso da inclusão indígena. Não obstante, o que é certo é que para Lastarria os mestiços deveriam ser incluídos. E se isso ainda não estava ocorrendo, era precisamente por causa da permanência de traços da cultura e sociabilidade da colônia em seu presente. E este nos parece ser o núcleo central em torno do qual toda a sua problemática é desenrolada.

Lastarria considerava que o regime político logrado sob a ingerência de Portales constituía uma verdadeira reação colonial. Expressando sua visão sobre o Chile durante a década de 1830, ele afirma que:

Todo el interes de la organizacion política, por ejemplo, se cifró en el orden, palabra mágica que para la opinion pública representaba la tranquilidad que facilita el curso de los negocios, con mas la quietud que ahorra sobresaltos, conciliando la paz del hogar i de las calles; i que para los estadistas i politiqueros significaba el imperio del poder arbitrario i despótico, es decir, la posesión política del poder absoluto que en los tranquilos tiempos de la colonia usufructuaban los seides del rei de España. Todas las instituciones políticas i las leyes secundarias, todas las doctrinas i las prácticas gubernativas se dirijian a conseguir i a afianzar aquel grande fin. De consiguiente, todos los intereses del progreso intelectual i moral, que sirven de fundamento a la libertad individual i a la independencia social, estaban subordinados al mismo fin.

No se podía tener la audacia de servir con independencia de este fin a tales intereses sin incurrir en una rebellion. La intelijencia que no quisiera incurrir en tal delito, debia callar i seguir la corriente.

A nuestros ojos aquella situacion contrariaba abiertamente los fines de la revolucion americana, i en lugar de encaminarnos a correjir

*nuestro pasado i a preparar nuestra rejeneracion, nos encadenaba en el punto de partida, rehabilitando el sistema colonial.*³⁴⁷

Diante disto, podemos afirmar que todo o programa de filosofia da história desenvolvido por Lastarria tinha por objetivo último eliminar os remanescentes do mundo colonial cuja reemergência ele reputava como sendo a principal consequência da instauração do regime conservador. E foi precisamente por esse motivo que ele aderiu de maneira tão decisiva àquele modelo de historiografia.

Assim, como destacam Allen Woll e Ana María Stiven, Andrés Bello, que ocupava a melhor posição possível para contestar as teses de Lastarria, ao perceber a ameaça real que seu projeto oferecia à ordem estabelecida, não hesitou em desqualificar o sistema interpretativo de Lastarria deslocando a discussão para o terreno – teoricamente – mais neutro da necessidade de constituição da disciplina histórica a partir de parâmetros científicos, isto é, acadêmicos. O problema daí decorrente é que ambos autores chegam à conclusão de que a visão de Andrés Bello saiu vitoriosa e pouco dizem efetivamente sobre qual era, afinal de contas, o projeto nacional de Lastarria.³⁴⁸

No caso específico de Ana María Stiven, se não se deixa de perceber que a partir da segunda metade década de 1840 se tornaria cada vez mais difícil assegurar a manutenção do consenso em torno dos valores da ordem, do regime republicano e da visão católica do mundo, seu conceito de classe dirigente tende a dirimir as diferenças de posicionamentos e de projetos de nação no interior da própria classe dirigente, uma vez que se considera Lastarria como seu membro integrante. Em função disso, essa autora é levada a considerar que Bello se deu ao trabalho de desqualificar o sistema de Lastarria diante da necessidade de defender aqueles valores consensuais, como, por exemplo, no caso de sua concepção de filosofia da história que constituía uma séria tentativa para negar o papel determinante de Deus na história:

Lastarria, a pesar de la ambigüedad de su texto, había planteado un rompimiento con la visión tradicional, en cuanto permitía a la libertad del hombre figurar como causa primera del cambio histórico, lo que representaba un intento secularizante de la historia. Mas aún, las conclusiones, fruto del ejercicio de la libertad, establecían una

³⁴⁷ LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdos Literarios...* Op. Cit. p. 62-63.

³⁴⁸ WOLL, Allen. Op. Cit. p. 46-47; STUVEN, Ana María. *La Seduccion...* Op. Cit. p. 250.

impronta ejemplarizadora para la acción política, lo cual se relacionaba directamente con el ejercicio del poder y la posibilidad de cuestionar la legitimidad de las autoridades. A pesar que bajo las palabras de Lastarria subyacían afirmaciones amenazantes, sus ideas no tenían la consistencia necesaria para justificar una polémica en el terreno de sus conclusiones sociopolíticas y culturales que les diese mayor publicidad. [...]

Si la incoherencia de Lastarria en 1844 no parecía justificar en su momento la crítica demoledora, sus publicaciones posteriores comprueban que las ideas que sustentaba eran francamente atentatorias contra los valores que cimentaban la construcción nacional de la intelectualidad consagrada.³⁴⁹

Como vemos, a dimensão política da genealogia lastarriana são apenas tangenciadas para logo serem esvaziadas de sentido porque suas ideias careciam da consistência necessária para justificar uma polêmica no terreno de suas conclusões sócio-políticas e culturais ou, então, ela só se tornariam francamente perigosas em suas obras posteriores. O que sucede, então, é pouco mais, pouco menos, que os ecos da avaliação que o próprio Bello fez da obra de Lastarria.

Mas o que convém enfatizar, aqui, é que as ideias de Lastarria não se revelariam francamente subversivas posteriormente, elas já eram a expressão de um projeto de nação que dificilmente poderia ser enquadrado dentro dos marcos valóricos da visão de mundo da chamada classe dirigente chilena e foi precisamente isto que motivou uma resenha tão devastadora quanto a de Bello, fato que incontestavelmente minou as bases e a credibilidade do discurso de nosso autor.

E isso pode ser atestado se voltarmos ao trecho que citamos de Bello, pouco acima, em que ele sugere explicitamente que os fundadores da nação chilena foram os espanhóis e que, se não convinha silenciar sobre as atrocidades que eles cometeram, não se podia negar, também, que o seu modo de proceder estava em plena consonância não apenas com os padrões do passado, como ainda com os do presente. Como procuramos deixar claro, Lastarria estava muito longe de considerar os espanhóis como os fundadores da nação chilena. Deste ponto de vista, sua origem tinha de ser mais precisamente buscada nos resultados advindos do contato entre europeus (espanhóis) e indígenas que, ao longo da primeira fase de desenvolvimento da nação (da Conquista até os limiares Independência) terminaria gerando a classe majoritária de mestiços que, na década de 1840, ainda permanecia excluída da participação efetiva da vida nacional.

³⁴⁹ STUVEN, Ana María. *La Seducción... Op. Cit.* p. 238 e 240.

Como a consequência mais lógica desta interpretação era a de que se fazia necessário incorporá-los à nação, disso decorreria uma necessidade natural de readequar as estruturas sócio-políticas do país, o que, por sua vez, implicaria num deslocamento das forças que até então vinham monopolizando os rumos da nação. Tratava-se, em suma, de diluir aquela aristocracia cuja fonte era encarada como um remanescente colonial no seio do povo propriamente dito. E este era um projeto com o qual Bello, simplesmente, não poderia compactuar.

Lançando mão de uma especulação histórico-filosófica não muito comum em seus textos deste período, Bello não só exclui explicitamente o papel dos povos indígenas no devir histórico das nações hispano-americanas, como nega indiretamente sua participação na conformação do povo chileno:

En la América, al contrario, está pronunciado el fallo de destrucción sobre el tipo nativo. Las razas indígenas desaparecen, i se perderán a la larga en las colonias de los pueblos transatlánticos, sin dejar mas vestijios que unas pocas palabras naturalizadas en los idiomas advenedizos, i monumentos esparcidos a que los viajeros curiosos preguntarán en vano el nombre i las señas de la civilizacion que les dió el sér.³⁵⁰

Isso, contudo, não significa que defendemos a ideia de que Lastarria queria promover algo como uma inversão total da ordem das coisas, no sentido de substituir a dominação dos opressores pela dominação dos oprimidos. E, nesse sentido, julgamos necessário matizar a afirmação de Kaempfer segundo a qual “(...) Lastarria imaginó el mestizo como el agente capaz de desmontar la herencia colonial y protagonizar la historia nacional”.³⁵¹ O destino nacional não deveria ficar apenas nas mãos dos mestiços.

O conceito de *pueblo chileno* mobilizado por Lastarria não deve ser encarado como o monopólio de uma das duas classes em que ele via a nação dividida. Em seu texto, o conceito atua mais como um elemento a partir do qual se pode induzir a existência de uma unidade de sentido a partir da qual se procura conservar os principais atributos tanto da herança hispânica quanto da indígena que, naquele momento

³⁵⁰ BELLO, Andrés. *Op. Cit.* p. 83.

³⁵¹ KAEMPFER, Álvaro. *Op. Cit.* p. 12.

particular, ele via sintetizados nos mestiços. Foi dessa fusão de elementos que ele pôde reconhecer o que chamou das “*prendas jeniales de nuestra sociedad*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o século XIX hispano-americano, lidar com a questão da nacionalidade implicava lidar, acima de tudo, com os problemas relativos ao sentido do desenvolvimento histórico de cada uma das nações que começaram a se conformar a partir do colapso do mundo colonial. Por se tratar de sociedades pós-revolucionárias, nem sempre seria uma tarefa fácil elaborar critérios a partir dos quais se poderia situar quais teriam sido as etapas cruciais deste movimento. Obviamente, esta questão está estritamente relacionada com posturas que tendiam a rechaçar toda a herança do passado colonial, encarado pelos intelectuais liberais como o principal empecilho para que suas nações adentrassem numa carreira de progressos, associada geralmente a valores como a ilustração, a liberdade, a virtude política e a harmonia social, cuja realização era vista como uma das necessidades mais elevadas do próprio desenvolvimento da história universal.

Com isso, já adentramos num tópico importante, que neste caso constitui o principal fator de diferenciação entre os relatos sobre o passado nacional elaborados por Lastarria e Domingo Faustino Sarmiento. Parece-nos certo que o presente a partir do qual esses autores construíram suas narrativas históricas cumpriu um papel decisivo no sentido de matizar ou não os possíveis modos de se abarcar o passado.

Como vimos rapidamente no caso argentino, além da adoção de uma postura radical de rechaço do passado anterior à revolução de independência, a interpretação do regime rosista como sendo uma consequência direta daquele processo inicial inviabilizou as possibilidades não só de resgate, mas também de definição do ponto de partida para o desenvolvimento da nação a partir de um marco anterior ao de 1810. Se todos identificavam na revolução o ponto de partida para este desenvolvimento, a explicação da revolução deveria contemplar, necessariamente, não só uma explicação do regime rosista, mas também uma certa teorização sobre como aquele regime poderia ser historicamente superado. E era exatamente na realização desse traslado explicativo que eles encontravam o principal escolho para a postulação de uma lógica linear de desenvolvimento histórico. Nesse sentido, uma “teoria” histórica consistente para a superação do regime rosista só poderia ser elaborada após a sua derrocada. É esse um dos fatores que explicam o fato de os intelectuais argentinos só terem conseguido

articular uma narrativa genealógica da nação a partir da segunda metade do século XIX. Ademais, deve-se notar também que, inicialmente, eles avançaram concepções bastante depreciativas sobre as massas populares que viviam sobretudo nos meios rurais. Assim, além da inviabilização de uma genealogia de suas instituições políticas, ficava também inviabilizada a articulação de uma genealogia que tomasse como ponto de partida o desenvolvimento de uma concepção de *pueblo* argentino, propriamente dito.

Como procuramos demonstrar, no caso de Lastarria sucedeu exatamente o contrário. Evidentemente, essa resolução está estritamente relacionada com sua concepção de que o início da década de 1840 coincidia com o termo da primeira etapa da revolução. O Chile havia conquistado uma estabilidade política que era vista como uma exceção no cenário hispano-americano, havia entrado numa carreira de progressos econômicos, resultado direto desta estabilidade, graças ao desenvolvimento da mineração, do comércio e da agricultura. Mas, por outro lado, faltava complementar este progresso material com a emancipação espiritual em relação à Espanha.

É dentro deste quadro que sua adesão irrestrita a uma história filosófica da nação chilena deve ser compreendida. Através dela Lastarria foi capaz de identificar os dois pontos culminantes do desenvolvimento histórico de seu país. O primeiro, que é o de sua gênese mesma, coincidia com o momento em que espanhóis e indígenas travaram seu primeiro contato. Desde este momento, ambas as raças, por assim dizer, permaneceriam vinculadas em virtude de sua sujeição a um processo histórico comum, que foi identificado com a influência que o sistema colonial espanhol exerceu sob o Chile. Como vimos, para Lastarria essa influência foi extremamente negativa, e teve por principal efeito manter o *pueblo* chileno num estado de abjeção material e intelectual quase que completo.

O segundo momento é aquele em que esse *pueblo* pela primeira vez vai se levantar contra o estado de coisas imperante e proclamar sua independência política. Para Lastarria, era uma consequência perfeitamente lógica que esse movimento fosse incapaz de promover uma regeneração total da sociedade, porquanto deveria ficar restrito apenas a operar uma mudança da situação política. Como vimos, em seu *Bosquejo* ele chegou a enunciar sutilmente que a revolução apontava uma possível mudança da estrutura mesma da sociedade, quando afirma que na parte final dessa primeira fase eram os representantes dos *estados llanos* que começavam a dar o

exemplo de virtude patriótica às elites. E foi precisamente nesse momento que a revolução entrou em descompasso.

Para além disso, a tese de Lastarria de que na história nacional poderiam ser identificados dois pontos culminantes, a conquista e a independência, contém uma outra tese, a de que a partir da década de 1840 o Chile começava a tangenciar aquele que deveria ser o terceiro, e talvez mais importante, ponto culminante de sua história: o de iniciar sua emancipação espiritual e com isso se livrar de vez das influências negativas do sistema colonial espanhol que impediam o seu pleno desenvolvimento social e político.

É a partir desse marco que Lastarria irá se utilizar da filosofia da história para endereçar duras críticas ao estado presente de sua nação. Diante disto, não podemos ignorar que sua utilização da história tinha uma clara dimensão política, era concebida como uma ferramenta para operar mudanças na estrutura sócio-política do país. Se essas mudanças ainda não eram concebidas a partir de um viés revolucionário, que buscasse minar as bases de legitimidade política da ordem estabelecida, eram um claro indício de que paralelamente à ilustração do povo deveria seguir uma série de reformas que tinham como objetivo estabelecer uma equalização ou um melhor equilíbrio entre a sociedade civil e a sociedade política, a fim de que se pudesse abrir o caminho para a realização plena da democracia.

REFERÊNCIAS

Fontes

BELLO, Andrés. “Ejercicios populares de la lengua castellana”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945.

BELLO, Andres. “Historia física i política de Chile por Claudio Gay”. In: *Obras Completas*. Volumen VII. Santiago de Chile: Imprenta de Pedro G. Ramirez, 1884.

BELLO, Andres. “Investigaciones sobre la influencia de la conquista i del sistema colonial de los españoles en Chile. Memoria presentada a la Universidad en la sesión solemne de 22 de septiembre de 1844, por don José Victorino Lastarria”. In: *Obras Completas*. Volumen VII. Santiago de Chile: Imprenta de Pedro G. Ramirez, 1884.

LASTARRIA, José Victorino. *Bosquejo histórico de la constitucion del gobierno de Chile durante el primer período de la revolucion desde 1810 hasta 1814*. In: *Estudios Históricos*. Tercera Serie. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1909.

LASTARRIA, José Victorino. “Discurso Inaugural” In: LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdos Literarios*. Datos para la historia literaria de la América Española i del progreso intelectual de Chile. Santiago de Chile: Barcelona, 1912.

LASTARRIA, José Victorino. *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista i del sistema colonial de los españoles en Chile*. In: *Estudios Históricos*. Primera Serie. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1909.

LASTARRIA, José Victorino. “Prologo de la edicion de 1868”. In: *Estudios Históricos*. Primera Serie. Santaigo de Chile: Imprenta Barcelona, 1909.

LASTARRIA, José Victorino. *Recuerdos Literarios*. Datos para la historia literaria de la América Española i del progreso intelectual de Chile. Santiago de Chile: Imprenta Barcelona, 1912.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “Canto al incendio de la compañía por Don Andres Bello”. In: *Obras Completas*. Tomo I. Santiago de Chile: Imprenta Gutenberg, 1887.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conlifcto y Armonías de las Razas en América*. Buenos Aires: Imprenta de D. Tuñez, 1883. Versão digitalizada disponível em: <<http://www.proyectosarmiento.com.ar/>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y Armonia de las Razas en America* (conclusiones). Cuadernos de Cultura Latinoamericana, tomo III, n. 27, 1978.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “Contestacion a un quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “Ejercicios populares de la lengua castellana”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “El comunicado del otro quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “El prospecto del Semanario de Santiago”. In: *Obras Completas*. Tomo I. Santiago de Chile: Imprenta Gutenberg, 1887.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1996.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “Historia física i política de Chile por Don Claudio Gay” In: *Obras Completas*. Tomo II. Santiago de Chile: Imprenta Gutenberg, 1885.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “Investigaciones sobre el sistema colonial de los españoles, por J. V. Lastarria”. In: *Obras Completas*. Tomo II. Santiago de Chile: Imprenta Gutemberg, 1885.

SARMIENTO, Domingo Faustino. “Los Maestros de Escuela”. In: *Obras Completas*. Tomo IV. Buenos Aires: Libería La Facultad, 1913.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Recuerdos de Provincia* 9ª Ed. Buenos Aires: Sopena Argentina, 1961.

Domingo Fasutino. “Segunda contestacion a un quidam”. In: PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945.

Livros e artigos

AGUILAR, José Antonio. “Dos conceptos de República”. In: AGUILAR, José Antonio y ROJAS, Rafael. *El Republicanismo en Hispanoamérica*. Ensayos de historia intelectual e política. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 57-85.

ALBERDI, Juan Bautista. *Fundamentos da Organização Política Argentina*. Trad. de Ângela Maria N. Tijiwa. Campinas: Unicamp, 1994.

ALONSO, Paula. “Introducción”. In: ALONSO, Paula (comp.) *Construcciones Impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 7-12.

ALTAMIRANO, Carlos. *Historia de los Intelectuales en América Latina*. De la ciudad letrada de la Conquista al Modernismo. Buenos Aires: Katz, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Reflections on the origin and spread of Nationalism. Revised Edition. New York: Verso, 1991.

ARAÚJO, Valdei Lopes *et al.* *A Dinâmica do Historicismo*. Revisitando a historiografia moderna. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

BERLIN, Isaiah. *The Roots of Romanticism*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

BOBBIO, Norberto. *A Teoria das Formas de Governo*. Trad. de Sérgio Bath. 2. ed. Brasília: UnB, 1988.

BOBBIO, Norberto. *Estado, Governo, Sociedade*. Por uma teoria geral da política. Trad. Marco Aurélio Nogueira. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2009.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOTANA, Natalio. *La Tradición Republicana*. Alberdi, Sarmiento y la ideas de su tiempo. 2ª Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.

BOTANA, Natalio. *La Libertad Política y su Historia*. Buenos Aires: Sudamericana, 1991.

BRAGONI, Beatriz. “Lenguaje, formatos literarios y relatos historiográficos. La creación de las culturas nacionales en los márgenes australes del antiguo imperio español”. In: GONZALEZ, Francisco Colom. *Relatos de Nación*. La construcción de las identidades nacionales en el mundo hispánico. Madrid: Iberoamericana, 2005, p. 561-595.

CALDERA, Rafael. *Andrés Bello*. 4ª Ed. Trad. de Maria Helena Amoroso. Caracas: Biblioteca Popular Venezolana, 1973.

Catecismo político christiano dispuesto para la instrucción de la juventud de los pueblos libres de la América Meridional, 1810. Disponible en http://www.memoriachilena.cl//temas/documento_detalle.asp?id=MC0008890. Acceso em: 16 de fevereiro de 2011.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado en Iberoamérica*. El lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

COLLIER, Simon. *Ideas and Politics of Chilean Independence, 1808-1833*. New York: Cambridge University Press, 1967.

COLLIER, Simon. *Chile: the making of a Republic (1830-1865)*. New York: Cambridge University Press, 2003.

DESRAMÉ, Céline. “La comunidad de lectores y la formación del espacio público en el Chile revolucionario: de la cultura del manuscrito al reino de la prensa (1808-1833)”. In: GUERRA, François-Xavier *et al.* *Los Espacios públicos en Iberoamérica*. Ambigüedades y problemas. Siglos XVIII-XIX. México, D.F.: Fondo de Cultura Americana, 1998.

DONGHI, Tulio Halperin. *El Espejo de la Historia*. Problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas. 2ª. Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

DONGHI, Tulio Halperin. *Proyecto y construcción de una Nación. (1846-1880)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

DONGHI, Tulio Halperin. “Sarmiento’s Place in Postrevolutionary Argentina”. In: DONGHI, Tulio Halperin *et al. Sarmiento: author of a nation*. Los Angeles: University of California Press, 1994, p. 19-30.

DONOSO, Ricardo. *Las Ideas Políticas en Chile*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1946.

DOYLE, Dohn H. e PAMPLONA, Marco. *Nacionalismo no Novo Mundo. A formação dos Estados-Nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ECHEVERRÍA, Esteban. *El Dogma Socialista y Otros Escritos*. La Plata: Terramar Ediciones, 2007.

EDWARDS, Alberto. *Bosquejo Histórico de los Partidos Políticos Chilenos*. Santiago: Editorial del Pacífico, 1976.

ENRÍQUEZ, Lucrecia. “Da Monarquia à República: o Chile na América (Primeira metade do século XIX)”. In: PAMPLONA, Marco e STUVEN, Ana María (orgs). *Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: Gramond, 2010, p. 61-94.

FERES JR., João (org). *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FUCHSLOCHER ARANCIBA, Luz María. “Lastarria en la Universidad de Chile”. In: PIZARRO PIZARRO, Marino. *Estudios sobre José Victorino Lastarria*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1988, p. 51-90.

GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Trad. Vitor Matos de Sá. 6ª ed. Lisboa: Calouste Goulbenkian, 2008.

GIL, Antônio Carlos Amador. *Tecendo os fios da nação. Soberania e identidade nacional no processo de construção do Estado*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2001.

GOLDMAN, Noemi (org). *Lenguaje y Revolución*. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. Buenos Aires: Prometeo, 2008.

HEISE, Julio. *150 Años de Evolucion Institucional*. 3ª Ed. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1977.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Programa, mito e realidade. 4ª Ed. Trad. de Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2004.

JAKSIC, Iván. *Academic Rebels in Chile*. The role of Philosophy in Higher Education and Politics. Albany: State University Press of New York, 1989.

JAKSIC, Iván. “Andrés Bello y la prensa chilena”. In: ALONSO, Paula (comp.) *Construcciones Impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 107-137.

JAKSIC, Iván. “Introduction”. In: BELLO, Andrés. *Selected Writings of Andrés Bello*. New York: Oxford University Press, 1997, p. xxvii-lvi.

JAKSIC, Iván. “Sarmiento and the Chilean Press, 1841-1851”. In: DONGHI, Tulio Halperin *et al.* *Sarmiento: author of a nation*. Los Angeles: University of California Press, 1994, p. 31-60.

KAEMPFER, Álvaro. “Lastarria, Bello y Sarmiento en 1844: genocidio, historiografía y proyecto nacional”. In: *Revista de Crítica Literaria Latino Americana*. Año XXXII, Nos. 63-64, 1º-2º Semestres de 2006, p. 9-24.

KATRA, William. *The Argentine Generation of 1837: Echeverría, Alberdi, Sarmiento, Mitre*. Madison: Farleigh Dickinson University Press, 1996.

KOSELLECK, Reinhart *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad Wilma P. Maas e Carlos A. Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC-Rio, 2006.

LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History*. Texts, Contexts, Language. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

LEIRAS, Marcelo. “Ladrando a la luna: periodismo, política y legislación en la elaboración de la Constitución de Chile, 1831-1833. In: ALONSO, Paula (comp.) *Construcciones Impresas*. Panfletos, diarios y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina, 1820-1920. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 79-106.

LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. *La Independencia de Chile*. Tradición, modernización y mito. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt. “‘El peso de la noche’, la otra cara del orden portaliano”. In: BARBA, Fernando E. y MAYO, Carlos A. (comp.) *Argentina y Chile en época de Rosas y Portales*. La Plata: Editorial de la Universidad de La Plata, 1997, p. 75-98.

MARTEL ÁVILA, Almiro de. “Semblanza de José Victorino Lastarria”. In: PIZARRO PIZARRO, Marino. *Estudios sobre José Victorino Lastarria*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1988, p. 12-26

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. *O Espírito das Leis*. 3ª ed. Trad. Cristina Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MYERS, Jorge. “La revolución en las ideas: la Generación Romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas”. In: GOLDMAN, Noemí (dir.) *Revolución, república, confederación, 1806-1852*. 2ª Ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2005, p. 381-445.

OYARZÚN, Luis. “El pensamiento de Lastarria”. In: PIZARRO PIZARRO, Marino. *Estudios sobre José Victorino Lastarria*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1988, p. 152-306.

PALTI, Elías José. *El momento romántico*. Nación, historia y lenguajes políticas en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

PALTI, Elías José. *El tiempo de la política*. El siglo XIX reconsiderado. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007.

PALTI, Elías José. “Imaginación Histórica e *Identidad Nacional* en Brasil y Argentina. Un estudio comparativo”. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXII, n. 174, Enero-Marzo, 1996, p. 46-69.

PALTI, Elías José. *La nación como problema*. Los historiadores y la “cuestión nacional”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PAMPLONA, Marco A. e MÄDER, Maria Elisa (orgs). *Revoluções de Independência e Nacionalismos nas Américas: Região do Prata e Chile*. São Paulo: Paz & Terra, 2007.

PICARD, Roger. *El Romanticismo Social*. Trad. de Blanca Chacel. 3ª Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 2005

PINILLA, Norberto (comp.) *La Controversia Filologica de 1842*. Santiago de Chile: Ediciones de la Universidad de Chile, 1945.

PINILLA, Norberto. *La Generación Chilena de 1842*. Santiago: Ediciones de la Universidad de Chile, 1943.

PINILLA, Roberto (comp.) *La Polemica del Romanticismo en 1842*. V. F. López, D. F. Sarmiento, S. Sanfuentes. Buenos Aires: Editorial Americale, 1943.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. de Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMÓN, Armando de. “Práctica del conservatismo y régimen oligárquico. Los idearios portaliano y alberdiano y su proyección”. In: BARBA, Fernando E. y MAYO, Carlos A. (comp.) *Argentina y Chile en época de Rosas y Portales*. La Plata: Editorial de la Universidad de La Plata, 1997, p. 99-111.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la Modernidad en América Latina*. Literatura y política en el siglo XIX. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989.

ROIG, Arturo Andrés. “Política y lenguaje en el surgimiento de los países iberoamericanos”. In: ROIG, Arturo Andrés *et al.* *El Pensamiento Social y Político Iberoamericano del Siglo XIX*. Buenos Aires: Trotta, 2003, p. 127-142.

ROMERO, José Luis. *Las ideas políticas en Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

ROSANVALLON, Pierre. *Por una historia conceptual de lo político*. Trad. de Marcos Mayer. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.

SKINNER, Quentin. *Lenguaje, Política e Historia*. Trad. de Cristina Fangmann. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2007.

SUBERCASEAUX, Bernardo. *Cultura y Sociedad Liberal en el Siglo XIX*. Lastarria, ideología y literatura. Santiago de Chile: Editorial Aconcagua, 1981.

STUVEN, Ana María. “La Generación de 1842 y la conciencia nacional chilena”. In: *Revista de Ciencia Política*, Santiago, vol. IX, n.1, 1987, p. 61-80.

STUVEN, Ana María. *La Seducción de un Orden*. Las elites y la construcción de Chile en las polémicas culturales y políticas del siglo XIX. Santiago: Ediciones de la Universidad Católica de Chile, 2000.

TERÁN, Oscar. *Historia de las Ideas en Argentina*. Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

TERÁN, Oscar. *Para Leer el Facundo*. Civilización y barbarie: cultura de fricción. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2007.

VARONA, Alberto J. *Francisco Bilbao*. Revolucionario de América. Buenos Aires: Ediciones Excelsior, 1973.

VERDEVOYE, Paul. *Domingo Faustino Sarmiento, educar y escribir opinando (1839-1852)*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988.

WASSERMAN, Fabio. *Entre Clio y la Polis*. Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de La Plata (1830-1860). Buenos Aires: Teseo, 2008.

WASSERMAN, Fabio. “El historicismo romántico rioplatense y la historia nacional (1830-1860)”. In: *Prólogos*, Vol. II, 2009, p. 33-58.

WASSERMAN, Fabio. “Estado e instituciones culturales en el desarrollo de la historiografía chilena y rioplatense (1840-1860) In: *Estudios Trasandinos*. N. 12. 2005, p. 17-46.

WEINBERG, Félix (comp). *El Salon Literario de 1837*. 2^a ed. Buenos Aires: Hachette, 1977.

WOLL, Allen. *A Functional Past*. The uses of history in nineteenth-century Chile. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1982.